

Cadernos Barão de Arêde

Revista do
Centro de
Estudos
de Genealogia
e Heráldica
Barão de Arêde
Coelho

Julho-Setembro 2015





CENTRO DE ESTUDOS DE GENEALOGIA E HERÁLDICA BARÃO DE ARÊDE COELHO

PRESIDENTE – Luís Soveral Varella, *Barão de Arêde Coelho*

SECRETÁRIO – Óscar Caeiro Pinto

| 1

EDIÇÃO E PROPRIEDADE – Centro de Estudos de Genealogia e Heráldica Barão de Arêde Coelho

ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO – Luís Soveral Varella e Óscar Caeiro Pinto

COLABORADORES NESTE NÚMERO:

Daniel Estudante Protásio

Fernando Abrunhosa de Brito

Francisco de Sanches Osório Montanha Rebelo

João Bráz

José Manuel Martins Ferreira Coelho

Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes

Luís Soveral Varella

Marco Sousa Santos

Nuno de Campos Inácio

Óscar Caeiro Pinto

INPI – 533081

ISSN – 2183-3672

Depósito Legal –

Revista trimestral de edição digital, N.º 5 – Julho – Setembro 2015 (Ano II)

www.aredede.eu

info@aredede.eu

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos seus Autores tal como a revisão final das provas de cada artigo, os quais seguem ou não o acordo ortográfico conforme melhor entendem.

A presente revista disponibiliza espaço para publicação dos trabalhos aos seus Autores não podendo nunca vir a ser responsabilizada no caso de publicação de artigos ou imagens protegidos pelo direito de autor, cabendo essa responsabilidade unicamente ao Autor de cada artigo.

Sumário	2
Editorial – <i>por Luís Soveral Varella</i>	3
Figuras da História	
Félix Martins da Costa e a Casa e Quinta da Francelha no Prior Velho, Loures – <i>por Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes</i>	5
Luz e Tradição: breve estudo comparativo das vidas e obras de José Liberato e do Visconde de Santarém – <i>por Daniel Estudante Protásio</i>	35
Joaquim Pedro Vieira Júdice Biker, uma Figura da Toponímia Portimonense – <i>por Nuno de Campos Inácio</i>	53
Genealogia	
Lavoura – <i>por Fernando Abrunbosa de Brito</i>	77
Carvalho, de Armamar a Ervedosa do Douro: subsídios para a genealogia da Casa do Cão – <i>por João Bráz</i>	97
Uma Ascendências Rego e Botelho – <i>por Francisco de Sanches Osório Montanha Rebelo</i>	151
Beça, Cabral e Jaques, de Numão (Apontamentos Genealógicos) – <i>por Óscar Caeiro Pinto</i>	175
Os Herédia – <i>por Luís Soveral Varella (Continuação)</i>	187
Heráldica e Ex-Librística	
As Armas dos Fundadores no Livro-Tombo do Recolhimento de São João Baptista de Távira – <i>por Marco Sousa Santos</i>	227
Breves Considerações à Importância das “Paraheráldicas” no Tardo Medieval e Renascimento – <i>por José Manuel Martins Ferreira Coelho</i>	239
Notícias	255



EDITORIAL

Com este número inicia-se a publicação do Ano II dos nossos Cadernos Barão de Arêde.

Mais uma vez é importante registar o interesse que estes têm obtido, verificado pelo número de consultas à nossa edição digital disponibilizada na nossa página na internet, o que é primeiro do que tudo, motivo para agradecermos aos que se tornaram já nossos fiéis leitores.

É tempo de registar que a nossa opção, que seguirmos até este número, de disponibilização da versão digital dos Cadernos na nossa página na internet anterior à sua publicação impressa em formato de livro, manifestou-se deveras importante nesse nosso último número.

Efectivamente, após a publicação na internet da versão digital desse número 4, fui de imediato contactado por um leitor habitual e atento, que fez alguns reparos, observações e acrescentos a um artigo da minha autoria nele publicado, sob o título *Uma Varonia da Casa de Vila Nova, em Cinfães, São Cristóvão de Nogueira*.

E dado que a versão impressa em papel não estava ainda pronta, foi possível introduzir atempadamente uma Adenda a esse artigo, Adenda que foi também disponibilizada na internet na nossa página numa versão actualizada desse número 4. Fica aqui o alerta para os que descarregaram a versão do nosso número 4 da revista antes de 14 de Agosto que a poderão descarregar de novo em versão mais actualizada e devidamente corrigida e acrescentada, a versão que ficou impressa em livro.

E se de facto a edição digital anterior à edição em papel se revelou nesse caso uma vantagem permitindo a sua correcção antecipada à edição impressa dificilmente depois corrigível, certo é que a edição digital da nossa revista, permitindo a sua fácil e pronta consulta sem qualquer tipo de encargo, tem obstado a que a sua versão impressa tenha a projecção que desejávamos. E desejamo-lo não só pela sua perpetuação por registo em livro, mas também para ajudar a assegurar a sua sustentabilidade. Este mesmo assunto foi abordado já no Editorial no nosso anterior número no qual ficou registado que iniciávamos um período de balanço com a necessária reflexão.

E em altura de balanço, apelou-se à divulgação da nossa revista de forma a aumentar-se consideravelmente o número de exemplares impressos, cuja margem, mínima, embora não possa nunca compensar o investimento em trabalho, cobriria pelo menos os gastos e as despesas da sua manutenção.

No entanto, infelizmente não conseguimos aumentar a divulgação da nossa revista em número de exemplares impressos, mantendo-se ainda um investimento pessoal que a tempo se tornará insuportável, mas cujo projecto, ainda a dar os primeiros passos, queremos manter.

Tendo então sido registado que o formato dos nossos Cadernos teria de ser repensado, nomeadamente no que diz respeito à sua disponibilização na



internet em versão digital, foi decidido que a partir do próximo número, o número 6, referente ao trimestre Outubro-Dezembro 2015, os nossos Cadernos serão disponibilizados em formato digital na nossa página em versão reduzida, com apenas algumas páginas de cada um dos artigos, sendo a sua versão integral apenas disponibilizada um ano depois dessa prévia edição reduzida. Assim, o número 6 correspondente ao trimestre Outubro-Dezembro 2015 será apenas integralmente disponibilizado em versão digital em Dezembro de 2016, e por aí adiante.

Assim, a colaboração de qualquer Autor com artigos nos nossos Cadernos a partir do próximo número presumirá a sua aceitação dessas regras, e o seu compromisso em não disponibilizar na internet ou por outro meio o artigo ou artigos com que colaborará nos nossos Cadernos Barão de Arêde em formato digital até ele ser disponibilizado integralmente na nossa página.

Manter-se-é com a regularidade trimestral a impressão dos nossos Cadernos em

formato de livro, pelo que, logo após a sua disponibilização na internet em formato reduzido, será aberta subscrição para os interessados em adquirir exemplar ou exemplares em formato de livro impresso.

Outra alteração introduzida é a obrigatoriedade dos Autores dos artigos adquirirem o mínimo de cinco exemplares em formato de livro.

De igual modo, como previsto e anunciado no nosso último editorial, a publicação da contracapa dos nossos Cadernos, que manterá a publicação de um brasão de armas, passará a colaborar nos encargos de edição desse número dos Cadernos pelo espaço utilizado.

Efectivamente não nos resta para já outra alternativa para manter a viabilização dos nossos Cadernos Barão de Arêde, que, estamos certos, é do interesse de todos os nossos leitores que se mantenha e prossiga o seu caminho como o tem trilhado até hoje, garantindo com solidez a tão desejada continuidade deste nosso projecto.

Luís Soveral Varela (Barão de Arêde)



FIGURAS DA HISTÓRIA

FÉLIX MARTINS DA
COSTA
E A CASA E QUINTA DA
FRANCELHA
NO PRIOR VELHO,
LOURES

| 5

*por Luís Miguel Pulido
Garcia Cardoso de Menezes*

**FÉLIX MARTINS DA COSTA
E A CASA E QUINTA DA FRANCELHA NO PRIOR VELHO, LOURES**

por Luís Miguel Pulido Garcia Cardoso de Menezes

Nota Introdutória

Este artigo pretende elaborar um estudo sobre a Casa e Quinta da Francelha, situada no Prior Velho em Loures. Este imóvel de interesse público, foi iniciado no século XVII, sendo alargado, ampliado e decorado no século XVIII pelo comerciante Félix Martins da Costa (17...-1827), que realizou avultada fortuna com seus tios maternos no comércio de açúcar, arroz, tabaco, azeite, couros secos e algodão nas colónias da Baía, Pernambuco, Maranhão e Rio de Janeiro no Brasil. Esse comércio, era realizado através da sua frota mercante (“*Aliança*”, “*S. Domingos*”, “*Eneias*”, “*Graça Divina*”, “*Ajudá*”, “*Bela Vista*”, “*Maria*”, “*Espírito Santo*” e “*S. Gualter*”) da empresa familiar “Companhia de Carregações”, navegando para a Metrópole, Brasil e vários destinos da Europa.

Por último, apresentam-se alguns traços biográficos de Félix Martins da Costa e apontamentos de carácter genealógico sobre a família Martins, proveniente de S. João de Pencelo, Guimarães, desde o século XVII, que rapidamente ascendiam de lavradores, a familiares do S.^{to} Ofício (entre 1700 e 1765) e a Fidalgos Cavaleiros da Casa Real (entre 1750 e 1850).

A Casa e Quinta da Francelha de Cima no Prior Velho, Loures

A Casa e Quinta da Francelha de Cima, está localizada na Azinhaga do Figo Maduro, Prior Velho, concelho de Loures, Sacavém. Este imóvel, foi edificado como quinta de recreio no século XVIII, muito característica dos arredores de Lisboa, sendo de planta rectangular. O núcleo primitivo da casa foi construído no século XVII, sendo este espaço alargado, aumentado e adornado na 2.^a metade do século XVIII por Félix Martins da Costa. A planimetria em «I» setecentista com coberturas diferenciadas, foi construída a partir do pavilhão maneirista, que passou a ser a ala lateral da casa. O valor patrimonial desta Casa e Quinta da Francelha, veio a ser reconhecido com a classificação de imóvel de interesse público por decreto de n.º 31 / 83 de 9-5-1983 e ZEP por portaria n.º 295 de 27-12-1996, “*Zona non aedificandi*”.¹

Esta casa apalaçada com alçados de dois pisos separados por um friso, apresenta na entrada da quinta uma fachada principal de inspiração neoclássica, de grande simetria com um plano central enquadrado por pilastras e rematada por um frontão triangular,

¹cf. Decreto-lei n.º 31/1983, in Diário da República, I.^a Série, n.º 106, de 9-5-1983 e ZEP por portaria n.º 295/96, Diário da República, 2.^a série, n.º 299 de 27-12-1996, “*Zona non aedificandi*” e <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/72951/>.

ornada pelas urnas características da época de D. Maria I, que «evoca um pouco o palácio de Seteais». A meio da fachada do rés-do-chão, tem a sua porta principal, que dá acesso a um átrio do qual arranca a escadaria principal e faz a distribuição através de corredores que a circundam.²



| 7



Casa da Francelba no Prior Velho – vista geral e fachada

A organização do frontispício, onde ressalta a harmonia e a sobriedade, é marcada pelo ritmo simétrico das janelas dos dois pisos, sendo o conjunto rematado em frontão. A estrutura neoclássica exterior, reflecte a decoração do espaço interior, que terá sido realizada no início do século XIX.

²cf. Anne de Stoop - Quintas e palácios nos arredores de Lisboa, Barcelos: Civilização, 1986, p. 57.



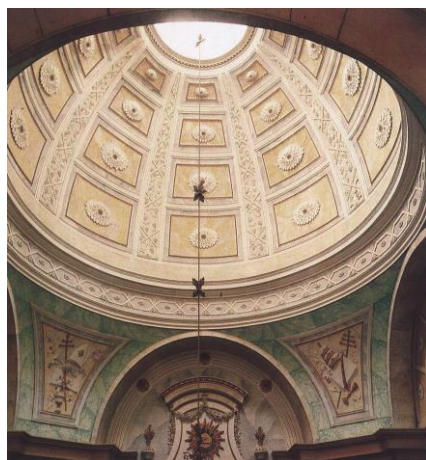
Casa da Francelha no Prior Velho - ala lateral e átrio principal



Salão ornado de frescos no estilo pompeiano da Casa da Francelha no Prior Velho

A decoração interior é diferenciada nas duas alas deste edifício, onde as pinturas são preferidas aos azulejos, como na época acontecia. Em todas as divisões, as paredes são divididas por lambris, por cima dos quais se destacam painéis pintados de uma só cor, ligeiramente aveludados ou marmoreados. Em todos os espaços sociais da casa a decoração é feita com pinturas, cercaduras ornamentais, painéis marmoreados e frescos, que foram realizadas “*numa tentativa de organizar mais completamente o espaço*”.³ Segundo Anne de Stoop, os frescos dos tectos e paredes dos salões do andar nobre, bem como da sala de jantar, são pintados com elementos pompeianos e da mitologia clássica, decorados com medalhões em *trompe-l'oeil* e finos colunetos, frisos e faixas ornadas de motivos de carácter naturalista, como folhas de acanto, frutos e flores e de grifos e quimeras. O chão, é por vezes revestido de pinturas do mesmo estilo, restando ainda alguns vestígios. O medalhão da sala de baile é atribuído ao pintor Pedro Alexandrino. Embora estes frescos pareçam ser o prolongamento do estilo de Jean Baptiste Pillement⁴, outros pormenores como alguns motivos florais, a acumulação de cercadura, de faixas e frisos por vezes pesados e a pequena divindade eléctrica que decora um dos tectos, fazem remontar estas pinturas ao início do século XIX.⁵

No corpo lateral virado a Sul - maneirista -, enquadrado por pilastras e rematado por um frontão triangular sobrepujada por uma cruz, temos na sua parte central, o acesso a uma capela. A capela privativa, foi construída em planta octogonal, de dimensões reduzidas, mas alargada pelas tribunas e coroada por uma cúpula iluminada por um lanternim, sendo decorada no seu interior por pinturas a fresco, sendo segundo Anne Stoop uma «*verdadeira jóia ornamentada com estuques de cores suaves ao gosto neoclássico*». As divisões desta ala da casa apresentam vários tectos em masseira.⁶



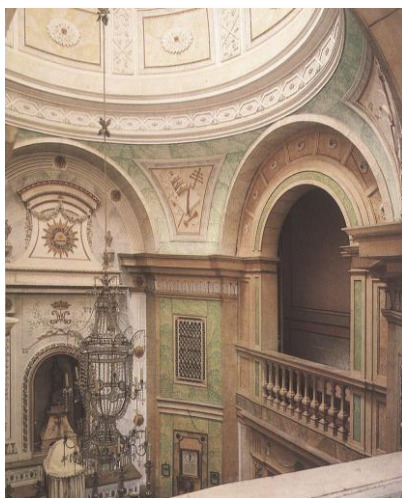
Abóbada da capela da Casa da Francelha

³cf. Anne de Stoop, op. cit., p. 57.

⁴cf. Jean Baptiste Pillement (1728-1808), pintor paisagista e decorador francês, que esteve 3 vezes em Lisboa: a 1ª vez antes do Terramoto de 1755; a 2ª pelo ano de 1766, numa curta estadia; e a 3ª 14 anos depois (em 1780). Nesta última estadia, demorou-se alguns anos (1780-1786), fundando uma escola frequentada por vários artistas nacionais; interveio na decoração de muitas casas e palácios lisboetas e possivelmente na Casa e Quinta da Francelha, onde fez várias paisagens a pastel e a óleo, retirando-se depois para Espanha e depois para Lyon, França, sua terra natal, in Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, vol. XXI e XXVI, 1960- , p. 640.

⁵cf. Anne de Stoop, op. cit., pp. 56-57.

⁶cf. Anne de Stoop, op. cit., p. 59.



Capela da Casa da Francelba no Prior Velho



Decoração da Casa da Francelba no Prior Velho



Decoração da Casa da Francelba no Prior Velho



Decoração da Casa da Francelha no Prior Velho



Decoração do tecto da Casa da Francelha no Prior Velho



Decoração do tecto



Decoração mural



A fachada sul, virada para o jardim é rematada por um frontão triangular neoclássico, e ornada pelas urnas características da época de D. Maria I.⁷

Em redor da casa Félix Martins da Costa, plantou vinha, árvores de fruto e o jardim, erigindo na mesma altura, o sistema hidráulico para facilitar a rega das culturas e jardim. O jardim adjacente à fachada Sul da Casa, tinha três lagos alinhados perpendicularmente à mesma, terminando na mata de estrato arbóreo centenar e de grande variedade. A Oeste da Casa, encontrava-se um poço



Jardim da Casa da Francelha no Prior Velho

⁷cf. <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/72951/> – Catarina Oliveira – GIF/IPPAR/10 de Agosto de 2005.

que alimentava todo o sistema hidráulico, através de um aqueduto para o qual a água era elevada originalmente por uma nora de alcatruzes e posteriormente por um moinho de armação americano, até que este deixasse de funcionar e o aqueduto perdesse a sua função. Nesta quinta e terrenos agrícolas produzia-se um vinho de qualidade - *O Charneco*⁸ -, referido e elogiado diversas vezes nos poemas de Lord Byron, quando da sua estadia em Portugal.⁹

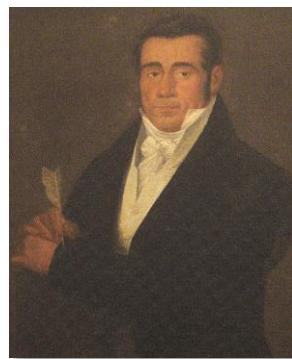
De natureza rústica, esta casa teve vários proprietários ao longo dos tempos, mas a sua configuração actual, foi-lhe dada pelo então proprietário Félix Martins da Costa (- 1827).

Embora a história tivesse registado o nome do seu edificador, porém, não se conhecem muitos traços biográficos e fotografia do mesmo, o que agora se repara com mais elementos da sua vida e da ascendência familiar Martins.

Notas biográficas de Félix Martins da Costa

Félix Martins da Costa, negociante na colónia brasileira, Inspector dos Cofres e entregas de dinheiros e ouro vindo dos navios do Rio de Janeiro, Brasil (em 1804), Deputado da Comissão sobre as Obras Públicas (em 1821), nasceu em Guimarães em data desconhecida (entre 1766 e 1774) e faleceu em Lisboa a 6-9-1827. Procedia de uma família do concelho de Guimarães, de pequenos lavradores minhotos «*que procediam de gente muito antiga que à mais de trezentos anos viviam do fruto das suas terras*», sendo o quarto de dez filhos de Luís Martins da Costa (1737-1794), casado com sua prima D. Joana Maria de Araújo (1739-1815), de S.^{ta} Eulália de Fermentões, Guimarães, herdeira por doação de duas primas segundas da Quinta e Casa de Minotes, património este que permitiu tornar-se num abastado lavrador e mandar os filhos para o Brasil.

Visto pertencer a uma família numerosa, à semelhança de seus irmãos, partiu ainda novo da Casa de Minotes para a Baía, Brasil para aí ganhar a vida no comércio. Nesse Estado brasileiro, foi encaminhado pelos tios maternos, Gualter da Costa Guimarães (1725-1813)¹⁰, Familiar do Santo Ofício (carta de 15-1-1765) e Luís da Costa Guimarães (1700-1770), Cavaleiro Fidalgo da Casa Real, que passaram à Baía, na 2.^a metade do século XVIII e aí



Félix Martins da Costa (-1827)

⁸cf. O consumo do vinho *Charneco*, esteve em moda na corte inglesa por influência do duque de Wellington, enviado a Portugal (1808), para expulsar as tropas invasoras de Napoleão Bonaparte (1809).

⁹cf. Recuperação de Estruturas hidráulicas, muros e caminhos em jardins históricos, Lisboa: Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos, 2010, p. 10.

¹⁰cf. O apelido Guimarães, parece ter sido acrescentando ao nome como indicativo da terra da origem familiar, costume este comum a alguns emigrantes portugueses no Brasil.

prosperaram nos negócios, fazendo grandes fortunas no comércio do açúcar, tabacos, azeites e algodão, vindo a regressar anos mais tarde a Lisboa.¹¹ Quanto às filhas, traçavam-lhes estratégias matrimoniais com as casas ricas e nobres do Minho, o que as levava e à sua descendência, a ingressar na nobreza titular. Na casa agrícola de seu pai, Luís Martins da Costa (1737-1794), sucedeu seu irmão primogénito Francisco Martins da Costa (falecido em 1826), então residente no Brasil, o qual também herdou a casa de seus tios, tornando-se deste modo um dos mais ricos capitalistas do Minho, para onde veio a residir.

| 15



Casa de Minotes em Fermentões, Guimarães

Para as suas actividades comerciais dispunha de navios ou galeras, dos quais se conhecem: o “*Aliança*”, o “*S. Domingos*”, o “*Eneias*”, a “*Graça Divina*”, a “*Ajuda*”, a “*Bela Vista*”, a “*Maria*”, o “*Espírito Santo*” e o “*S. Gualter*”, este último «*feito na Bahia das melhores madeiras*».¹² Destaca-se também como negociante no comércio por grosso com os estados da Baía, Pernambuco, Maranhão e Rio de Janeiro no Brasil em produtos como: o açúcar, o arroz, o tabaco, o azeite, os couros secos e o algodão.

Em 1795, temos conhecimento de uma acção sumária de fretes em que é autor e réu José Rodrigues, onde é referido o navio “*Espírito Santo*”, proveniente da Baía, Brasil com couros secos em 1795.¹³

¹¹cf. Começam nos primeiros tempos na aprendizagem das suas lojas, casas de comércio e bancárias em Lisboa e Porto. Daqui partem para a Baía, Brasil no século XVIII, onde através da empresa “Companhia de Carregações”, criam uma grande frota mercante navegando entre Portugal, Brasil e outros locais na Europa, acumulando uma enorme fortuna.

¹²cf. Não confundir com a corveta S. Gualter, com 26 peças de fogo, pertença da Marinha Portuguesa em 1823.

¹³cf. ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 28, n.º 3, caixa 28.

No ano de 1796, coloca uma execução de sentença cível de preceito em que é autor e réu Manuel Luís de Moura. Nesse mesmo ano (1796), temos ainda conhecimento de uma sentença cível de preceito em que é autor e réu António Gonçalves Vale.¹⁴

Em 1802, coloca uma sentença cível de preceito em que é autor e réu Urbano José dos Santos Correia. Nesse mesmo ano (1802), temos conhecimento de uma acção cível de fretes, como dono do navio “Eneias” contra Joaquim José Machado, onde era referido o navio de que o autor era senhorio, proveniente da Baía, Brasil, com açúcar.¹⁵



Embarcações do século XVIII

Em 1803, coloca uma acção cível em que é autor e cessionário de João Borges de Sá Pereira e réu Rafael José Viana, onde se refere a galera “Ajuda” proveniente da Baía, Brasil com algodão e couros secos. Nesse ano (1803), tem-se ainda conhecimento da execução de sentença cível de preceito em que é autor e réu Manuel José da Costa, onde é referido o navio “Eneias” proveniente da Baía, Brasil com vários produtos.¹⁶

Em 10-2-1804, era nomeado por carta do Príncipe Regente D. João, como Inspector dos Cofres e entregas de dinheiros e ouro vindos no presente ano nos navios do Rio de Janeiro, Brasil *«lugar q vagou por Eu haver por bem escusar dele a João António de Almeida, atendendo ao que este me representou»*.¹⁷

Nesse ano (1804), põe uma acção cível sumária em que é autor e réu Manuel José Machado, onde é referida a galera “Bela Elisa”, proveniente do Maranhão, Brasil com arroz em 1804.¹⁸

No ano de 1808, coloca várias acções: uma sentença cível de preceito em que é autor e réus a viúva Betamio e filhos; a execução de sentença em que é autor e réu Inácio Joaquim Peixoto da Costa, onde são referidos os navio “Eneias” e “Carrasco” e a galera “Maria”, provenientes da Baía, Brasil; uma acção cível sumária em que é autor e

¹⁴cf. ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 27, n.º 14 e 15, caixa 27.

¹⁵cf. ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, maço 27, n.º 16 e 18, cx. 27.

¹⁶cf. ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 27, n.º 19 e 20, caixa 27.

¹⁷cf. Arquivo Margaride-Casa do Carmo, Carta do Príncipe Regente D. João, nomeando Félix Martins da Costa para inspector dos cofres e entrega do dinheiro e ouro, que vier no presente ano *«em os navios do Ryo de Janeiro, lugar q vagou por Eu haver por bem escusar dele a João António de Almeida, atendendo ao que este me representou»* em Lisboa a 6-2-1804.

¹⁸cf. ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 28, n.º 1, caixa 28.



réu Manuel José Machado, onde é referida a galera “Bela Elisa”, proveniente do Maranhão, Brasil com arroz; uma sentença cível de preceito em que é autor e réu José Correia da Silva, onde é referido o navio “Graça Divina”, proveniente do Rio de Janeiro, com couros secos; a execução de sentença em que é autor e réu Leonardo José dos Santos, onde é referido o navio “Eneias”; e temos ainda conhecimento de uma acção cível de juramento de alma em que é autor e réu Ângelo José da Costa Campelo.¹⁹

17

A 7-5-1817, fazia um requerimento ao rei [D. João VI], pedindo o empréstimo de peças de bronze do Arsenal Real da Marinha para “armar em guerra” o seu navio, denominado “S. Gualter”, que estava com viagem marcada à capitania de Pernambuco. Esta necessidade de armar militarmente o dito navio, deveu-se à Revolução Pernambucana de 6-3-1817, que durou cerca de 3 meses e levou a um bloqueio naval e terrestre deste Estado.²⁰

Em 1817, apresenta um auto cível de justificação, onde fundamenta ser negociante e proprietário do navio “S. Gualter”, provando assim ser o único interessado nas fazendas e dinheiro (patacas espanholas), que o navio levou para o Estado de Pernambuco no Brasil.²¹

Em 1818, temos conhecimento de uma sentença cível de preceito de que é autor e réu José Correia da Silva, onde é referido o navio “Graça Divina” proveniente do Rio de Janeiro com couros secos.²²

Em 1819, fazia um requerimento, ao Rei D. João VI, pedindo a resolução do conflito entre o comandante do seu navio “S. Gualter”, o 2º Tenente honorário da Armada Real, Estevão José Alves, com o capitão do navio “Aurora”, Domingos Francisco da Silva, para poder seguir viagem à capitania de Pernambuco.²³

Nesse ano (1819), temos ainda conhecimento de uma execução de sentença em que é autor e réu Paulo Jorge, onde são referidos os navios “Eneias” e “S. Domingos”,

¹⁹cf. ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 28, n.º 2, caixa 28; ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 28, n.º 5, caixa 28; ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 28, n.º 6, caixa 28; ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 28, n.º 7, caixa 28; ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 28, n.º 8, caixa 28; e ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 91, n.º 4, caixa 91.

²⁰cf. AHU, ACL, CU, 015, Caixa 278, D. 18747. Pouco tempo depois, outra conspiração semelhante veio a suceder em Lisboa e levou ao cadafalso o general Gomes Freire de Andrade a 18-10-1817; tudo isto por influência das ideias republicanas e liberais, propagadas então pelas sociedades maçónicas, explorando o fértil terreno criado pela crise económica e pelo descontentamento em relação ao absolutismo monárquico português.

²¹cf. ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, maço 27, n.º 9, caixa 151.

²²cf. ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, maço 28, n.º 7, caixa 28.

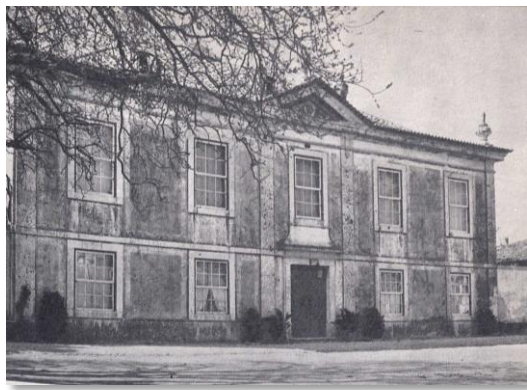
²³cf. AHU, ACL, CU, 015, Caixa 281, D. 19120), in Documentos Avulsos da Capitania de Pernambuco, Catálogo II (1798-1825), Editora Universitária, UFPE, e <http://familiatrigueiros.blogspot.pt/2013/12/jose-campelo-trigueiros-martel-1852.html>.

vindos da Baía com várias fazendas; e uma acção cível sumária de fretes em que é autor e réu João Ferreira Linch, onde é referido o navio “S. Gualter”, vindo de Pernambuco, Brasil com açúcar em 1819.²⁴

Nomeado deputado da Comissão sobre as Obras Públicas (por mercê da Regência do Reino em nome de El Rei D. João VI por portaria de 21-3-1821), pediu dispensa do cargo devido à necessidade de se ocupar com o «*expediente de seus dois navios Aliança e S. Gualter (...)*».²⁵

Em 22-3-1822, era notificado para estar presente na comissão dos Negócios Políticos do Brasil no Palácio das Cortes «*Para Felix Martins da Costa - Estando pelo soberano Congresso autorizada a Comissão dos negócios políticos do Brazil para chamar aquelles cidadãos que julgasse conveniente ouvir, resolveu convidar a V. m. para no dia 30 do corrente ás 10 horas da manhã, vir a casa das suas conferencias no Palacio das Cortes, Deus guarde a V.m. Paço das Cortes em 22 de Março de 1822. - José Antonio Guerreiros*».²⁶

Com a independência e Grito do Ipiranga no Brasil em 7-9-1822 e reconhecimento de Portugal em 29-8-1825, este tipo de comércio entra em decadência, levando ao declínio económico e à redução das trocas comerciais com esta colónia. Este facto afectou Félix Martins da Costa, o que levou a vender o navio S. Gualter, através de um anúncio na Gazeta de Lisboa em 27-1-1826 «*Quem quizer comprar o Navio S. Gualter, surto neste porto de Lisboa, e feito na Bahia, das melhores madeiras, falle com seu dono, Félix*



Casa e Quinta da Francelha, Prior Velho, Loures

Martins da Costa, *Negociante desta Praça*», e a fixar-se nesta cidade onde residiu no Palácio e Quinta da Francelha.²⁷

Casou com D. Maria do Carmo Campelo da Costa, filha de Manuel da Costa Campelo e de sua mulher D. Teodora Margarida Rosa da Silva, mas não teve geração deste enlace. Assim a Casa e Quinta da Francelha, seria vendida já nos alvares do século XX, sendo adquirida pela família Trigueiros

²⁴cf. ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 9, n.º 1, caixa 133; e ANTT, Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 18, n.º 23, caixa 142.

²⁵cf. Arquivo Margaride-Casa do Carmo, Mercê da Regência do Reino em nome de El Rei D. João VI, nomeando Félix Martins da Costa por portaria de 20-3-1821, como deputado da comissão sobre Obras Públicas a 21-3-1821.

²⁶cf. Diário das Cortes, Geraes, Extraordinarias, e Constituintes da Nação Portuguesa, Segundo Anno da Legislação, Volume 5, Lisboa: Imprensa Nacional, 1822, p. 670.

²⁷cf. Gazeta de Lisboa», n.º 22 de 27-1-1826, p. 98..



Martel, então moradora numa casa da Rua D. Pedro V em Lisboa, que a destinou a residência de campo. Em 1925, eram proprietários da mesma, D. Maria Madalena Valdez Trigueiros Martel (1884-1947), poetiza e seu marido Francisco António Ribas Patrício (1869-1960), juiz de Direito e Desembargador da Relação de Lisboa.

Morreu com todos os sacramentos e testamento na freguesia da Conceição Nova em Lisboa a 6-9-1827, sendo sepultado no dia seguinte no Convento de Corpus Christi em Lisboa.²⁸

19

MARTINS

Esta família inicia-se com António Lopes (-1686), do Casal do Assento em S. João de Pencelo, Senhor do Casal do Bouro de Baixo, S. Lourenço de Selho, Guimarães e de s.m. Jerónima Martins (-1719), do casal de S. Martinho, S. Cosme e S. Damião da Lobeira.

Nos primeiros tempos começam no Porto e Lisboa, na aprendizagem das suas lojas, casas de comércio e bancárias. Daqui partem no século XVIII para a Baía, onde através da “*Companhia de Carregações*”, organizam uma grande frota mercante navegando entre Portugal e o Brasil e alguns locais da Europa. Na colónia brasileira, dedicam-se ao comércio do açúcar, tabacos, azeites e algodão, que transformam numa enorme fortuna.

Com a morte de José de Araújo Martins da Costa, Senhor das Casas de Minotes e Aldão, ocorrida em 22-1-1846, liquidaram-se as casas bancárias de Lisboa, Porto e Baía e a grande fortuna desta família, foi dividida entre a sua irmã D. Luísa Rosa de Araújo Martins da Costa e os sobrinhos filhos da irmã, D. Joana Maria de Araújo Martins da Costa, exceptuando os bens existentes no Brasil, visto nenhum ter querido ir para lá, revertendo os referidos bens para a Misericórdia da Baía.²⁹

Familiares do S.^{to} Ofício (em 8-7-1700, 1702, 24-3-1730, 13-1-1739, 27-9-1763, 15-1-1765), Fidalgos Cavaleiros da Casa Real (alvarás de 28-9-1750, 12-6-1845 e 22-5-1850).

I – **ANTÓNIO LOPES**, do Casal do Assento em S. João de Pencelo, Senhor do Casal do Bouro de Baixo, S. Lourenço de Selho, Guimarães (casal foreiro aos religiosos de S. Bernardo, do Convento de S.^{ta} Maria de Bouro) «*que precede de gente muito antiga que à mais de trezentos anos vive do fruto das suas propriedades*».³⁰

²⁸cf. Diário das Cortes Geraes, Extraordinarias, e Constituintes da Nação Portuguesa, Segundo Anno da Legislatura, Volume 5, Lisboa: Imprensa Nacional, 1822, p. 670.

²⁹cf. Sobre os Martins consulte-se: Helena Cardoso de Macedo e Menezes e Maria Adelaide Pereira de Moraes - Genealogias Vimaranenses, Braga: Tipografia Liv. Cruz, 1967, pp. 5-12, 27-38, 90-93, 159-160, 226-227, 239.

³⁰cf. Era filho de Francisco Lopes e de s.m. Helena Antunes; consulte-se Jacinto da Silva Vaz «Para dar notícia da antecedência e procedência desta casa», manuscrito. Todos eram lavradores antigos, ocupando-se do amanho das suas terras, sem nunca tratarem das alheias, tinham criados, bestas de sela, nunca



† no Casal do Bouro de Baixo, S. Lourenço de Selho, Guimarães a 3-7-1686.

= a 1-6-1659 com Jerónima Martins, do Casal de S. Martinho, S. Cosme e S. Damião da Lobeira, † no Casal do Bouro de Baixo a 5-5-1719.

Filho:

1 (II) **Manuel Lopes**, que segue.

II – **MANIEL LOPES**, Senhor do Casal do Bouro de Baixo em S. Lourenço de Selho, Guimarães.

Δ no Casal do Bouro de Baixo a 20-2-1663, † aí a 24-12-1725.

= na igreja de S. Torcato, Guimarães a 18-11-1696 com Ana da Costa³¹, Δ em S. Torcato a 29-5-1668, † no Casal do Bouro a 25-12-1744, filha de Pedro Dias, do Casal do Bairro em S. Lourenço de Selho e morador no Souto e de s.m. (de quem foi 2º marido) Maria Martins, a Imaginária, Senhora do Casal do Souto; neta paterna de Domingos Dias, do Casal de Cesil em S. Pedro de Azurém e de s.m. Margarida Martins, Senhora do Casal do Bairro em Azurém; neta materna de Martinho Gaspar e de s.m. Antónia Gonçalves, Senhora do Casal do Souto em S. Torcato.

Filhos:

1 (III) **Gualter da Costa Guimarães**, Senhor do Casal de Bouro de Baixo, Familiar do S.^{to} Ofício (carta de 13-1-1739)³², vivia à lei da nobreza e teria em bens 30.000 cruzados, que lhe rendiam 200.000 réis anuais (1736); na juventude residiu na Baía, onde entrou para a Companhia de Carregações; comprou em 1764 a Casa do Terreiro

fizeram carretos e eram de sangue limpo (segundo os processos de Familiares do S.^{to} Ofício dos seus descendentes (ANTT)).

³¹cf. Ana da Costa era irmã inteira de Bento da Costa Guimarães, que muito novo saiu de casa e foi para o Porto, como caixeiro de seu meio-irmão Domingos; por morte deste, sucedeu na casa e nela foi mercador de loja aberta; enriquecendo, largou em 1720, a loja e pôs-se a mercador de sobrado, negociando para o Brasil em grande escala, entrando com a restante família na sociedade de carregação, * no Casal do Souto, S. Torcato a 10-7-1674, † na rua do Chafariz de S. Domingos, Porto a 21-6-1732; e irmã uterina de Domingos da Costa Guimarães, Familiar do S.^{to} Ofício (carta de 8-7-1700), negociante muito rico do Porto, tendo também estado no Brasil, * no Casal do Souto, S. Torcato, † na rua Chafariz de S. Domingos, Porto a 6-10-1712, filho de Francisco Gonçalves e de s.m. Maria Martins, a Imaginária. Casou duas vezes: a 1ª na Sé do Porto a 11-5-1680 com Luísa Ferreira de Azevedo, viúva que ficou de António de Azevedo Soares, filha de Manuel Ferreira Setuval, de Setúbal e de s.m. Maria de Sousa Saraiva, do Porto, e a 2ª na Sé do Porto a 16-6-1703 com Maria de Meireles do Espírito Santo, * em S. Nicolau, Porto 23-3-1676, filha de Martinho Lopes da Fonseca e de s.m. Maria Coelho, c.g. dos dois casamentos ANTT, Habilitações do Santo Ofício (HSO), Domingos, Maço 13, Documento 298; e Luís Amaral, Rui Gil, Hugo Sousa Tavares - Índices dos processos de habilitação para familiar do Santo Ofício da Inquisição, Lisboa: Guarda-Mor-Ed. Publicações Multimédia, 2008, p. 98.

³²cf. ANTT, Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1739, Gualter, Maço 1, Documento 4; e Luís Amaral, Rui Gil, Hugo Sousa Tavares - Índices dos processos de habilitação para familiar do Santo Ofício da Inquisição, Lisboa: Guarda-Mor-Ed. Publicações Multimédia, 2008, p. 154.



de S.^{ta} Clara em Guimarães e na mesma época sua prima por afinidade, Josefa de Castro doou-lhe a casa da rua de S.^{ta} Maria.

Δ no Casal do Bouro de Baixo, Guimarães a 11-8-1697, † na rua de S.^{ta} Maria, Guimarães a 4-1-1765.

= na igreja de S. João da Ponte, Guimarães a 2-11-1727 com Josefa de Castro Salgado, Senhora da Casa das Courelas em S. João da Ponte, Δ na Casa das Courelas a 23-3-1704, † no Casal do Bouro a 24-9-1769, filha de Manuel Antunes de Macedo, da Casa do Reguengo, S. Salvador do Mosteiro do Souto e de s.m. Catarina de Castro Salgado, Senhora da Casa das Courelas, c.g. | 21

2 (III) **Margarida da Costa**, que segue.

3 (III) **Luís da Costa Guimarães**, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (alvará de 28-9-1750), Familiar do S.^{to} Ofício (carta de 24-3-1730)³³, Cavaleiro da O. de Cristo, Procurador à Junta do Porto, etc; muito novo foi para a Baía, Brasil e aí vivia na freguesia de N. Sr.^a da Conceição, onde tinha uma loja de fazendas secas e suas carregações, dando juntamente com os irmãos e tios, princípio à sua grande casa; voltando ao Reino, foi viver para casa de seu tio materno Domingos da Costa Guimarães e sempre se tratou nobremente.

* no Casal de Bouro de Baixo a 25-8-1700, sendo baptizado a 29 desse mês, † na rua Chafariz de S. Domingos, Porto a 11-6-1770.

= na Aveleda, Lousada a 24-5-1740 com sua prima co-irmã D. Joana Luísa da Costa e Sousa, Senhora da Casa do S.^{to} Ovídio em Lousada, * na rua Chafariz de S. Domingos, Porto a 11-7-1707, † na Casa do S.^{to} Ovídio a 2-4-1748, filha de Bento da Costa Guimarães, Familiar do S.^{to} Ofício (1702)³⁴, Cavaleiro da O. de Cristo, Almotacé e Moedeiro na cidade do Porto e de s.m. D. Luísa Correia de Almeida e Sousa, Senhora da Casa do S.^{to} Ovídio, com geração deste casamento.

III – MARGARIDA DA COSTA.

Δ no Casal do Bouro de Baixo a 28-2-1699, † no Casal da Taipa, S. Lourenço de Selho, Guimarães (com testamento) a 21-7-1764.

= na igreja de S. Lourenço de Selho, Guimarães a 22-9-1724 com António Martins Bernardes, Senhor do Casal da Taipa em S. Lourenço de Selho, Δ no Casal da Taipa a 29-9-1673, † com testamento a 20-6-1741 (deixando a casa à filha Josefa com a condição de casar ao gosto da mãe e dos tios maternos), filho de Domingos Martins,

³³cf. ANTT, Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1730, Luís, Maço 16, Documento 339; e Luís Amaral, Rui Gil, Hugo Sousa Tavares - Índices dos processos de habilitação para familiar do Santo Ofício da Inquisição, Lisboa: Guarda-Mor-Ed. Publicações Multimédia, 2008, p. 245.

³⁴cf. ANTT, Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1702, Bento, Maço 4, Documento 75; e Luís Amaral, Rui Gil, Hugo Sousa Tavares - Índices dos processos de habilitação para familiar do Santo Ofício da Inquisição, Lisboa: Guarda-Mor-Ed. Publicações Multimédia, 2008, p. 74.



lavrador muito honrado, † em S. Lourenço de Selho, Guimarães e de s.m. Catarina Bernardes, Senhora do Casal da Taipa de Baixo (com quem casou em S. Lourenço de Selho, Guimarães a 25-1-1671); neto paterno de Manuel Martins, do Casal de Senais em S.^{ta} Maria de Silveiras, * em 1593, † em 1673 e de s.m. Maria Duarte, Senhora do Casal de Minotes em S.^{ta} Eulália de Fermentões³⁵ (com quem casou em Fermentões a 26-4-1626), * em 1604; bisneto paterno de André Martins e de s.m. Margarida Álvares; neto materno de Bento Gonçalves, Senhor do Casal da Taipa, * em 1597, † em 1670 (filho de Gonçalo Gonçalves, † em 1644 e de s.m. Ana Martins) e de s.m. Isabel Fernandes, do Casal da Portela em S. Jorge do Selho (filha de Bernardo Fernandes e de s.m. Maria Fernandes).

Filhos:

1 (IV) **Gualter Martins da Costa Guimarães**, Familiar do S.^{to} Ofício (carta de 15-1-1765)³⁶, negociante matriculado na praça da Baía, Brasil, onde fez grande fortuna, dedicando-se ao comércio do açúcar, tabacos e azeite; a sua casa comercial e bancária atingiu um grande nome e de sociedade com seu irmão Domingos, organizou uma grande frota mercante, navegando entre Portugal e o Brasil, ao serviço da Companhia de Carregações; quando S.A.R. o Príncipe Regente D. João, passou pela Baía a caminho do Rio de Janeiro, é tradição familiar que se hospedou em casa deste entre Janeiro e Março de 1808; chamou para a sua companhia o seu sobrinho Francisco, a quem deixou a sua imensa fortuna; tencionava regressar a Portugal, para acabar os seus dias na Quinta de Aldão, que tinha comprado a seu irmão Domingos, o que não conseguiu realizar.

* no Casal da Taipa a 1-12-1725, sendo baptizado a 5 desse mês, † na Baía, Brasil a 16-11-1813, s.g.

³⁵cf. A Casa e Quinta de Minotes, na freguesia de S.^{ta} Eulália de Fermentões, foi parte foreira ao Casal da Pousada e parte ao Convento dos religiosos de S. Domingos de Guimarães. Foi emprazada, em 1509, a Pedro Anes e a s.m. Catarina Rodrigues; a 20-5-1575, foi emprazada a Domingos Duarte, † em Fermentões a 15-9-1597 e a s.m. Catarina Fernandes; deste casal foi filho Salvador Duarte, † em Fermentões a 20-9-1603, que casou nesta freguesia a 5-2-1602 com Catarina Gonçalves, que empraça a quinta com seu 2º marido Francisco Gonçalves a -6-1622; segue depois a filha do primeiro casamento, Maria Duarte, Senhora da Casa de Minotes (emprazamento de 4-3-1633), Δ em Eulália de Fermentões a 24-4-1604, a qual casou na igreja de S.^{ta} em Fermentões a 26-4-1626 com Manuel Martins, do Casal de Senais, S.^{ta} Maria de Silveiras, * em 1593, † na Casa de Minotes a 9-8-1673, filho de André Martins e de s.m. Margarida Álvares. Um dos encargos deste emprazamento era a impossibilidade de «*escambar, dividir, vender, trocar sem licença dos padres do Mosteiro*», o que impossibilitava a sua divisão por vários herdeiros (in Arquivo Municipal Alfredo Pimenta - Guimarães, Livro de Prazos do Convento de S. Domingos de Guimarães, Tomo 4.º, fls. 13). A actual Casa de Minotes está classificada como Imóvel de Interesse Público (Decreto lei n.º 5 / 2002, Diário da República, 1ª Série-B. n.º 42, de 19-2-2002).

³⁶cf. ANTT, Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1765, Gualter, Maço 1, Documento 6; e Luís Amaral, Rui Gil, Hugo Sousa Tavares - Índices dos processos de habilitação para familiar do Santo Ofício da Inquisição, Lisboa: Guarda-Mor-Ed. Publicações Multimédia, 2008, p. 154.



2 (IV) **Domingos Martins da Costa**, Familiar do S.^{to} Ofício (carta de 8-7-1763)³⁷, negociante matriculado na praça do Porto, Senhor das quintas de Aléns em S. Lourenço de Selho e por compra da Quinta de Aldão; em 1750, foi viver para a Baía, Brasil, donde regressou pouco tempo depois, instalando-se no Porto, em casa de seu tio Luís da Costa Guimarães, no Largo do Chafariz de S. Domingos; fundou depois no Porto, na rua da Horta, uma casa comercial e bancária muito importante, sucursal da Baía; deixou uma larga correspondência, onde se vê o carinho que dedicava aos negócios e à navegação dos cargueiros, que levavam em média uns 75 dias de viagem entre Portugal e o Brasil; tinha negócios com toda a Europa: Hamburgo, Amsterdão, S. Petersburgo, etc.; viviam com ele no Porto, três sobrinhos: Joana Luísa de S. José Leite Pereira, Luís e José Martins da Costa.

* no Casal da Taipa a 2-2-1734, sendo baptizado a 5 desse mês, † na rua das Hortas, Porto a 27-7-1806, s.g.

3 (IV) **Luís Martins da Costa**, que segue.

IV – **LUÍS MARTINS DA COSTA**, Senhor da Casa de Minotes em S.^{ta} Eulália de Fermentões, por escritura de dote que lhe fez sua parente Joana Martins por ocasião do seu casamento (a 10-3-1760); único dos irmãos que não saiu de Portugal, viveu sempre em Minotes, onde se dedicou à lavoura.³⁸

* no Casal da Taipa a 11-1-1737, † no Casal de Minotes a 28-9-1794.

= na igreja de S. João de Pencelo a 11-3-1760 com sua prima Joana Maria de Araújo, que por morte do marido e de acordo com o testamento deste, ficou senhora do Casal de Minotes, * no Casal do Carvalho a 10-12-1739, † a 7-5-1815, filha de Domingos de Araújo, do Carvalho e de s.m. Domingas Gomes; neta paterna de Domingos Gonçalves (neto materno de Manuel Martins de Minotes) e de s.m. Joana de Araújo, senhores do Casal do Carvalho em Pencelo; neta materna de Jerónimo Gomes, Senhor do Casal de Lares, S.^{to} Tirso de Prazins e de s.m. Águeda Rodrigues.

Filhos:

1 (V) **Francisco Martins da Costa Guimarães**, Senhor da Casa de Minotes e da de Aléns, negociante matriculado na praça da Baía; muito novo, empregou-se no Porto, em casa dos tios, indo depois para a Baía, Brasil, para casa do tio Gualter Martins da Costa Guimarães, de quem, depois de ter sido durante 40 anos o principal colaborador, foi também o principal herdeiro; ao regressar do Brasil era considerado o

³⁷cf. ANTI, Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1763, Domingos, Maço 46, Documento 770; e Luís Amaral, Rui Gil, Hugo Sousa Tavares - Índices dos processos de habilitação para familiar do Santo Ofício da Inquisição, Lisboa: Guarda-Mor-Ed. Publicações Multimédia, 2008, p. 103.

³⁸cf. Luís Martins da Costa, faleceu a 28-9-1794, com testamento, in Livro de Óbitos n.º 1, da freguesia de Fermentões, Guimarães.

capitalista mais rico da província do Minho, com uma fortuna avaliada em 5 a 6 milhões de cruzados.

* na Casa de Minotes a 20-7-1761, † de uma apoplexia, indo de Guimarães para Minotes a 4-6-1826, s.g.

2 (V) **Frei Domingos do Espírito Santo Costa**, religioso professo na O. de S. Francisco, esteve algum tempo no Convento de Aveiro.

* na Casa de Minotes a 19-1-1764, s.g.

3 (V) **Luís Martins da Costa**, Cavaleiro da O. de N. Sr.^a da Conceição de Vila Viçosa, negociante matriculado na praça do Porto, Senhor da Quinta de Aldão, por herança de seu tio Domingos; viveu quase sempre no Porto, na rua das Hortas, onde tinha uma casa comercial e bancária, sob a firma Luís & José Martins da Costa, com sucursal na Baía, onde estava o irmão Francisco, e em Lisboa, onde estava o Félix; deixou só para legados pios 600.000 cruzados, e como principal herdeiro seu irmão José.

* na Casa de Minotes a 30-8-1765, † na Quinta de Aldão a 8-12-1830 (jaz no Convento de S. Domingos de Guimarães), s.g.



Luís Martins da Costa (1765-1830), pintura de Roquemont

4 (V) **Félix Martins da Costa**, Inspector dos Cofres e entregas de dinheiros e ouro vindos dos navios do Rio de Janeiro, Brasil «*lugar q vagou por Eu haver por bem escusar dele a João António de Almeida, atendendo ao que este me representou*» (carta do Príncipe Regente D. João de 10-2-1804), Deputado da Comissão sobre as Obras Públicas (por mercê da Regência do Reino em nome de El Rei D. João VI por portaria de 21-3-1821), destacado negociante no comércio por grosso com os estados da Baía, Pernambuco,

Maranhão e Rio de Janeiro no Brasil em açúcar, tabaco, azeite, couros secos e algodão e na praça de Lisboa; sabe-se que construiu e viveu no Palácio da Francelha em Lisboa e consta que esteve na Índia.

† na Travessa da Vitória, Lisboa a 6-9-1827 (jaz no Convento de Corpus Christi em Lisboa).

= com D. Maria do Carmo Campelo da Costa, filha de Manuel da Costa Campelo e de s.m. D. Teodora Margarida Rosa da Silva, s.g.

5 (V) **D. Joana Maria de Araújo Martins da Costa**, que segue.

| 25



D. Luísa Rosa de Araújo Martins da Costa (1775-1854)

6 (V) **D. Luísa Rosa de Araújo Martins da Costa**, sobreviveu a todos os irmãos, deles herdando uma enorme fortuna que deixou aos sobrinhos; foi Senhora das quintas de Aldão e Penouços em Aldão, Minotes, Paço de Baixo, Lage e Quintãs em Fermentões, Penagache em Pencelo, Paço e Pinardufe em S. João da Ponte, Aléns e Fatozins em S. Lourenço de Selho, Paço em Briteiros, Serbais em Lamassais, Cimo de Vila e Pomarinho em Prazins, Tulhas, Passinhos e Bouça em Corvite, muitas em S. Torcato, moinhos no Rio Selho, casas em Guimarães, tudo neste termo, casas e prazos no Porto e Braga, tapadas no Sameiro, etc., etc., ficando além disso herdeira de seu marido como 7ª Senhora da Casa de Margaride. Desde nova mostrou desejos de ir para freira, não indo por oposição da família. Só casou depois da morte de sua mãe, com quem vivia na quinta de Minotes. Contam, que de madrugada esperava o marido que vinha de Guimarães de noitadas e reuniões políticas, obrigando-o a acompanhá-la à missa das almas o que fazia diariamente; por alvará de 1-2-1842, trocava com Luísa Rosa de Araújo, o casal da Várzea e Castro na freguesia de S.ª Cristina de Serzedelo

pelo casal do Paço na freguesia de S.^{ta} Eulália de Fermentões; fez testamento a 19-1-1854, deixando a sua enorme fortuna a seus sobrinhos.

* na Casa de Minotes a 23-5-1775, † na Casa do Carmo, S.^{ta} Maria de Oliveira do Castelo a 5-7-1854.

= na igreja de S.^{ta} Eulália de Fermentões, Guimarães a 5-8-1818 com Domingos Cardoso de Macedo, Cavaleiro Professo na O. de Cristo (decreto de 6-9-1823), Comendador da O. de Cristo, Sargento-mor e último Capitão-mor de Guimarães (decreto de 18-6-1813), tomando posse desse cargo a 16-7-1815, Vereador da Câmara Municipal de Guimarães, Provedor da Irmandade de N. Sr.^a da Consolação e Santos Passos (1816-1817), devotado miguelista, sendo recompensado por El-Rei D. Miguel I com a honrosa medalha da sua Efégie (a 16-2-1829), 6º Senhor da Casa de Margaride, Senhor da Casa do Carmo e várias outras e dos prazos e quintas de Pombal em S. Torcato, Taipa de Cima em Selho, Chamiço em Azurém e Patos, Bouça, Ponte de Baixo e de Cima e Carvalheira em S. João de Brito, etc., * na Casa de Margaride, S. Romão de Mesão Frio, Guimarães a 3-12-1780, † na Casa do Carmo a 31-1-1849, filho de Domingos José Cardoso de Macedo, Fidalgo de Cota de Armas (carta de brasão de armas de 16-11-1770: escudo partido de Macedos e Cardosos), Cavaleiro Professo da O. de Cristo (alvará de 18-10-1769), 4º Senhor da Casa de Margaride, Senhor da Casa do Carmo em S.^{ta} Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães e por doação de sua prima co-irmã D. Mariana Luísa Cardoso de Macedo, Senhor da Casa da Taipa em S. Lourenço de Selho, do Prazo de Pombal em S. Torcato e quintas de Patos, Bouça, Ponte de Baixo e de Cima e Carvalheira em S. João de Brito, etc. e de s.m. D. Maria Rosa de Figueiredo das Neves, 5ª Senhora da Casa de Margaride em sucessão a seu marido, s.g.



Domingos Cardoso de Macedo (1780-1849), Capitão-mor de Guimarães

7 (V) **José de Araújo Martins da Costa**, Senhor das Casas de Minotes e de Aldão, por herança de seus irmãos, grande capitalista.

* na Casa de Minotes a 9-5-1778, † no Porto a 22-1-1846 (jaz no cemitério da Lapa, na capela dos Bernardes), s.g.

8 (V) **Jerónimo Martins da Costa**, Senhor da Casa de Minotes, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães (1820), etc.; com seu tio Gualter e seu irmão Francisco esteve na Baía, vindo depois residir para Portugal; quando presidente da câmara abriu os cofres para pagamento dos expostos e durante o reinado de D. Miguel I, deu grandes quantias aos presos das cadeias de Lamego, Guimarães, Almeida e Covilhã; foi um grande amigo dos pobres e dos negociantes, que a ele recorriam nas suas aflições; pela sua muita caridade foi chamado «*Jerónimo, o Bom*».

* na Casa de Minotes a 4-2-1781, † rua de S.^{ta} Maria a 3-5-1838 (jaz no Convento de S. Domingos de Guimarães), s.g.



Jerónimo Martins da Costa (1781-1838), pintura de Roquemont

V – **D. JOANA MARIA DE ARAÚJO MARTINS DA COSTA**, em seus filhos caiu a representação e fortuna dos Martins; depois de casada viveu na Casa da Ribeira e enviuvando foi para Guimarães, para a sua casa da rua de Val das Donas, também conhecida por Casa de S. Bento.

* na Casa de Minotes a 2-3-1767, † na Casa de S. Bento, Guimarães a 3-4-1845.

= na igreja de S.^{ta} Eulália de Fermentões a 8-2-1796 com Jerónimo Ribeiro Bernardes, Tenente do Regimento de Milícias de Basto (reformado a 16-11-1804)³⁹, Senhor da

³⁹cf. Nuno Gonçalo Pereira Borrego - As ordenanças e as milícias em Portugal, Lisboa: Guarda-Mor, 2006, pp. 744 e 746.



Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém (que levou em dote), da Quinta do Bouro de Cima em S. Lourenço de Selho, da Quinta do Tanoeiro em S. João da Ponte e por doação de seu avô materno, da Casa da Ribeira nesta última freguesia; foi péssimo administrador, vendendo muitas propriedades aos cunhados, com quem não se entendia; a 8-2-1806, antes de embarcar para o Brasil, residindo então na rua das Canastras em Lisboa, passou procuração de plenos poderes a sua mulher; mas não se entendendo com os cunhados regressou ao Reino⁴⁰, * na Casa do Bouro de Cima, S. Lourenço de Selho a 26-6-1776, † na Casa da Ribeira a 14-5-1827 (jaz na capela-mor da igreja de S. João da Ponte), filho de Gualter Ribeiro Bernardes, Senhor das Casas da Veiga e do Bouro de Cima e de s.m. Maria Joana de Castro Salgado; neto paterno de Pedro Fernandes Machado, Senhor do Casal do Bouro de Cima em S. Lourenço de Selho e de s.m. Mariana Ribeiro Bernardes, Senhora da Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém; neto materno de João Ribeiro Bernardes, Senhor da Casa da Ribeira em S. João da Ponte e de s.m. Josefa de Castro Salgado.

Filhos:

1 (VI) **D. Joaquina Rosa Cândida de Araújo Martins da Costa**, Senhora das quintas de Sino de Vila, Valinhas, Outeiro, Pomarinho em S.^{ta} Eufêmia, Tulhas em Corvite, Paço em S.^{ta} Leocádia de Briteiros, etc.

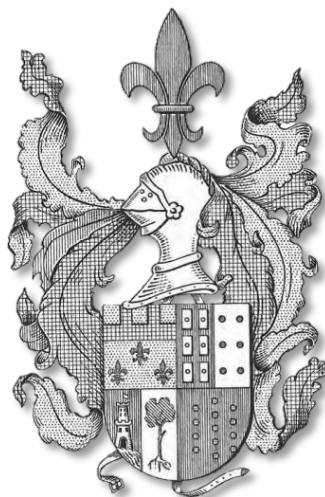
* na Casa da Ribeira, S. João da Ponte a 2-3-1797, † na rua do Gado, Guimarães a 7-10-1862.

= com Francisco Joaquim de Gouveia Morais Sarmiento, 4º Tenente do Regimento de Milícias de Braga (de 28-3-1832 a 17-3-1833)⁴¹, Senhor da Casa da Ponte em S. Salvador de Briteiros, * em Guimarães, † no Largo do Campo da Feira, Guimarães a 7-5-1834, filho de José António de Gouveia de Morais Sarmiento, Capitão de Ordenanças e de s.m. D. Maria Teresa de Barros, Senhora da Casa da Ponte, c.g.,

⁴⁰cf. O Nobiliário de Felgueiras Gayo, Tomo VII § 6, ao tratar dos Bernardes, diz que entre muitos outros Jerónimo Ribeiro Bernardes (dando-lhe os apelidos de Jerónimo Martins Ribeiro Vaz de Abreu Salgado, da Casa da Veiga), descende de Salvador Dias Ribeiro, aliás Salvador Ribeiro de Sousa, Rei do Pegú na Índia. Documentalmente nada se pode provar, apenas verifica-se, que tanto os da Casa da Veiga, como quase todos os outros, são descendentes de Bernardo Fernandes e de s.m. Maria Fernandes, senhores da Casa da Portela em S. Jorge de Selho (Pevidém), que viveu na mesma época do Rei do Pegú. Este Salvador Ribeiro de Sousa, que saindo de Portugal desgostoso com a dominação castelhana, desbaratou exércitos, conquistou fortalezas, e reinos, sendo proclamado Rei do Pegú, coroa que com admirável lealdade, para obedecer ao mandado do Vice Rei da Índia, entregou a Filipe de Brito Nicote, voltando finalmente à Pátria, onde morreu e jaz em Santarém, * na Casa das Quintãs, Ronfe, Guimarães filho de Francisco Gonçalves de Sousa «de limpo e nobre sangue». Consulte-se Breve Discurso em que se conta a Conquista do Pegú, publicado em 1617, pelo Padre Manuel de Abreu Mousinho, Ouvidor em Goa.

⁴¹cf. Nuno Gonçalo Pereira Borrego - As ordenanças e as milícias em Portugal, Lisboa: Guarda-Mor, 2006, pp. 748 e 750.

sendo seu filho, Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento, uma das mais notáveis personalidades da 2ª metade do século XIX.⁴²



*Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento (1833-1899)
e Armas concedidas a Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento em 1854*

2 (VI) **José Martins da Costa**, muito novo foi para o Brasil e viveu com seu tio materno Luís Martins da Costa; em 1826, ainda estava na Baía e se lá tivesse ficado seria o herdeiro de seus tios; depois de regressar comprou a 22-2-1832, a Quinta do Salgueiral e aí morreu com maligna.

* na Casa da Ribeira a 28-5-1798, † na Casa do Salgueiral a 13-2-1834, s.g.

3 (VI) **Francisco de Araújo Martins da Costa**, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (tomado de novo), com 1\$600 réis de moradia por dia, por justos motivos presentes a

⁴²cf. Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento, Bacharel formado em Direito (1853), Fidalgo de Cota de Armas (carta de 4-12-1854), Cavaleiro da Legião de Honra em França, Sócio Efectivo da Associação dos Arqueólogos e Arquitectos Portugueses, do Instituto Arqueológico de Berlim, da Academia Arqueológica de Bélgica, Sócio Honorário da Real Academia de História de Madrid, Senhor da Casa da Ponte em Briteiros, etc; insigne investigador das origens do povo português e um dos mais notáveis vultos da segunda metade do século XIX em Portugal; publicou, Poesias, Os Lusitanos, Ora Marítima, Os Argonautas, Lusitanos, Celtas e Lígures e Dispersos; escreveu muitos artigos, folhetos, farta colaboração em jornais e revistas; deixou também 4500 páginas inéditas, que ainda aguardam publicação e tem uma extensa bibliografia, * no Largo Campo da Feira, Guimarães a 9-3-1833, † no Largo do Carmo, hoje Martins Sarmento a 9-8-1899, que casou na Colegiada de Guimarães (N. Sr.^a de Oliveira) à porta fechada a 5-2-1876 com D. Maria da Madre de Deus Aguiar de Freitas, * em Guimarães a 19-6-1846, † aí a 4-3-1929, filha de Pedro de Sousa Guedes Aguiar e de s.m. D. Maria Antónia de Freitas Mello e Castro, s.g.



Sua Majestade (alvará de 22-5-1850)⁴³, Comendador da O. de N. Sr.^a da Conceição de Vila Viçosa, Senhor por herança de sua tia D. Luísa Rosa, das casa de Aldão e Quinta de Penouços e os moinhos do Rio Selho em Aldão, além de todas as casas e prazos na cidade do Porto; esteve também na Baía, mas por voltar para Portugal, não foi herdeiro da fortuna dos tios.

* na Casa da Ribeira a 2-7-1799, † na rua de S.^{ta} Luzia, Guimarães a 6-8-1856.

= com D. Maria José da Silva e Costa, * em S. Paio, Guimarães a 10-4-1811, † em Guimarães a 4-4-1883, filha de Domingos José da Silva e de s.m. D. Custódia de Sousa Carneiro, c.g.

4 (VI) **D. Luísa Ludovina Araújo Martins da Costa**, Senhora da Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém e Senhora da Casa do Carmo e da do Chantre também em Guimarães, das quintas de Patos, Ponte de Baixo e de Cima, Carvalheira e Bouça em S. João de Brito, do Chamiço em S. Pedro de Azurém e da Taipa de Cima em S. Lourenço de Selho (por testamento de sua tia e cunhada D. Luísa Rosa); com dinheiro dado pelos tios, comprou em solteira as quintas do Loureiro Novo em S.^{ta} Eulália de Fermentões, da Cal em S.^{to} Estevão de Urgeses e a da Arrifana em S. Salvador do Pinheiro; tinha ao casar (1835) 11 400\$00 espalhados a juros e nas suas mãos 6 000\$00, sem contar os legados deixados pelos tios; pouco depois de ter casado, a mãe e os irmãos dão-lhe a Casa da Veiga em S. Pedro de Azurém, as quintas de Fundevila, Melião e Reguengo em S. Paio de Figueiredo e as de Cabo, Portela, Bassaim, Bouca e Venda em S. Martinho de Leitões; foi educanda no Convento de S. José do Carmo em Guimarães e fez parte da comissão fundadora do Asilo de S.^{ta} Estefânia em Guimarães; fez testamento a 28-12-1866, deixando a totalidade de seus bens a seu filho Luís.

* na Casa da Ribeira a 19-7-1802, † na Casa do Carmo, S.^{ta} Maria de Oliveira do Castelo a 16-1-1867.

= na igreja de S. Miguel de Creixomil, Guimarães a 25-5-1835 com Henrique Cardoso de Macedo, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (alvará de 2-11-1849), 8º Senhor da Casa de Margaride em sucessão a seu irmão e cunhada, do prazo de Pombal em S. Torcato, de Bouça ou Mata em S.^{ta} Maria do Corvite, do Eido das Cartas e terras aforadas à Câmara (por testamento de sua cunhada D. Luísa Rosa em 1859), das quintas de Mouta e Meirinho em Polvoreira, das quintas do Carvalho e Subribas em S. Miguel do Paraíso e de umas casas na rua Escura da vila de Guimarães (por doação e testamento de sua parente D. Maria José Ferreira Machado de 8-5-1830), da quinta de Bouça e de suas pertenças em Ruivães, Vila Nova de Famalicão e algumas terras em Novaes e Bente (a 4-4-1846), dos campos de Cal e Alvarim em S. Martinho de Leitões (a 27-8-1860), e de casas nas ruas do Gado e de S.^{to} António em Guimarães, etc., * na Casa do

⁴³cf. Nuno Gonçalo Pereira Borrego - Mordomia-mor da Casa Real: Foros e Ofícios (1755-1910, Tomo II, Livro 16 (1844-1854), Lisboa. Tribuna da História-Edição de Livros e Revistas Lda, 2007, p. 278.

Carmo, S.^{ta} Maria de Oliveira do Castelo a 19-8-1795, † aí a 8-12-1875, irmão do capitão-mor de Guimarães e filho de Domingos José Cardoso de Macedo, Fidalgo de Cota de Armas (carta de brasão de armas de 16-11-1770: escudo partido de Macedos e Cardosos), Cavaleiro Professo da O. de Cristo (alvará de 18-10-1769), 4º Senhor da Casa de Margaride, Senhor da Casa do Carmo em S.^{ta} Maria de Oliveira do Castelo, Guimarães e por doação de sua prima co-irmã D. Mariana Luísa Cardoso de Macedo, Senhor da Casa da Taipa em S. Lourenço de Selho, do Prazo de Pombal em S. Torcato e quintas de Patos, Bouça, Ponte de Baixo e de Cima e Carvalheira em S. João de Brito, etc. e de s.m. D. Maria Rosa de Figueiredo das Neves, 5ª Senhora da Casa de Margaride em sucessão a seu marido, deste casal foi filho Luiz Cardoso Martins da Costa Macedo (1836-1919), 1º Conde de Margaride.⁴⁴

| 31



*D. Luísa Ludovina Araújo Martins da Costa (1802-1867)
e Henrique Cardoso de Macedo (1795-1875), 8º Senhor da Casa de Margaride
(coleção do Dr. José Cardoso de Menezes Couceiro da Costa – Casa de Margaride)*

⁴⁴cf. Luís Cardoso Martins da Costa Macedo (* na Casa da Veiga, S. Pedro de Azurém a 8-1-1836, † na Casa do Carmo, S.^{ta} Maria de Oliveira do Castelo a 30-7-1919), 1º Conde e 1º Visconde de Margaride (dec. de 1-8-1872 e de 3-3-1877), Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, por sucessão (alv. 15-3-1862), do Conselho de S.M.F. (dec. de 1-10-1874), Comendador da O. de N. Sr.^a da Conceição de Vila Viçosa (dec. de 14-9-1876), Grã-Cruz da O. de Cristo (alv. de 8-1-1907), Par do Reino (por carta régia de 29-12-1881, de que tomou assento e prestou juramento na sessão da Câmara dos Pares de 18-3-1882), Governador Civil de Braga (de 12-10-1871 a 15-3-1877) e do Porto (de 6-2-1878 a 3-6-1879), Vice-Presidente do Partido Regenerador no Porto (a 6-9-1879), Procurador de Guimarães na Junta Geral do Distrito de Braga (de 4-9-1883 a 28-11-1885), Presidente da Câmara Municipal de Guimarães (1870, 1878, 1887-1892), Bacharel formado em Filosofia pela U. de Coimbra (a 15-7-1857), 9º Senhor da Casa de Margaride em S. Romão de Mesão-Frio, etc.

5 (VI) **D. Ana Emília de Araújo Martins da Costa**, herdou de sua tia D. Luísa Rosa as casas da rua de S.^{ta} Luzia, Guimarães e todas as quintas que tinha herdado de seu irmão José na freguesia de S. Torcato.

* na Casa da Ribeira a 22-8-1805, † na rua de S.^{ta} Luzia Guimarães a 27-10-1882.

= na igreja de S. João da Ponte, Guimarães a 23-10-1826 com Francisco José Ribeiro de Abreu, Senhor da Casa da Agra em S. Torcato, 8º Tenente de Milícias do Regimento de Ponte da Barca (por portaria de 16-1-1829)⁴⁵, * na Casa da Agra a 27-11-1805, † na rua de S.^{ta} Luzia, Guimarães a 8-12-1872, filho de José Bento Ribeiro, Medalha da Real Efigie de S.M. El Rei D. Miguel I (decreto 21-1-1830) e de s.m. D. Teodora de Abreu, Senhora da Casa da Agra, c.g., que foram pais entre outros de Francisco Ribeiro Martins da Costa (Agra).⁴⁶



D. Ana Emília de Araújo Martins da Costa (1805-1882), seu filho Francisco Ribeiro Martins da Costa (1834-1901, e seu irmão Luís Martins da Costa, Senhor da Casa de Minotes (1806-1895)

6 (VI) **Luís Martins da Costa**, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real (alvará de 12-6-1845), Comendador da O. de N. Sr.^a da Conceição de Vila Viçosa, Cavaleiro da O. de Cristo, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, durante o reinado de El-Rei D. Miguel I, Senhor das Casas e Quintas de Minotes, Paço de Baixo, Toriz, Lage e Quintãs em S.^{ta} Eulália de Fermentões, Ribeira, Paço e Pinardufe em S. João da Ponte, Aléns em S. Lourenço de Selho, Penegache em Pencelo, Fontelos em Gominhões, Serbais em Lamassais, Salgueiral, etc; muito dado às letras, escreveu um livro que se conserva inédito.

* na Casa da Ribeira a 26-8-1806, † na Casa de S. Bento, Guimarães a 23-12-1895.

⁴⁵cf. Nuno Gonçalves Pereira Borrego - As ordenanças e as milícias em Portugal, Lisboa: Guarda-Mor, 2006, pp. 756 e 759.

⁴⁶cf. Francisco Ribeiro Martins da Costa (Agra), eminente político vimaranense, chefe do partido Regenerador em Guimarães e director do Banco de Guimarães, * na rua de S.^{ta} Luzia Guimarães a 30-6-1834, † em 26-6-1901, com um tiro de caçadeira em circunstância desconhecida e misteriosa.



= na capela dos Condes de Resende, Porto com D. Maria Constança Pinto de Queirós Montenegro, * na Casa do Casal em 1817, † em Guimarães a 16-1-1893, filha de António Marinho de Queirós Miranda, Senhor da Casa do Casal, Marco de Canavezes e de s.m. D. Margarida Máxima Pinto de Miranda Montenegro, c.g.

BIBLIOGRAFIA

| 33

1 - MANUSCRITAS

1.1 - Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

- Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 28, n.º 3, caixa 28
- Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 27, n.º 14 e 15, 16, 18, 19, 20, caixa 27
- Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 28, n.º 1, 6, 7, 8, caixa 28
- Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 91, n.º 4, caixa 91
- Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, maço 27, n.º 9, caixa 151
- Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 9, n.º 1, caixa 133
- Feitos Findos, Juízo da Índia e Mina, Maço 18, n.º 23, caixa 142
- Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1700, Domingos, Maço 13, Documento 298
- Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1730, Luís, Maço 16, Documento 339
- Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1702, Bento, Maço 4, Documento 75
- Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1739, Gualter, Maço 1, Documento 6
- Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1763, Domingos, Maço 46, Documento 770
- Habilitações do Santo Ofício (HSO), 1765, Gualter, Maço 1, Documento 6

1.2 - Arquivo Histórico Ultramarino:

- AHU, ACL, CU, 015, Caixa 278, D. 18747
- AHU, ACL, CU, 015, Cx 281, D. 19120

1.3 - Arquivo Municipal Alfredo Pimenta:

- Guimarães, Livro de Prazos do Convento de S. Domingos de Guimarães, Tomo 4.º, fls 13

1.4 - Arquivo Margaride-Casa do Carmo:

- Carta do Príncipe Regente D. João nomeando Félix Martins da Costa para inspector dos cofres e entrega do dinheiro e ouro, que vier no presente ano «*em os navios do Ryo de Janeiro, lugar q vagou por Eu haver por bem escusar dele a João António de Almeida, atendendo ao que este me representou*» em Lisboa a 6-2-1804.
- Mercê da Regência do Reino em nome de El Rei D. João VI, nomeando Félix Martins da Costa por portaria de 20-3-1821, como deputado da comissão sobre Obras Públicas a 21-3-1821.

2 – FONTES SECUNDÁRIAS

- 1 - Imprensa:



- Gazeta de Lisboa, n.º 22 de 27-1-1826
- Decreto-lei n.º 31/1983, Diário da República, 1ª Série, n.º 106, de 9-5-1983
- Decreto-lei n.º 5 / 2002, Diário da República, 1ª Série-B. n.º 42, de 19-2-2002
- ZEP por portaria n.º 295 / 96, Diário da República, 2.ª série, n.º 299 de 27-12-1996

3 – MONOGRAFIAS

- AMARAL, Luís, Rui Gil, Hugo Sousa Tavares - Índices dos processos de habilitação para familiar do Santo Ofício da Inquisição, Lisboa: Guarda-Mor-Ed. Publicações Multimédia, 2008
- BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira - As ordenanças e as milícias em Portugal, Lisboa: Guarda-Mor, 2006
- BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira - Mordomia-mor da Casa Real: Foros e Ofícios (1755-1910, Tomo II, Livro 16 (1844-1854), Lisboa: Tribuna da História-Edição de Livros e Revistas Lda, 2007
- DIARIO das Cortes, Geraes, Extraordinarias, e Constituintes da Nação Portuguesa, Segundo Anno da Legislatura, Volume 5, Lisboa: Imprensa Nacional, 1822
- DOCUMENTOS Avulsos da Capitania de Pernambuco, Catálogo II (1798-1825), Editora Universitária, UFPE
- FELGUEIRAS GAYO (Manuel José da Costa) - Nobiliário das Famílias de Portugal, Volume VII, Tomo VII § 6, Bernardes, 3.ª edição, Braga: Edições de Carvalhos de Basto, 1992
- GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, vol. XXI e XXVI, 1960-
- MENEZES, Helena Cardoso de Macedo e Maria Adelaide Pereira de Moraes - Genealogias Vimaraneses, Braga: Tipografia Liv. Cruz, 1967
- RECUPERAÇÃO de Estruturas hidráulicas, muros e caminhos em jardins históricos, Lisboa: Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos, 2010
- STOOP, Anne de - Quintas e palácios nos arredores de Lisboa, Barcelos: Civilização, 1986

Sites consultados:

<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/72951/>

<http://familiatrigueiros.blogspot.pt/2013/12/jose-campelo-trigueiros-martel-1852.html>



FIGURAS DA HISTÓRIA

LUZ E TRADIÇÃO:
BREVE ESTUDO
COMPARATIVO DAS
VIDAS E OBRAS DE
JOSÉ LIBERATO
E DO
VISCONDE DE
SANTARÉM

| 35

*por Daniel Estudante
Protásio*

LUZ E TRADIÇÃO: BREVE ESTUDO COMPARATIVO DAS VIDAS E OBRAS DE JOSÉ LIBERATO E DO VISCONDE DE SANTARÉM

por Daniel Estudante Protásio ⁽¹⁾

José Liberato Freire de Carvalho (1772-1855) e o 2º Visconde de Santarém (1791-1856) foram dois dos maiores expoentes, em Portugal, das correntes de pensamento revolucionário e contra-revolucionário da primeira metade de Oitocentos. Comparar alguns elementos comuns dos seus percursos pessoais, políticos e intelectuais pode ser um exercício útil para o conhecimento histórico e cultural de um período do passado relativamente recente, ainda desprovido de estudos desta natureza.

Advertência metodológica

Por detrás deste *assustador* subtítulo, esconde-se uma simples constatação: há claras vantagens em elencar vidas e percursos de figuras dos séculos XVIII a XX. Voltaire e Rousseau, Napoleão e Wellington, Pétain e De Gaulle ⁽²⁾ são alguns deles – poderíamos falar de outros, como Mandela e De Klerk, por exemplo. Muitas vezes acontecimentos isolados na vida de indivíduos famosos da cultura, artes, política e diplomacia só parecem fazer pleno sentido quando confrontados com os dos seus adversários, directos e indirectos. O mesmo sucede com grupos ideológicos, como os dos nazis e dos aliados, aquando da Segunda Guerra Mundial; ou dos liberais e absolutistas, durante a guerra civil portuguesa de 1832-1834. Apenas em Portugal se persiste em não enveredar por esta senda que, por vezes, pode trazer algumas luzes a épocas ainda obscuras da nossa história, como sucede no caso do século XIX. A tentativa a que vou proceder procurará evidenciar vantagens e desvantagens deste tipo de estudo, por mais sumário e breve que seja.

Introdução

Ao contrário do que à primeira vista poderia parecer, há muitos elementos em comum entre José Liberato Freire de Carvalho e o 2º Visconde de Santarém. Embora nascidos com quase vinte anos de diferença, em locais distintos (imediações de Coimbra e em Lisboa), de meios sócio-profissionais diferentes (José Liberato Freire de Carvalho foi um eclesiástico e jornalista, Santarém um funcionário da coroa), dois dos primeiros elos comuns foram, aparentemente, o da maçonaria e o da Academia das Ciências de Lisboa. Como curiosidade, relembre-se que esta última foi designada por

¹ Bolseiro de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, investigador associado do Centro de História da Universidade de Lisboa (UID/HIS/04311/2013).

² Vejam-se, entre outros exemplos, Andrew Roberts, *Napoleão e Wellington*, Lisboa, Editorial Verbo, 2002, 496 pp. e J.R. Tournoux, *Segredos de Estado. Pétain e De Gaulle, Meio século de história não oficial*, Lisboa, Livraria Bertrand, s.d., 514 pp.

um dos grandes especialistas do século XX sobre a maçonaria, António Henriques de Oliveira Marques, como a primeira instituição para-maçónica nacional ⁽³⁾.

José Liberato Freire de Carvalho (ou José Liberato ou Liberato, como a partir de agora será designado) foi iniciado na maçonaria em 1804, no mesmo ano em que é admitido como correspondente da Academia das Ciências ⁽⁴⁾. Por essa altura frequentava o Colégio dos Nobres o futuro 2º Visconde de Santarém, inscrito como Manuel Francisco de Barros de Sousa Porcille O' Kelly desde 1803; a utilização de tal apelido ter-lhe-á valido, anos depois, a suspeita de pertencer à maçonaria. Isto porquê? O seu bisavô materno, Hugh O' Kelly, um militar irlandês que chegou a brigadeiro do exército português e governador de Chaves no final da vida, já estava em Portugal numa época – décadas de 1720 e 1730 – em que a maçonaria britânica começava a desenvolver-se entre as elites portuguesas, inclusive, com a fundação de uma Loja católica e irlandesa por volta de 1733-1735. É hoje possível saber, com certeza quase absoluta, que este militar nasceu em 1683 e morreu em 1757 e que em 1738, morador a Santa Apolónia, se autodenunciou à Inquisição, perante a condenação papal das sociedades secretas, quando era «Venerável da Loja» ⁽⁵⁾. Aliás, dois conceituados estudiosos da maçonaria portuguesa do século XVIII, Graça e José Sebastião Silva Dias, falam mesmo em «loja O'Kelly», pelo que a utilização desse apelido, em 1803 e 1806 (como também se verificou), seria potencialmente suspeita ⁽⁶⁾. Certo é que em meados de 1809, quando o futuro Visconde de Santarém estava ao serviço do jovem príncipe D. Pedro de Alcântara, no Brasil, foi afastado do seu cargo de moço de câmara de guarda-roupa, porque acometido de bexigas, isto é, de um surto de varíola, que na época podia ser mortal. Porém, pouco depois é acusado de ser maçom: durante quase quatro anos, de 1809 a 1813, viveu «separado da Corte pela intriga e denúncias que José Anselmo Correia [Henriques] e outros espiões da Polícia tinham dado de eu pertencer às [sociedades] maçónicas». É possível que isto também tenha sucedido por estar próximo de António de Saldanha da Gama, seu futuro parente, ajudante-de-campo do duque de Sussex e iniciado na maçonaria britânica ⁽⁷⁾.

³ António Henriques de Oliveira Marques, *História da Maçonaria em Portugal*, vol. I, Lisboa, Editorial Presença, 1990, pp. 53-54 e 298.

⁴ José Liberato Freire de Carvalho, *Memórias da vida de...*, Lisboa, Tipografia de José Baptista Morando, 1855, pp. 32-34 e 37-38.

⁵ Jordão de Freitas, *Onde nasceu o 2º Visconde de Santarém? (Memória publicada pelo 3º Visconde de Santarém)*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1913, p. 5 e Idem, *O 2º Visconde de Santarém e os seus Atlas Geográficos por...* (*Estudo publicado pelo actual Visconde de Santarém*), Lisboa, Oficina Tipográfica, 1909, p. 5 e n. e), Coronel Alberto Ribeiro Soares, *Generais do Exército Português*, volume I, Lisboa, Biblioteca do Exército, 2003, p. 294 e António Henriques de Oliveira Marques, *História da Maçonaria em Portugal*, Op. Cit., pp. 25-26 e n. 25, 32, 123 e n.º 17, 217, n. 18 e 369, n.º 391.

⁶ Graça e Sebastião José da Silva Dias, *Os Primórdios da Maçonaria em Portugal*, vol. I, t. II, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986 (2ª edição), capítulo III, pp. 94-101.

⁷ António Baião, *O Visconde de Santarém como Guarda-Mor da Torre do Tombo (Aditamento)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1910, pp. 23-24 e Marquês de Fronteira, *Memórias do... e d'Alorna, D. José*



Outro paralelo interessante é que enquanto os irmãos D. António da Visitação Freire de Carvalho (1769-1804) e José Liberato eram admitidos na Academia das Ciências em 1800 e 1804, o futuro 1º Visconde de Santarém, João Diogo de Barros Leitão e Carvalhosa, pai do 2º Visconde, foi nomeado correspondente da Academia em 1806 e sócio livre em 1810. É, pois, possível que o futuro 1º Visconde de Santarém e José Liberato se tenham cruzado, no seio da Academia. Certo é que ambos terão estado de lados opostos da barricada política que, nas primeiras décadas do século XIX, opunham o que aqui designo, simbolicamente, como Luz e Tradição.

Embora possa parecer excessivamente egocêntrico, passo a ler uma passagem do verbete que escrevi sobre José Liberato para o *Dicionário de Historiadores Portugueses* e que explica a primeira parte do presente título: «Os ideais de liberdade e de libertação, individual e nacional, de Liberato (literalmente, liberto, ex-escravo), passariam, segundo essa dupla lógica, maçónica e histórica, por uma busca da luz, da iluminação do espírito humano e das elites que, uma vez atingidas, permitiriam a regeneração dos costumes e dos povos» ⁽⁸⁾. Por outro lado, a Tradição de que falo é, também ela, múltipla de significados: os correspondentes do número da Academia, José Liberato e João Diogo de Barros Leitão e Carvalhosa (futuro 1º Visconde de Santarém), nascidos em 1757 e 1772 e respectivamente admitidos nessa instituição dita para-maçónica em 1804 e 1806, eram os dois homens ávidos de leituras clássicas. Liberato, no mosteiro de São Vicente de Fora; o pai do futuro 2º Visconde de Santarém, na sua livraria particular, herdada dos antepassados desde pelo menos o século XVI e enriquecida com obras de numismática, belas-letas e arqueologia ⁽⁹⁾. Foram, ambos, marcados pelo neoclassicismo e pré-romantismo, classicistas, conhecedores da história nacional e das suas tradições culturais, institucionais e políticas. No que discordariam era na interpretação a dar à ideia de Tradição; mais, seriam adversários das consequências das respectivas leituras do que era a Tradição política portuguesa.

Antes de entrar no estudo comparativo dos percursos do 2º Visconde de Santarém e de Liberato, diga-se apenas que José Liberato foi suspeito de ser afrancesado – isto é, adepto das ideias do iluminismo francês e dos ideais da Revolução Francesa – aquando da chamada Conspiração dos Fidalgos, em 1806, um acontecimento histórico em que o regente D. João (futuro D. João VI) esteve bastante doente, com suspeitas de envenenamento. João Diogo de Barros Leitão e Carvalhosa procurou proteger o príncipe da tentativa de manipulação política do sucedido, por parte de D. Carlota Joaquina, para que esta não assumisse a regência. Agraciado com o

Trazimundo Mascarenhas Barreto, Ditadas por Ele Próprio em 1861..., Lisboa, 1986 (reimpressão fac-similada da ed. de Coimbra de 1928), “Parte I – 1802 a 1818”, pp. 119-20.

⁸ Daniel Estudante protáxio, http://dichp.bnportugal.pt/historiadores_rs.htm, entrada relativa a José Liberato Freire de Carvalho, p. 2 de 9 (consultado a 28/8/2015).

⁹ Visconde de Santarém, *Catálogo da Terceira Livraria do...* (com uma introdução de António Baião), Lisboa, Alfredo Lamas, Mota e C^a, Editores, 1918, pp. 2-3.

título de 1º Visconde em 1811, o seu caminho diverge claramente do de José Freire de Carvalho, acusado novamente de ser afrancesado em 1809, preso sem culpa formada entre 1811 e 1813 e exilado em Londres em 1813, quando junta, pela primeira vez, ao restante apelido o nome de Liberato, já abandonada a condição eclesiástica. Vai assumir a condição de jornalista com *O Investigador Português em Inglaterra...* (publicado sob a sua responsabilidade entre 1814 e 1818), no qual denunciou os acontecimentos da chamada conspiração Gomes Freire de Andrade. Por ocasião desta, o 1º Visconde de Santarém foi um dos três conselheiros políticos de que William Carr Beresford se socorreu, acabando por serem executados os *Mártires da Pátria*, entre eles Freire de Andrade. Já aí era clara a divergência entre o 1º Visconde de Santarém e José Liberato. O 1º Visconde acabaria por falecer em Janeiro de 1818, sendo pouco depois o filho primogénito agraciado com o título de 2º Visconde de Santarém.

Santarém leitor de Liberato

É hoje possível saber que o 2º Visconde de Santarém partilhou um *background* cultural e livresco comum ao de José Liberato Freire de Carvalho, apesar da diferença de quase vinte anos de idade. É mesmo aceitável a afirmação de que Santarém leu alguns dos autores e historiadores de que Liberato falou acerca das cortes tradicionais portuguesas, enquanto jornalista político; que comungaram de algumas ideias comuns, embora com perspectivas diferentes; e, ainda, que o Visconde leu alguns dos textos que José Liberato escrevia em Londres.

Sucedeu, por exemplo, que enquanto Liberato publica n' *O Investigador Português em Inglaterra...*, em Julho de 1817, o elogio fúnebre do marquês de Pombal, da autoria de Frei Joaquim de Sancta Clara, numa época de disputa diplomática por ocasião do restabelecimento papal da Companhia de Jesus, dia 1 desse mesmo mês e ano o futuro 2º Visconde de Santarém entrega, oficialmente, uma memória sobre os estudos e preparação para a carreira diplomática, na qual falava na «briosa luta contra o ultramontanismo»⁽¹⁰⁾. O bibliógrafo Inocêncio Francisco da Silva indica que na mesma publicação (*O Investigador Português em Inglaterra...*) seriam impressas notas diplomáticas entre o governo do Rio de Janeiro e a Santa Sé – o que eu não consegui confirmar⁽¹¹⁾. Ou seja, a acreditarmos nessa hipótese, enquanto o jovem aspirante à carreira diplomática, de 25 anos, procurava demonstrar as suas capacidades analíticas sobre a questão do eventual restabelecimento da Companhia de Jesus no reino português, o jornalista político de 45 tecia considerações sobre um dos aspectos mais importantes da política externa do conde da Barca no Rio de Janeiro, o que não poderia deixar de ser incómodo para o chamado «partido francês», então no governo.

¹⁰ Isto é, a intervenção papal na esfera política interna dos países católicos.

¹¹ José Liberato Freire de Carvalho, *O Investigador Português em Inglaterra...*, vol. XIX, nº LXXIII, de Julho de 1817, pp. 1-14 e Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português...*, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, p. 74.

É bom relembrar que *O Investigador Português em Inglaterra...* era financiado pelo conde do Funchal, irmão do falecido conde de Linhares e um dos mais claros expoentes do «partido inglês», opositor do conde da Barca. Após um ofício do Secretário de Estado e Ministro interino dos Negócios Estrangeiros, Tomás António de Vila Nova Portugal, ofício que chega a Londres a 19 de Outubro de 1818, o governo deixou de financiar o periódico e José Liberato terminou a sua colaboração jornalística em Dezembro seguinte ⁽¹²⁾.

Um dado muito interessante e provavelmente desconhecido dos estudiosos de José Liberato é que foi o 2º Visconde de Santarém, então de passagem por Londres, enquanto aguardava ordens definitivas de nomeação como ministro plenipotenciário e embaixador extraordinário na Dinamarca, quem denunciou – não necessariamente de forma exclusiva – a publicação do prospecto anunciando, em Julho de 1819, para breve a publicação do *Campeão Português, ou o amigo do rei e do povo...*

Numa carta datada de «Lisboa, em 20 de Agosto», o Visconde informa que o bibliotecário da Biblioteca Pública de Plymouth oferecera-lhe o dito prospecto, que envia confidencialmente ao mesmo Tomás António de Vila Nova Portugal, no Rio, comentando «que me exasperou imediatamente a leitura da primeira e segunda páginas. V. Ex.^a, melhor do que eu, conhece que uma fatal experiência tem mostrado o veneno de tais escritos e verá, por ele, que será ainda pior este que os outros que em Londres de contínuo se publicam.» Em nota à margem da carta de Santarém, o Secretário de Estado e Ministro escreveu: «Responda-se-lhe que fica proibido pela insolência do periódico; e intenções conhecidas do seu autor» ⁽¹³⁾. Um edital régio de 14 de Outubro desse ano de 1819 informa o Desembargo do Paço do Rio de Janeiro da proibição da publicação; o mesmo é impresso em folha oficial a 15 de Novembro, por ordem daquele tribunal superior – curiosamente, é um dos tios por afinidade do futuro Visconde quem o declara em nome daquela instância judicial – e José Liberato, a 10 de Abril de 1820, refere essa mesma interdição do *Campeão Português...* nas páginas do mesmo jornal. Promete uma resposta directa a Tomás António de Vila Nova Portugal; afirma, inclusive, nas suas *Memórias...*, que a escreveu e imprimiu, mas confesso que não a consegui localizar ⁽¹⁴⁾.

¹² Inocêncio Francisco da Silva, *op. Cit.*, p. 418, José Liberato Freire de Carvalho, *Memórias da vida de...*, *Op. Cit.*, pp. 167-168 e António Álvaro Dória, «Carvalho, José Liberato Freire de (1772-1855)», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. I, Porto, Livraria Figueirinhas, 1989 (2ª ed.; 1ª ed. 1975-1978), pp. 507-508.

¹³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal na Dinamarca, caixa 8, documento 3 (carta de 20 de Agosto de 1819) e Jordão de Freitas, *O 2º Visconde de Santarém e os seus Atlas Geográficos por...*, *Op. Cit.*, p. 10, n. e).

¹⁴ José Liberato Freire de Carvalho, *O Campeão português ou o amigo do rei...*, vol. II, Londres, impresso por L. Thompson, 10/4/1820, pp. 247-249 e Idem, *Memórias da vida de...*, *Op. Cit.*, p. 202, nota. Tratava-se de Bernardo José de Sousa Lobato, escrivão da câmara de sua Sua Majestade no Desembargo do Paço,

Mas, na verdade, não só a dita publicação prossegue, como nela são afirmadas teses históricas sobre os Lusitanos que Santarém também partilhará, bebidas no historiador António Caetano do Amaral; e em 1821, já em pleno Vintismo, o Visconde será acusado de participar num «conciliábulo anti-português em Paris», que teria como objectivo conseguir o apoio de várias cortes europeias para impedir o reconhecimento do governo revolucionário lisboeta e, eventualmente, garantir forças militares estrangeiras para restaurar a monarquia absoluta. Essa informação é bebida de uma gazeta espanhola com o título aporuguesado *O Constitucional ou Crónica científica, literária e política*, publicada a 20 de Dezembro de 1820, mas que possivelmente seria o periódico *El Español Constitucional: ó miscelanea de politica, ciências y artes, literatura, etc.*, redigido por um amigo de Liberato, Pedro Pascasio Fernández Sardinó⁽¹⁵⁾. Apesar de mais tarde a intervenção contra-revolucionária do Visconde vir a ser desmentida no *Campeão Português...*, a verdade é que Santarém esteve em Paris em 1820-1821 numa missão secreta, para fazer a ligação entre o governo do Rio de Janeiro, ainda absolutista e o diplomata português que fosse representar Portugal no congresso internacional de cunho anti-revolucionário de Laybach, na actual Lubliana (Eslovénia). A ideia de que Santarém se dedicava a estudos de recolha documental sobre a diplomacia portuguesa e que, portanto, não teria disponibilidade para se ocupar de política externa e de intrigas secretas, invocada por Liberato, não corresponde, pois, realmente, à verdade histórica...⁽¹⁶⁾.

Para além de leitor de Liberato, Santarém era leitor – conforme já foi aqui aventado – dos mesmos autores que José Liberato e embora vivendo de outra forma os eventos políticos do tempo que lhes era comum – do Vintismo em diante – nutria-se dos mesmos factos para, com eles, fazer medrar teorias e visões históricas e ideológicas antagónicas (mas complementares) das do jornalista liberal. É como se os dois se abrigassem à sombra da mesma árvore gigantesca, encravada num muro esburacado pelo qual, a tempos, se olhavam directamente, árvore essa cujos frutos caíam para ambos os lados de uma barreira ideológica que, tal como um muro de Berlim *avant le temps*, não deixaria de os dividir. Mas que também permitiria que, para o final das respectivas vidas, se reconcilassem, num aperto de mão fantasioso, mas compreensível para quem viveu o imaginário colectivo do final dos anos 80 do século XX.

irmão mais novo do 1º Barão e 1º Visconde de Vila Nova da Rainha, cunhado do 1º Visconde de Santarém.

¹⁵ Idem, *Memórias da vida de...*, *Op. Cit.*, p. 199, Google Books sobre *El Español...* e www.wikipedia.es sobre Pedro Pascasio Fernández Sardinó (consultados a 28/8/2015).

¹⁶ José Liberato Freire de Carvalho, *O Campeão Português ou o amigo do rei...*, *Op. Cit.*, vols. III, nº XXXII, de 16/2/1821, pp. 507-511, «Conciliábulo anti-português em Paris» e IV, nº XXXIII, de 16/3/1821, pp. 48-51 e pp. 60-62, com o mesmo título.

Misticismo historicista

É visível, nos tempos míticos da revolução vintista de 1820 a 1823, um fascínio comum, por parte de liberais e de contra-revolucionários, por aquilo que José Liberato designava de Cortes Velhas. O facto de D. João VI e a corte permanecerem no Brasil após a derrota de Napoleão e da realização do Congresso de Viena, em 1814-1815, inspirou muitos portugueses a buscarem no passado histórico nacional a solução regeneradora da pátria, entendida enquanto o que hoje designamos por Portugal continental. Já tive ocasião, no verbete que escrevi sobre Liberato, de o listar – bem como a dois deputados liberais e outros tantos de tendência contra-revolucionária – como deputado das Cortes Novas vintistas que acreditava que, com estas e com a Constituição de 1822, Portugal recuperava algumas das suas *antigas e verdadeiras liberdades e garantias civis e políticas*, tradicionais no sentido de que supostamente já existentes no tempo dos míticos Lusitanos e das Cortes de Lamego de 1143. Mas mesmo essa ideia foi partilhada por adversários declarados do regime vintista, como foi o caso do Visconde de Santarém, exilado em Inglaterra e Paris em 1820-1821. Liberato e Santarém citam a mesma ideia do ilustre historiador António Caetano do Amaral (1747-1819), de que os povos Lusitanos escolhiam *democraticamente* os seus chefes batendo nos seus broquéis (escudos) com as espadas, em assembleias livres (17).

É difícil compreender, em pleno século XXI, como há cerca de duzentos anos esse imaginário, semi-científico, semi-lendário, místico e historicista (isto é, construtor de uma visão histórica interventora na esfera das políticas públicas e dos destinos nacionais), partilhado por Liberato e Santarém, era vivido com uma intensidade pessoal e intelectual própria de um tempo em que o imaginário histórico e religioso foi tipicamente pré-romântico e mais tarde romântico. Nos seus escritos, jornalísticos, memorialísticos e históricos, esses dois autores plasmavam o que a ópera, as procissões religiosas e laicas, as cerimónias do *Te Deum* ou da coroação régia (como a sucedida em 1818 com D. João VI ou com D. Miguel em 1828), representavam de momentos absolutos, de intensas experiências e vivências individuais e colectivas. É difícil para todos nós entendermos, nós que conhecemos o cinema, a rádio, a televisão, a internet e outros fenómenos da globalização, como a questão das cortes tradicionais portuguesas, revigoradas e transformadas nas Cortes Extraordinárias, Ordinárias e Constituintes do Vintismo ou nas cortes de Lisboa de 1828, constituíram para José Liberato e para o Visconde de Santarém momentos áureos e irrepetíveis das

17 “servem-se do meio usado das puras democracias, assembleias gerais, em que cada pessoa tem o arbítrio de aprovar, ou rejeitar o que se propõe; e ainda nesta acção respira o ar militar, em que são criados; um bater de espada no borquel é o sinal de aprovação; um sussurro inquieto o de desaprovár” (António Caetano do Amaral, «Memória I. Estado da Lusitânia até ao tempo em que foi reduzida a província romana», in *Memórias de Literatura Portuguesa, publicadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa*, tomo I, Lisboa, na oficina da mesma Academia, 1792, p. 23). José Liberato Freire de Carvalho, *Op. Cit.*, vol. II, nº XIII, de 16/1/1820, p. 36, cita António Caetano do Amaral na supracitada passagem.

suas existências de pensadores e de homens de acção ideológica. Foram como que o concretizar dos seus respectivos destinos históricos e projectos de vida de pesquisadores de documentos do passado e de teóricos da sua interpretação. Porque se Liberato reflectiu, quase ininterruptamente, sobre a questão das Cortes Antigas portuguesas n' *O Investigador Português em Inglaterra...* e no *Campeão Português...*, tanto em Londres quanto em Lisboa (isto é, entre 1814 e 1823), Santarém dedicou os anos de 1809 a 1829 a compilar documentos sobre o cerimonial e a natureza das antigas cortes portuguesas, chegando a publicar, com a chancela oficial, as *Memórias para a história, e teoria das cortes gerais...* Se Liberato foi deputado na legislatura de 1822, Santarém foi um dos defensores acérrimos, no governo de D. Miguel, da necessidade de legitimar a sua realza com a reunião das cortes de Lisboa de 1828, cujo cerimonial seguiu de perto o que publicara na supracitada obra, começada a imprimir em 1827; e participou, pelo braço da nobreza, na reunião dos Três Estados que declarou D. Miguel rei, para escândalo dos pensadores e políticos liberais.

| 43

Não resisto a transcrever uma passagem de uma obra literária, *Gente Feliz com Lágrimas*, de João de Melo, para tentar dar a entender o que interpreto como o fascínio do cerimonial político das cortes vintistas e miguelistas, o que terá representado para os respectivos participantes de místico e de único, ao reviverem tradições que alguns consideravam velhas de milénios, outras de séculos:

«Em Agosto, quando passou a procissão da padroeira, voltou a emocionar-se. Tinham vindo, como sempre, as bandas de música dos Fenaís da Ajuda e da Algarvia, quatro padres das freguesias vizinhas, alguns cantadores de décimas, quadras e romances-de-cego. O aparatoso cortejo das oferendas, aberto pela grande cruz de prata onde fora incrustada a pomba cinzenta da inspiração, marchava de modo lânguido, enchendo de música e comovendo até às lágrimas as principais ruas do Rozário. Vinham andores, filas de anjos coroados, pagadores de promessas, homens e rapazes que envergam opas amarelas, roxas e vermelhas. Os metais das bandas reluziam à reverberação desse domingo de Agosto. Nuvens muito altas, empurradas pelo vento na direcção do mar, dificilmente justificavam o pátio sob que se abrigavam tantos e tantos padres que Nuno via passar com o ar transfigurado que têm os bispos. Passavam também bandejas com arroz doce e canela, pratos de figos, ameixas, orações e suspiros, além de frangos peados ao colo dos rapazes e de bezerros arrastados à corda pelos que iam oferecê-los à padroeira. A mistura das cores, o som marcial das bandas de música, o ar miserável dos peregrinos e das pessoas que se ajoelhavam nas valetas à passagem do Santíssimo, tudo isso infundiu no espírito de Nuno uma auréola de comoção e fascínio. Atrás dos padres, do seu temperamental sorriso e das vestes majestosamente douradas, seguiam enfim os dois pajens eclesiásticos. Ao compasso da música, pareciam deslizar no centro das

multidões adormecidas, um com a insofismável dignidade do enorme crucifixo encostado ao peito, o outro fazendo oscilar em torno de si as nuvens do turíbulo. E tão certos os passos, tão extremosa a ordem desses corpos submetidos ao enlevo do espírito, que não mais deixou de haver nos olhos de Nuno a doçura, a fixação, a miragem do Grande Sonho de Deus»⁽¹⁸⁾.

É claro que para homens feitos, como Liberato em 1822 e Santarém em 1828 (com cerca de 50 e 36 anos, respectivamente), o olhar não era o de uma criança, mas sim o de servidores de determinadas causas cívicas, em que a Luz e a Tradição da história e da ideologia se mesclavam em ideários pessoais muito claramente definidos. Isto é, sem as cortes ressuscitadas de um passado esquecido, com os respectivos cerimoniais e funções legislativas e constitutivas (as vintistas), *electivas* (as miguelistas), Portugal não poderia alcançar o destino que cada facção e cada um destes dois indivíduos lhe queriam dar e dele participar, em união mística e cívica do passado com o presente, dos mortos e *maiores* com os vivos e actuates, pelo espírito de serviço das suas respectivas causas políticas.

Das Archotadas de 1827 à guerra civil de 1832-1834

Em 1823, após a Vila-Francada, movimento militar que destruiu o regime vintista, José Liberato e outros setenta e oito deputados assinam uma declaração de protesto pela ilegalidade do regresso ao Antigo Regime, face à ordem constitucional reinante. Tal gesto vai valer-lhe o ódio e a perseguição dos contra-revolucionários, a que poderemos – pelo menos em parte – designar a partir de então por miguelistas, pois foi o infante D. Miguel, como é sabido, quem encabeçou a sublevação de Vila-Franca que restaurou os poderes absolutos do rei D. João VI.

Entre 1823 e 1828, a política portuguesa vai conhecendo diferentes pronunciamentos militares, inflexões de regime e mesmo uma guerra civil apoiada externamente pela Espanha e pela Grã-Bretanha, em 1826-1827; não tenho, naturalmente, tempo para entrar em grandes detalhes sobre esse quinquénio tão fervilhante de eventos. Basta dizer que os acontecimentos das Archotadas, que ocorreram em Julho e Agosto de 1827 e que tive ocasião de analisar na minha tese de doutoramento⁽¹⁹⁾, vão claramente marcar uma clivagem entre os liberais e os absolutistas. Na legislatura cartista de 1826, José Liberato não foi deputado. Próximo do círculo de influência do conde-general de Saldanha, grande defensor da Carta Constitucional outorgada por D. Pedro I do Brasil e D. Pedro IV de Portugal, foi nomeado redactor da *Gazeta de Lisboa*, órgão oficial do governo, por vontade do ministro titular da pasta da Guerra e interino dos Negócios Estrangeiros, o mesmo Saldanha. Ora sucede que este, tio paterno da Viscondessa de Santarém, teve como

¹⁸ João de Melo, *Gente feliz com lágrimas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989 (2ª edição), pp. 41-42.

¹⁹ Daniel Estudante Protásio, *Pensamento histórico e ação política do 2º Visconde de Santarém (1809-1855)*, Lisboa, Bubok Editorial, Março de 2014 (ISBN digital 978-84-686-4921-4), pp. 153-162.

colega na pasta do Reino o Visconde de Santarém. E é deste que podemos ler uma descrição pouco abonatória de José Liberato, num documento que permanece inédito, escrito por Santarém acerca da sua passagem pelo governo em 1827. A propósito, precisamente, da necessidade da redacção da *Gazeta de Lisboa* ser entregue a «um literato essencialmente moderado e que só escrevesse o que o governo aprovasse» e apesar das reflexões contrárias do Visconde

«de eu não ter mandado proceder às ditas eleições na minha Secretaria [no sentido desejado por Saldanha], nomeou-se logo por decreto oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros um dos mais reconhecidos demagogos, José Liberato, que fora frade vicente, deportado no tempo da [3ª] invasão = redactor do sedicioso jornal [O] *Campeão Português em Londres*, que fora proibido em todos os domínios portugueses por um decreto de El-Rei = depois deputado das cortes revolucionárias e outra vez redactor de O *Campeão Português em Lisboa* durante o período democrático. A este indivíduo, pois, foi entregue a redacção do jornal do governo, o qual, tendo até ali conservado uma redacção, ainda que não científica, ao menos decente, apareceu logo recheado de discursos miseravelmente arrastados e em que transluziam os princípios do partido democrático, além de correspondências particulares, indecentes de um jornal do governo e que estimulavam o ódio dos partidos e tendiam a fomentar a anarquia» (20).

Estas duras palavras do Visconde devem ser entendidas no contexto de um ramo executivo cartista que temia que o poder caísse na rua, como de facto aconteceu.

No decorrer das Archotadas, um movimento nocturno lisboeta, portuense e noutras localidades do país, em que multidões munidas de archotes exigiram ao governo e à regente D. Isabel Maria a reintegração no governo do general Saldanha, a quem fora dada a demissão por influência directa e discordância política do Visconde de Santarém (apesar dos laços familiares que os uniam), José Liberato foi acusado de incitar à revolta nas páginas da *Gazeta de Lisboa*, demitido desse seu emprego e de oficial da Secretaria de Estado e ministério dos Negócios Estrangeiros (21) e perseguido judicialmente pelo seu suposto envolvimento. Felizmente conseguiu escapar a uma clara tentativa de silenciar a liberdade de imprensa e de fazer com que o regime cartista, apesar de liberal, assumisse uma dimensão que hoje diríamos *musculada* e persecutória dos elementos mais progressistas, muitos deles membros activos do antigo Vintismo (como foi o caso de Liberato). Este, claramente envolvido nos acontecimentos *escaldantes* do Verão de 1827, vai passar boa parte do resto da sua vida

²⁰ Visconde de Santarém, *Memórias Verídicas do meu Ministério durante os 3 Meses que o Exerci*, 1827, Colecção Visconde de Santarém, maço 7º, fs. 14, 15 e 16 e 17-18, pp. 223, 224, 225 e 226-227.

²¹ Idem, *Correspondência do.... Coligida, coordenada e com anotações de Rocha Martins (da Academia das Ciências de Lisboa). Publicada pelo 3º Visconde de Santarém*, vol. I, Lisboa, Alfredo Lamas, Mota e Cª, Editores, 1918, pp. 14 e ss. e 19-20.

a lutar contra o emergente movimento absolutista e a denunciar-lhe as causas profundas, os protagonistas e o que considerava ser a respectiva ilegitimidade e erros de interpretação histórica. Por isso se pode considerar que José Liberato fez da denúncia da chamada usurpação de D. Miguel uma causa de vida. E, dos finais da década de 1820 até meados da década de 1840, vai dedicar-se à escrita de obras de interpretação histórica e política que se notabilizaram pela coesão das ideias e profundidade do conhecimento directo dos acontecimentos e decisores políticos da época. Três vezes deputado no vitorioso liberalismo posterior à derrota de D. Miguel (nas legislaturas de 1834, 1836 e 1839) e memorialista no final da vida, para além de arquivista da câmara dos pares e administrador da imprensa nacional (neste último caso até 1840), José Liberato tornou-se, pela multiplicidade de ofícios e experiência de servidor da causa liberal, uma voz singular e indispensável para o conhecimento histórico das décadas de 1820 a 1840. Não nos esqueçamos, também, que foi ele o grande defensor da lei do banimento de D. Miguel e da sua descendência, que acaba por ser compreensível num homem moderado, mas lógica e naturalmente amargurado por muitos anos de perseguições ideológicas, por demissões, exílios, encarceramento. E, inclusive, por ter estado sitiado no Porto, em 1833 (onde combateu), numa altura em que tudo pareceu perdido para o duque de Bragança, pai de D. Maria II e para as tropas liberais bombardeadas impiedosamente pelas baterias miguelistas. Foi, por fim, em meados de Julho daquele ano, ainda Lisboa não estava tomada pelas tropas do conde de Vila Flor, futuro duque das Terceiras, que José Liberato recebe a notícia da morte de um dos seus irmãos mais velhos, Luís António Freire de Carvalho, encarcerado na prisão de Tomar ⁽²²⁾.

As obras de reflexão histórica e política de José Liberato; o seu memorialismo híbrido

Embora continuem por analisar, tanto quanto sei, algumas das obras de José Liberato publicadas entre 1830 e 1843, no seu conjunto e olhando os factos político-ideológicos do reinado de D. Miguel – casos de *Ensaio histórico-político sobre a constituição e governo do reino de Portugal...*; de *Os Anais de Cornélio Tácito...*; do *Ensaio político sobre as causas que prepararam a usurpação do infante D. Miguel no ano de 1828, e com ela a queda da Carta Constitucional do ano de 1826*; e da *Memória com o título de Anais para a história do tempo que durou a usurpação de D. Miguel*, num total de sete volumes – não pode deixar de ser enaltecido o papel de analista político *avant la lettre* deste autor. Não se considerando um historiador – por não ter, manifestamente, a preparação técnica nem teórica para tal, aliás rara na época – mas sim um memorialista, uma testemunha directa de vários acontecimentos, além do que hoje consideramos ser um jornalista político e um ávido leitor dos clássicos da Antiguidade, José Liberato procurou ser,

²² José Liberato Freire de Carvalho, *Memórias da vida de...*, *Op. Cit.*, pp. 352, 354-355 e 360 e Vasco Pulido Valente, *Os «Devoristas». A Revolução Liberal (1834-1836)*, Lisboa, Quetzal Editores, 1993, p. 36, n. b).

para D. Carlota Joaquina e para D. Miguel, o que Tácito foi para os imperadores Tibério e Nero ⁽²³⁾. Construiu uma história imediatista, à maneira de José Acúrsio das Neves para as invasões francesas. E, como nenhum outro autor da sua época, apenas confrontando os ditos títulos de José Liberato com o estudo das figuras, factos e ideologia do reinado de D. Miguel, entre 1828 e 1834, alguma vez poderá este período histórico ser entendido, não no sentido tradicional do interesse que lhe é votado – o do branqueamento ou do aviltamento estupidificante e não-contextualizante – mas sim no da confrontação analítica e metodológica necessária para estudar guerras civis e lutas ideológicas, como sucede na maior parte das historiografias europeias dos séculos XX e XXI, sejam referentes a acontecimentos do seu próprio tempo, sejam de Oitocentos. Sabemos todos que a história do nosso tempo, de 1989 a 2015, está a ser construída, neste momento, por jornalistas, *opinion makers*, romancistas históricos e, até, por historiadores habilitados. Por contraste, não faz sentido que, em Portugal, as biografias políticas e os estudos comparativos de liberais e miguelistas não sejam desenvolvidos sem o temor que quem os estuda seja rotulado como ideologicamente conotado com alguma forma de endeusamento ou de hagiografia da violência política e espírito persecutório do regime de D. Miguel. Como qualquer regime, o miguelista teve famílias e facções políticas opostas, entre elas a dos moderados, na qual se celebrou o Visconde de Santarém. José Liberato referiu-o, naturalmente, em várias das suas obras, fosse enquanto ministro do Reino em 1827, aquando das Archotadas, fosse enquanto ministro dos Estrangeiros, em 1828-1833. Numa carta de 8 e Abril de 1841 para o seu sobrinho, o 8º conde da Ponte, escrevia Santarém, a propósito do *Ensaio político sobre as causas que prepararam a usurpação do infante D. Miguel...*: «Tenho também muita curiosidade de ver o libelo de José Liberato, sobre os acontecimentos políticos anteriores a [18]29. É mui natural que eu ali tenha um bom quinhão nas finezas que este Catão costuma dizer nos seus escritos». Meses depois assinalava ter recebido o «escandaloso escrito do José Liberato» ⁽²⁴⁾. Nota-se, no tom descontraído das palavras do Visconde, humor e um certo narcisismo relativamente ao seu próprio protagonismo aquando das Archotadas. Os epítetos de libelo e de Catão – provavelmente o Velho, ou Censor (234-149 a.C.) – aplicados ao escrito e ao seu autor, José Liberato, remetem-nos tanto para uma menorização da seriedade do escrito quanto para o carácter inflamado e inflamatório dos escritos de Liberato, que

²³ «As obras de Tácito foram entendidas pelos intelectuais europeus como “literatura”, ou seja, um constructo totalmente diferente dos moldes da *Geschichte* [História], preocupada com a veracidade dos fatos e com a sequência unificada dos eventos» (Ygor Klain Belchior, «Uma análise dos estudos críticos sobre Tácito em Portugal no século XIX», *Politeia: História e Sociedade*, vol. 10, nº 1, 2010, p. 199), in <http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/663/649> (consultado a 28/8/2015).

²⁴ Visconde de Santarém, *Correspondência do...*, *Op. Cit.*, vol. VI, 1919, pp. 166 e 196. Em Idem, *Inéditos (miscelânea), coligidos, coordenados e anotados por Jordão de Freitas (bibliotecário da Biblioteca da Ajuda) e trazidos à publicidade pelo 3º Visconde de Santarém*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1914, p. 194, refere Catão o Antigo.

no fundo constituem a sua marca de água e são explicáveis pela natureza de busca da Luz e da Justiça, tanto humanas quanto históricas, que sempre o caracterizou. De resto, o Visconde de Santarém cita os *Anais...* de Tácito, não na tradução de Liberato, naturalmente, mas refere a obra, não fazendo a comparação que tantos liberais fizeram, de que o reinado de D. Miguel se assemelhou, na sua tirania, à da dinastia romana dos Augustos ⁽²⁵⁾.

Mas existem também semelhanças na leitura historiográfica do passado profundo de Portugal: Liberato afirma, em 1830, na senda de António Caetano do Amaral e de Frei Cláudio da Conceição, que «uma das primeiras e essenciais liberdades dos antigos Lusitanos era a discussão e aprovação dos negócios públicos nas suas assembleias gerais, que depois denominamos *Cortes*». Quanto ao Visconde de Santarém escrevera, em obra de 1827, que os lusitanos «elegiam os seus chefes em Assembleias Gerais» ⁽²⁶⁾.

Velhice, memória, reconciliação e similitudes/diferenças

Conforme os anos iam avançando, nas décadas de 1840 e 1850, José Liberato e o Visconde de Santarém conheciam formas diferentes de consagração pública e, para o final das respectivas vidas, de apagamento e esquecimento. Liberato foi membro da comissão de belas-letas e ciências morais da Academia das Ciências de Lisboa, sócio efectivo e importante figura entre os homens dedicados ao estudo da história, na instituição. O Visconde conheceu uma inesperada projecção internacional, sobretudo após a publicação da *Crónica... da Guiné*, de Zurara, com introdução e notas da sua lavra, dedicando-se a publicar, até à sua morte, em 1856, onze volumes do *Quadro Elementar...*, um do *Corpo Diplomático...*, várias tiragens do *Atlas...* e três grossos volumes do seu *Éssai...* Quando ocorre a sublevação militar de 1851, que consagrou a definitiva pacificação do regime liberal e que ficou conhecida como a Regeneração, José Liberato ia próximo dos 80 anos e o Visconde de Santarém dos 60. Com a

²⁵ Veja-se, por exemplo, o que Inácio José de Macedo afirma sobre o Visconde de Santarém e outros ministros de D. Miguel aquando do episódio Roussin, na sua obra *Considerações sobre as causas da elevação e decadência da monarquia portuguesa desde Afonso 1º [sic] até D Maria II por...*, Lisboa, Imprensa da Rua dos Fanqueiros, 1834, p. 61: «Eu quisera sempre escrever com a grave seriedade de Tácito, quando pinta os tiranos de Roma; mas a indignação me arrebatava, às vezes, para o estilo colérico de Juvenal; e se tenho sido prolixo em repetir os nomes de alguns sevandijas, é porque eles figuraram muito no quinquénio do novo Sardanapalo; e é preciso repetir os seus nomes nefandos como a igreja repete os nomes de Judas, Pilatos e outros, que se afamaram em Jerusalém perseguindo a Jesus Cristo com o pretexto de que ele não era realista, nem religioso, porque era inimigo do templo e do trono». O Visconde cita várias vezes Tácito nos seus *Inéditos...*, *Op. Cit.*, os *Anais* (livros 12, capítulo 53 e livro 14) e *A vida de Agrícola*, a pp. 78-79, 103, 148 e 257, mas não é possível obter correspondência entre os assuntos referidos quanto aos *Anais* e a tradução feita por José Liberato de Carvalho. Curiosamente, Santarém refere, nos *Inéditos*, *Op. Cit.*, p. 169, a «escola estoica dos tempos depravados de Nero e de Tibério», chamando-lhes «época de horror e de depravação», sem outros comentários.

²⁶ José Liberato Freire de Carvalho, *Ensaio histórico-político sobre a constituição e governo do reino de Portugal...*, Paris, na Oficina Tipográfica de Casimir, 1830, pp. 2-3 e Visconde de Santarém, *Memórias para a história e teoria das cortes gerais...*, Parte 1ª, Lisboa, Imprensa Régia, 1827, «Advertência Preliminar», p. IV.

Regeneração ocorre uma reforma estatutária da Academia das Ciências que *despromove* ambos os sócios a correspondentes da Academia, quando Liberato era sócio efectivo e Santarém sócio livre. Conforme nos conta nas suas *Memórias...*, José Liberato demite-se da Academia em 1853, no seu caso, quase cinquenta anos depois de nela ser admitido. Santarém não o faz, mas queixa-se de que apenas é informado de que passara a sócio correspondente vários anos depois do sucedido e de que era mais fácil saber notícias da China do que acontecia na dita agremiação intelectual de Lisboa... (27). Em todo o caso e por outras razões, já anulara a disposição testamentária que deixava em legado toda a sua terceira livreria à Academia das Ciências, o que significou uma tremenda perda da mesma para a posteridade, dado que o dito conjunto de livros foi leiloadado e disperso na sua maior parte. Santarém, morto aos 65 anos incompletos de tísica pulmonar, em plena laboração das suas obras, não nos deixou, infelizmente, quaisquer memórias pessoais, como o riquíssimo volume que José Liberato publicou ainda em vida e que serve de marco e de farol para conhecer a vida política e cultural dos finais do século XVIII e primeira metade do XIX. Tal conhecimento está enriquecido com um rigor e uma clareza de recordações e de caracterizações psicológicas e ideológicas que, embora subjectivas (como seria de esperar), ultrapassam em muito iguais projectos de Francisco Manuel de Trigoso Aragão Morato ou, mesmo, as obras em múltiplos volumes do marquês de Fronteira e do conde do Lavradio, publicadas posteriormente.

Embora não se refira ao Visconde de Santarém nas suas *Memórias...* e não haja notícia de contactos ou menções posteriores ao ex-ministro de D. Miguel senão nas obras supracitadas das décadas de 1830 e 1840, José Liberato e seu irmão, Francisco Freire de Carvalho, foram dois dos sócios que assinaram uma petição dirigida à rainha D. Maria II, em nome da Academia das Ciências, para que Santarém fosse recompensado com a grã-cruz da Ordem de Cristo, como veio a suceder a 26 de Dezembro de 1850. Desta forma agradecia a instituição e a soberana as diligências do Visconde para obter dos principais ministérios de França cópias gratuitas de obras publicadas, assim disponibilizadas para a biblioteca da Academia (28). O Visconde de Santarém e Liberato já faziam parte da Academia há muitos anos, quando sucedeu tal episódio de aparente reconciliação, em 1850; também pertenciam ao Instituto Histórico de França, tal como outros portugueses, José Liberato membro correspondente da 1ª classe (história geral) desde 30 de Março de 1835, Santarém da 2ª classe (ciências sociais e filosóficas) a 8 de Julho do mesmo ano (29). Dentro e fora de

²⁷ Visconde de Santarém, *Correspondência do...*, *Op. Cit.*, vol. VIII, pp. 292-293.

²⁸ Jordão de Freitas, *O 2º Visconde de Santarém e os seus Atlas Geográficos por...*, *Op. Cit.*, pp. 19-20, nota b).

²⁹ Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português...*, *Op. Cit.*, vol. IV, p. 418, Luís Reis Torgal, «Antes de Herculano...», in Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes e Fernando Catroga, *História da História em Portugal (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, p. 33, legenda, *Journal de L'Institut Historique de France*, t. III, À l'Administration de L'Institut Historique, 1835, p. 305 e Visconde de Santarém, *Inéditos...*, *Op. Cit.*, p. 85.

Portugal, as instituições procuravam reconciliar antigos ódios políticos, que não faziam já sentido após os finais das guerras civis de 1826-1827 e de 1832-1834, em cujas épocas José Liberato e o Visconde de Santarém conheceram diferentes formas de protagonismo, enquanto símbolos de uma busca pela Luz da cultura e do humanismo e, ao mesmo tempo – e sem aparente paradoxo – por uma recuperação salvífica da Tradição de instituições portuguesas e muito anteriores à fundação da nacionalidade.

Conclusão

Procurei, mediante confrontação de dados referentes a José Liberato e ao 1º e 2º Viscondes de Santarém, demonstrar como existiram temas afins na vida destas três figuras e, sobretudo, dos dois autores: intervenção ou comentário do processo de Gomes Freire de Andrade; a questão do ultramontanismo e da hipotética reintrodução da Companhia de Jesus em Portugal em 1814-1817; as cortes tradicionais e novas, fossem elas vintistas ou miguelistas; o tema, sempre polémico, da liberdade de imprensa durante o regime liberal; a legitimidade ou usurpação da monarquia de D. Miguel; e a reconciliação de liberais e absolutistas via integração em academias intelectuais, nacionais ou estrangeiras.

Espero assim ter contribuído com alguns elementos válidos para uma futura monografia de síntese e, mesmo, para um estudo colectivo sobre a vida e obra de José Liberato Freire de Carvalho que venha, um dia, a ser elaborado. Gostaria de pensar que a análise comparativa de vidas e obras contemporâneas, na primeira metade do século XIX, pode trazer algumas noções interessantes sobre a cidadania e a memória histórica no Portugal do século XXI e incentivar outros a fazerem o mesmo ou algo de semelhante, em termos de inovação e de conhecimento cultural.

Por fim, podem ser enunciadas como hipotéticas vantagens de estudos desta natureza a demonstração ou aprofundamento de temáticas comuns em figuras até então investigadas isoladamente; e como eventuais desvantagens, deste modo dar demasiada evidência a certas personalidades em detrimento de outras, ainda por analisar comparativamente, com um método similar.

Fontes e bibliografia consultadas e citadas

Manuscritas

- Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Legação de Portugal na Dinamarca, caixa 8, documento 3 (carta de 20 de Agosto de 1819).
- SANTARÉM, Visconde de, *Memórias Verídicas do meu Ministério durante os 3 Meses que o Exerçi*, 1827, Colecção Visconde de Santarém.

Impressas

- AMARAL, António Caetano do, «Memória I. Estado da Lusitânia até ao tempo em que foi reduzida a província romana», in *Memórias de Literatura Portuguesa, publicadas pela Academia Real das Ciências de Lisboa*, tomo I, Lisboa, na oficina da mesma Academia, 1792.
- BAIÃO, António, *O Visconde de Santarém como Guarda-Mor da Torre do Tombo (Aditamento)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1910.
- CARVALHO, José Liberato Freire de, *O Investigador Português em Inglaterra ou jornal político, literário, etc.*, vol. XIX, nº LXXIII, Londres, H. Bryer, Impressor, 1817.
- IDEM, *O Campeão português ou o amigo do rei e do povo. Jornal político, publicado... para advogar a causa e interesses de Portugal*, 4 vols., Londres, impresso por L. Thompson, 1819-1821.
- IDEM, *Ensaio histórico-político sobre a constituição e governo do reino de Portugal...*, Paris, na Oficina Tipográfica de Casimir, 1830.
- IDEM, *Memórias da vida de...*, Lisboa, Tipografia de José Baptista Morando, 1855.
- DIAS, Graça e Sebastião José da Silva, *Os Primórdios da Maçonaria em Portugal*, vol. I, t. II, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986 (2ª edição).
- DÓRIA António Álvaro, «Carvalho, José Liberato Freire de (1772-1855)», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. I, Porto, Livraria Figueirinhas, 1989 (2ª ed.; 1ª ed. 1975-1978), pp. 507-508.
- FREITAS, Jordão de, *O 2º Visconde de Santarém e os seus Atlas Geográficos por... (Estudo publicado pelo actual Visconde de Santarém)*, Lisboa, Oficina Tipográfica, 1909.
- IDEM, *Onde nasceu o 2º Visconde de Santarém? (Memória publicada pelo 3º Visconde de Santarém)*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1913.
- FRONTEIRA, Marquês de, *Memórias do... e d'Alorna, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, Ditadas por Ele Próprio em 1861...*, Lisboa, 1986 (reimpressão fac-similada da ed. de Coimbra de 1928), “Parte I – 1802 a 1818”.
- MACEDO, Inácio José de, *Considerações sobre as causas da elevação e decadência da monarquia portuguesa desde Afonso 1º [sic] até D Maria II por...*, Lisboa, na Imprensa da Rua dos Fanqueiros, 1834.
- MARQUES, António Henriques de Oliveira, *História da Maçonaria em Portugal*, vol. I, Lisboa, Editorial Presença, 1990.
- PROTÁSIO, Daniel Estudante, *Pensamento histórico e ação política do 2º Visconde de Santarém (1809-1855)*, Lisboa, Bubok Editorial, Março de 2014 (ISBN digital 978-84-686-4921-4), 336 pp.
- SANTARÉM, Visconde de, *Memórias para a história, e teoria das cortes gerais que em Portugal se celebraram pelos três estados do reino...*, Parte 1ª Lisboa, Impressão Régia, 1827.



- IDEM, *Inéditos (miscelânea), coligidos, coordenados e anotados por Jordão de Freitas (bibliotecário da Biblioteca da Ajuda) e trazidos à publicidade pelo 3º Visconde de Santarém*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1914.
- IDEM, *Catálogo da Terceira Livraria do...* (com uma introdução de António Baião), Lisboa, Alfredo Lamas, Mota e Cª, Editores, 1918.
- IDEM, *Correspondência do... Coligida, coordenada e com anotações de Rocha Martins (da Academia das Ciências de Lisboa). Publicada pelo 3º Visconde de Santarém*, vols. I, VI e VIII, Lisboa, Alfredo Lamas, Mota e Cª, Editores, 1918 e 1919.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Português. Estudos de... aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860.
- SOARES, Coronel Alberto Ribeiro, *Generais do Exército Português*, volume I, Lisboa, Biblioteca do Exército, 2003, p. 294.
- TORGAL, Luís Reis, «Antes de Herculano...», in Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes e Fernando Catroga, *História da História em Portugal (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 31-35.
- VALENTE, Vasco Pulido, *Os «Devoristas». A Revolução Liberal (1834-1836)*, Lisboa, Quetzal Editores, 1993.
- *Journal de L'Institut Historique de France*, t. III, À l'Administration de L'Institut Historique, 1835.

Webgrafia (consultada a 28/8/2015)

- BELCHIOR, Ygor Klain, «Uma análise dos estudos críticos sobre Tácito em Portugal no século XIX», *Politeia: História e Sociedade*, vol. 10, nº 1, 2010, pp. 187-202, in <http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/663/649>
- PROTÁSIO, Daniel Estudante, verbetes sobre José Liberato Freire de Carvalho e 2º Visconde de Santarém no *Dicionário de Historiadores Portugueses*, in http://dichp.bnportugal.pt/historiadores_rs.htm
- Google Books sobre periódico *El Español Constitucional: ó miscelanea de política, ciencias y artes, literatura, etc*
- www.wikipedia.es sobre Pedro Pascasio Fernández Sardinó.



FIGURAS DA HISTÓRIA

JOAQUIM PEDRO
VIEIRA JÚDICE BIKER,
UMA FIGURA DA
TOPONIMIA
PORTIMONENSE

| 53

por Nuno de Campos Inácio

JOAQUIM PEDRO VIEIRA JÚDICE BIKER
UMA FIGURA DA TOPONÍMIA PORTIMONENSE

por Nuno de Campos Inácio

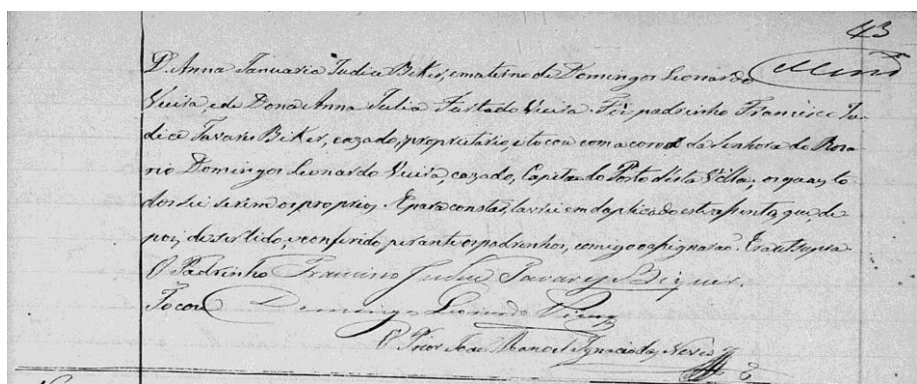
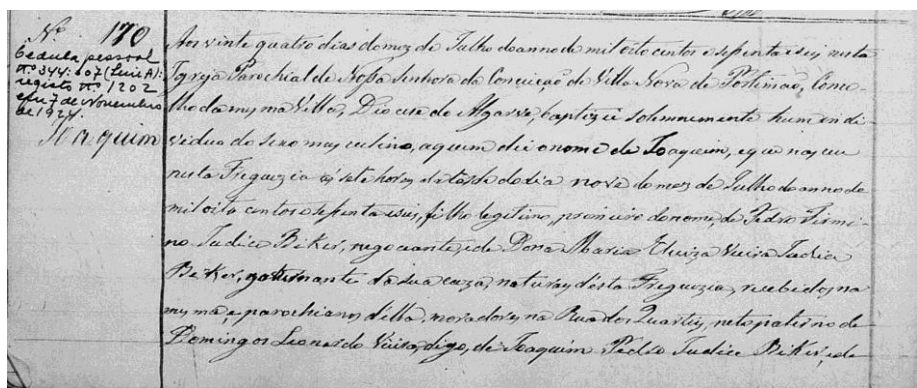


Joaquim Pedro Vieira Júdice Biker

A antiga Rua dos Quartéis, em Portimão, viu nascer na década de 1860 duas das figuras históricas mais relevantes desta cidade.

O primeiro, nascido em 1860, foi Manuel Teixeira Gomes, o segundo, nascido em 1866, foi Joaquim Pedro Vieira Júdice Biker.

Joaquim Pedro Vieira Júdice Biker, destacado militar e político português nasceu na, então, Rua dos Quartéis (actual Rua Júdice Biker em sua homenagem), na freguesia de Portimão, às 19 horas do dia 9 de Julho de 1866, tendo sido baptizado na Igreja Matriz de Portimão no dia 24 desse mesmo mês e ano, tendo por padrinho Francisco Júdice Tavares Biker, casado, proprietário, e tendo tocado com a Coroa da Senhora do Rosário, Domingos Leonardo Vieira Capitão do Porto de Vila Nova de Portimão. Era filho de Pedro Firmino Júdice Biker e de D. Maria Eloísa Furtado Vieira, ambos de Portimão.



Registo de baptismo de Joaquim Júdice Biker

Em 1876, com 10 anos de idade, integrou o Real Colégio Militar, onde fez a sua formação acadêmica e militar.

Alistou-se no Exército no batalhão de Caçadores N.º 4, no ano de 1884, mas optou pela transferência para a Marinha em 1886, frequentando a Escola Naval e fazendo carreira como oficial (Aspirante de 2.ª em 1886, Aspirante de 1.ª em 1889, Guardamarinha em 1890, 2.º Tenente em 1892, 1.º Tenente em 1893, Capitão-Tenente em 1910, Capitão-de-Fragata em 1917, Capitão de Mar-e-Guerra em 1925).

Em 1891 já se encontrava em África, onde cumpriu grande parte da sua carreira. Com o posto de Guarda-marinha distinguiu-se nas campanhas de 1891, contra a tribo dos Papéis¹, na Guiné. Em Abril de 1891 essa tribo realizou um forte ataque a Bissau, causando entre 80 e 114. Este acontecimento provocou a substituição do Governador Gonçalves dos Santos pelo Tenente-Coronel Luís Augusto de Vasconcelos e Sá. Este

¹ Os Papéis são uma das cerca de 30 etnias da Guiné-Bissau.

novo Governador conseguiu negociar com a tribo, obtendo a acalmia em finais de 1893. Nesse período de confronto Joaquim Júdice Biker adquiriu grande prestígio, ao ponto de ter sido nomeado Governador do Distrito do Limpopo, em Moçambique, cargo que ocupou entre 25 de Maio de 1893 e 16 de Fevereiro de 1894.

Em 1897 estaria em Portugal pois, no dia 7 de Agosto de 1897, casou na freguesia da Lapa, em Lisboa, com D. Maria José Andrade Corvo Barroso, nascida na freguesia de São Mamede, em Lisboa, às 21 horas do dia 12 de Outubro de 1874 e aí baptizada a 5 de Março de 1875, tendo por padrinhos João Douthat, proprietário, e sua mulher D. Joana Maria Guimarães. Maria José Barroso era filha do advogado Dr. Pedro Guimarães Barroso e de D. Maria do Pilar Andrade Corvo, ele da freguesia de Santa Justa e ela da freguesia de São Mamede, recebidos na freguesia de Santos-o-Velho, neta paterna de António José Barroso Alves da Cunha e de D. Maria José Guimarães Barroso, neta materna de João de Andrade Corvo e de D. Maria do Pilar de Andrade Corvo, todos da cidade de Lisboa. Conforme consta do seu registo de casamento Júdice Biker era morador na freguesia da Lapa, em Lisboa.

Nº 31 Aos sete dias do mez de agosto 67
 Joaquim Pedro anno de mil oitocentos noventa e sete, nista Igreja Parochial de Nossa Senhora da Lapa de Lisboa na minha
 presença compareceram os nup-
 tios Joaquim Pedro Vieira Juiz e
 Biker, primeiro tenente de armadas, e de
 Maria Jose e Maria de Lôrna Barroso solteiras
 que sei serem as proprias com to-
 dos os papeis do estylo correntes sem
 impedimento. Algum canonico ou
 civil, e subscrito de vinte an-
 nos de idade baptizada na fregue-
 sia de Villa e Torre de Portimão,
 morador nesta da Lapa, filho
 legitimo de Pedro Bismiro Ju-
 dice Biker, e de D. Maria
 Elisa Vieira Ju-
 dice Biker, naturessas
 de Villa e Torre de Portimão
 e subscrito de vinte
 e dois annos de idade,
 baptizada na freguesia
 de São Mamede, mora-
 dor na de São Paulo,
 ambas d' esta Capital.

filha legítima de D. Pe-
dro Guimarães Barro-
so, e de D. Elvira de Filar
Andrade Corvo Barroso, na

| 57

naturais de Lisboa;
as quaes nubentes se receberam
por marido e mulher, e o
pior desta freguesia
em unido em matri-
monio procedendo-se em todo
este acto conforme o rito da
Santa e Madre Igreja Catholica
e Apostolica Romana. Foram
testemunhas presentes que
se-
serem as proprias, O Conselleiro
João Antonio Frias das Neves Ser-
reiro, Capitão de mar e guerra,
casado, morador no bairro Andradal,
e o Sr. Juiz de Paz Barroso,
pai da nubente, morador no
bairro de Santa Cruz, e o Sr. Juiz de Paz
E para constar se lavrou em du-
plicado este assento que depois de
ser lido e conferido perante os con-
juges e testemunhas. Commu-
go o assignaram, e assignou
Maria José de Figueiredo Barroso
por quem o Sr. Juiz de Paz de Lisboa
João Antonio de Frias das Neves Ser-
reiro assignou Barroso. Jo-
ão de Figueiredo Barroso
Sr. Custodio Nunes Borges de Carvalho

Registo de casamento celebrado entre Joaquim Júdice Biker e D. Maria José Barroso

Deste casamento veio a nascer um filho, Pedro de Andrade Corvo Barroso Júdice Biker que, a 6 de Abril de 1926, envia uma carta à Câmara dos Deputados, agradecendo o voto de sentimento pela morte de seu pai.

A 7 de Junho de 1900 é nomeado Governador da Guiné, tendo tomado posse a 12 de Julho desse mesmo ano. No exercício desse cargo liderou várias campanhas contra os rebeldes, das quais se destacam:

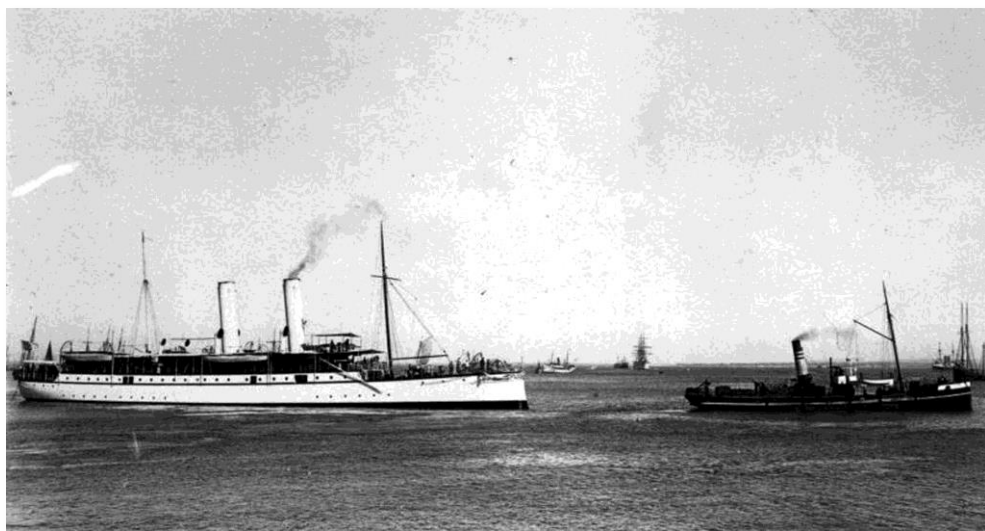
- Guerra aos Bijagós da ilha de Canhabaque, em Outubro de 1900;
- Campanha de Jufunco, em Março de 1901
- 2.^a Guerra do Otjo, em Março de 1902 (Júdice Biker já tinha participado na 1.^a Guerra), onde conseguiu impor o Imposto da Palhota, que os Soninquês se recusavam a pagar.
- Campanha de Arame, em Maio de 1903



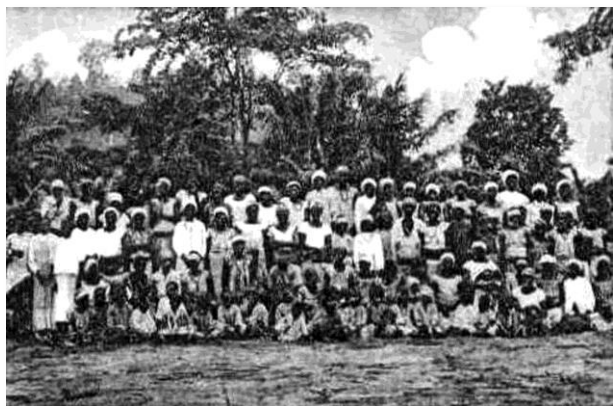
Embarque de auxiliares na Guerra de Bijagós.

Pela forma como soube submeter os revoltosos obteve as insígnias de Comendador da Torre e Espada, a 17 de Maio de 1901, e a medalha de ouro de valor militar.

Foi comandante de vários navios da Armada Portuguesa, de entre os quais se destaca o aviso 5 de Outubro (antigo Iate Amélia IV, que levou a Família Real para o exílio após a implantação da República).



Iate Amélia IV em 1906



Já após a implantação da República, Joaquim Júdice Biker é nomeado Governador de Cabo Verde, a 27 de Maio de 1911, tomando posse a 5 de Junho de 1911.

| 59

Desempenhou esse cargo até ao dia 14 de Agosto de 1915. Foi Comissário do Governo para a repatriação dos indígenas em São Tomé e Príncipe, em 1914.

Grupo de Cabo-verdianos em São Tomé e Príncipe

Durante a I Grande Guerra Mundial desempenhou funções na base de desembarque do Corpo Expedicionário Português, em França, até ser nomeado comandante do batalhão expedicionário da Marinha com destino a Moçambique, em Abril de 1918. Este batalhão era composto por 18 oficiais e 990 marinheiros. Chegados a Moçambique a 1 de agosto de 1918, dirigiram-se para Quelimane, com o intuito de pacificar a região, que tinha sido invadida pelas tropas alemãs. Terminado o conflito, o batalhão expedicionário da Marinha regressou a Lisboa a 21 de Abril de 1919.



Navio-Hospital Quelimane em Lourenço Marques, durante a I Guerra Mundial.



Além da sua notável carreira militar e administrativa, Joaquim Júdice Biker enveredou igualmente na vida política, tendo militado e ocupado cargos dirigentes no Partido Republicano Liberal e no Partido Republicano Nacionalista. Foi Ministro da Marinha em duas ocasiões: a primeira entre 8 de Março e 26 de Junho de 1920, no Governo liderado por António Maria Batista e, após a morte deste no dia 6 de Junho, por José Ramos Preto; a segunda vez entre 15 de Novembro e 17 de Dezembro de 1923, no Governo liderado por António Ginestal Machado. Foi, assim, Ministro da Marinha no período em que o seu vizinho portimonense Manuel Teixeira Gomes exercia as funções de Presidente da República.

Durante o seu primeiro ministério, a 19 de Março, por se temer uma revolta bolchevista em Lisboa, uma força naval inglesa fez exercícios de fogo real a meio do Tejo. No dia 8 de Maio chegaram a Lisboa os dois hidroaviões que Sacadura Cabral trouxe de Inglaterra.



Hidroavião de Sacadura Cabral no Tejo

Foi comandante da Escola Prática de Torpedos e Electricidade (entre Outubro de 1923 e Setembro de 1924) e da brigada de Mecânicos Navais (desde 18 de Agosto de 1925 até à data da sua morte).

Faleceu em Lisboa, no dia 21 de Janeiro de 1926.



Sucessão de imagens do funeral de Joaquim Júdice Biker



Rua Júdice Biker, em Portimão

APONTAMENTO GENEALÓGICO

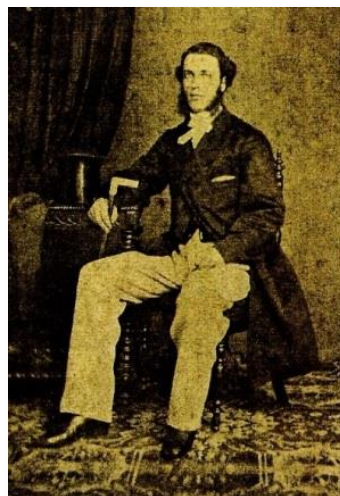
1 – Joaquim Pedro Vieira Júdice Biker

País:

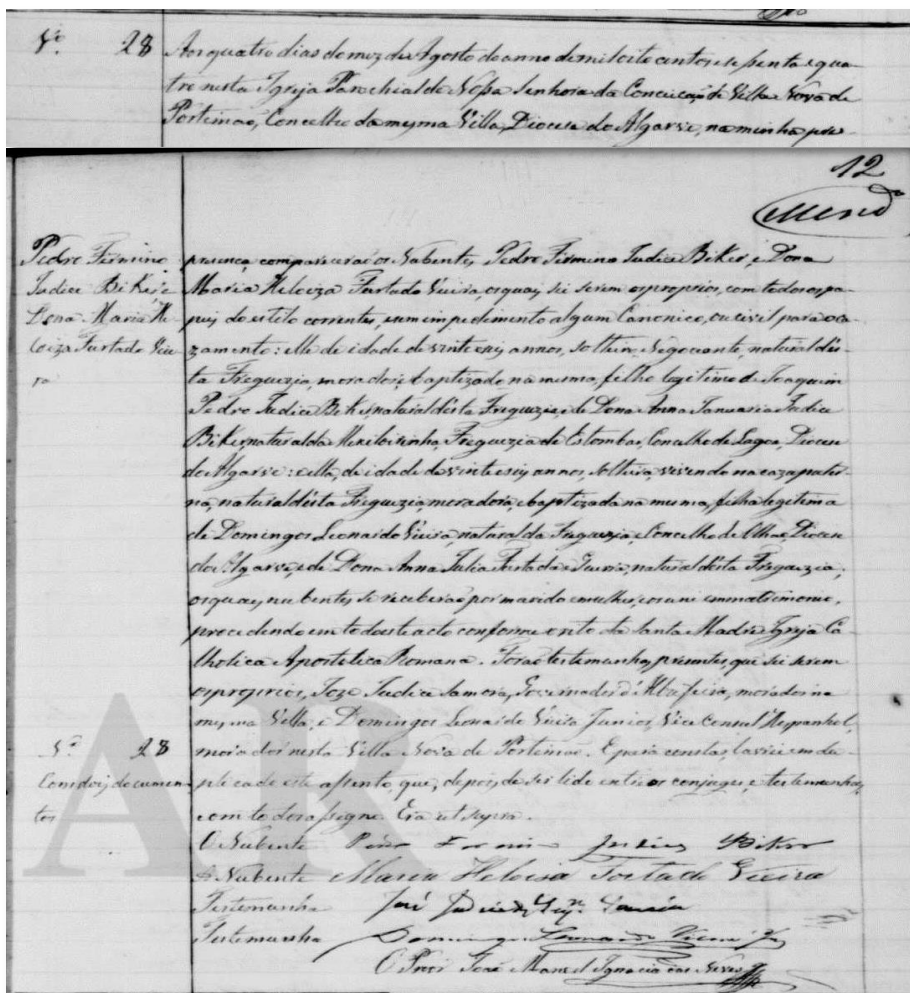
2 – Pedro Firmino Júdice Biker, nascido em Portimão em Julho de 1838², negociante, morador na Rua dos Quartéis. Casou em Portimão, a 4 de Agosto de 1864, com

3 – D. Maria Eloísa Furtado Vieira, nascida em Portimão, a 23 de Março de 1838.

Pedro Firmino Júdice Biker



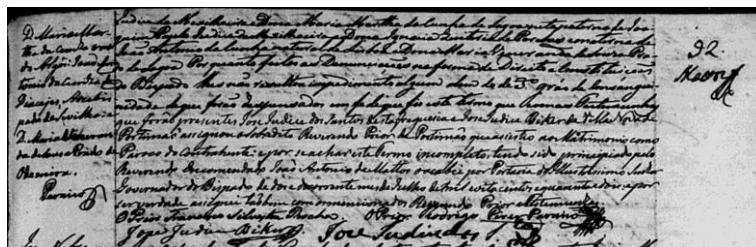
² O registo de baptismo não diz o dia de nascimento.



Registo de Casamento de Pedro Biker e Maria Vieira

Avós:

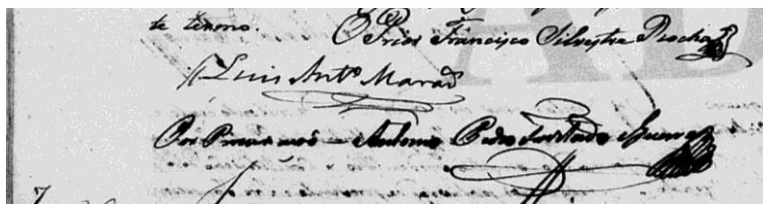
- 4 – **Joaquim Pedro Júdice Biker**, nascido em Portimão, a 3 de Junho de 1809. Cadete do Regimento de Infantaria N.º 2 teve degredo para Angola. Foi um dos presos de Estado na Torre de São Julião da Barra, por oposição ao Regime Miguelista (1833-1834). Casou em Estômbar, a 30 de Agosto de 1836, com
- 5 – **D. Ana Januária da Cunha Júdice**, natural de Estômbar.



6 – **Domingos Leonardo Vieira**, natural de Olhão e Capitão do Porto de Portimão (padrinho de baptismo do neto). Casou em Portimão, a 8 de Maio de 1837, com

7 – **D. Ana Júlia Furtada da Guerra**, que também aparece documentada como D. Ana Júlia Furtado Vieira, natural de Portimão.

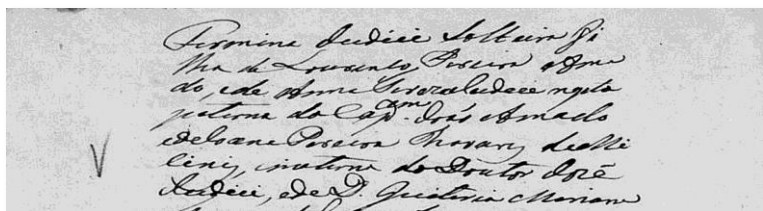
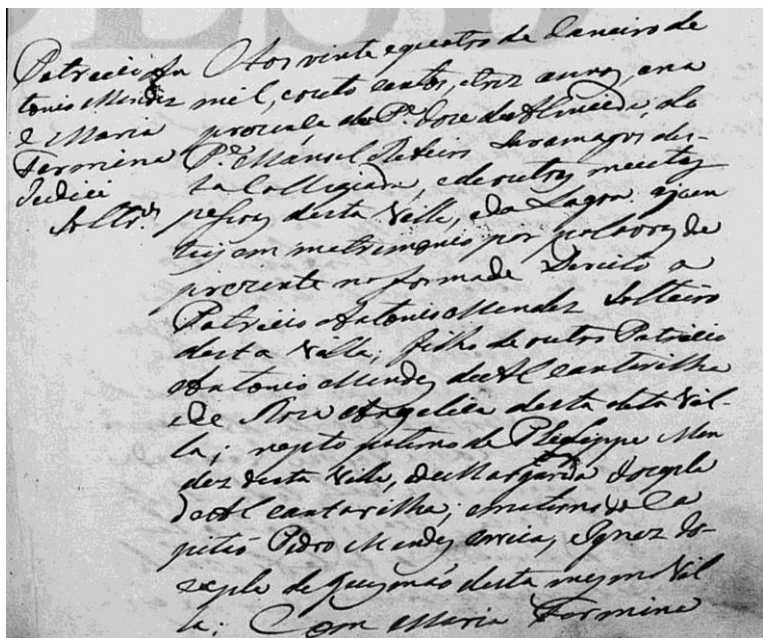




Registo de Casamento de Domingos Vieira com Ana Guerra

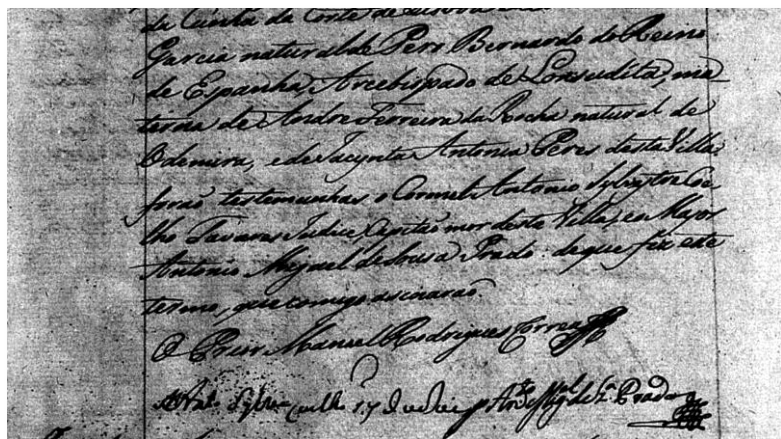
Bisavós:

- 8 – **Patrício António Mendes Biker**, nascido em Alcantarilha, a 3 de Março de 1762.
Casou em Portimão, a 24 de Janeiro de 1803, com
- 9 – **D. Maria Firmina Júdice**, nascida em Silves, a 11 de Outubro de 1783.



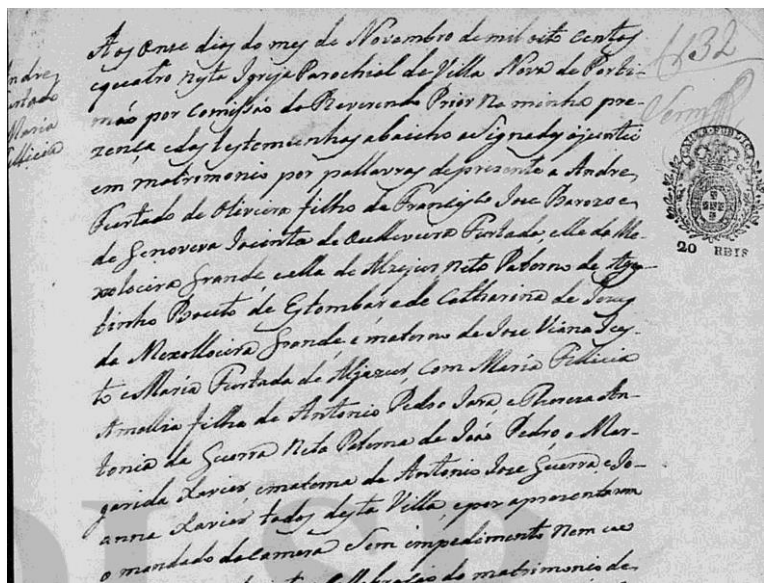


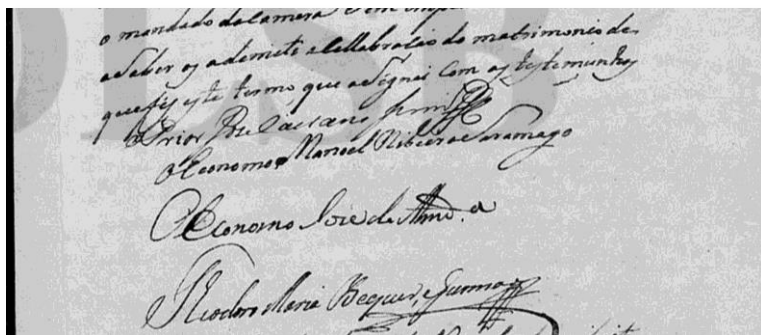
- e de Luiza da Conceição do Parahy; D.^a Maria
Martha da Cunha natural da frequência do Al-
gor solteiro; filha legítima de D.^s Antônia da
Cunha natural de Enge; e de ali pelo seu
filho, Raimundo Espinheira de D.^s Maria Esméria
dona; João natural da Villa de Pernambuco; Pri-
meiro do Rio; neto paterno de Antônio Manoel
da Cunha da Costa de Lisboa e de Anna Maria



Registo de casamento de António Júdice com Maria Cunha

- 12 – **Domingos Leonardo**, natural de Olhão. Casou com
13 – **Maria do Rosário**, natural de Olhão.
14 – **André Furtado de Oliveira**, natural da Mexilhoeira Grande. Casou em
Portimão, a 11 de Novembro de 1804, com
15 – **Maria Felícia da Guerra**, natural de Portimão.





Registro de casamento de André Oliveira e de Maria Guerra

Trisavós:

- 16 – **Patrício António Mendes**, natural de Alcantarilha. Capitão. Casou com
- 17 – **Rosa Angélica do Céu**, nascida em Portimão, a 9 de Junho de 1725
- 18 – **Lourenço Pereira Tavares**, que também aparece documentado como Lourenço Pereira Amado, natural de Portimão. Casou em Silves, a 11 de Fevereiro de 1771, com
- 19 – **D. Ana Teresa Júdice**, nascida na Mexilhoeira da Carregação, da freguesia de Estômbar, a 10 de Setembro de 1744.
- 20 – **Joaquim Paulo Júdice Coelho**, nascido em Estômbar, a 2 de Novembro de 1756. Casou em Porches, a 25 de Fevereiro de 1783, com
- 21 – **Inácia Quitéria**, nascida em Porches, a 18 de Setembro de 1764.
- 22 – **João António da Cunha**, natural de Diacejes, Sevilha. Professor Régio de Grego. Casou em Lagoa, a 13 de Maio de 1790, com
- 23 – **D. Maria Veneranda de Sousa Prado**, natural de Odemira.
- 24 – **Leonardo da Graça**, natural de Olhão. Casou com
- 25 – **Maria de Jesus**, natural de Olhão.
- 26 – **Manuel Vieira**, natural de Olhão. Casou com
- 27 – **Teresa de Jesus**, natural de Olhão.
- 28 – **Francisco José Barroso**, natural da Mexilhoeira Grande. Casou com
- 29 – **Genoveva Jacinta de Oliveira Furtada**, natural de Aljezur.
- 30 – **António Pedro Jara**, natural de Portimão. Casou em Portimão, a 6 de Fevereiro de 1776, com
- 31 – **Teresa Antónia da Guerra**, que também aparece documentada como Teresa Antónia do Carmo, natural de Lagos.

Tetravós:



- 32 – **Filipe Mendes**, natural de Portimão. Casou em Alcantarilha, a 21 de Abril de 1722, com³
- 33 – **Margarida Josefa da Piedade**, natural de Silves.
- 34 – **Pedro Mendes Correia**, nascido em Portimão, a 29 de Junho de 1694. Boticário e Capitão de um Forte do Reino do Algarve. Casou em Portimão, a 7 de Fevereiro de 1712, com
- 35 – **Inês Josefa de Gusmão**, nascida em Portimão, a 2 de Janeiro de 1697.
- 36 – **João Amado**, natural de São Bartolomeu de Messines. Capitão. Casou em São Bartolomeu de Messines, a 3 de Janeiro de 1731, com
- 37 – **Joana Pereira Tavares**, natural de Silves.
- 38 – **José Júdice**, natural de São Pedro de Arena, Génova, Itália. Bacharel em Direito, foi Juiz. Naturalizado português em 1731. Casou em São Bartolomeu de Messines, a 11 de Fevereiro de 1744, com
- 39 – **D. Quitéria Marina Tavares**, natural de São Bartolomeu de Messines.
- 40 – **José Júdice**, natural de São Pedro de Arena, Génova, Itália. Bacharel em Direito, foi Juiz. Naturalizado português em 1731. Casou em São Bartolomeu de Messines, a 11 de Fevereiro de 1744, com
- 41 – **D. Quitéria Marina Tavares**, natural de São Bartolomeu de Messines.
- 42 – **Pedro da Silva Negrão**, nascido no Sítio do Vale de Olival, a 6 de Agosto de 1734. Alferes. Casou em Porches, a 16 de Agosto de 1757, com
- 43 – **Luzia da Conceição**, nascida em São Bartolomeu de Messines, a 18 de Outubro de 1734.
- 44 – **Dr. Manuel António da Cunha**, natural de Lisboa. Doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra. Casou com
- 45 – **D. Maria Garcia**, natural de Pêro Bernardo – Espanha.
- 46 – **André Ferreira da Rocha**, nascida em Santa Maria - Odemira, a 27 de Maio de 1736. Casou em São Salvador – Odemira, a 2 de Janeiro de 1757, com
- 47 – **Jacinta Antónia Peres de Sousa**, natural de Lagoa.
- 56 – **Agostinho Boto**, natural de Estômbar. Casou com
- 57 – **Catarina de Jesus**, natural da Mexilhoeira Grande.
- 58 – **José Viana**, natural de Aljezur. Casou com
- 59 – **Maria Furtada**, natural de Aljezur.
- 60 – **João Jara**, natural de Portimão. Casou em Portimão, a 2 de Maio de 1742, com

³ Esta genealogia tem sido apresentada de forma errada. O registo de casamento comprova que Filipe Mendes não é descendente de João Biker, como erradamente tem sido apresentado. O apelido Biker entra na descendência por via materna e não por via paterna.



- 61 – **Margarida Xavier**, natural de Portimão.
 - 62 – **António José Guerra**, natural de Portimão. Casou em Portimão, a 5 de Abril de 1740, com
 - 63 – **Joana Xavier de Santa Rita**, natural de Portimão.
- 5.ºs Avós:
- 64 – **Luís Mendes Estevens**, natural da cidade de Lagos, cristão-novo. Casou na freguesia de Santa Maria de Lagoa, a 11 de Agosto de 1685, com
 - 65 – **Bárbara Rodrigues**, que aparece documentada como natural da Vila do Bispo e como natural do Cabo de São Vicente.
 - 66 – **Afonso Lourenço**, natural de Silves. Casou com
 - 67 – **Domingas Gonçalves**, natural de Silves.
 - 68 – **Luís Mendes Estevens**, natural da cidade de Lagos, cristão-novo. Casou na freguesia de Santa Maria de Lagoa, a 11 de Agosto de 1685, com
 - 69 – **Bárbara Rodrigues**, que aparece documentada como natural da Vila do Bispo e como natural do Cabo de São Vicente.
 - 70 – **João Biker**, natural da cidade de Colónia, na Alemanha. Casou em Portimão, a 19 de Janeiro de 1687, com
 - 71 – **Catarina Felícia de Gusmão**, natural de Portimão.
 - 72 – **Domingos Martins**, natural de São Bartolomeu de Messines. Casou com
 - 73 – **Inês Mendes**, natural de São Bartolomeu de Messines.
 - 74 – **Francisco Dias Louzeiro**, natural de Silves. Casou em Monchique, a 4 de Janeiro de 1698, com
 - 75 – **Águeda Coelha**, natural de Monchique.
 - 76 – **Paulo André Júdice**, natural de Génova. Casou com
 - 77 – **Angela Maria Guaglia**, natural de Génova.
 - 78 – **José Tavares**, natural de São Bartolomeu de Messines. Casou em São Bartolomeu de Messines, a 23 de Fevereiro de 1721, com
 - 79 – **Beatriz dos Santos**, natural de São Bartolomeu de Messines, viúva de José Gomes Carlos.
 - 80 – **Paulo André Júdice**, natural de Génova. Casou com
 - 81 – **Angela Maria Guaglia**, natural de Génova.
 - 82 – **José Tavares**, natural de São Bartolomeu de Messines. Casou em São Bartolomeu de Messines, a 23 de Fevereiro de 1721, com
 - 83 – **Beatriz dos Santos**, natural de São Bartolomeu de Messines, viúva de José Gomes Carlos.



- 84 – **Domingos da Silva Negrão**, nascido em Porches, a 20 de Dezembro de 1699. Casou em Porches, a 15 de Março de 1721, com
- 85 – **Isabel da Silva**, nascida em Porches, a 29 de Janeiro de 1697.
- 86 – **Domingos Martins**, natural de São Bartolomeu de Messines. Casou em São Bartolomeu de Messines, a 18 de Setembro de 1725, com
- 87 – **Ana Gonçalves**, nascida em São Bartolomeu de Messines, a 20 de Novembro de 1696.
- 92 – **Isidoro Ferreira da Rocha**, natural de São Julião – Lisboa. Casou em São Salvador – Odemira, a 13 de Fevereiro de 1735, com
- 93 – **D. Bernarda Jerónima de Mello**, baptizada em Mértola, a 1 de Novembro de 1714.
- 94 – **António de Sousa Prado**, baptizado em Portimão, a 2 de Julho de 1682. Capitão de Ordenanças e Capitão-Mor de Portimão. Casou em Lagoa, a 17 de Abril de 1736, com
- 95 – **Isabel Felícia da Palma**, baptizada em Lagoa, a 3 de Julho de 1718.
- 120 – **João André Jara**, natural de Génova. Casou em Portimão, a 21 de Dezembro de 1708, com
- 121 – **Leonor da Cruz**, natural de Portimão.
- 122 – **José Álvares**, natural de Lagos, ferrador. Casou em Portimão, a 28 de Novembro de 1713, com
- 123 – **Brites das Candeias**, natural de Portimão.
- 124 – **José António Guerra**, natural de Portimão. Casou com
- 125 – **Bernarda Josefa Pargana**, natural de Portimão.
- 126 – **Domingos da Fonseca Lamego**, natural de Portimão. Casou com
- 127 – **Isabel Maria**, natural de Portimão
- 6.ºs Avós:
- 128 – **António Fernandes Mendes**, natural da cidade de Lagos. Casou com
- 129 – **Maria Ferreira**, natural da cidade de Lagos.
- 130 – **Filipe Rodrigues**, natural da cidade de Lagos. Casou com
- 131 – **Domingas Dias**, natural da cidade de Lagos.
- 136 – **António Fernandes Mendes**, natural da cidade de Lagos. Casou com
- 137 – **Maria Ferreira**, natural da cidade de Lagos.
- 138 – **Filipe Rodrigues**, natural da cidade de Lagos. Casou com
- 139 – **Domingas Dias**, natural da cidade de Lagos.
- 140 – **Teodónio Bequer**, natural da Alemanha. Casou com



- 141 – **Catarina Madeira**, natural da Alemanha.
- 142 – **António Filipe de Gusmão**, natural de Portimão. Casou com
- 143 – **Inês Fernandes de São José**, natural de Portimão.
- 148 – **Gaspar Louzeiro**, natural de Silves. Casou com
- 149 – **Maria Lobata**, natural de Silves.
- 150 – **Manuel Pereira**, natural de Monchique. Casou com
- 151 – **Maria da Cruz**, natural de Monchique.
- 152 – **João Júdice**, natural de Génova. Casou com
- 153 – **Maria Rosa Marengi**, natural de Génova.
- 154 – **Sebastião Guaglia**, natural de Génova. Casou com
- 155 – **Maria**, natural de Génova.
- 156 – **António Tavares**, natural de Monchique. Casou em Monchique, a 19 de Janeiro de 1671, com
- 157 – **Catarina Coelho**, natural de Monchique.
- 160 – **João Júdice**, natural de Génova. Casou com
- 161 – **Maria Rosa Marengi**, natural de Génova.
- 162 – **Sebastião Guaglia**, natural de Génova. Casou com
- 163 – **Maria**, natural de Génova.
- 164 – **António Tavares**, natural de Monchique. Casou em Monchique, a 19 de Janeiro de 1671, com
- 165 – **Catarina Coelho**, natural de Monchique.
- 168 – **António Dias Negrão**, baptizado em Porches, a 22 de Dezembro de 1659, tendo por padrinhos Francisco Pereira, filho do Capitão João Galego, e Margarida das Neves, mulher de Vicente Gonçalves, de Alcantarilha. Casou em Porches, a 27 de Março de 1689, com dispensa pelos 3.º e 4.º graus de consanguinidade, com
- 169 – **Maria da Silva**, nascida em Porches, a 17 de Agosto de 1673.
- 170 – **António da Silva Sovereira**, baptizado em Porches, a 17 de Junho de 1668 e falecido nessa mesma freguesia, a 28 de Março de 1743. Casou em Porches, a 26 de Janeiro de 1693, com
- 171 – **Margarida dos Santos**, baptizada em Porches, a 16 de Junho de 1669.
- 172 – **Bartolomeu Anes**, natural de São Bartolomeu de Messines. Casou com
- 173 – **Beatriz Lourenço**, natural de São Bartolomeu de Messines.
- 174 – **Francisco Vaz**, natural de São Bartolomeu de Messines. Casou com
- 175 – **Maria Gonçalves**, natural de São Bartolomeu de Messines.



- 184 – **André Ferreira da Rocha**, natural de Lisboa. Casou com
- 185 – **Leonor de Sá**, natural de Lisboa.
- 186 – **Vicente Rodrigues Afilhado**, baptizado em Sabóia, a 31 de Julho de 1697.
Casou em Salvador – Odemira, a 27 de Julho de 1712, com
- 187 – **Margarida Madalena de Mello**, natural de Ferreira do Alentejo.
- 188 – **António de Sousa Prado**, que terá nascido cerca de 1653 em Málaga ou em Torre da Estrada, nas Astúrias, sendo depois “mercador de loja grossa” em Portimão, conforme consta do processo de habilitação para o Santo Ofício de um seu descendente, o Padre Ângelo José de Sousa Prado. Casou em Portimão, a 14 de Junho de 1673, com
- 189 – **Ângela Peres Estrada**, natural de Torre Estrada, nas Astúrias.
- 190 – **Manuel Rodrigues Pimenta**, nascido em Pêra, a 9 de Fevereiro de 1673.
Casou em Lagoa, a 15 de Novembro de 1706, com
- 191 – **Sebastiana da Palma de Oliveira**, nascida em Alvor, a 18 de Janeiro de 1683.
- 240 – **Estêvão Jara**, natural de Génova. Casou com
- 241 – **Paula Benibo**, natural de Génova.
- 242 – **António Rodrigues**, natural de Portimão. Casou em Portimão, a 23 de Janeiro de 1678, com
- 243 – **Maria da Cruz**, natural de Portimão.
- 244 – **Luís Álvares**, natural de Lagos. Casou com
- 245 – **Maria Rodrigues**, natural de Lagos.
- 246 – **João Francês**, natural de França. Casou em Portimão, a 16 de Janeiro de 1673, com
- 247 – **Margarida Gonçalves**, natural de Portimão.
- 7.ºs Avós
- 304 – **Zanutti Júdice**, natural de Génova.
- 306 – **Nicolau Marengghi**, natural de Génova.
- 312 – **Francisco Tavares**, natural da freguesia de Monchique. Casou com
- 313 – **Brites Dias**, natural da freguesia de Monchique.
- 314 – **Baltazar Fernandes**, natural da freguesia de São Bartolomeu de Messines.
Casou com
- 315 – **Maria Dias**, natural da freguesia de São Bartolomeu de Messines.
- 320 – **Zanutti Júdice**, natural de Génova.
- 322 – **Nicolau Marengghi**, natural de Génova.
- 328 – **Francisco Tavares**, natural da freguesia de Monchique. Casou com



- 329 - **Brites Dias**, natural da freguesia de Monchique.
- 330 - **Baltazar Fernandes**, natural da freguesia de São Bartolomeu de Messines.
Casou com
- 331 - **Maria Dias**, natural da freguesia de São Bartolomeu de Messines.
- 336 - **António Dias Negrão**, crismado em Porches, a 3 de Fevereiro de 1622, sendo padrinho de crisma Francisco Correia. Casou em Porches, a 19 de Junho de 1639, com
- 337 - **Beatriz Afilhada**, natural da freguesia de Porches.
- 338 - **Pedro da Silva Mexia**, nascido em Portimão, a 20 de Agosto de 1644. Casou em Silves, a 16 de Junho de 1669, com
- 339 - **Isabel de Arez Serrão**, natural de Silves e falecida em Portimão, a 11 de Fevereiro de 1674.
- 340 - **Gaspar dos Santos**, baptizado em Porches, a 31 de Janeiro de 1637, tendo por padrinhos Inácio de Sousa e Maria d'Arez. Casou com
- 341 - **Isabel Velha**, natural de Porches.
- 342 - **Francisco Nunes**, natural de Porches. Casou com
- 343 - **Maria dos Santos**, que também aparece documentada como Maria Santa, natural de Porches.
- 372 - **Vicente Rodrigues Afilhado**, natural de Sabóia. Capitão de Ordenanças.
Casou com
- 373 - **Maria da Encarnação**, natural de Sabóia.
- 374 - **Vasco Figueira Raposo Coelho**, natural de Ferreira do Alentejo. Capitão.
Fidalgo de Cota de Armas. Casou com
- 375 - **Maria Rodrigues Montês**, natural de Ferreira do Alentejo.
- 376 - **Francisco de Sousa Prado**, natural de Málaga. Casou com
- 377 - **Maria da Assunção**, natural de Málaga.
- 378 - **Diogo Peres Estrada**, natural de Espanha. Casou com
- 379 - **Ana Gonçalves**, natural de Silves.
- 380 - **Sebastião Afonso**, natural de Pêra. Casou com
- 381 - **Maria Vieira**, natural de Lagoa.
- 382 - **João Fernandes Álvares**, natural de Pêra. Casou com
- 383 - **Maria da Palma Oliveira**, natural de Alvor⁴.
- 484 - **João Gonçalves**, natural de Portimão. Casou com
- 485 - **Leonor Dias**, natural de Portimão.

⁴ Em algumas genealogias aparece como filha de Vicente Velho da Silva e de Maria da Palma.



- 486 – **João Fernandes**, natural de Portimão. Casou na condição de viúvo, em Portimão, a 28 de Julho de 1664, com
- 487 – **Brites Gonçalves**, natural de Portimão.
- 494 – **João Francês**, que também aparece documentado como João de Esquilo e como João de Esquilão, natural de França, caldeireiro. Casou em Portimão, a 27 de Outubro de 1648, com | 75
- 495 – **Gracia dos Santos**, natural de Portimão.
- 8.ºs Avós:
- 672 – **Luís Afonso Neves**, natural de Porches. Casou com
- 673 – **Catarina Vicente**, natural de Porches.
- 674 – **Francisco Botelho**, natural de Porches. Casou com
- 675 – **Margarida Neta**, natural de Porches.
- 676 – **Pedro da Silva**, crismado em Porches, a 3 de Fevereiro de 1622, tendo como padrinho de crisma Miguel Bentes. Casou em Portimão, a 4 de Novembro de 1639, com dispensa pelos 2.º e 3.º graus de consanguinidade, com
- 677 – **Brites Cabrita de Sousa**, natural de Portimão
- 678 – **João Álvares Serrão**, natural de Silves. Casou com
- 679 – **Maria de Arez**, natural de Portimão.
- 680 – **Manuel dos Santos Sovereira**, natural de Porches. Casou em Porches, a 13 de Maio de 1624, com
- 681 – **Beatriz Maria Álvares**, natural de Porches.
- 748 – **Miguel de Mello Coelho**, natural de Odemira. Capitão-mor de Odemira Casou em Santa Maria – Odemira, a 18 de Maio de 1650, com
- 749 – **Ana Maria Raposo**, natural de Ferreira do Alentejo.
- 974 – **Custódio Dias**, natural de Portimão. Casou com
- 975 – **Brites Gonçalves**, natural de Portimão.
- 990 – **Álvaro Dias**, natural de Portimão. Casou com
- 991 – **Margarida Gonçalves**, natural de Portimão.
- 9.ºs Avós:
- 1352 – **Miguel Raposo Mexia**, natural de Lagoa. Capitão de Ordenanças. Casou em Lagoa, em 1601, com
- 1353 – **Francisca das Neves**, natural de Lagoa.
- 1354 – **Luís Martins de Sousa**, natural de Portimão. Casou com
- 1355 – **Margarida Nunes Cabrita**, baptizada em Portimão, a 11 de Abril de 1577, tendo por padrinhos Henrique Luís, Prior do Santo Bispado e Cabido, e Catarina Gonçalves.



- 1496 – **João Coelho de Mello**, natural de Odemira. Capitão na Ilha de Santiago – Cabo Verde. Fidalgo de Cota d’Armas. Casou com
- 1497 – **Verónica Pinto**, natural de Odemira, onde faleceu a 20 de Setembro de 1627.
- 1498 – **Manuel Figueira Raposo**, natural de Ferreira do Alentejo. Casou com
- 1499 – **Brazia Coelho Fragoso**, natural de Ferreira do Alentejo.
- 10.ºs Avós:
- 2704 – [...] **Raposo**, natural de Lagoa. Casou com
- 2705 – **Mécia de Araújo**, natural de Lagoa.
- 2708 – **Rui Lopes**, natural de Portimão. Mercador e proprietário de escravos. Casou com
- 2709 – **Graça Henriques**, natural de Portimão.
- 2710 – **Jerónimo Alves Chassim**, natural de Portimão. Escrivão da Câmara de Portimão e Tabelião em 1576. Casou com
- 2711 – **Beatriz Cabrita**, natural de Portimão, onde faleceu a 26 de Junho de 1592.
- 2992 – **Baltazar Coelho Caldeira**, natural da Ilha Terceira, Açores. Capitão de Infantaria. Casou com
- 2993 – **Catarina Henriques de Sousa**, irmã de Diogo Henriques Sodré, governador e capitão general das ilhas de Cabo Verde.
- 11.ºs Avós:
- 5422 – **Francisco Cabrita**, natural de Portimão. Capitão-Mor de Portimão, Moço de Câmara d’El-Rei D. João III (1553), Cavaleiro-Fidalgo da Casa Real (1554), Cavaleiro da Ordem de Cristo e Almoxarife (1561).
- 5984 – **Francisco Luís Coelho**, morador na Ilha Terceira. Casou com
- 5985 – **Catarina Dias Caldeira**, moradora na Ilha Terceira.
- 12.ºs Avós:
- 10844 – **Aires Cabrita**, morador em Portimão.
- 11968 – **Luís Afonso Coelho**, natural da Ilha Terceira. Casou com
- 11969 – **Filipa Vaz Antona**, natural da Ilha Terceira.
- 13.ºs Avós:
- 23936 – **João Coelho**, natural da Ilha Terceira.
- 14.ºs Avós:
- 47872 – **Afonso Coelho**, natural da Ilha Terceira.



GENEALOGIA

LAVOURA

| 77

*por Fernando Abrunhosa de
Brito*

LAVOURA

por Fernando Abrunhosa de Brito



Lavoura ou lavoira, e – em Baião, na Régua, em Penaguião – Serviçaria, escrito também cervisaria com ligeiras variantes...

Não é que qualquer lavoura seja serviçaria. Vamos ter Serviçaria que é lavoura. Bluteau silencia. (Toca a função: *Quinta de muita abegoaria. A que tem muita boyada, muita Egoa, muita charrua, &c.*); Viterbo apenas acusa, com *duas vacas, que andavã na da Cerviçaria de Vila Boa*, em 1310; Pedro Machado atribui-lhe o significado de "herdade que deve serviço". Por mim fico por grande lavoura, loucura ou esforçado trabalho! Medonho! Obsessivo! Espertino! Obsidente!

OU

Esta terra é de pesca mas nem cheira a pescado.

[...]

*Pudesse a minha boca desbocada,
feita rainha e santa, milagrar palavras por sardinhas,
e a graça voadora da gaivota fosse cair na água,
despedaçada em ruínas.*

*E então surgissem do mar, erguidos como peixes numa sala de prata,
braços humanos, cruéis, enraivecidos,
num filme de Oliveira, antigo,
inexistente
e sem público.*

(Armando Silva Carvalho, *A Sombra do Mar*, 2015, p.38)



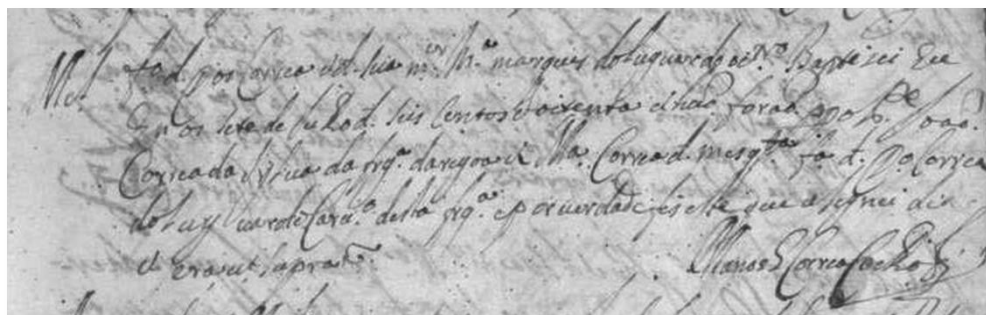
primeira safra

O que dizer de LAVOURA? Das maiores dificuldades aturadas no decurso de LAVOURA ou simplesmente nesta lavra, passou por fazer a distinção de dois lugares, os dois Outeiros de Sedielos, o Outeiro de Serviçaria a Norte e o Outeiro do Carvalho a Sul. Parece que (espero não me enganar), que as respectivas designações estivessem direitinhas na cabeça dos curas (quanto se tratava de actos directos e diários), e significassem Carvalho quando escrito Outeiro de Carvalho ou simplesmente de lugar do Carvalho; e signifiquem Serviçaria quando designados por Outeiro ou Outeiro de Serviçaria ou simplesmente Serviçaria. A esta luz faremos o percurso dos paroquiais, especialmente na leitura das décadas 40/80. Se assim foi, podemos sustentar que os Correias e Borges eram do Carvalho, e que passaram (certos deles) para Serviçaria, onde se contam ditos do Outeiro (simplesmente) ou do Outeiro de Serviçaria ou de Serviçaria. Nomeadamente Domingos Correia do Carvalho, que passa para Serviçaria, e depois Domingos Correia do Outeiro (Serviçaria), já o filho.

| 79

segunda safra

A dificuldade seguinte tocou os homónimos Domingos Correia, em que Domingos Correia (I) apresenta os filhos demasiado desfasados, ora como pai de Maria, 1656, ora pai de Manuel, 1681, de outro Manuel, 1686, e de Domingos, 1689: Domingos (II). Decorreram 25 anos entre o primeiro e o segundo e 33 anos entre o primeiro e o último, falecendo nesse mesmo ano o pai deles todos. Acha-se o casamento de Domingos em 1653 pouco antes do baptismo do primeiro filho, com Ana Mendes; e mostra-se outra mulher, com quem casou em 1680, Maria Marques, para mãe dos últimos filhos, nascidos entre 1681 e 1689. Trata-se de dois matrimónios de Domingos do Carvalho? Seja como for, a dificuldade é irrelevante, pois a mãe que interessa é Maria Marques que teve Domingos em 1689. Quanto ao pai, Domingos (I), não se julgue de dedução frágil; vamos ver Domingos Correia (I) documentado num apadrinhamento com Matias Correia do Carvalho e em outro com Beatriz Coelho, irmãos, além de fazer baptizar quatro dos seus cinco filhos entre os seus do Carvalho. Como, o abaixo Manuel, 1681, afº de Maria Correia de Mesquita fª de Diogo Correia do Carvalho, registo elucidativo porquanto traz os pais de Serviçaria e os padrinhos do Carvalho. Domingos Correia, deduzido irmão de Beatriz Coelho, seria melhor dito, meio-irmão, pois, no registo do seu casamento de 1680 com Maria Marques, diz-se filho de Maria Marão(?) mulher solteira; no registo de casamento com Ana Mendes, não vem expressa qualquer filiação. As notícias nos apadrinhamentos da freguesia na companhia de seus irmãos do Carvalho, são de 1669 com Matias e de 1675 com Beatriz, datas intermédias aos dois matrimónios, o primeiro em 1653 e o segundo em 1680.



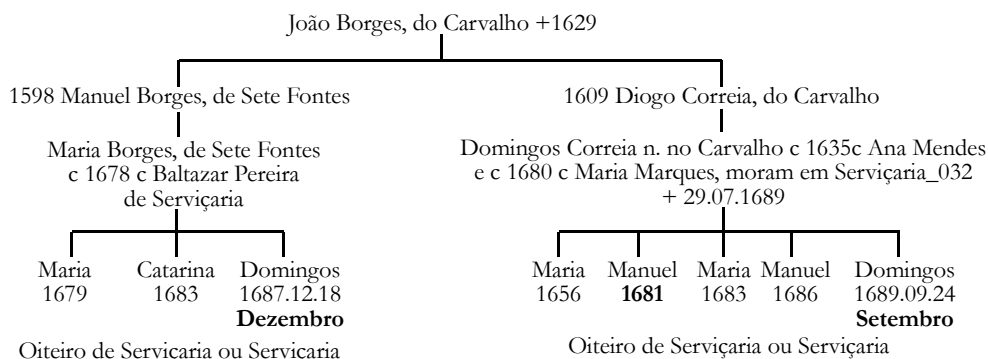
B. de Manuel, 1681 (_098)

terceira safra

Fazendo contas aos 50 anos (*pouco mais, ou menos*) de idade declarados de Domingos Correia, encontramos nesta lavra dois homónimos, Domingos em Serviçaria, sendo claro que o filho de Baltazar Pereira se ajusta melhor do que o filho de Domingos Correia. Porém, a exatidão das contas não nos convence pela paternidade de Baltazar, pois não foi encontrada notícia continuada em Serviçaria, quer de Baltazar quer dos filhos nascidos no decurso de quase uma década. Como a diferença de idade entre as duas crianças, os dois Domingos, é pequena, não tenho dúvidas em optar pelo Correia em detrimento do Pereira (eventualmente, Pereira de Almeida ou Almeida Carvalhais). Domingos, 1689, filho de Domingos Correia. (Por curiosidade, podemos explorar a idade desse Domingos, à sua morte, e encontrar cerca de 48 anos em lugar dos 50 declarados (pelo filho ou pelo cura).

a Serviçaria

Antecipando notícia:





Porque qualquer dos homónimos serve – Domingos de Serviçaria e Domingos do Carvalho – para Domingos Correia! **+1737.06.21**. O segundo é pelo apelido adoptado, convém pelo chamamento; o primeiro é pela coincidência do lugar onde nasceu e pela idade do nascimento que convém. Aquele por vir de Correias, de Outeiro para Serviçaria; este por se dizer logo de Serviçaria e de idade, certa.

A Serviçaria era casa dos Almeida Carvalhais ou Pereira de Almeida; e o Carvalho era, há mais, casa dos Correias com Margarida Correia e João Borges. A mulher de um Pereira (de Almeida?), Baltazar Pereira, foi Maria Borges, ele de Serviçaria e ela de Sete Fontes, onde se vê outro Borges, Manuel Borges. Depois, chegamo-nos a eles.

Os Pereira de Almeida tinham também um Domingos Pereira de Almeida, irmão do Baltazar.

...
*Pudesse a minha boca desbocada,
feita rainha e santa, milagrar palavras por sardinhas,
e a graça voadora da gaivota fosse cair na água,*
...

Questionado de um modo mais simples: Qual dos dois é Domingos Correia? É o Domingos de Serviçaria ou é o Domingos de Serviçaria? Ambos, de Serviçaria.

Do primeiro, que disse Setembro, cuja mulher falece em Serviçaria, e depois morre ele também em Serviçaria, no de 1737, de 50 anos – *Domingos Correia viuvo do Lugar da servissaria de idade de sincoenta anos, pouco mais, ou menos* –: o que lhe dá 1687 para nascer; o segundo, que disse Dezembro, ajusta-se exactamente ao nome, e também é de Serviçaria. Em 1668, veio ao mundo Maria fª de Manuel Pereira de Almeida e sua mulher Rosaria de Mesquita *da quinta da Serviçaria* aonde estavam (e com eles - aceita-se bem – o irmão Baltazar Pereira ao nascimento de Domingos, 1687); em 1732, no *Lugar da Serviçaria*, moravam Manuel de Almeida Carvalhais e sua mulher D. Joana Luísa (da Silva e Vasconcelos). E por aí continuam seus filhos.

Os Correias corriam pelos brasões das casas daqui, mesmo no lugar do primeiro quadrante; os Almeida Carvalhais eram da maior notícia.

– Olha-os, por exemplo, a uns e outros, em "Brasões e Casas Brasonadas do Douro", casas de Vila Maior e do Serrado, Penaguião (pp.220, 219, 211).

Chegados aos andados do Marquês – 1750, calças justas, sapatos de seda, cabelo amarrado em rabo-de-cavalo –, mudou ele de Correia para Correia de Lacerda, será ele José Correia de Lacerda.

Aparentemente, da genealogia de Domingos Correia, não se apura nada ou pouco. Sua m.er faleceu nova com 35 anos em 1734, pertencendo portanto à geração de 1700; e ele vem a morrer pouco depois, em 1737 contando 50 de idade, nascido por 1687. Ela morre rica, com dois ofícios de cinco padres, e ele, 3 anos adiante, morre pobre, segundo as respectivas notas. Também se sabe que foram pais de José, n. 1731 –



chamado depois José Correia de Lacerda –, e ainda se apura que os pais, Domingos Correia e Maria Teixeira moravam no lugar de Serviçaria ou Outeiro.

Genealogia de **José Correia de Lacerda**, de Serviçaria ou Outeiro de Serviçaria, de SEDIELOS.

Ora, atentando mais, apreendem-se mais factos. Um também José, 1732, da mesma idade do filho de Domingos, era filho de Luís Correia e sua m.er Joana dos Santos, de Sete Fontes, e foi afillhado de um outro ainda José, José Correia, fº de Manuel da Costa de Outeiro de Serviçaria (depois, sabe-se que Manuel da Costa era cc Jerónima Correia); irmão do José também pad., pois com o mesmo pai, foi um Francisco, em 1732. Aquele terceiro José Correia, volta a apadrinhar em 1732, dito solteiro e do Outeiro de Serviçaria.

O Luís Correia de Sete Fontes, pertencendo à geração de 1690 – da mesma geração de Domingos Correia – era fº de João Correia e de Serafina de Mesquita. Tendo enviuvado o João, segundo parece, 1723, volta a c. em 1726 com Maria de Mesquita, de Carrazeda de Braga, geração de 1660. Encontra-se ainda um Domingos Correia, no elenco do Crisma em 1662, que poderá ser um irmão daquela Rosa Maria, ambos da geração de 1630. Era bispo do Porto, D. Fernão Correia de Lacerda (n. 1628; bispo 1673; + 1685) e viria a crismar em Mesão Frio em 1678. E, antes do bispo, outro Correia de Lacerda, andava por Medrões.

– Vamos devagar.

Temos (espreitando as conclusões) a sucessão seguinte, diferente do atrás posto:

~1570 João Borges cc Margarida Correia

1598 Manuel Correia ou Borges, de Sete Fontes (_024)

~1620-30 Domingos Correia (I), do Carvalho, + em Serviçaria 1689

1656 Maria

1681 Manuel

1686 Manuel

1689 Domingos Correia (II), de Serviçaria, + 1737

1731 José Correia de Lacerda, de Serviçaria

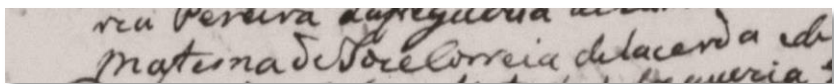
José, 1731, de Serviçaria, fº de Domingos n. 1687 + em Serviçaria, vº quando do óbito de sua m.er em Serviçaria, 1734. O Domingos seria irmão de Luís Correia c. em Sete Fontes, pai de outro José, 1732, afº de outro José Correia fº de Manuel da Costa do Outeiro de Serviçaria? Não era! Este Luís Correia nasceu de João Correia e de sua m.er Serafina de Mesquita e teria enviuvado depois para casar em 1726, dito de Serviçaria, com Maria de Mesquita, de Carrazeda de Braga. João Correia coincide por certo com João Correia Coelho fº de Manuel Rodrigues e de sua m.er Rosa Maria Coelho, de Serviçaria? Também não! Quem era um Domingos Correia no Crisma em 1665-75 (podendo pertencer, com aquela Rosa e outros, à geração de 1630), pai ou

avô de Domingos Correia de Serviçaria, com que comecei esta saga? Há que deslindar todos eles. Teria havido um Domingos Correia progenitor, irmão de João Correia Coelho e de Matias Correia Coelho? Do mesmo apelido constam ainda António Correia, Brites Coelho irmã dos Correias, Maria Correia ou Correia de Mesquita e o dito Matias Correia Coelho; e, só então, Francisco Correia, André Coelho e o nosso Domingos Correia (_003). Todavia, no imenso rol de crismados em 1678, por Dom Fernão Correia de Lacerda, não se acha qualquer Correia, além de dois *criados* de André Correia (André e Matias_016), parecendo dizer que os do apelido eram todos de Serviçaria de Sedielos, e que virão dar a sua graça, mais tarde. (Não faça espécie de os crismados poderem ser adultos.)

De lá para cá, e todos em Serviçaria: Rosa Maria Coelho de Serviçaria e seu (irmão ou sobrinho) Domingos Correia e também João Correia Coelho de Serviçaria / Luís Correia pai de um José 1721, afº de outro José Correia de Serviçaria / e Domingos Correa de Serviçaria, pai de outro José, 1731, aí nascido.

– Entendemos melhor?

Do apelido Correia, contam-se personalidades espalhadas por todo o lado; já com o composto, Correia de Lacerda, o primeiro que se declara é José Correia de Lacerda, n. em 1731, fº de Domingos Correia e Maria Teixeira, e, no matrimónio, está declinado por José Correia, e só no c. de Luís Pinto c. Rosa Margarida, em 1823, vem como avô materno dela: José Correia de Lacerda.



materna de José Correia de Lacerda

Antes de José Correia de Lacerda, apenas se acha um Correia de Lacerda, Fernão Correia de Lacerda, padrinho em Medrões, em 1620. O bispo do mesmo nome só viria a nascer nos ditos (1628) e administraria o Crisma por esses lados, mais tarde em 1678: mas podiam ser parentes. Depois, os crismas de 1665 ou 75 são impostos aos Correia, como vimos. Sucedem-se as gerações até José Correia de Lacerda, só casado um século depois. O bispo Correia de Lacerda não seria desconhecido em Sedielos, até que os de Serviçaria fixassem o chamamento. Isto, quero agora saber. Onde é que andam os Correias, onde estão eles nos paroquiais? Onde paravam por 1630, mesmo por 1650, ou mais para diante... pois constam só em 1700! Onde estavam, sejam aqueles, ao menos, que figuram nos crismas?! Até à 010.tif, de 1590 e de 1591, lugares e apelidos vêm mas sem Correias. E então, na seguinte: Francisco Coelho de Moura Morta e Margarida Correia mulher de João Borges do Carvalho desta freguesia. E chegamos a fazer mais outras 10, para não andar coisa nenhuma. Por fim, Manuel, 1598, de João Borges e sua mulher Margarida Correia (_024). E ultrapassamos o 1600 e as 30 folhas. Para vermos na seguinte _031, outro filho, Felicita, dos mesmos João

Borges e Margarida Correia; e com atenção aos padrinhos, nada mais. Em 1611 houve um neófito de Serviçaria, mas não era Correia, nem pais nem padrinhos (_035). Quer dizer que nas duas primeiras décadas de paroquiais não estavam. Os Correia. NADA. [Porém, PIMENTEL, Livro de Linhagens, 1913-1922, tomo III, p. 236, afiança que Margarida Correia – mulher de João Borges – era da Casa dos Correias, de Sedielos, filha de Salvador Coelho Correia.] Muito depois, à data de um óbito de 1665, os assentos mencionam uma *Criada da Casa das Correias* (_044). Casa das Correias.

CASA DO PAÇO DA SERVIÇARIA – Esta casa pertencia em princípio do século XVIII, a António Carlos Correia Pimentel, fidalgo da Casa Real, casado a 20 de Novembro de 1827, com sua prima, D. Luísa Cândida de Azevedo e Lemos Alvim, filha de Joaquim de Azevedo e Sousa, senhor da Casa da Várzea em Paredes da Beira, e de sua mulher, D. Maria Cândida de Lemos de Carvalho e Sousa, da Casa do Ladário, e neta paterna do capitão-mor de Seia, Manuel Rebelo de Sousa e Azevedo.

(_038) regista uns em Serviçaria, que não são Correias. De diante, folha de crismas por outro bispo em Vila Marim, Outubro de 1603, foi padrinho o P.e Domingos Correia (que bem podia ter vindo com o senhor bispo e não ser de cá). Prosseguem os BB, 1613. E nasceu Salvador, filho de João Borges e Margarida Correia (_043). Então, foi padrinho Diogo Correia filho de João Borges do Carvalho (_046). (Veremos adiante que Diogo Correia não podia ser este Diogo Correia, nascido em 1609!) Mad., Patronilha de Araújo, de Alderete. De Serviçaria, um padrinho de 1608, do chamamento Freitas (_054). Foram padrinhos Margarida Correia mulher de João Borges do Carvalho e seu filho Francisco Correia (_056), e em Serviçaria não havia Correias, sendo estes os únicos do chamamento em Sedielos. Donde vem, de Serviçaria, um padrinho neste ano. E Ângela filha de João Borges e Margarida Correia, do Carvalho, aos 12 dias de Outubro de noventa e cinco (ano sublinhado a tinta, seguido de mais um registo desse ano) e o pad. foi Gaspar de Freitas de Sermanha e Catarina do Arrabalde (_059), e o achado atira o c. de Margarida Correia para a vizinhança de 1595, parecendo então que pertencia à geração de 1570. E volta a 1617. Mais dois vizinhos de Serviçaria e um terceiro. E mais padrinhos de Serviçaria. E 1607(!) um de Serviçaria (_066), e logo 1618 (_067). E mais um assento de gente toda de Serviçaria (_069). Várias folhas de crismas, com muitos, uns de 1633 descarregados, outros antes de 1620 e ainda outros antes, sem data, e nestes primeiros foi padrinho Gaspar Correia abade de Sever. (_073) 1621 mais uma criança de Serviçaria e ainda outra e um padrinho, Gonçalo Coutinho, de Serviçaria (_078) e outro padrinho daí (_079). Que se sente lugar bem povoado! Segue-se na qualidade de padrinho, Diogo Correia filho de João Borges. E mais um padrinho de Serviçaria (_080). Nasceu depois uma filha Maria, de Francisco Correia, solteiro, filho de João Borges, do Carvalho, e filha de Ana Alvim solteira das Ramadas. (_080) e mais uma neófito de Serviçaria. Mais adiante, padrinho, Margarida Correia e seu filho Diogo Correia (_082). Em 1620 foram padrinhos Diogo Correia filho de João Borges e sua irmã Francisca (_085). As personalidades dos baptizados não nos têm ajudado, lá isso! Mais padrinhos vindos de Serviçaria (_083). Estamos em 1624. Foi baptizada em casa uma menina do Outeiro



de Serviçaria. (_088) uma filha de Fr.co Simões de Serviçaria. Ainda (_088) é Francisco Borges filho de Felicita Cerqueira de Moura Morta. E Serviçaria, outra de Bartolomeu Martins. E outra de Domingos João, já na folha (_091). Francisco filho de Maria solteira e de seu pai Francisco Alvares estudante moradores em esta freguesia, compadre Diogo Correia e comadre Maria Correia ambos solteiros aos 10 Setembro de 1625 (_092). E uma rapariga de Ramadas, afilhada de Diogo Correia filho de João Borges (_094) e um rapaz em 1628. E de novo um neófito do Carvalho, afilhado de Diogo Correia filho de João Borges. Agora, Manuel de Almeida Carvalhais de Santo André de Medim (_096) e ainda, padrinho, Manuel Correia e Francisca Borges, filhos de João Borges. (_096), 1628, de Gonçalo, filho de Domingos Borges do Carvalho (que seria mais velho que Domingos Correia do Carvalho, tio deste...). Depois vem um de Serviçaria apadrinhado por Leonor Correia filha de Gonçalo Pereira da Portela (_096). (_098) mais um rapaz de Carvalho, pad. Diogo Correia. (_099) um neófito de Sete Fontes, pad.s Manuel e Ângela filhos de João Borges do Carvalho e outro, afª de Manuel fº de João Borges do Carvalho. (_101) vem mad. Margarida Correa. (_102) mais um apadrinhamento que chega de Serviçaria (_108): atrás, 1615 no verso, agora na face, em 1609, Diogo filho de João Borges e *sua molher* [perdido] *carvalho 8 de abril* 110: outro de Serviçaria [livro fora de ordem: 1600?] (_112): 1619, Salvador fº de Maria Correia solteira do Outeiro. (_113): um pad. de Serviçaria. (_115): criança de Serviçaria (_117): com uma folha de crismas. (_118): mais crismas (_119): casados baptizados defuntos e crismados. (_120): 1639 mais bap. (_121): pad. de Serviçaria...

"Para haver história, é necessário e suficiente que haja uma promessa de escapar à lei da chuva e da repetição"
RANCIÈRE, Béla Tarr

(_122): pads. Manuel e Maria filhos de Margarida Correa do Carvalho, 1630. (_123): João filho de Baltazar de Sequeira, pad.s Gonçalo Pereira e Leonor Correia filhos de Gonçalo Pereira da Portela. (_126): 1630 criança de Serviçaria e seus padrinhos. Outro pad., a mer de António Correia Coelho desta freguesia. (_127): 1631 assina, como testemunha, Gaspar Correia e mais um. (_128): 1631 bap. o p.e Gaspar Correia, pad. António Coelho; uma filha Carlota da Portela, o cura Gaspar Correia, pad. António Correia do lugar de Matos e Ana Brandoa mer de António Correia do lugar de Godim, do Peso. (_129): 1631 pad. João Correia fº de Margarida Correia viúva do lugar do Carvalho. (_130): 1632 António, de mer solteira e de Fr.co Coelho do Carvalho. (_131): 1632 António fº de António Coelho, de Matos, e Filipa de Carvalho, o cura assina Gaspar Correia de Barros. (_132): 1632 uma criança de Serviçaria. (_133): 1633 pad.s António Coreia de Gondim e Ana Correia fª de Leonor de Araújo da Portela. Outro pad., João Coreia do Carvalho. (_134): 1633 André fº de António Coelho e Filipa de Carvalho, 6.9.1633. (_135): 1633 um pad. de Serviçaria. (_136): 1634 pad.s João Correia e Isabel Correia, irmãos f.os de Leonor de Araújo. (_137): 1634 Jerónimo fº de António de Almeida e sua m.er Maria de Araújo, mad. sua irmã Ana Correia. (_138): 1634 mad. Maria Correia fª de Margarida Correia do Carvalho.



(_139): 1635 mais um fº de António Coelho e Filipa de Carvalho, pad.s Jorge de Gouveia e Ana Correia ambos filhos de Leonor de Araújo. Mais, pad. Manuel Correia. (_141): 1635 pad. António Coelho. (_142): 1636 Gonçalo fº de Manuel de Almeida Carvalhais. Maria fª de Diogo Correia e Beatriz Coelha do Carvalho a 6 Março 1636. (_143): 1636 criança e pad.s de Serviçaria. (_144): 1636 criança do Carvalho, pad.s Diogo Correia e Maria Correia solteira. (_145): 1636 pad. Manuel Correia. (_151): 1638, de Serviçaria. Maria fª de Domingos Mochacho 1.02.1638 pad. Domingos Mochaco de Araújo de Paredes de Loureiro. (_152): 1638 mãe Francisca fª de Margarida Correia vª do Carvalho, de Serviçaria. Como se vê, registos preciosos. (_153): 1638 rapaz de Serviçaria. (_154): 1638 pad. Manuel Correia do Carvalho. (_155): 1639 pad. de Serviçaria. (_156): 1639, mad. Maria Correia fª de Maria Guedes. (_157): 1639, mad. Maria Correia fª de Manuel Guedes. (_158): em 1639 mad. Isabel Correia fª de Manuel de Araújo da Portela. (_159): 1639 mad. Ana Correia moradora em Barro; pad.s Francisco de Queirós e Maria Correia filha sua. (_160): 1640, mad. Maria Correia fª de Maria Guedes. (_164): em 1641 mad. Maria Correia do Carvalho.

– Tende a ficar fácil, mas não vamos destrinçar tudo!

*E então surgissem do mar, erguidos como peixes numa sala de prata,
braços humanos, cruéis, enraivecidos,*

(_166): 1641 mad. Beatriz Coelha do Carvalho. Moravam no Carvalho, Manuel Almeida Carvalhais e sua mulher Catarina Guedes e foi mad. Maria Correia solt.ra moradora na Torre. (_167): 1642 pad.s Felipa de Carvalho e seu fº António Coelho mor.s em Matos. (_169): 1642 Rosaria fª de Gonçalo Pereira e Mónica de Mesquita, mad. Isabel Correia irmã do dito Gonçalo Pereira. (_170): 1643 Matias fº de Diogo Correia e Brites Coelha mor.s no Carvalho 1.03.1643, pad.s Manuel de Almeida Carvalhais e Maria Correia todos do Carvalho, o p.e João da Fonseca Pinto. (Beatriz está no crisma em 1662, assim como Domingos Correia..., que ainda não apareceu). (_171): 1643 pad.s Diogo Correia do lugar do Carvalho e sua irmã Maria Correia; pad. Manuel Correia mor. no Carvalho. (_172): ainda 1643, Gonçalo de Serviçaria; outra, mad. Maria Correia, mor. no Carvalho. (_176): 1645 Teresa fª de Gonçalo Pereira e Mónica Mesquita, outra, mad. Isabel Correia da Portela. (_179): 1646 Manuel a 12 fevº fº de Diogo Correia e de Brites Coelha pad.s Manuel Correia. (_181): 1647 Maria, de Serviçaria. Casados de 1646, tes.as António Coelho Correia e Diogo Correia, do Carvalho. (_182): 1646 na Serviçaria. (_183): 1647 *Título de Casados*: António Coelho Correa filho de André Coelho defunto e de Beatriz Lopes da cid. de Lx com Felipa de Carvalho filha de António Cerqueira de Carvalho e de Páscoa Nunes já defunta, tes.as presentes o conde Camareiro-mor s.r deste c.º de Penaguião 21.05.1630 anos. Outro, tes.as, Baltazar de Sequeira e Anta Coelho Correa e Anto Cerqueira de Carvalho, 1630 (os últimos dois). (_046): 1695 ainda de Serviçaria: foram padrinhos Francisco de Almeida Cabral e sua irmã, filhos de Manuel Pereira de Almeida. (_054): 1696 foram



pad.s o padre-cura e Maria Correia de Mesquita *minha irmã*. (058): 1696 Beatriz Coelho *minha irmã*.

– Está falada a Serviçaria?

Com dois do nome Domingos quase colados no tempo, chamemos-lhes o Dezembro e o Setembro, esquema no início, em _a Serviçaria. O Setembro viria a ter, em 21.06.1727, 48 de idade, por fazer; o Dezembro viria a ter 50 anos, também por fazer. *De idade de cinquenta anos pouco mais, ou menos* satisfaria qualquer um deles. O Setembro era filho de Domingos Correia *do oiteiro* (Serviçaria); o Dezembro era filho de Baltazar Pereira de Serviçaria e de uma Borges de Sete Fontes.

| 87

Quem anda no mar cria anticorpos que o defendem das más correntes, e cria campainhas de aleluias. Quem tem mar tem uns e tem outros; tem escolhos e tem ilhas com oásis.

No baptismo do Dezembro foram padrinhos dois Pereira de Almeida, de Serviçaria, e, assim, o Baltazar-Pereira-pai até parece o Baltazar meio-irmão daqueles (Mestre de Campo, casado sim mas em Lisboa). Seria que Baltazar veio para a casa de Serviçaria, de seus irmãos Almeida Carvalhais, com novos filhos? *A Casa Serviçaria, com brasão..., em PESO DA RÉGUA E SEU CONCELHO*. Além de Domingos, que chamei Dezembro, contam-se mais duas crianças, Maria e Catarina. Todavia, seguidos estes ao longo de Setecentos, como o próprio pai, não se contam mais vezes por Sedielos... Os ascendentes do Setembro, os Correias do Carvalho, contam-se muito, embora também não se leiam facilmente nesta última geração que, além do Domingos, acusa também três crianças, Maria, Manuel e Manuel.

– O que te parece de Domingos Correia poder ter nascido nos Almeida Carvalhais?

Era frequente, em famílias de muitos irmãos varões, cada um optar por um apelido diferente advindo de seus passados; também era frequente que um sobrinho, para se distinguir de um tio homónimo, escolhesse um apelido diferente. E este Domingos Correia era neto de outro Correia? Calharia então, Domingos Correia, para sobrinho de Domingos Pereira de Almeida? Neste caso, os varões são muitos, mas andam todos pelo Pereira-de-Almeida ou Almeida-Carvalhais ou Almeida-Galafura..., chamados. Quem anda no mar cria anticorpos e aleluias.

Claramente. Domingos Correia filho de Domingos Correia presta-se de imediato, apenas discordando – já que a pouca diferença de idade é desprezível na contagem *pouco mais, ou menos* –, no lugar do nascimento: cujo filho diz ser de Serviçaria, e sabemos que vem a falecer, o pai, em Serviçaria, no tal de 1737! Morre, e daí é seu filho José Correia. De Serviçaria.

o Carvalho

De Domingos Correia do Carvalho, irmão ou coirmão de Brites Coelho, e, consequentemente, de Matias Correia e do padre-cura Manuel Correia Coelho, que se

registam padrinhos na década de Sessenta e de Setenta, vem uma filha Maria, madrinha em 1682 (A Maria, 1656.). São, aqueles do Carvalho, filhos de Diogo Correia nascido em 1609 e de sua mulher Beatriz Coelho. Os filhos – os que indiquei – nascem na década de 40 (veremos de perto), podendo suceder-lhes a geração dos irmãos do novo Domingos Correia que, no início, chamei Setembro. A sucessão de gerações do Carvalho começa com João Borges, passa a Manuel Borges, 1598, Diogo Correia, 1609, e seus irmãos; vem depois para os irmãos filhos do Diogo, que indiquei e abaixo melhor indico, incluindo o Domingos (filho ou sobrinho), pai de Domingos que chamei Setembro. Estes irmãos do Carvalho, que volto a elencar já de seguida, tinham mais uma irmã muito propalada nos registos, de nome Maria Correia de Mesquita. Correia de Mesquita, uma outra surpresa. O patriarca João Borges casara por 1595 com Margarida Correia (podendo esta ser Correia de Mesquita, apesar de só a sabermos Correia Coelho, e justificar o apelido de sua neta Maria. E, perscrutando outros Borges, nomeadamente Manuel Borges de Sete Fontes que é pai de Serafina de Mesquita (que já mencionei acima), parece de admitir que João Borges do Carvalho era, já ele, Borges de Mesquita ou Mesquita Borges. Por toda esta bacia do Peso da Régua, não surpreendem Borges e Mesquitas. Mesmo em Sedielos, com Leonor de Mesquita e Rosaria de Mesquita, e a mãe Mónica de Mesquita Pimentel, da Casa da Portela. Deixando os Mesquitas, note-se, por exemplo, que os sénior de Sete Fontes, filhos de Manuel Borges, são Beatriz, 1650, e Diogo, 1655: nomes do Carvalho, uma geração acima, filhos de João Borges. (Manuel Borges, de Sete Fontes, casado só em 1648 c. Isabel Gonçalves, é o Manuel Borges n. 1598 filho de João Borges do Carvalho e + 1678.).

O que parece certo é o facto de Domingos Correia ter tido uma tia paterna, Correia de Mesquita – Maria Correia de Mesquita –, nascida em 1636, irmã do cura de Sedielos, Manuel Correia Coelho.

– Falaste intencionalmente depressa, para proteger o leitor, mas a partir de agora podes explicar melhor.

Pelas alturas, morria Gonçalo Vaz Guedes, de Sedielos (talvez o Sr. da quinta de cima de vila na freguesia de Cediellos, no dizer de Gayo: mas isso é outra história), e nascia Manuel, em 1598, filho de João Borges e de Margarida Correia. Pouco depois, também nasceu Diogo Correia, 1609 (não aquele que apadrinha em 1612, dito *Diogo Correia filho de João Borges* (_046), que seria tio materno do outro. (PIMENTEL, Livro de Linhagens, 1913-1922, tomo III, p. 236, aduz Margarida Correia, da casa dos Correias de Sedielos, fª de Salvador Coelho Correia, etc.).

A ver pois os seguintes Correias. Foram filhos de Margarida Correia e de João Borges – que faleceram no mesmo dia e mês (23.11) a 22 anos de diferença (ele em 1629 e ela em 1651 (_04 e _10)) –:

Maria, mãe solteira de Salvador no *oiteiro* (Serviçaria) onde estaria com os Almeida Carvalhais, 22.06.1615 (_112); 1619, mad. com seu irmão Manuel, 1630 (_122); mad. viúva 1634 (_138); e 1625 e 1636 com Diogo Correia (_144, _092): ambos, Manuel e Maria, ditos filhos de Margarida Correia do Carvalho, pad.s 1630 (_122); mad. 1633 declinada fª de Margarida Correia (_138); idem em 1635 (_138); ainda em 1641, do Carvalho (_152); solteira moradora na Torre, 1642 (_166); + solteira 30.09.1645 (_090)

Ângela, 12.10.1595 (_059); mad., declinada filiação, em 1629, com Matias Correia (_099); +24.04.1670 e por herdeira *sua cunhada Beatriz Coelbo* (_052)

Francisca Borges ou Correia, mad. com seu irmão Manuel, declinados filhos dos pais acima, 1629 (_096); mãe em 1638 (_153); mad. 1638, fª de Margarida Correia (_152); solteira do Carvalho, falecida em 29.11.1672, *seus sobrinhos sam seus herdeiros* (_056)

Francisco, pad. em 1605, pais declinados (_101)

Manuel, 16.12.1598 (_024), pad em 1629 com sua irmã Francisca Borges, declinados filhos dos pais acima (_096), ainda em 1629 (_099), em 1635 (_139), em 1636 (_145), em 1638, do Carvalho (_154); ainda 1646, aos 27.07, pad. de [seu sobrinho] Manuel fº de Diogo Correia (_179); ou Manuel Borges de Sete Fontes, mas só casado em 1648 c. Isabel Gonçalves, e pai de Mesquitas, a ver; + 03.09.1678 (_063); parece ter sido, antes do matrimónio, pai de:

Domingos Correia, no crisma por 1665-75; por ponderação do ano do 1º matrimónio, 1653, teria n. por 1620-25; pad. em 1669, com Matias Correia, de Maria, fª de Gaspar de Faria e Maria Guedes, todos do Carvalho; em 1653 c.c. Ana Mendes, e tiveram Maria, 1656, afª de Gonçalo Sequeira fº de Manuel de Almeida (_029); pad. 1672, do Outeiro do Carvalho (_059); pad.s Domingos Correia e Beatriz Coelbo, 1675 (_070); pad. Domingos Correia *do oiteiro* [Serviçaria] e Maria *Algª* mulher de Francisco Borges, de Cal, 1679 (_091); c 1680 c Maria Marques (_032), pais de Manuel do Outeiro, 1681, *afº de Maria Correia de Mesquita fª de Diogo Correia* do Lugar do Carvalho (_098); [acima, outros filhos: Maria 1683 afª de Matias Correia Coelbo do Loureiro e de Beatriz Coelbo da Rua Nova (_0105); outro Manuel 1686, afº do padre-cura [Manuel Correia Coelbo] e de Maria Correia *minha Irmã* (_115); e de Domingos 24.07.1689 (_124), que segue com José Correia de Lacerda; + 29 de Julho de 1689

Felicita, 21.09.1601 (_031) [do nome, frequente nos Cerqueira Borges Lousada; aliás os nomes dos filhos de Belchior Borges e Felicita ou Felícitas Cerqueira – nomeadamente, Francisco, Gonçalo, Diogo e Domingos – parecem antecipar de uma geração os nomes idênticos dos filhos de João Borges e Madalena Correia. (Com efeito, PIMENTEL, cit., idem, ibidem: João Borges fº de Felicitas de



Cerqueira Borges Lousada, na p. 236; e esta neta de outra Felicitas cc Belchior Borges de Sousa Lousada de Mansilha, na p. 234.) (Em 1624 foi padrinho Francisco Borges fº de Felicitas Cerqueira, de Silveiras, freguesia de Moura Morta (_088): irmão portanto, o Francisco, de João Borges.)

Domingos Borges, do Carvalho, pai de Gonçalo, 1629

João Correia, 04.01.1607 (_065); pad. 1631 com sua mãe viúva (_129,_130)

Diogo Correia, 08.04.1609 (_108), cc Beatriz Coelho; ele + 06.08.1669 (_026), ela + viúva em 15.08.1672 (_054); pad. com sua mãe Margarida Correia, 1623 (_082); e no mesmo ano declinado fº de João Borges (_085); pad. com *sua irmã* (_033); com Maria Correia 1625 (_092); em 1627 de novo dito fº de João Borges (_094); 1628 e 1629 declinada filiação (_094 e _095); 1636 com Maria Correia solteira (_144) com Beatriz Coelho, 1681 (_098); ela mad. em 1633 e 1636 (_140 e _141); ele pad. 1643 com sua irmã Maria Correia (_171). Filhos:

Maria Correia de Mesquita, 24.06.1636 (029), *minha irmã* no dizer do padre-cura; mad. 1636 dita fª dos pais acima (_142); mad. 1674; sem dúvida, *Maria fª que ficou de Beatriz Coelho* (_069); mad., irmã do cura Manuel Correia Coelho, 1686 (_115).

Matias Correia Coelho, 1643; pad. 1662, 1663 e 1667; pad. 1625 com Maria Correia; no crisma por 1665-75; pad. em 1669, com Domingos Correia, de Maria, fª de Gaspar de Faria e Maria Guedes, todos do Carvalho (_056); pad. 1675 com Beatriz Coelho; do Outeiro, pad. em 1679 com *Maria minha Irmã* (_030)

Beatriz Coelho, também *minha irmã* (091), irmã do p.e Manuel e também de Matias Correia, 1672, solteira em 1674, mad em 1675 com Domingos Correia (_070); no crisma no mesmo rol deste e de Matias; mad. 1681 e em muitas outras ocasiões, declinada irmã do cura, como apontei

Manuel, 12.02.1646, afº de Manuel Correia (_179); pad. Manuel Correia, 1669, dito fº de Beatriz Coelho (_056); e ainda:

o padre **Manuel** Correia Coelho, 20.05.1649, afilhado de Manuel Correia e Guiomar de Mesquita, do Loureiro, pad. em 1669, dito fº de Beatriz Coelho (059); pad. em 1688 com Maria Correia *minha irmã* (_116); foi longos anos cura de Sedielos, onde se vê de 1680-1706 (_093 e _019, livros respectivos)

Salvador, 10.02.1614 (_043), + 06.06.1634 (_065)

E possivelmente, ainda filhos de Margarida e de João:

Rosa Maria Correia cc Manuel Rodrigues de Serviçaria, que foram pais de João Correia Coelho;

Jerónima Correia cc Manuel da Costa do Outeiro de Serviçaria, pais de Francisco pad. em 1732 e de João, 1699 (084)



Os paroquiais andam riscados a tinta por alguém que procurava os Correias, também os Almeida Carvalhais e os Alvarengas...

Alguns personagens que se cruzam com os do Carvalho são os Coelho Correia do capitão-mor de Penaguião, cuja genealogia simplificada é a seguinte:

Belchior Borges Lousada cc Felicitas Cerqueira

| 91

Francisco Borges Cerqueira cc Isabel de Carvalho (AZEREDO, 1914, p. 40)

António Coelho Correia, capitão-mor de Penaguião c 1630 c Filipa de Carvalho, + 26.09.1665 (_044); ele, + 20.04.1667 (_048)

o capitão André Correia de Carvalho cc Maria de Vasconcelos, de Matos, + 13.01.1688 (_080); pais de António de Carvalho, 1656 (_030), abaixo

Filipa de Carvalho sua irmã [dele, capitão André], 1687 (_030); pad. 1677 (_078);

o L.do António Coelho de Carvalho (_040 e _067)

Luís Correia

Manuel, 1635 (_139)

Agora prestarei atenção a Manuel Borges, de Sete Fontes. + em Sete Fontes, 03.09.1678 (_063), herdeira sua mulher Isabel Gonçalves.

E prestarei atenção a Domingos Correia, do Carvalho, irmão ou coirmão dos Borges e Correias postos acima.

Começemos por Manuel Borges, dito de Sete Fontes, que consta a casar aos 27.04.1648 c Isabel Gonçalves, da Longra, e foram pais de:

Beatriz, 03.07.1650, nascida nas Macieiras (_017)

Diogo, 31.12.1655, nascido em Sete Fontes, como seus irmãos, subsequentes, afº de António Coelho e sua fª Filipa de Carvalho (_028)

Beatriz, 03.07.1655, afª de André Correia fº de António Coreia; teve, solteira, Maria, que + em 1666 (_046)

Gabriel, 16.09.1660, afº do L.do António Coelho e Maria Barreta (_040)

Serafina Borges de Mesquita, de Sete Fontes, 12.12.1662, afª de André Correia e Gonçalo Pinto Pereira, c 04.02.1685 c João Correia de Vila Marim, fº de Maria Pinheira; + em 1723, voltando ele a cc Maria de Mesquita, de Carrazedo-Braga; por sua vez pai de Luís Correia cc Joana dos Santos, moradores em Sete Fontes, e pai de José, 1731; e, Serafina e João, pais de outros

Fernando, 17.02.1666; e, segundo parece entender-se,

Maria no registo onde se diz que foram pad.s Maria Borges de Sete Fontes e sua filha Maria (_080)



E seriam filhos de algum irmão de Manuel Borges [Francisco?] ou do próprio: Manuel Borges c. 08.06.1673 c. Teresa de Madureira (_023), pais de Antônio, 1675; e Francisco Borges cc *Maria Alg^a*, mad. em 1679, conjuntamente com Domingos Correia *do oiteiro* (_091), ou seja, Francisco Borges, casado no Carvalho, pai de Bernarda, 1671 (_061), de Manuel, 1674 (_067) e de Antônio, 1676 (_074); a m.er foi mad. em 1679 na companhia de Domingos Correia

Parece ser, o mais interessante, a repetição dos nomes do Carvalho nos dois primogênitos, Beatriz e Diogo, embora colocados numa geração subsequente. Serafina de Mesquita c 1685 c João Correia de Vila Marim, nascido de Maria Pinheira (_036). (Poderá tratar-se da mesma Maria Pinheira *mulher preta solteira*, mãe de um Domingos, 1620 (_092)?)

última safra

Ainda ficou um cantinho por lavrar, o de Maria Solteira-A-Loura. Domingos Correia era irmão de Beatriz Coelho, mas não bem assim, antes meio-irmão, antes coirmão, já que no seu matrimônio em 1680 se diz filho que foi de Maria Marão (?) mulher solteira. Seria também irmão de Antônio Correia, do Carvalho, que se descortina por quatro vezes: Uma em que dá o próprio nome e apadrinha Antônio, 1676, fº de [seu irmão] Francisco Correia, do Carvalho (_074); outra em que o próprio, ainda solteiro, baptiza uma criança em causa de necessidade (_078); repete-se em 1678, com João, outro filho do mesmo Francisco Correia (_084); em 1679, baptiza de emergência um filho de Francisco Correia (_084); aparece ainda outra vez, ao nascimento de Simão seu filho e de sua mulher Anatólia da Costa, a 18.02.1680 (_091/_092). Também surge no rol de crismas, na companhia de Brites Coelho, Maria Correia e Matias Correia Coelho (_036). Tal Antônio Correia, do Carvalho, é, sem dúvida, Antônio Correia herdeiro de sua mãe *Maria solteira a loura de alcunho* falecida a 04.03.1680 (_066), em que institui seu herdeiro e três ofícios de seis padres na dita altura. Maria-A-Loura só tinha esse filho, Antônio Correia, o único herdeiro. Domingos Correia era filho de Maria Marão.

Agora, darei atenção a Domingos Correia, do Carvalho, irmão (meio-irmão ou coirmão) dos postos acima, filhos de Diogo Correia – voltando ao do esquema, Domingos Setembro –. Que era dos do Carvalho: Maria, Ângela, Francisca, Francisco, Manuel, outro Manuel, Felicita, João, Diogo, Salvador. Do Domingos de quem nasceu Domingos, na Serviçaria.

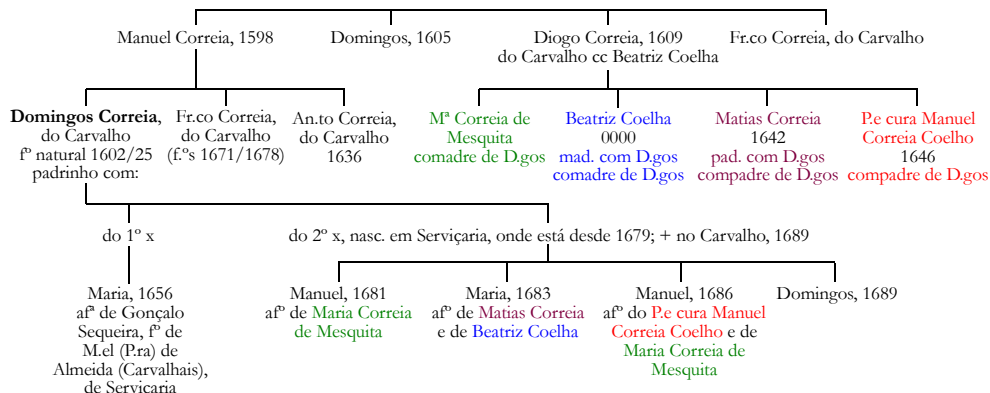
Domingos Correia

sobe do Carvalho para Serviçaria, por 1679 (talvez para trabalhar na Casa dos Almeida Carvalhais, onde Gonçalo de Sequeira - pad. de sua fª Maria, desde 1656 - era seu parente pela avó Mónica de Mesquita Pimentel, da Casa da Portela).



- teria sido batizado fora de Sedielos, por 1625
traz um nome comum, que também é da estirpe dos Borges Cerqueiras
e traz o apelido dos Correias de Sedielos
filho declarado de Maria Marão, solteira
(filhos de Diogo Correia, 1609, do Carvalho, com registo: Maria, 1636;
Matias, 1643, Manuel, 1646 e 1649;
irmãos de Diogo Correia: Ângela, 1595, Manuel Correia ou Borges, 1598,
Felicita, 1601, João Correia, 1607, e Salvador, 1614)
- ~1625 sem notícia (os filhos de Diogo: 1636-1646)
- 1625-36 entretanto, não tinha primos;
- 1653 casa com Ana Mendes em 1653; teria poucos primos e de 10 anos
- 1656 nasce-lhe uma filha de Ana, 1656, afª de Gº de Sequeira fª de Manuel de Almeida, de Serviçaria
- 1665-75 no Crisma, com Matias, António e Beatriz, pelos anos de 1665-75
- 1669.79 e mora no Carvalho, com notícia de 1669 a 1675
- 1669 padrinho com Matias Correia Coelho em 1669 e
- 1671-72 pad também em Sedielos, 1671 e 1672
- 1675 e com Beatriz Coelho em 1675
- 1679 padrinho, já em Serviçaria, com a m.er de Fr.co Borges do Carvalho
- 1679 passa a morar em Serviçaria
- 1680 viúvo de Ana no final de Abril de 1680
- 1680 casa com Maria Marques em 19.08.1680; declarado filho de mãe solteira
- 1681 nasce-lhes Manuel, 1681, afº de Maria Correia de Mesquita fª de Diogo Correia
- 1681 primeira distinção clara - Carvalho-Serviçaria -: pais de Serviçaria, padrinhos do Carvalho
- 1683 nasce-lhes Maria, 1683
- 1683 afº de Matias Correia Coelho, de Loureiro, e de Beatriz Coelha da Rua Nova (f.ºs de Diogo Correia)
- 1686 nasce-lhes outro Manuel, 1686,
- 1686 afº do padre cura (Manuel Correia Coelho) e de Maria Correia *minha irmã* (filhos de Diogo Correia)
- 1689 nasce-lhes Domingos, b. 24 de Julho de 1689, ainda em Serviçaria
- 1689 morre no Carvalho em 29 de Julho de 1689

Relações de Domingos Correia com o Carvalho e Serviçaria:



Manuel, o primeiro do nome, é Manuel Correia ou Borges, filho de João Borges e Margarida Correia; o Manuel seguinte é o padre-cura, filho de Diogo Correia; o seguinte Manuel é outro Manuel, 1674, filho de Francisco Correia, do Carvalho., afº de Maria fª que ficou de Beatriz Coelha; irmão de António, 1676, afº de António Correia, do Carvalho; e irmão de João, 1678, b. em emergência por António Correia, do Carvalho. Ainda consta Domingos Correia, de Serviçaria, a baptizar na companhia da m.er de Francisco Borges, de Cal. (Apenas o vemos, fº de Gonçalo Pereira de Cal, a c. em 1672 c. Maria Alves.)

M.el fº d. D.os Correa e d. Sua m.er Mª marques do luguar do oit.º Baptizei Eu os sete de Julho d. Seis Centos e oitenta hum forão pp. o P.e João Correa da Sylua da freg.ª da regoa e Mª Correa d. mesquita do luguar do Caru.º desta frg.ª (_098)

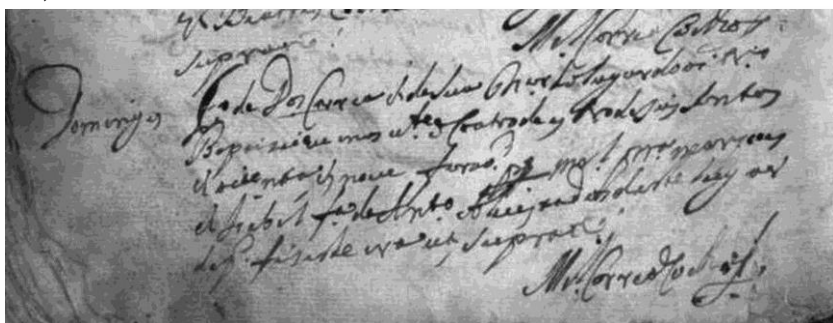
M.ª F.ª D.ªs Correa e d. Sua M.er M.ª Marques do lugar do oiteiro Baptizei eu nos sinco d. Outubro d. Seis Sentos e oitenta e tres forão pp. Mathias Correa Coelbo do Loureiro e Beatris Coelha da rua nona desta frg.ª

Manoel... Baptizei eu em Casa por vir moribundo em os trinta de novembro e lhe fis o officio em a Igreja aos seis de dezembro de seissentos e oitenta e seis forão pp Eu o p.e Cura e M.ª Correa Minha Irmã (_115). Em situação de emergência, levaram a criança a casa de seus tios, onde o padre Manuel Correia Coelha o baptizou *moribundo*; e dele veio a ser padrinho, seis dias depois, com a madrinha, sua irmã Maria Correia.

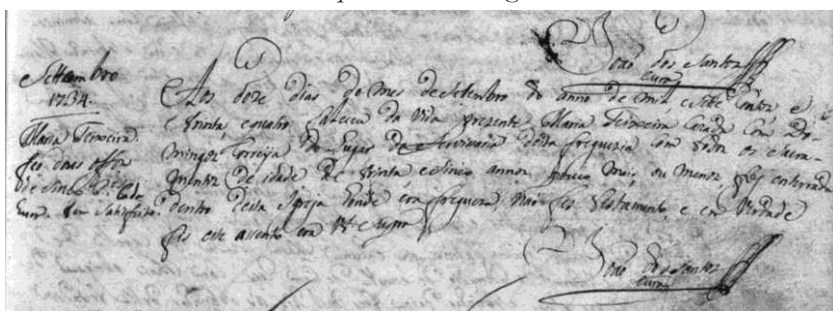
Domingos Correia não se configura por filho de Diogo Correia, do Carvalho, muito novo para isso; melhor calha, de Manuel Correia, também do Carvalho, declarado filho de João Borges e de Margarida Correia: pai, o Domingos, de dois filhos do nome Manuel, nascidos em Serviçaria. E, se assim, era primo coirmão dos Borges Correias do Carvalho, filhos de Diogo Correia e Beatriz Coelha, netos de João Borges e Margarida Correia.

Surge sempre referido ao Carvalho, com excepção nos registos de baptismo dos filhos nascidos em Serviçaria, todos, incluindo o último, Domingos: Manuel, afº de Maria Correia de Mesquita; Maria, afª de Matias Correia Coelho e de Beatriz Coelho; outro Manuel, afº do padre-cura Correia Coelho e sua irmã Maria Correia; e antes destes, a primogénita, nascida de Ana, do nome Maria em 1656, afª de Gonçalo de Sequeira (n. ele em 1636), fº de Manuel (Pereira) de Almeida (Carvalhais) (da Casa do Paço da Serviçaria).

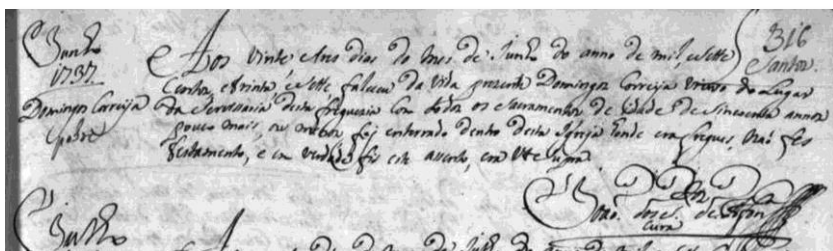
| 95



baptismo de Domingos



óbito de Maria Teixeira



óbito de Domingos



lugares da freguesia: OUTEIRO ou Serviçaria e CARVALHO

Correias e Borges estão há muito em Sedielos. E no Outeiro do Carvalho. Para mais, continuou a acusar-se aí um ramo Coelho Correia, ao qual pertence o capitão-mor de Penaguião casado com uma Borges Cerqueira, com casa em Sedielos. Será que a razão, no Carvalho, destes do capitão, se prende à morada dos primeiros no Carvalho? Como estão entroncados, sobressai neles a cepa dos velhos Borges na pessoa de Francisco Borges Cerqueira, filho de Belchior Borges e de Felicitas Cerqueira.

No elenco dos Borges (AZEREDO, 1914; PIMENTEL, 1913-1922) figuram personalidades do nome João, Francisco, Diogo e Domingos, mas nenhum do nome Manuel. O Manuel, de Manuel Borges de 1598, teria vindo dos Correias onde se conta Manuel Correia da geração de Margarida Correia casada com João Borges, do Outeiro do Carvalho de Sedielos.

Assim, os Borges de Sedielos passaram a Correias: com Francisco Correia e Diogo Correia, filhos de João Borges e Margarida Correia. Era irmã daqueles, também, Felicita, que será neta de Felicita ou Felicitas Cerqueira, mulher de Belchior Borges, acima.

Esta é a história de Serviçaria

Esta, do nascimento de José Correia de Lacerda

Pudesse a minha boca desbocada,

feita rainha e santa, milagrar palavras por sardinhas

– Tens que ver como vais contar a história do José Correia de Lacerda de Serviçaria.

Fernando Brito, Setembro 2015



GENEALOGIA

CARVALHO,
DE ARMAMAR A
ERVEDOSA DO DOURO:
SUBSÍDIOS PARA A
GENEALOGIA DA CASA
DO CÃO

| 97

por João Bráz

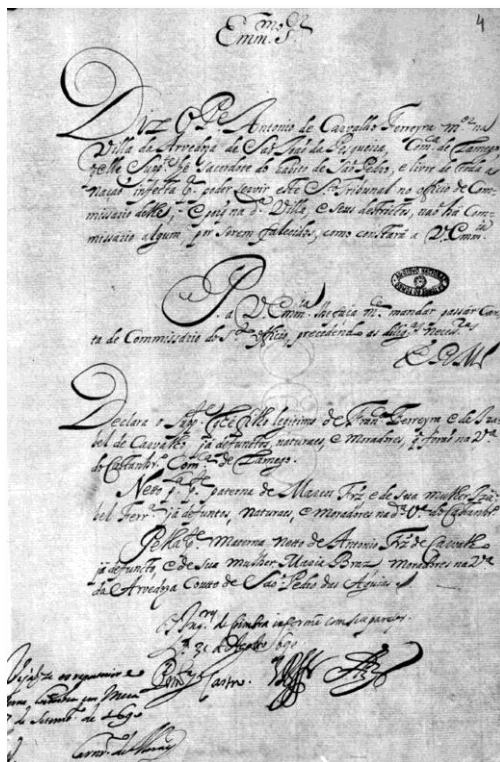
**CARVALHO,
DE ARMAMAR A ERVEDOSA DO DOURO:
SUBSÍDIOS PARA A GENEALOGIA DA CASA DO CÃO**

por João Bráz

Introdução

Este estudo tem por principal fonte a habilitação para o Santo Ofício do Padre António de Carvalho Ferreira (do § 5 nº 3), natural do Castanheiro do Sul e morador em Ervedosa do Douro, freguesias do concelho de S. João da Pesqueira, o qual recebeu provisão de Comissário do Santo Ofício a 25.02.1694, após várias diligências feitas entre 1690 e 1694 sobre a *limpeza do seu sangue, virtude, juízo e capacidade para servir o Santo Ofício*. Esse documento, rico em dados biográficos, revela que a família desse Padre António de Carvalho Ferreira tinha *murmuração de cristã novice* e como os inquisidores, após 4 longos anos de investigações por várias terras da Beira Alta, concluíram ser falsa a dita fama por ter sido *levantada por ódio e inimizade*. Quem melhor o revela, é o Padre António Fernandes de Almeida, do Souto de Penedono, na sua carta ao Santo Ofício:

“Muito Ilustres Senhores Inquisidores Apostólicos, tenbo faltado a resposta desta carta tanto tempo porquanto desejo muito mostrar e saber a verdade; e os lugares donde tomei informações são cinco. Em primeiro lugar o Padre António de Carvalho Ferreira me parece ter a capacidade suficiente para o cargo que pretende, conforme as boas notícias que dele tive e naquela vila da Ervedosa havia um comissário que morreu e naqueles arredores não sei haja outro; no tocante à limpeza do sangue, enquanto os avós paternos que eram da vila do Castanheiro e a avó materna que era da dita vila da Ervedosa não achei dívida alguma serem cristãos velhos inteiros; e quanto ao avô materno António Fernandes de Carvalho achei dependia de Santiago e Longa, junto a Armamar e que ali tinha alguma fama de cristão novo, mas tomando mais exactas informações de pessoas muito fidedignas, achei que tudo era falso e levantado de inimigos cruéis por haver entre eles mortes e pelejas; ainda hoje estão neste ódio estes inimigos; lbe tem saído tudo e tomam o fundamento de dois homens que foram casar a Longa que eram de Santiago, e





um era cristão velho, do qual descende o Padre António de Carvalho e outro era cristão novo, e deste querem os inimigos que descenda o dito Padre; mas é falso porque do cristão novo não houve filhos alguns e assim padece toda a gente do dito Padre a fama injusta e falsamente conforme as informações que tomei ainda de pessoas do Santo ofício; e é certo que se vossas senhorias mandarem fazer estas diligências, que será grandíssimo serviço de Deus; o Padre António de Carvalho é bem rico e pode gastar muito e toda aquela família dos Fernandes da Ervedosa é rica e poderosa e conforme achei, já se têm tirado outras diligências para pessoas desta família e houve tanta malícia que os inimigos se excusaram de jurar e depois fizeram seus avisos; mas havendo de se tirar esta inquirição, se há de começar pelos inimigos do dito Padre para se vir a saber a verdade de todo; eu alguns conheço por vista e outros de fama, mas eles me parecem pouco tementes a Deus e muito defamadores por onde entendo que tudo o que dizem é falso e no tirar das inquirições se saberá a verdade inteiramente; estes inimigos da família do dito Padre dependem da Ervedosa e lá estão ainda alguns e outros em outras partes perto e na Ervedosa se levantou todo o mal destes; isto é o que pude achar que fiz toda esta diligência possível assim pelo que devo ao Santo Ofício como por me compadecer do crédito de tantas pessoas sendo que é gente que não conheço nem com ela tenho trato algum. S. Pedro do Souto, 13.06.1691. Súbdito humilde de V.SS António Frz de Almeida”.

Para deslindar o caso, os inquiridores recolheram o testemunho de 43 pessoas, das mais *fidedignas* que puderam encontrar em Ervedosa do Douro, Castanheiro do Sul, Sendim, Longa, S. Cosmado e Armamar. Alguns testemunhos foram mais reveladores que outros. Por exemplo, o testemunho de Manuel de Figueiredo de Almeida, descreve algumas das inimizades e episódios que ajudaram a perpetuar a fama de cristão novice na família Carvalho de Ervedosa:

... e o fundamento desta fama segundo ele testemunha entende e teve princípio de umas eleições da justiça que houve na dita vila de Ervedosa e delas resultou haver muitas brigas, pejejas, devassas, e injúrias e então se levantou esta fama que o dito António Fernandes de Carvalho, avô materno do dito Padre e seus irmãos tinham parte de cristãos-novos e disto levaram os sobreditos muitas injúrias aos Sequeiras e seus parentes ...; ... ele testemunha pelo que tem visto, ouvido e conhecido tempera-se que toda a fama que se levantou contra António Fernandes de Carvalho e seus irmãos é falsa e levantada por ódio e inimizade porque indo ele testemunha desta vila e outros homens nobres ao concelho de Armamar para patrocinar uma eleição que lá se havia de fazer oficiais de justiça, o qual veio fazer o Corregedor de Lamego aonde se juntaram mais de cem homens de cavalo por uma e outra parte, e esteve arriscado a ver muitas mortes nesta eleição; era de uma parte Manuel Cardoso Leitão, homem muito nobre e familiar do Santo Ofício e seu primo Jorge Soeiro de Vasconcellos, capitão-mor do dito concelho e da outra parte Simão Saraiva e Miguel de Carvalho, homens principais e assentaram todos com o Corregedor que naquela eleição não votasse homem que tivesse parte de nação hebreua nem nela saísse por oficial de justiça, e neste tempo estava ele testemunha em casa de um Belchior de Afonseca, da dita vila de Armamar, e outros muitos mais entre os quais estava o dito Manuel Cardoso, familiar do Santo Ofício, e ali se disse lá veio Manuel Fernandes de Carvalho, o qual é irmão inteiro do dito António Fernandes de Carvalho, avô materno do dito Padre António de Carvalho, que morava, como ainda mora, em Santiago e veio com grande rancho para

votar na eleição como com efeito votou contra o dito familiar e seus companheiros; e ele testemunha ouvindo dizer que o dito Manuel Fernandes viera e votara disse para o familiar e para os mais como deixavam votar a Manuel Fernandes, pois tinham assentado que nenhum homem de nação votasse, porque ele e seus irmãos na Ervedosa estão infamados de cristãos novos; ao que o dito Manuel Cardoso Leitão, familiar do Santo Ofício, respondeu publicamente perante mais de quarenta homens que ali estavam: de cristão novos não têm eles nada, são tão cristãos velhos como eu o sou; obrigação tinham eles de me seguir mas são grandes culões ruins ... e eu sempre disse a verdade, e que eles eram limpos cristãos velhos; e como o dito familiar era Juiz dos Orfãos de propriedade daquele concelho e das principais dele, e que tinha de idade mais de sessenta e tantos anos e haveria vinte que sucedeu a dita eleição, tinha razão de saber tudo como natural e morador que foi daquela vila de Armamar; e desde então ele testemunha tempera-se que toda a fama que se levantou aos sobreditos é falsa e ele testemunha assim o tem publicado ainda que em algum tempo teria para si que a tal fama teria fundamento. E outro sim em outra ocasião publicando ele testemunha o acima dito nesta vila perante um Manuel Vaz desta vila, já defunto, disse o dito Manuel Vaz que lhe dissera António Cardoso que era capitão no lugar da Folgosa, do dito termo de Armamar, homem nobre e muito velho, que ele testemunha conheceu que o avô materno do dito Padre e seus irmãos eram tão cristãos velhos como ele; que a fama que se levantou contra eles de que tinham parte de cristãos novos era falsa e nascida de ódio dos inimigos, como também nascera porque um irmão do bisavô do dito Padre, que era irmão do dito Gaspar Fernandes, fora casar a Longa com uma cristã nova, e como os filhos deste que foi casar a Longa tinham parte de cristãos novos e eram primos inteiros do dito António Fernandes de Carvalho, avô materno do dito Padre, teve lugar para os inimigos formarem a fama contra toda a verdade e deste mais não disse ...

Manuel Cardoso de Carvalho, de Armamar, também atesta que a fama terá nascido duma confusão entre os Carvalho de Ervedosa e seus parentes Carvalho/Cardoso, de Armamar:

... Gonçalo de Carvalho desta vila, homem nobre e cristão velho inteiro, e muito parente dos dois irmãos que foram para a Ervedosa, e de seu irmão António Gil, o bides, de Travanqua, este tal Gonçalo de Carvalho casou em Santiago com uma fulana Cardosa, cristã nova, filha de um homem sapateiro e curtidor que se dizia viera da vila de Longa, e que dera grande dote no dito Gonçalo de Carvalho para lhe casar com a filha; e porque deste matrimónio nasceu um Manuel Cardoso que foi preso pelo Santo Ofício, e serviu de rendeiro na dita Ervedosa e lá chama parentes aos Fernandes que foram de Santiago e como patrícios os favorecia; porém, todo o parentesco que com eles tinha era pela parte de seu pai Gonçalo de Carvalho, cristão velho inteiro, e que pela mãe do dito Manuel Cardoso, não tinha parentesco algum com os ditos Fernandes...

De Armamar a Ervedosa do Douro (S. João da Pesqueira): Origens da família Carvalho

Após a leitura do processo, chegamos à conclusão que a família Carvalho, de Ervedosa era oriunda do concelho de Armamar. Os genearcas dessa família foram **Gaspar Fernandes** e sua mulher **Beatriz Gil**, da freguesia de Santiago, no concelho de Armamar, a qual veio para a Ervedosa, sendo viúva e velha, e trouxe consigo dois filhos



*Francisco Gil e Gaspar Fernandes, bisavô materno do dito Padre, que eram ambos oficiais de sapateiro*¹. Segundo várias testemunhas ouvidas nas diligências do Padre Antônio de Carvalho Ferreira, existia portanto uma relação de parentesco muito próximo entre os filhos de Gaspar Fernandes e os filhos de Gonçalo de Carvalho. Assim o refere por exemplo, Manuel Cardoso de Carvalho, *pessoa muito nobre, capitão de Ordenanças do concelho de Armamar* (em 1692): ... *Gonçalo de Carvalho desta vila [Santiago] homem nobre e cristão velho inteiro e muito parente dos dois irmãos que foram para a Ervedosa e de seu irmão Antonio Gil o bides de Travanqua...* . Também o Padre Manuel Cardoso, de Armamar refere que ... *Manuel Cardoso cristão novo era filho legítimo de Gonçalo de Carvalho natural desta vila e era cristão velho inteiro e primo dos Fernandes de Santiago que foram para Ervedosa, este tal Gonçalo de Carvalho que era cristão velho casou em Santiago com uma mulher cristã nova* ... Já Manuel de Figueiredo e Almeida refere que ... *um irmão do bisavô do dito padre que era irmão do dito Gaspar Fernandes fora casar a Longa com uma cristã nova* Parece haver uma certa confusão quanto ao grau de parentesco: uns dizem serem Gonçalo de Carvalho e Gaspar Fernandes irmãos, outros parentes muito próximos. O certo é que documentamos a filiação do dito Gonçalo de Carvalho, após leitura dos vários processos de Inquisição de seus filhos e netos presos pelo Tribunal do Santo Ofício entre 1626 e 1643². Gonçalo de Carvalho era filho de Pedro Gil e de sua mulher Antónia de Carvalho. Tinha casado de facto com a cristã nova Maria Cardosa, natural de Longa, filha de Duarte Rodrigues, curtidor e de sua mulher Leonor Rodrigues ... *porquanto o dito curtidor e sapateiro (pai dela) trouxe de Longa três filhas e a poder de dinheiro as casou com a principal gente deste concelho*³. Na parte genealogia dos processos de Inquisição dos vários filhos de Gonçalo de Carvalho preso pelo TSO, os réus nomeiam tios e primos co-irmãos mas nenhum refere os parentes da Ervedosa do Douro, o que sugere que seriam pelo menos primos no segundo grau com os Carvalho de Ervedosa. Manuel Cardoso, filho de Gonçalo de Carvalho, diz que tinha um primo Luís de Carvalho, que em 1625 era Escrivão da Camara de Lamego⁴, outro primo Manuel Cardoso, morador em Gogim e era primo no 4º grau com a mulher de Martim Teixeira, cristão velho. Não conseguimos estabelecer com certeza o parentesco entre Gonçalo de Carvalho e Gaspar Fernandes, no entanto ficamos a saber pelas próprias palavras de Gaspar Fernandes, testemunha no processo do sobredito Manuel Cardoso em 1628, que *era cristão velho e tinha 64 anos pouco mais ou menos*. Curiosamente, Gaspar Fernandes também não refere o parentesco que tinha com o réu (ou seu pai Gonçalo

¹ Testemunho de Manuel de Azevedo, de Ervedosa (1692).

² Dos 13 filhos de Gonçalo de Carvalho, 7 foram presos pelo TSO: Manuel Cardoso e o licenciado Antônio de Carvalho, presos em 1625; Cecília Cardosa e Gaspar de Carvalho presos em 1627, Francisco Cardoso e Jerônimo Cardoso, presos em 1630; Antónia Cardoso, presa em 1643.

³ Testemunho de Antônio Ferreira, de Armamar (1692)

⁴ Este Luís de Carvalho poderá ser pai do Antônio de Carvalho que foi Escrivão da Camara de Lamego (alvará de 27.7.1650) enquanto durar o impedimento de do seu irmão Francisco Guedes. (Registo Geral de Mercês, Mercês da Torre do Tombo, liv. 18, f. 207).

de Carvalho), mas que ... *a mulher dele testemunha era prima do pai do réu*. Será que afinal o parentesco dos Carvalho de Ervedosa e Gonçalo de Carvalho era pelo lado “Gil” e não por via do Gaspar Fernandes? Concluimos que Beatriz Gil, mulher de Gaspar Fernandes, era sobrinha de Pedro Gil, pai de Gonçalo de Carvalho. Dado o estatuto nobre de Gonçalo de Carvalho é possível ter sido parente (neto?) dum António Gil, morador no concelho de Armamar, nomeado Tabelião do Público e Judicial do concelho de Lumiares a 22.4.1517⁵. Deve ser o mesmo António Gil que recebeu a 10.10.1520 o ofício de Contador dos Feitos e custas e Inquiridor das Inquirições judiciais no concelho de Armamar⁶ e a quem foi confirmado a 22.10.1520 o ofício de Escrivão da Câmara e Almotaçaria da vila de Armamar⁷. E também parente do João Gil, morador na vila de Armamar, que teve a 31.8.1491 carta de Escrivão dos Órfãos de Armamar⁸ e a 4.5.1496 mercê de Escrivão das Sisas da mesma vila com o mantimento anual de 55 rs.⁹

Reconstituição Genealógica

§ 1

(CARVALHO, de Ervedosa do Douro)

(MELO, de Trevões)

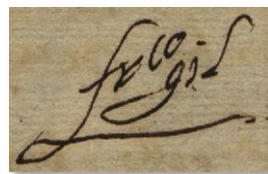
I – GASPAS FERNANDES, da Cal

Segundo a Habilitação para o Santo Ofício de seu trineto António de Carvalho Ferreira (1692), Gaspar Fernandes, “*o Al*” de alcunha, era natural da freguesia de Santiago, no concelho de Armamar, onde nasceu c.1550, era *nobre e cristão velho, homem alto e grosso de corpo*¹⁰. Casou com **BEATRIZ GIL**, “*a Santiaguinha*”, natural da mesma freguesia, *muito pequena de corpo*¹¹, prima de Gonçalo de Carvalho, *homem nobre e cristão velho de Santiago de Armamar*, filho de Pedro Gil e de sua mulher Antónia de Carvalho. Tiveram pelo menos:

1 (II) GASPAS FERNANDES, com quem seguimos

2 (II) FRANCISCO GIL

Nasceu em Santiago, Armamar c.1583. Sapateiro. Serviu de testemunha no processo de Inquirição de Fernão Álvares de Azevedo, da Ervedosa do Douro, onde assinou e diz em 1623 que ... *era sapateiro, e tinha 40 anos pouco mais ou menos*. Casou



⁵ Chancelaria de D. Manuel I, liv. 10, fl. 27

⁶ Chancelaria de D. Manuel I, liv. 36, fl. 120v

⁷ Chancelaria de D. Manuel I, liv. 36, fl. 120v

⁸ Chancelaria de D. João II, liv. 11, fol. 41

⁹ Chancelaria de D. Manuel I, liv. 40, fl. 115v

¹⁰ Testemunho de Maria da Fonseca, mulher de António Ferreira de Armamar (1692)

¹¹ *idem*



em Ervedosa do Douro a 24.04.1612¹² com DOMINGAS FILIPE, dali natural, filha de Francisco Domingues e de sua mulher Maria Fernandes. Tiveram em Ervedosa do Douro:

1 (III) MARIA

Foi baptizada em Julho de 1613, *servindo de padrinhos António Afonso e Maria de ilegível Filipa de Sousa, filha de Pedro Afonso.*

| 103

2 (III) Padre DOMINGOS GOMES

Foi baptizado a 12.10.1617, *servindo de padrinhos Brás Luís e a mulher de António da Costa.* Manuel Cardoso, de Armamar, testemunha na H.S.O. de António de Carvalho Ferreira diz em 1692 que ... *fizeram-se-lhe diligências há 54 anos e estão no cartório de mitra de Lamego.*

3 (III) GASPAS GIL

Foi baptizado a 16.01.1620. Casou com N... e teve em Ervedosa do Douro:

1 (IV) ANTÓNIO

Foi baptizado a 10.12.1669 *servindo de padrinhos António Francisco Bernardo e Maria Fernandes.* Faleceu antes de 1678.

2 (IV) ANTÓNIO

Foi baptizado a 12.08.1678 *servindo de padrinhos André de Sousa e a sua mãe Isabel de Sousa.*

23 (IV) Padre FRANCISCO GIL

Um Padre Francisco Gil, da Ervedosa do Douro serviu de padrinho de baptismo na freguesia do Vilarouco, S. João da Pesqueira, em 1700.

3 (II) ANTÓNIO GIL

Natural de Santiago, Armamar onde nasceu c.1590. O Reverendo Gaspar Cardoso de Carvalho, de Armamar, testemunha na H.S.O. de António de Carvalho Ferreira diz em 1692 que... *bem conheceu António Gil, "o Bides" de alcunha.* O Padre Manuel Cardoso, de Armamar, outra testemunha diz que ... *conheceu a um irmão de Gaspar Fernandes que se chamava António Gil e que foi morador em Travanca desta freguesia e era lavrador.* Casou com MARIA MARTINS, natural de Travanca, Armamar e tiveram na dita freguesia:

1 (III) ISABEL

Foi baptizada a 05.09.1620 *servindo de padrinhos Gaspar de Carvalho e Filipa de Paiva, de Travanca.*

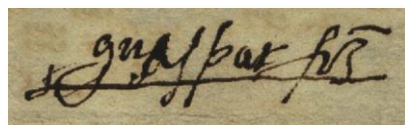
2 (III) MIGUEL

¹² Testemunhas foram Pedro Afonso, Domingos de Azevedo, Brás Luís, Pedro Gracia, Inácio Pedro, Jorge Francisco e Domingos Lopes.

Foi baptizado a 08.05.1622 *servindo de padrinhos Manuel Rebelo e Filipa Vieira.*

II – GASPAS FERNANDES

Natural de Santiago, Armamar onde nasceu c. 1578. Serviu de testemunha no processo de Inquisição de Fernão Álvares de Azevedo, da Ervedosa do Douro, onde assinou e diz em 1623 que... *era morador na Ervedosa mas natural de Santiago e tinha 45 anos pouco mais ou menos.* Oficial de sapateiro, lavrador, também serviu de juiz na freguesia da Ervedosa do Douro. Belchior da Fonseca Cardoso, homem nobre, viúvo, familiar do S.O., testemunha na H.S.O. de António de Carvalho Ferreira diz em 1692 que ... *e dali [Santiago] se fora um outro seu irmão [de Francisco Gil] e eram sapateiros e que lá [em Ervedosa] enriqueceram com rendas e tratos que tomaram.* Casou com **ISABEL FRANCISCA**, da freguesia de S. Vicente, Ervedosa do Douro (foto), onde baptizaram os filhos:




1 (III) DOMINGOS FERNANDES DE CARVALHO, com quem seguimos

2 (III) ANTÓNIO FERNANDES DE CARVALHO, segue em § 5

3 (III) ANA

Foi baptizada a 22.07.1608 *servindo de padrinhos Pedro Afonso e uma mulher ilegível.*

4 (III) ANDRÉ FERNANDES DE CARVALHO

Foi baptizado a 08.12.1613 *servindo de padrinhos Brás Luís e Maria de Sousa, mulber de Domingos de Azevedo.* Ainda era vivo em 1674¹³ quando serviu de padrinho de baptismo com sua mulher MARIA DA COSTA, com quem teve pelo menos:

1 (IV) MARIA DE CARVALHO

Serviu de madrinha de baptismo de seu sobrinho em 1666.

2 (IV) ISABEL DE CARVALHO

¹³ André Fernandes de Carvalho e sua mulher Maria da Costa apadrinharam a 06.12.1674 uma Maria filha de Francisco da Costa.



Natural de Ervedosa do Douro. Um documento na Torre do Tombo¹⁴ refere *os censos de pão e azeite que tem esta casa da S^{ra} Isabel de Carvalho de Ervedosa*, pagos por várias pessoas de Ervedosa, Castanheiro, Sarzedinho, Freixo de Numão, Horta, Numão, Casais e Sebadelhe, por escrituras feitas entre 1681 e 1696 ou por heranças que Isabel de Carvalho recebeu de seu pai. Casou com DAMIÃO TELO, natural de S. João da Pesqueira, baptizado na freguesia de S. João Baptista a 18.06.1641, filho de Jerónimo Telo da Veiga e de sua mulher Isabel Vaz da Veiga¹⁵. Tiveram em Ervedosa do Douro:

1 (V) D. MARIANA TELO DE CARVALHO

Foi baptizada a 15.02.1662 *servindo de padrinhos o Padre António Vaz Telo e sua mãe Isabel Veiga, de S. João da Pesqueira*. Serviu de madrinha de baptismo em Ervedosa do Douro em 1694.

2 (V) LUÍSA DE TELO

Foi baptizada a 10.10.1663 *servindo de padrinhos André Fernandes e Jerónimo Telo, de S. João da Pesqueira*. Serviu de madrinha de baptismo em Ervedosa do Douro em 1677.

3 (V) ANDRÉ

Foi baptizado a 17.07.1666 *servindo de padrinhos o Padre António Telo e Maria de Carvalho, filha de André Fernandes*.

4 (V) ISABEL DE SOUSA TELO

Foi baptizada a 29.10.1668 *servindo de padrinhos Manuel Telo e Luís Telo*.

5 (III) MANUEL FERNANDES DE CARVALHO

Referido por várias testemunhas na H.S.O. de seu sobrinho-neto António de Carvalho Ferreira. Miguel de Gouveia de Vasconcelos, natural de Sendim diz que... *conhece a um Manuel Fernandes morador no lugar de Santiago que foi rendeiro em algumas partes e ouviu dizer que era irmão inteiro de António Fernandes de Carvalho avô materno do dito Padre*. Belchior da Fonseca Cardoso, homem nobre e viúvo, familiar do S.O. diz que... *nela [Armamar] tem o dito Manuel Fernandes servido de vereador e juiz ordinário*. O Reverendo Francisco Lobo de Andrade refere ainda que... *casou de segunda vez em Cimbres donde ele testemunha é natural*.

¹⁴ Documentos de conventos por identificar, caixa 10, PT/TT/DOCI/0010

¹⁵ Para a ascendência deste casal, cf. “Famílias de São João da Pesqueira – Sousa, Távora e Telo” de Albano Chaves, João Bráz, Oscar Caeiro Pinto e a colaboração de Filipe Pinheiro de Campos, 2015.

III – DOMIGOS FERNANDES DE CARVALHO, do Ribeiro

Nasceu em Ervedosa do Douro c.1620 e faleceu antes de 1693. *Homem tratante e mercador*. Casou primeira vez com **DOMINGAS DA SILVA**, da mesma freguesia. Deve ser a Domingas baptizada a 17.1.1621, filha de António da Silva e de sua mulher Luísa da Silva, casados em Ervedosa do Douro a 11.5.1620. Neta paterna de Francisco João e de sua mulher Catarina da Silva. Neta materna de João Álvares e de sua mulher Francisca Antunes, todos de Ervedosa do Douro. Casou de segunda vez em Ervedosa do Douro a 27.5.1685 com LUÍSA DA VEIGA, da mesma freguesia. Teve do primeiro casamento:

1 (IV) MARIA FERNANDES DE CARVALHO

Nasceu em Ervedosa do Douro c.1640 e ali casou a 15.6.1663 *perante André Fernandes e António Fernandes* com DOMINGOS JOÃO, natural de Valongo dos Azeites.

2 (IV) MANUEL FERNANDES DE CARVALHO, com quem seguimos

3 (IV) ANA DE CARVALHO

Nasceu em Ervedosa do Douro c.1650 e ali casou a 16.6.1675 com MANUEL VAZ, natural da mesma freguesia, filho de Nicolau Vaz e de sua mulher Isabel Vaz. Tiveram:

1 (V) MARIA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 17.9.1676 *servindo de padrinhos Francisco de Carvalho, de Valença e Úrsula de Carvalho*. Serviu de madrinha de baptismo de sua prima Maria em 1692.

2 (V) ISABEL

Baptizada em Ervedosa do Douro a 11.4.1678 *servindo de padrinho Manuel Fernandes de Carvalho, capitão*.

3 (V) ANA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 2.5.1680 *servindo de padrinhos Domingos Fernandes, avô e Isabel de Carvalho*. Recebeu os santos óleos a 23.11.1680.

4 (V) ILENA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 10.10.1682 *servindo de padrinhos António Fernandes de Carvalho, e sua filha*.

5 (V) MANUEL

Baptizado em Ervedosa do Douro a 10.11.1684 *servindo de padrinho Francisco de Carvalho*.

6 (V) MARTHA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 27.1.1685 *servindo de padrinhos Manuel Fernandes, capitão e Martha de Carvalho*.



4 (IV) ISABEL DE CARVALHO, segue em § 2

5 (IV) DOMINGAS DE CARVALHO FERNANDES, segue em § 3

Terão sido pais também de:

6 (IV) JERONIMA MARIA DE CARVALHO, segue em § 4

7 (IV) ANTÓNIO FERNANDES DE CARVALHO

Natural de Ervedosa do Douro onde casou a 12.4.1678 com ANA DO COUTO DA FONSECA, da mesma freguesia, provável filha de Domingos de Aguiar e de sua mulher Ana do Couto.

| 107

IV – MANUEL FERNANDES DE CARVALHO

Capitão (já o era em 1671). Natural de Ervedosa do Douro onde casou em primeiras núpcias a 2.6.1673 com **CATARINA PINTA**, da mesma freguesia, filha natural do Padre António de Azevedo e de Maria Fernandes, moça solteira de Ervedosa do Douro. Tiveram:

1 (V) MARIANA DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 25.5.1674 *servindo de padrinhos o Procurador Álvaro Saraiwa e a filha de André Fernandes de Carvalho*. Serviu de madrinha em 1695 com seu pai.

2 (V) ANA FERNANDES DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 3.7.1675 *servindo de padrinhos Domingos Fernandes e Ana do Couto*. Serviu de madrinha em 1712 com seu pai.

3 (V) MANUEL

Baptizado em Ervedosa do Douro a 20.1.1678 *servindo de padrinhos Manuel Leme e sua tia*.

4 (V) ANTÓNIO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 12.6.1682 *servindo de padrinho José de Azevedo*.

Teve filhos ilegítimos com MARIA FERNANDES, da Ervedosa do Douro, filha de António Fernandes, *genro do Marques*:

5 (V) SEVERINO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 24.11.1671.

6 (V) SERAFINA DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 30.7.1674. Casou em Soutelo do Douro a 5.3.1685 com MANUEL FERNANDES CARLOTO, dali natural. Com geração nos Carvalho, de Soutelo.

Casou de segunda vez em Ervedosa do Douro a 8.10.1702 com **D. MARIA ANA DA SILVA**, da mesma freguesia, filha de António da Silva, dos Casais e de sua mulher Maria Veiga, de Ervedosa do Douro. Tiveram:

7 (V) MANUEL

Nasceu em Ervedosa do Douro a 25.6.1699.

8 (V) CAETANO LUÍS DE CARVALHO FERNANDES, com quem seguimos

V – CAETANO LUÍS DE CARVALHO FERNANDES

Baptizado em Ervedosa do Douro a 24.4.1707 (mas o registo foi feito a 23.6.1712) *servindo de padrinhos António Leme de Sousa, de S. João da Pesqueira e o Padre Frei Manuel de Figueiredo, da Ordem de S. Bernardo*. Serviu de testemunha num documento de venda em Freixinho em 1738 onde assinou. Foi Tabelião no ofício notarial de Soutelo do Douro (1748). Casou com **D. MARIANA JOSEFA DE ALMEIDA E SOUSA**, natural de Soutelo do Douro, filha de João de Almeida Monteiro e de sua mulher D. Ana Maria dos Santos. Tiveram:

1 (VI) JOSÉ MANUEL DE CARVALHO E ALMEIDA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 4.12.1734 *servindo de padrinhos o Beneficiado Manuel da Cunha e Sousa, do Freixinho e D. Brízida Teixeira*. Padrinho em 1742 e 1753.

2 (VI) MARIANA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 7.4.1735.

3 (VI) D. TERESA JOAQUINA DE ALMEIDA E SOUSA E MENESES

Baptizada em Ervedosa do Douro a 8.1.1738 *servindo de padrinhos António de Almeida Carvalhais, Fidalgo da Casa de Sua Magestade e o Dr. Francisco Monteiro Montenegro*. Casou em Ervedosa do Douro a 7.8.1759 com JOÃO PEREIRA CARDOSO, natural de N.Senhora de Barró, filho de António Pereira Cortes e de sua mulher Maria Cardosa.

4 (VI) JOÃO ANTÓNIO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 22.4.1740 *servindo de padrinhos o Padre Frei Bento Xavier da Cunha, Religioso de S. Domingos e Maria da Natividade, de Freixinho por procuração do Padre Feliciano Pinto*.

5 (VI) D. MARIA AMÁLIA DE CARVALHO FERNANDES

Baptizada em Ervedosa do Douro a 30.6.1742 *servindo de padrinhos José Manuel filho de Caetano Luís e Manuel de Carvalho*. Serviu de madrinha de baptismo em Ervedosa do Douro em 1769 e 1816.

6 (VI) ANTÓNIO JACINTO



Baptizado em Ervedosa do Douro a 7.6.1744 *servindo de padrinhos o Padre Feliciano Pinto por procuração de Jacinto Lopes Tavares de Vila Nova e António Monteiro de Almeida e José Manuel de Carvalho por procuração que teve dos dois.*

7 (VI) MANUEL DE JESUS DE CARVALHO E ALMEIDA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 16.4.1746 *servindo de padrinhos o Rev.^{do} Frei José de Castel Branco Dom Abade do Real Mosteiro de S. Pedro das Águas, mandou por procuração ao Rev.^{do} Padre Feliciano Pinto Cabral, madrinha N. Senhora do Socorro. Capitão de Ordenanças de Ervedosa do Douro que vagou por morte de Manuel de Carvalho Fernandes em 31.8.1761¹⁶. O mesmo cargo vagou por morte de Manuel de Jesus em 3.11.1788. Casou com MARIA ROSA DA CUNHA CAIADO, natural de S. João da Pesqueira onde foi baptizada na freguesia de S. João Baptista a 8.7.1753, filha de Jerónimo da Cunha Pereira, natural de Serraquim, Sátão, Tabelião no 1º ofício notarial de S. João da Pesqueira, onde tinha casado a 9.9.1751 com D. Ana Maria de Sequeira de Magalhães, dali natural. Neta paterna de José da Cunha, de Serraquim e de sua mulher Clara Maria Caiado, natural da Póvoa de Penela onde foi baptizada a 29.7.1686¹⁷. Neta materna de Manuel de Carvalho e Sá, da Póvoa de Penela e de sua mulher D. Luísa Teresa de Magalhães Sequeira, de Santa Maria da Pesqueira.*

| 109

8 (VI) D. ANA MARIA CLARA DE CARVALHO FERNANDES

Baptizada em Ervedosa do Douro a 12.11.1748 *servindo de padrinhos José Manuel e S. José. Serviu de madrinha de baptismo em Ervedosa do Douro em 1770 e 1806.*

9 (VI) Rev.^{do} JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO ALMEIDA E SOUSA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 24.9.1750 *servindo de padrinhos o Padre baptizante Feliciano Pinto e S.^{ra} Santa Ana. Ainda era vivo em 1806.*

10 (VI) JOÃO CAETANO DE CARVALHO E SOUSA ALMEIDA MENESES, com quem seguimos

VI – JOÃO CAETANO DE CARVALHO E SOUSA ALMEIDA MENESES

Baptizado em Ervedosa do Douro a 15.3.1753 *servindo de padrinhos José Manuel de Carvalho e Almeida que veio com procuração sua Manuel de Carvalho Fernandes e sua irmã D. Teresa de Almeida e Sousa. Casou em primeiras núpcias em Ervedosa do Douro a 24.10.1781 com D. ANA MARIA MONTEIRO, do Sarzedinho, viúva de Joaquim José de Sousa. Sem geração. Casou de segunda vez em Ervedosa do Douro a 14.2.1787*

¹⁶ Cf. “As Ordenanças e as Milícias em Portugal, Subsídios para o seu estudo, vol.I” de Nuno Borrego, p.213

¹⁷ Para a sua ascendência cf. “Almeidas, Anciães, Caiados e Fonseca - contributo para a genealogia das famílias de Trevões e arredores (séc XVI a XVIII)” de João Bráz em Raízes & Memórias n.º 29

com **MARIA DA CONCEIÇÃO DE CARVALHO SOBRAL E SILVA**, de Ervedosa do Douro, filha de Francisco do Sobral e de sua mulher Isabel da Silva, do § 4. Teve do segundo casamento:

1 (VII) ANA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 9.2.1789 *servindo de padrinhos o Rev.^{do} Joaquim José de Sobral por seu procurador Caetano Luís de Carvalho Fernandes e por procuração de sua mãe Isabel da Silva.*

2 (VII) D. MARIA ROSA DA CONCEIÇÃO DE MENESES ALMEIDA DE CARVALHO, com quem seguimos

VII – D. MARIA ROSA DA CONCEIÇÃO DE MENESES ALMEIDA DE CARVALHO

Natural de Ervedosa do Douro onde faleceu a 7.12.1862 e casou a 28.6.1807 com **JOAQUIM DE MELO DE ALMEIDA E VASCONCELOS**, natural de Trevões, filho do morgado Francisco Xavier de Almeida Caiado de Melo Rebelo e Vasconcelos, Cavaleiro da Ordem de Cristo, morgado de Trevões e Cária, possuidor do imponente solar dos Melos na mesma freguesia, e de sua mulher D. Florência de Sousa Braga Pinto Coelho, do Vilarouco, ali baptizada a 15.7.1726. Neto paterno de Domingos Caiado Rebelo de Almeida, capitão-mor de Trevões, Senhor do morgado de Cária, baptizado em Trevões a 13.10.1682 e de sua mulher D. Teresa Maria Engrácia de Almeida de Melo e Vasconcelos, da Quinta de Santo Estêvão, Viseu. Neto materno de Tomás de Braga Pinto da Fonseca de Sousa Coelho e Vasconcelos, senhor do morgado de Vilarouco e sua mulher Maria Teresa Pereira Coelho Tostada, de Sebadelhe¹⁸. Tiveram:

1 (VIII) JOANA ROSA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 19.8.1808 *servindo de padrinhos João de Melo Almeida Caiado Soares e Vasconcelos e D. Joana Baptista Braga Pinto da Fonseca, de Trevões.*

2 (VIII) RITA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 14.10.1809 *servindo de padrinhos o Rev.^{do} Joaquim José de Sobral, Abade de S. Pedro, natural de Ervedosa do Douro por procuração ao Dr. Joaquim José de Carvalho e D. Ana Isabel de Santo António, Religiosa no Convento de N. Senhora da Ribeira, por procuração a Maria da Conceição Sobral e Silva.*

3 (VIII) JOÃO DE MELO DE ALMEIDA CAIADO E VASCONCELOS, com quem seguimos

¹⁸ Para uma ascendência mais completa destes cf. “Almeidas, Anciães, Caiados e Fonseca - contributo para a genealogia das famílias de Trevões e arredores (séc XVI a XVIII)” de João Bráz em Raízes & Memórias nº 29; e “Donas-Boto de S. João da Pesqueira: Origens e novos ramos”, de Albano Chaves.

4 (VIII) ANTÓNIO JACINTO DE MELO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 2.12.1813 *servindo de padrinhos António Jacinto de Carvalho e D. Ana Joaquina de Carvalho e Silva.*

5 (VIII) FRANCISCO INOCÊNCIO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 13.1.1816 *servindo de padrinhos o Frei Francisco Botelho e D. Maria Amália tia do baptizado.*

| 111

6 (VIII) JOAQUIM MÁXIMO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 6.4.1818 *servindo de padrinhos João de Melo e Vasconcelos e sua mulher D. Joana Baptista Fonseca e Braga de Trevões.*

VIII – JOÃO DE MELO DE ALMEIDA CAIADO E VASCONCELOS

Baptizado em Ervedosa do Douro a 15.10.1812 *servindo de padrinhos João de Melo Almeida Caiado Soares e Vasconcelos e sua irmã D. Maria Teresa de Almeida Caiada e Vasconcelos.* Proprietário da Capela de N.Senhora da Conceição (sita no Solar dos Melos; foto) em Trevões. Casou em Ervedosa do Douro a 6.2.1836 com **D. MARIA JOAQUINA DE MELO COSTA E SEIXAS**, natural da mesma freguesia, nascida a 10.5.1815, filha de Francisco José da Costa Seixas e de sua mulher D. Francisca Rosa de Sequeira. Neta paterna de António de Seixas e de Maria Fernandes da Silva. Neta materna de Feliz Manuel de Sequeira e de Maria Bernarda Fernandes. Tiveram:



1 (IX) FRANCISCO XAVIER DE MELO

Nasceu em Trevões a 22.12.1836 e foi baptizado a 26.1.1837 *servindo de padrinhos António Caiado por procuração de seu irmão João de Almeida Caiado e D. Maria Rosa avó paterna.* Faleceu a 20.11.1920. Vivía a expensas do capitalista António Pais. Foi pai de João Baptista de Melo, que teve passaporte a 27.12.1887 para ir para o Pará, Brasil.

2 (IX) ANTÓNIO

Nasceu em Trevões a 11.1.1838 e foi baptizado a 26.2 *servindo de padrinhos António Caiado e Figueiredo e D. Maria Benedita de Melo de Fonte Arcada por procuração tocou D. Ana Caiada.*

3 (IX) AUGUSTO CÉSAR

Nasceu em Trevões a 12.12.1839 e foi baptizado a 19.2.1840 *servindo de padrinhos António de Melo Almeida Caiado e D. Rita de Melo.*

4 (IX) D. MARIA JOAQUINA DA COSTA E SEIXAS, com quem seguimos



5 (IX) ADRIANO

Nasceu em Trevões a 30.10.1844 e foi baptizado a 6.12 *servindo de padrinhos Francisco de Melo Almeida Caiado e Vasconcelos e D. Rita de Melo Almeida Caiado por uma procuração que teve de D. Clemência Rita de Melo e Vasconcelos residente em Fonte Arcada.*

6 (IX) JOSÉ MARIA DE MELO

Natural de Trevões. Teve uma filha natural de CANDIDA DOS SANTOS PINTO, da mesma freguesia, filha de Manuel Pereira e de sua mulher Maria da Glória.

1 (X) LEONIA DE MELO

Nasceu em Trevões a 10.4.1867 e foi baptizada em Penela da Beira a 6.8 *servindo de padrinhos Constantino de Aguiar Neto e N.Senhora.*

IX – D. MARIA JOAQUINA DA COSTA E SEIXAS

Nasceu em Trevões a 22.11.1842 e foi baptizada a 23.12 *servindo de padrinhos Joaquim de Melo de Almeida Caiado e D. Ana de Gouveia Coutinho Melo e Vasconcelos por sua procuração tocou D. Rita de Melo.* Casou com **LUÍA CAETANO DE SOBRAL**, natural da Granja de Penedono, ali nascido a 9.9.1831, filho de João Baptista Rodrigues e Sousa, baptizado na Granja de Penedono a 1.7.1769 e de sua mulher D. Caetana Luísa de Sobral, das Antas de Penedono. Neto paterno de Girardo José Rodrigues, baptizado na Granja de Penedono a 31.8.1728 e casado a 19.2.1759 com Caetana Maria de Sousa, ali baptizada a 15.8.1737. Neto materno do Sargento-mor José Baptista de Sobral, das Antas de Penedono e de sua mulher D. Maria Rosária, de Cedovim. Tiveram:

1 (X) D. FLÁVIA GENEROSA

Natural das Antas de Penedono, vivia na Bezelga em casa de sua tia D. Maria Rita, quando casou na Granja de Penedono a 19.2.1882 com seu primo (nos 2º e 3º graus de consanguinidade duplicados) MANUEL DE JESUS RODRIGUES, nascido na Granja de Penedono a 15.12.1857, filho de João de Alegria Rodrigues, nascido na Granja de Penedono a 16.3.1826 e casado a 22.9.1853 com Maria de Jesus Gomes, nascida na Granja de Penedono a 2.5.1821. Neto paterno de Manuel Caetano Rodrigues e de sua mulher Francisca Maria. Neto materno de Manuel Caetano Rodrigues Senior e de sua mulher Maria Angélica Gomes. Com geração.

2 (X) D. IRMELINDA DA CONCEIÇÃO

Natural das Antas de Penedono, casou com seu primo JOÃO DE JESUS MARTINS, nascido na Granja de Penedono a 19.8.1860, filho de José António Martins, natural de Alcarva, casado na Granja de Penedono a 14.12.1846 com Candida de Jesus, ali nascida a 8.1.1823. Neto paterno de



Manuel Martins e de sua mulher Leonor Felícia Pereira. Neto materno de Manuel Caetano Rodrigues e de sua mulher Francisca Maria. Com geração.

§ 2

(CARVALHO E ABRUNHOSA, de Penela da Beira)

| 113

IV – ISABEL DE CARVALHO

Filha de Domingos Fernandes de Carvalho e de sua mulher Domingas da Silva, do § 1 nº3. Natural de Ervedosa do Douro onde nasceu c.1662 e serviu de madrinha de baptismo várias vezes entre 1676 e 1681 junto com o irmão Manuel Fernandes de Carvalho e o pai Domingos Fernandes de Carvalho. Faleceu em Penela da Beira a 18.11.1712. Casou em 1682 com **DOMINGOS LOPES**, natural do Val de Seixo, Trancoso, falecido em Penela da Beira a 18.11.1712. Entre 1684 e 1688, Domingos Lopes era rendeiro da vila de Fontelo, Armamar (onde morava e baptizou alguns filhos) e rendeiro da Camara do Sr Bispo de Lamego. Tiveram:

1 (V) ANDRÉ

Baptizado em Fontelo, Armamar a 7.12.1684 *servindo de padrinhos António Cardoso de Vasconcelos, capitão-mor de Murça e Domingos Pinto de Carvalho.*

2 (V) ANTÓNIO

Baptizado em Fontelo, Armamar a 22.10.1685 *servindo de padrinhos Domingos Fernandes seu sogro e Manuel Vaz.*

3 (V) FLORÊNCIA

Baptizada em Penela da Beira, Penedono a 26.6.1687 *servindo de padrinhos Domingos Fernandes, de Ervedosa e Luíza Mendes, mulher do capitão João Rodrigues Forte.*

4 (V) ANA MARIA DE CARVALHO

Baptizada em Fontelo, Armamar a 6.10.1688 *servindo de padrinhos Manuel Fernandes de Santiago e Catarina Pinta, filha de Domingos Pinto.* Casou em Penela da Beira a 19.8.1716 com MANUEL VILELA FERNANDES, natural de Covas do Douro, Braga, falecido em Penela da Beira a 14.12.1729, filho de Gonçalo Fernandes e de sua mulher Maria Vilela. Tiveram entre outros:

1 (VI) DUARTE VILELA DE CARVALHO

Baptizado em Penela da Beira a 6.12.1719 *servindo de padrinhos Duarte Rebelo, filho de António Soares de Mendonça e Maria Mendes, mulher do dito António Soares.* Faleceu em Penela da Beira a 2.11.1754, onde tinha casado a 2.10.1737 com MARIA DA FONSECA PROENÇA, da mesma freguesia, baptizada a 14.9.1721 *servindo de padrinhos Manuel da Fonseca e Catarina Fernandes, mulher de João Lourenço, e falecida a 8.3.1781.* Filha de José Fernandes de Proença, Gago, baptizado em Penela da Beira a



29.1.1690, falecido a 1.9.1733 e casado na Granja de Penedono a 30.9.1717 com Águeda da Fonseca, dali natural, baptizada a 11.2.1694. Tiveram entre outros:

1 (VII) JOSÉ MANUEL DE CARVALHO *Bexiga*

Baptizado em Penela da Beira a 1.6.1744 *servindo de padrinhos Manuel Antunes, de Sendim e Luísa Guedes, mulher de António da Fonseca, almocreve*. Casou em Penela da Beira a 28.6.1783 com sua prima MARIA TERESA DE ABRUNHOSA DE CARVALHO, da mesma freguesia, baptizada a 11.8.1762 e falecida a 12.9.1820, filha de António de Abrunhosa e Carvalho e de sua mulher Teresa Maria de Gouveia, abaixo tratados. Com geração.

2 (VII) BERNARDA MARIA DUARTE DE CARVALHO

Baptizada em Penela da Beira a 2.3.1747 *servindo de padrinhos o reitor António Correia de Carvalho e sua irmã Bernarda Maria de Carvalho*. Casou em Penela da Beira a 26.5.1771 com MANUEL JOSÉ DA SILVA GOUVEIA, da mesma freguesia, baptizado a 4.4.1745, soldado na Praça de Almeida (1771), filho de José da Silva, baptizado em Penela da Beira a 21.5.1698 e de sua segunda mulher Isabel de Gouveia, de Custóias, falecida em Penela da Beira a 13.1.1759. Tiveram entre outros:

1 (VIII) LUÍSA ROSA DE GOUVEIA

Baptizada em Penela da Beira a 28.2.1777 *servindo de padrinhos José Manuel e sua irmã Teresa, filhos da avó materna*. Faleceu em Penela da Beira a 25.4.1863 onde tinha casado a 15.8.1802 com FRANCISCO JOSÉ FERREIRA DE MESQUITA, da mesma freguesia, baptizado a 27.1.1771, filho natural de António Ferreira de Mesquita e Melo, cirurgião, baptizado em Penela da Beira a 22.2.1747 e de Ana Maria Cristova, baptizada em Penela da Beira a 1.8.1742. Neto paterno de Vicente Ferreira de Mesquita¹⁹, baptizado em Penela da Beira a 24.11.1720, falecido a 6.9.1766 e casado a 16.12.1739 com Ana Maria Fernandes, da

¹⁹ Este era bisneto materno de Domingos de Mesquita Cabral, natural de Penaguião, Porto, falecido em Souto de Penedono a 6.8.1685 e de sua mulher D. Francisca de Melo Freire, baptizada em Souto de Penedono a 3.3.1652 e ali falecida a 15.10.1734, filha de António Dias, do Souto de Penedono, ermitão de N.Senhora da Piedade, da Trancosã, e de sua mulher D. Brites de Eça, de Penedono, falecida em Souto de Penedono a 22.6.1714. Esta última era filha de Francisco de Melo Soares, capitão-mor de Penedono, moço-fidalgo da Casa Real (1618), Juiz dos órfãos de Penedono, morgado de S.Paio e Nespereira e de sua mulher D. Filipa Rodrigues Botelho, de Penedono.



mesma freguesia, baptizada a 3.8.1721 e falecida a 12.3.1783. Neto materno de André de Proença, natural de Paredes da Beira, falecido em Penela da Beira a 5.1.1742 onde tinha casado a 9.2.1721 com Teresa da Fonseca Cristova, dali natural, baptizada a 4.5.1704. Com larga geração em Penela da Beira.

5 (V) JOÃO

Baptizado em Penela da Beira, Penedono a 13.10.1690 *servindo de padrinhos o capitão João Rodrigues Forte e Teresa de Jesus, minha irmã.*

6 (V) MARIA DE CARVALHO

Baptizada em Penela da Beira, Penedono a 24.9.1692 *servindo de padrinhos o Padre Frei Manuel Religioso da Graça e Maria de Carvalho, filha de Manuel Vaz, moradores em Ervedosa.* Faleceu em Penela da Beira a 28.12.1757. Casou na mesma freguesia a 22.10.1725 com MANUEL CORREIA ELENO, dali natural, baptizado a 20.7.1679 e falecido a 30.5.1733, filho natural de António Correia, natural de Sarzeda, Sernancelhe e de Elena Rodrigues, de Penedono. Tiveram entre outros:

1 (VI) MARIA TERESA DE CARVALHO

Baptizada em Penela da Beira a 17.8.1732 e falecida a 4.10.1788. Casou em Penela da Beira a 12.11.1763 com ALEXANDRE DA COSTA, da mesma freguesia, baptizado a 6.3.1735, filho de José da Costa, baptizado em Penela da Beira a 8.3.1704, falecido a 28.3.1768 e casado de segunda vez a 6.5.1734 com Maria Lucrecia da Fonseca, natural de Santa Marinha de Barreiros, Viseu, baptizada a 25.10.1694 e falecida em Penela da Beira a 17.6.1711. Antes do casamento teve também uma filha natural do Dr. MIGUEL CARLOS DE SOUSA PIMENTEL DE MESQUITA E CASTRO, Bacharel formado em Canones pela UC (11.5.1757), morgado de Penela da Beira, ali baptizado a 9.12.1731 e falecido a 10.1.1809, filho de Francisco de Almeida e Sousa Pessoa, natural de Eucízia, Alfandega da Fé e de sua mulher D. Teresa Maria de Ayala e Sousa, natural de Ranhados²⁰.

7 (V) MARIANA DE CARVALHO, com quem seguimos

8 (V) ANGELA DE CARVALHO

Nasceu em Ervedosa do Douro a 19.4.1696 e foi baptizada a 28.4 *servindo de padrinhos Manuel Fernandes, capitão e Domingos de Carvalho.* Casou com MANUEL DA COSTA XITRA, da Ervedosa do Douro. Tiveram:

1 (VI) MANUEL

²⁰ Para a ascendência deste casal, cf. “Contribuições genealógicas II - Pinto de Lemos de Ranhados (Meda)”, de João Bráz e Óscar Caeiro Pinto, in “Raízes & Memórias” n.º30, 2013.

Baptizado em Ervedosa do Douro a 3.5.1725 *servindo de padrinhos Manuel de Távora solteiro filho de António Rodrigues e Isabel de Távora, e Josefa solteira filha de Brás Fernandes e Maria de Almeida.*

2 (VI) PEDRO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 25.1.1728 *servindo de padrinhos António Ferreira e sua mulher Maria da Fonseca, caseiros.*

3 (VI) MARIA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 2.3.1729 *servindo de padrinhos Brás da Veiga e sua mulher Maria da Veiga.*

4 (VI) LUÍSA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 21.12.1731 *servindo de padrinhos António de Aguiar Boto e sua mulher D. Brízida.*

5 (VI) EUGÉNIA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 24.8.1734 *servindo de padrinhos Domingos da Silva solteiro e Clara da Silva, viúva.*

9 (V) DOMINGOS

Baptizado em Penela da Beira a 3.8.1698 *servindo de padrinhos Cristóvão da Fonseca e sua irmã Maria da Fonseca.* Faleceu antes de 1703.

10 (V) TERESA DE CARVALHO

Baptizada em Penela da Beira a 18.12.1700 *servindo de padrinho o capitão Manuel da Fonseca e Sousa.* Faleceu em Penela da Beira a 29.10.1758. Casou em Penela da Beira a 23.6.1723 com FRANCISCO DA COSTA, da mesma freguesia, ali baptizado a 20.8.1700, filho de José de Andrade, baptizado em Penela da Beira a 16.8.1672 e falecido a 30.10.1733, vivia de sua fazenda²¹, e de sua mulher (casados a 21.2.1694) Ana Henriques, baptizada em Penela da Beira 19.4.1666 e falecida a 30.9.1748. Neto paterno de Francisco da Costa, baptizado em Souto de Penedono a 15.6.1627 e casado de segunda vez em Penela da Beira a 29.1.1670 com Isabel de Andrade²², natural de Castainço. Neto materno de Cristóvão da Fonseca e de sua mulher Catarina de Abrunhosa, casados em Penela da Beira a 20.8.1665. Tiveram pelo menos:

1 (VI) ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA ANDRADE

²¹ Foi preso pelo Tribunal do SO a 25.9.1726 por culpas de judaísmo. Acusado falsamente por inimigos, saiu em 1728 com sentença e auto de Fé de 9.5.1728.

²² Era irmã de Francisco de Andrade, de Castainço, ali falecido a 18.6.1702, que recebeu alvará de moço da camara com a moradia e cevada ordinária e condição do número e da Índia (Liv. I Fls 57v.; em “Livro de Matrículas da Casa Real”, de Luís Amaral, p.50). Ambos filhos de João André, falecido em Castainço a 8.8.1672 e de sua mulher Beatriz Vaz, *lavradores principais e das principais famílias deste lugar de Castainço por tais tidos sempre.*



Baptizado em Penela da Beira a 14.10.1725 *servindo de padrinhos o sargento-mor António Pinto Henriques e Mariana de Carvalho*. Casou na Granja de Penedono a 26.4.1750 com ROSA MARIA FERNANDES DA FONSECA AMADA, dali natural, baptizada a 19.11.1733 e falecida em Penela da Beira a 22.10.1806, filha de Manuel Fernandes, natural da Granja de Penedono onde foi baptizado a 13.2.1689, faleceu em 1741 e tinha casado a 5.2.1730 com Maria Ana Amada da Fonseca, baptizada em Penela da Beira a 16.7.1700. Com geração.

2 (VI) ANA MARIA DE ANDRADE DA COSTA

Baptizada em Penela da Beira a 30.10.1729 *servindo de padrinhos António de Abrunhosa e Micaela da Fonseca*. Casou em Penela da Beira a 28.5.1759 com MANUEL RIBEIRO, natural de Trevões, filho de Manuel Ribeiro Trigo, de Trevões e de sua mulher Feliciano Cardosa, de Escurquela. Com geração em Trevões.

3 (VI) RITA MARIA DA COSTA ANDRADE

Baptizada em Penela da Beira a 13.3.1732. Casou com MANUEL DE AGUIAR, natural de Loivos do Monte, Baião, nascido a 27.1.1730, filho de João de Aguiar, natural de Penedono onde foi baptizado a 8.3.1704 e faleceu a 15.3.1763, casado em Loivos do Monte a 11.6.1728 com Ana Rodrigues Pereira, dali natural, baptizada a 26.6.1705 e falecida em Penedono a 13.9.1782. Com larga geração em Penedono.

4 (VI) BERNARDA MARIA DA COSTA DE CARVALHO

Baptizada em Penela da Beira a 5.8.1734 *servindo de padrinhos o reitor António Correia de Carvalho e sua irmã Bernarda Maria*. Faleceu no mês de Agosto de 1772. Casou com MANUEL RODRIGUES FLORINDO, natural mesma freguesia, baptizado a 21.9.1731, filho de António Lopes Florindo, natural de Valongo dos Azeites onde foi baptizado a 21.10.1690, casado em Penela da Beira a 21.2.1713 com Catarina Fernandes Carrapôta, dali natural, baptizada a 12.10.1690²³. Com larga geração.

5 (VI) MARIA JOSEFA DE ANDRADE DE CARVALHO

Baptizada em Penela da Beira a 10.5.1739 *servindo de padrinhos Cristóvão da Fonseca e Leonarda Maria*. Faleceu em Penela da Beira a 31.8.1806. Casou em Penedono a 22.4.1762 com JOSÉ DA CRUZ DE AGUIAR PEREIRA, irmão de seu cunhado, natural de Penedono, baptizado a

²³ Para a ascendência deste casal, cf. “Almeidas, Anciães, Caiados e Fonseca - contributo para a genealogia das famílias de Trevões e arredores (séc XVI a XVIII)” de João Bráz em Raízes & Memórias nº 29

3.5.1739, falecido em Penela da Beira a 17.1.1798, filho de João de Aguiar, e de sua mulher Ana Rodrigues Pereira. Com larga geração.

11 (V) DOMINGOS LOPES

Baptizado em Penela da Beira a 3.6.1703 *servindo de padrinhos António da Fonseca, filho de Cristóvão da Fonseca e o dito Cristóvão tocou em nome de sua irmã Maria da Fonseca.*

V – **MARIANA DE CARVALHO**

Baptizada em Ervedosa do Douro a 10.5.1694 *servindo de padrinhos António de Carvalho e D. Mariana filha de Damião Telo e Isabel de Carvalho.* Faleceu em Penela da Beira a 8.11.1775. Teve um filho natural do capitão **ANTÓNIO DE ABRUNHOSA**, natural de Penela da Beira, ali baptizado a 7.8.1686 e falecido a 23.5.1751, filho de Francisco de Abrunhosa, falecido em Penela da Beira a 4.2.1732 e casado a 4.8.1670 com Catarina Fernandes, falecida em Penela da Beira a 24.10.1722.

1 (VI) ANTÓNIO DE ABRUNHOSA E CARVALHO, com quem seguimos

VI – **ANTÓNIO DE ABRUNHOSA E CARVALHO**

Baptizado em Penela da Beira a 24.8.1733 *servindo de padrinhos José António e Antónia Ferreira*, e falecido a 16.11.1818. Escrivão dos Órfãos das vilas de Penela da Beira, Póvoa e Valongo. Casou em Penela da Beira a 8.6.1758 com **TERESA MARIA DE GOUVEIA**, da mesma freguesia, baptizada a 26.1.1742 e falecida a 21.2.1805, filha de José da Silva, e de sua mulher Isabel de Gouveia, já acima referidos. Tiveram entre outros:

1 (VII) MARIA TERESA DE ABRUNHOSA DE CARVALHO

Baptizada em Penela da Beira a 11.8.1762 *servindo de padrinhos o Padre José Cardoso e Maria Rodrigues.* Faleceu em Penela da Beira a 12.9.1820. Casou em Penela da Beira a 28.6.1783 com seu primo JOSÉ MANUEL DE CARVALHO, filho de Duarte Vilela de Carvalho e de sua mulher Maria da Fonseca Proença, acima tratados. Com geração.

2 (VII) JOANA FELÍCIA DE ABRUNHOSA DE CARVALHO, com quem seguimos

3 (VII) INÁCIA JOAQUINA DE CARVALHO E ABRUNHOSA

Baptizada em Penela da Beira a 8.5.1775 *servindo de padrinhos Francisco António de Vasconcelos e António da Fonseca Alexandre com procuração de Maria Inácia assistente.* Casou em Penela da Beira a 19.9.1796 com JOÃO PINTO DE AZEVEDO, natural de Ancêde, Porto, filho de Manuel Pinto e de sua mulher Bernarda de Azevedo. Com geração.

4 (VII) JOÃO INÁCIO CARVALHO E ABRUNHOSA



Nasceu em Penela da Beira a 21.5.1778 e foi baptizado a 28.5 *servindo de padrinhos João Inácio Coutinho, da Quinta da Picoila e o Padre José Cardoso com procuração de Feliciano Maria Coutinho irmã do padrinho*. Almocreve, foi preso político na praça de Almeida entre 1828 e 1831. Faleceu na prisão de Santo António a 27.10.1833. Tinha casado em Penela da Beira a 24.8.1801 com LUÍSA ROSA DOS SANTOS LOPES MARMELA, da mesma freguesia, baptizada a 5.10.1778, filha natural de José Bernardo Lopes da Fonseca, baptizado em Penela da Beira a 25.3.1747 e de Maria dos Santos Marmelo, baptizada em Penela da Beira a 16.2.1744 e falecida a 3.9.1799. Com geração.

5 (VII) MARIA DO CARMO DE CARVALHO E ABRUNHOSA

Nasceu em Penela da Beira a 10.10.1781 e foi baptizada a 22.10 *servindo de padrinhos António Lopes de Freixiel e sua mulher Rosária Maria por procuração do Padre José Cardoso*. Casou em Penela da Beira a 9.5.1803 com ANTÓNIO JOSÉ DA FONSECA MARRÔAS, da mesma freguesia, baptizado a 6.4.1765 e falecido a 28.8.1822, filho de António da Fonseca Marruas, baptizado em Penela da Beira a 12.8.1733 e falecido a 28.1.1790, casado na Granja de Penedono a 28.11.1763 com Ana Maria da Fonseca Luís, ali baptizada a 23.3.1738 e falecida em Penela da Beira a 16.12.1791. Com larga geração²⁴.

6 (VII) ANTÓNIO MANUEL DE CARVALHO E ABRUNHOSA

Nasceu em Penela da Beira a 16.1.1785, foi baptizado a 25.6 e faleceu a 14.4.1858. Casou em primeiras núpcias em Penela da Beira a 8.6.1815 com LUÍSA MARIA PLÁCIDA FERNANDES, natural da Granja de Penedono, baptizada a 17.9.1769, filha de Plácido Manuel Fernandes, da Granja de Penedono e de sua mulher Arcangela Maria, natural da Póvoa de Penela a 2.4.1729. Sem geração. Casou de segunda vez em Penela da Beira a 9.2.1840 com ANA JOAQUINA SEREJA, da mesma freguesia, nascida a 10.2.1812 e falecida a 20.4.1883, filha de José António Cristóvão, baptizado em Penela da Beira a 13.2.1776, falecido a 27.8.1840, e de sua mulher Antónia Maria Sereja, baptizada em Penela da Beira a 21.12.1774 e falecida a 5.8.1828. Com geração.

VII – JOANA FELÍCIA DE ABRUNHOSA DE CARVALHO

Baptizada em Penela da Beira a 22.9.1766 *servindo de padrinhos João Bernardo Pereira Coutinho de Vilbena e sua filha D. Joana Felícia, de Penedono e aquele fez procuração ao Padre José Cardoso para fazer a sua vez e esta ao Padre Manuel Pereira de Anciães*. Casou em Penela da Beira a 4.10.1784 com **MANUEL ANTÓNIO FERREIRA**, Boticário, natural de

²⁴ Para ascendência e descendência mais completa deste casal cf. “Amaral de Penedono”, de João Bráz e Óscar Caeiro Pinto, em preparação.



Freixo de Numão, filho de Filipe Gomes, de Santo Amaro e de sua mulher Maria do Amparo, de Freixo de Numão. Tiveram pelo menos:

1 (VIII) JOAQUIM ANTÓNIO FERREIRA, com quem seguimos

2 (VIII) D. MARIA ROSA FERREIRA

Nasceu em Penela da Beira a 9.5.1791 e foi baptizada a 17.5 *servindo de padrinhos Damaso José de Carvalho e sua irmã Antónia Joana*. Faleceu em Casal de Loivos, Alijó a 10.9.1870, sendo ainda solteira mas deixando um filho²⁵. Com geração.

VIII – *Illustríssimo* JOAQUIM ANTÓNIO FERREIRA ²⁶

Nasceu em Penela da Beira a 10.7.1788 e foi baptizado a 21.7 *servindo de padrinhos José Manuel de Carvalho e Manuel de Aguiar Coelho com procuração do Padre António de Almeida e António Joaquim de Sousa da Veiga, de Freixo de Numão*. Major de veteranos, Governador do Castelo de Queijo. A 27.5.1826 pediu *a graça e mercê da propriedade do ofício de Escrivão dos Órfãos das vilas de Penela da Beira, Póvoa e Valongo de que foi proprietário seu falecido avô António de Abrunboça e do qual existindo dois filhos, estes cediam todo o direito que podessem ter em benefício do suplicante, carta que se achou cotada de 26 mil reis. Tinha sentado voluntariamente no Batalhão de cassadores número 6 em 4.2.1809 desde então até o presente e tinha servido sua nota e chegado ao posto de Sargento de Brigada Graduado*. Acabou por receber a dita carta em 26.7.1826²⁷. Faleceu em Cedofeita, Porto a 6.1.1849. Casou com **D. MARIA DOS PRAZERES DA SILVA SEQUEIRA**, de Viseu. Tiveram pelo menos um filho Júlio, nascido em Cedofeita a 18.2.1848.

§ 3

(COSTA PINTO, de Ervedosa do Douro)

IV – DOMINGOS DE CARVALHO FERNANDES

Filho de Domingos Fernandes de Carvalho e de sua mulher Domingas da Silva, do § 1 nº3. Capitão (já o era em 1713). Natural de Ervedosa do Douro, nasceu c. 1668 e ali casou a 20.7.1688 com **ISABEL DE SOUSA**, da mesma freguesia²⁸. Tiveram:

1 (V) ANTÓNIO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 20.3.1689 *servindo de padrinhos André de Sousa e Luísa Veiga*. Faleceu antes de 1694.

2 (V) MARIANA DE CARVALHO, com quem seguimos

²⁵ Comunicação de Maria Manuela dos Santos Almeida.

²⁶ Assim referido no seu registo de óbito.

²⁷ Registo Geral de Mercês, D. João VI, liv.21, fl.236

²⁸ Deve ser a Isabel baptizada na Ervedosa do Douro a 19.6.1661 *servindo de padrinhos André Fernandes e Isabel de Carvalho*, filha de André de Sousa e de sua mulher Catarina da Costa.



3 (V) BERNARDA DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 5.4.1692 *servindo de padrinhos Manuel Fernandes e sua filha Mariana*. Serviu de madrinha de baptismo várias vezes na Ervedosa do Douro entre 1715 e 1727 e em Valongo dos Azeites em 1724.

4 (V) ANTÓNIO DE CARVALHO SOUSA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 14.1.1694 *servindo de padrinhos o Padre António de Carvalho e Úrsula de Carvalho*. Casou com MARIA CURATA, da mesma freguesia. Baptizaram um filho Manuel a 6.8.1721.

| 121

Teve também filhos ilegítimos de **ISABEL DE ALMEIDA PELOTA**, da Ervedosa do Douro:

5 (V) JOSÉ DE ALMEIDA DE CARVALHO

Natural da Ervedosa do Douro. Teve um fiho natural de LUÍSA DA SILVA REBELO, da mesma freguesia, baptizada a 10.2.1688, filha de Manuel Borges, de S. João da Pesqueira e de sua mulher Maria da Silva, da Ervedosa do Douro, casados a 14.4.1667.

1 (VI) DOMINGOS DA SILVA DE CARVALHO REBELO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 25.12.1719. Casou com MARIA DA SILVA DE AZEVEDO, da mesma freguesia, filha de Francisco da Silva, do Souto de Penedono e de sua mulher Mariana de Azevedo Fernandes, baptizada em Ervedosa do Douro a 19.8.1696. Neta paterna de Domingos da Silva, do Souto e de sua mulher Maria Fernandes. Neta materna de Domingos Fernandes e de Isabel de Azevedo, baptizada em Ervedosa do Douro a 29.11.1675. Com geração (tiveram pelo menos 8 filhos baptizados entre 1743 e 1762)

6 (V) ANTÓNIO

Nasceu no dia de S. Martinho no ano de 1702.

7 (V) FRANCISCO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 29.4.1708 *servindo de padrinhos João de Carvalho e Luísa de Azevedo Pinto*.

8 (V) TERESA DA CONCEIÇÃO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 2.8.1709 *servindo de padrinhos António de Sequeira o moço e sua irmã Maria de Sequeira*.

9 (V) MANUEL DE CARVALHO FERNANDES

Baptizado em Ervedosa do Douro a 13.5.1713. Deve ser o Manuel de Carvalho Fernandes que foi Capitão de Ordenanças de Ervedosa do Douro, *de que era Alfêres, que vagou por morte de Manuel Teixeira*, a 31.8.1761²⁹. Casou

²⁹ Cf. “As Ordenanças e as Milícias em Portugal, Subsídios para o seu estudo, vol.I” de Nuno Borrego, p.213.

com CLARA DA SILVA PIMENTEL, da mesma freguesia, filha de Manuel Fernandes da Silva e de sua mulher Maria Pimentel, da Mêda. Tiveram pelo menos:

1 (VI) MANUEL JOSÉ DA ASSENÇÃO DE CARVALHO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 31.12.1740 *servindo de padrinhos Manuel de Aguiar da Mêda e sua mulher Inácia da Silva*. Casou em Ervedosa do Douro a 3.9.1770 com MARIA JOSÉ DE SEQUEIRA, da mesma freguesia, baptizada a 29.7.1725, filha de João de Sousa e de sua mulher Maria de Sequeira.

V – MARIANA DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 4.6.1690 *servindo de padrinhos o Padre André de Sousa e Luísa Veiga*. Casou com **JOÃO DA COSTA E SOUSA**, do Pereiro, falecido em Ervedosa do Douro a 29.1.1734, filho de Melchior da Costa e de sua mulher Maria Luís. Tiveram:

1 (VI) UMBELINA BERNARDA DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 4.9.1730 *servindo de padrinhos João António de S. João da Pesqueira e o Padre Manuel da Cunha*. Serviu de madrinha de baptismo em 1766.

2 (VI) D. ISABEL MARIA DE CARVALHO E SOUSA, com quem seguimos

VI – D. ISABEL MARIA DE CARVALHO E SOUSA (OU DE CARVALHO PINTO CORREIA)

Baptizada em Ervedosa do Douro a 21.8.1734 *servindo de padrinhos António de Carvalho de Casal de Loivos e sua mulher por procuração que deu a Caetano Luis de Carvalho Fernandes*. Casou em Ervedosa do Douro a 14.10.1759 com **JOÃO DE FREITAS COSTA PINTO DA FONSECA**, do Carregal, filho de Paulino José da Fonseca Pinto, do Carapito, Viseu e de sua mulher D. Doroteia Angélica de Faria Pereira, de Bucellos, Lisboa. Tiveram:

1 (VII) RITA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 21.12.1760 *servindo de padrinhos o Dr. João Libório de Figueiredo, Juiz de fora na Pesqueira e D. Eufrázia do Carregal, tia materna*.

2 (VII) PAULINO DA COSTA PINTO DA FONSECA SARAIVA, com quem seguimos

3 (VII) D. MARIANA JOSEFA TOMÁSIA DE SOUSA PINTO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 26.3.1766 *servindo de padrinhos Santo António e Umbelina Bernarda de Carvalho, tia por procuração de Isabel Bernarda do Amor, Religiosa professa no Mosteiro de ilegível*. Casou em Ervedosa do Douro a



4.12.1783 com MANUEL JOSÉ FERNANDES FROZIO, de Ribalonga, Braga, filho de Manuel Fernandes Frózio e de sua mulher Maria Josefa.

4 (VII) D. INÁCIA JOAQUINA DE SOUSA PINTO (OU DA COSTA PINTO DA FONSECA)

Baptizada em Ervedosa do Douro a 26.4.1768 *servindo de padrinhos José Diogo da Costa Pinto da Fonseca e João Pereira de Melo, de Santa Eulália, Viseu, por procuração de D. Isabel Joana e Sousa Barros Pimentel de Celeirós*. Casou em Ervedosa do Douro a 18.8.1787 com SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA DA COSTA LIMA, da mesma freguesia, baptizado a 28.1.1766, filho de Manuel Pereira da Costa Távora Lima, nascido em Ponte de Lima a 9.7.1727 e casado em Ervedosa do Douro a 17.6.1757 com Quitéria Maria de Sousa Pinto, de Castedo, Braga. Neto paterno de António de Távora Lima, nascido em Ervedosa do Douro a 15.8.1691 e de Maria Pereira, de Ponte de Lima. Neto materno de Manuel Fernandes de Sousa e de Ana Maria Pinto, de Castedo. Baptizaram 11 filhos, entre os quais:

| 123

1 (VIII) ANTÓNIO MANUEL PEREIRA DA COSTA LIMA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 23.7.1796 *servindo de padrinhos António Pereira de Lima e D. Mariana*. Casou em Ervedosa do Douro a 15.5.1831 com D. MARIA DA PIEDADE DE CARVALHO SAAVEDRA DONAS-BOTO, da mesma freguesia, nascida em 9.4.1806, filha de Luís Clemente de Carvalho Saavedra Donas-Boto e de sua mulher D. Maria Joana da Purificação Vaz da Costa Carvalho e Silva, do § 5. Tiveram entre outros:

1 (IX) D. MARIA AUGUSTA DA COSTA PINTO SAAVEDRA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 30.3.1833, casada de segunda vez a 13.1.1858 com seu primo AUGUSTO DA COSTA PINTO, filho de António da Costa Pinto e de sua mulher D. Júlia Emília da Silva e Sousa, abaixo.

2 (IX) ANTÓNIO MANUEL DA COSTA PINTO SAAVEDRA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 6.6.1835, casado a 22.9.1859 com sua prima D. LUÍSA ADELAIDE DA COSTA PINTO, filha de António da Costa Pinto e de sua mulher D. Júlia Emília da Silva e Sousa, abaixo.

2 (VIII) D. ANTÓNIA DE JESUS DA COSTA PINTO DA FONSECA

Baptizada a 16.9.1797, *servindo de padrinhos António Pereira Lima e D. Umbelina Bernarda*. Casou em Ervedosa do Douro a 29.7.1814 com seu primo ANTÓNIO JOAQUIM PEREIRA DE LIMA, filho de seu tio paterno António José Pereira da Costa Lima, baptizado em Ervedosa do Douro a 20.3.1763 e casado a 3.10.1784 com D. Maria Bernarda de Azevedo, da mesma freguesia, nascida em 1750.



Neto paterno de Manuel Pereira da Costa Távora Lima, e de sua mulher Quitéria Maria de Sousa Pinto. Neto materno de Bartolomeu de Azevedo, de Ervedosa e de sua mulher Maria de Matos, natural do Vale da Vila, S. Tiago da Pesqueira. Tiveram 10 filhos entre os quais:

1 (IX) AUGUSTO PEREIRA DE LIMA

Foi baptizado em Ervedosa do Douro a 12.11.1826 *servindo de padrinhos António Manuel da Costa Pinto e D. Mariana da Costa Pinto*. Casou com EMÍLIA CANDIDA DA COSTA PINTO e foram pais de pelo menos:

1 (X) SEBASTIÃO AUGUSTO PEREIRA DE LIMA

Natural da Ervedosa do Douro onde foi baptizado a 4.11.1869 e casou com sua prima MARIA DA PIEDADE DA COSTA PINTO, nascida na Ervedosa do Douro a 14.6.1861, filha de Augusto da Costa Pinto e de sua mulher D. Maria Augusta da Costa Pinto Saavedra. Com geração³⁰.

2 (X) ÁLVARO PEREIRA DE LIMA

Natural da Ervedosa do Douro onde casou com sua prima LUÍSA AUGUSTA, irmã de sua cunhada, nascida na Ervedosa a 23.2.1864, filha de Augusto da Costa Pinto e de sua mulher Maria Augusta da Costa Pinto Saavedra. Com geração³¹.

2 (IX) D. CARLOTA JÚLIA DA COSTA LIMA

Nasceu em Ervedosa do Douro a 22.3.1828 e foi baptizada a 31.3 *servindo de padrinhos o Dr Manuel Pinto da Fonseca Saraiva e a avó materna*. Casou com JOSÉ TOMÁS TAVEIRA, natural de Fontes de Penaguião, filho de Manuel Martins Taveira e de sua mulher D. Inês Gertrudes. Com geração.

3 (VIII) JOSÉ JOAQUIM PEREIRA DA COSTA LIMA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 30.1.1799 *servindo de padrinhos João da Costa, de Ribalonga e D. Mariana*. Casou com sua prima D. CAETANA CANDIDA DA COSTA PINTO, filha de Paulino da Costa Pinto e de sua mulher D. Francisca Benedita da Costa Pinto. Tiveram:

1 (IX) MARIA ADELAIDE

³⁰ Cf. “Donas-Boto de S.João da Pesqueira: Origens e novos ramos”, de Albano Chaves.

³¹ *Idem*



Baptizada em Ervedosa do Douro a 29.7.1831, *servindo de padrinhos António da Costa Pinto e D. Maria da Costa Lima.*

4 (VIII) D. MARIANA EMÍLIA DA COSTA PINTO

Natural de Ervedosa do Douro. Casou com seu primo SEBASTIÃO DA COSTA PINTO SARAIVA, filho de Paulino da Costa Pinto e de sua mulher D. Francisca Benedita da Costa Pinto, abaixo onde seguem.

| 125

VII – PAULINO DA COSTA PINTO DA FONSECA SARAIVA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 5.12.1763 *servindo de padrinhos Francisco Xavier Pinto, Juíz de Fora de Tabuaço e D. Francisca Luísa da Costa por quem pôs a mão e tocou a criança por uma procuração que me apresentou seu irmão José Diogo da Costa Pinto, do Carregal, tios paternos.* Casou em Ervedosa do Douro a 21.2.1791 com **D. FRANCISCA ROSA BENEDITA DA COSTA SOUSA PINTO E LIMA**, irmã de seu cunhado, natural da mesma freguesia, baptizada a 14.4.1768, filha de Manuel Pereira da Costa Távora Lima, e de sua mulher Quitéria Maria de Sousa Pinto. Tiveram entre outros:

1 (VIII) ANTÓNIO DA COSTA PINTO, com quem seguimos

2 (VIII) PAULINO JOSÉ DA COSTA PINTO SARAIVA

Natural da Ervedosa do Douro onde casou com D. ANA AMÁLIA PAIXÃO PAIS PINTO DE CARVALHO BOTO E SOUSA, natural de A-de-Barros, Penso, baptizada a 25.10.1797, filha de Pedro Pais Pinto de Carvalho, de A-de-Barros e de sua mulher Maria Ana Luísa de S. José Paixão. Com geração³².

3 (VIII) D. CAETANA CANDIDA DA COSTA PINTO

Natural da Ervedosa do Douro, casou com seu primo JOSÉ JOAQUIM PINTO SARAIVA, filho de Sebastião Pereira de Lima e de sua mulher D. Inácia da Costa Pinto, acima onde seguem.

4 (VIII) SEBASTIÃO DA COSTA PINTO SARAIVA

Natural da Ervedosa do Douro, casou com sua prima D. MARIANA EMÍLIA DA COSTA PINTO, filha de Sebastião Pereira de Lima e de sua mulher D. Inácia da Costa Pinto, acima. Tiveram entre outros:

1 (IX) D. MARIA DA GLÓRIA DA COSTA PINTO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 10.3.1831 *servindo de padrinhos o Ill.^{mo} António da Costa Pinto e D. Inácia Joaquina da Costa Pinto.* Casou com MIGUEL FREIRE SAMPAIO CORTE-REAL, natural de Vila Flor, filho de Vicente Freire Corte Real e de sua mulher D. Antónia Joaquina de Almeida de Sampaio. Com geração.

³² *idem.*



2 (IX) D. CLEMÊNCIA ADELAIDE DA COSTA PINTO

Natural de Ervedosa do Douro. Casou com JOSÉ MOUTINHO CABRAL, natural de Abaças, Vila Real, onde foi baptizado a 8.12.1822, falecido em Ervedosa do Douro a 22.9.1862, filho de João Moutinho de Aguiar, de Abaças, casado nos Pereiros a 19.11.1818 com D. Brites Maria Cabral Coutinho, dali natural, baptizada a 10.2.1778. Com geração³³.

VIII – ANTÓNIO DA COSTA PINTO

Natural de Ervedosa do Douro onde casou a 12.5.1828 com **D. JÚLIA EMÍLIA DA SILVA E SOUSA**, de S. João da Pesqueira, filha do Desembargador José Leandro da Silva Sousa, de S. João da Pesqueira e de sua mulher D. Ana de Sousa Casal, de Coimbra. Tiveram entre outros³⁴:

1 (IX) ANTÓNIO INÁCIO PINTO DA SILVA COSTA E SOUSA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 14.3.1830 *servindo de padrinhos Sebastião da Costa Pinto e D. Mariana Felícia da Costa Seixas*. Casou em Ervedosa do Douro a 6.9.1876 com D. ANA JOAQUINA DE SEQUEIRA, filha de João Pereira de Aguiar e de sua mulher Ana de Sequeira.

2 (IX) CAMILO AURELIANO DA COSTA PINTO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 27.2.1831 *servindo de padrinhos Camilo Aureliano da Silva Sousa por procuração a Sebastião da Costa e D. Adelaide Candida da Silva Sousa, do Porto*. Casou com MARIA CANDIDA PEREIRA DE SEIXAS, de Vale de Ladrões, filha de José Joaquim Pereira e de sua mulher Antónia Maria Pereira de Seixas. Com geração.

3 (IX) AUGUSTO DA COSTA PINTO

Nasceu em Ervedosa do Douro a 19.2.1835 e casou a 13.1.1858 com sua prima D. MARIA AUGUSTA DA COSTA PINTO SAAVEDRA, filha de António Manuel Pereira da Costa Lima e de sua mulher D. Maria da Piedade de Carvalho Saavedra Donas-Boto, acima. Com geração.

4 (IX) Padre ALFREDO BALDOIM DA COSTA PINTO

Nasceu em Ervedosa do Douro a 7.4.1837 e foi baptizado a 15.4. Teve Inquirição de Génere a 5.7.1857.

5 (IX) D. LUÍSA ADELAIDE DA COSTA PINTO

Nasceu em Ervedosa do Douro em 1841 e casou a 22.9.1859 com seu primo ANTÓNIO MANUEL DA COSTA PINTO SAAVEDRA, irmão de sua

³³ Para ascendência e descendência mais completa deste casal cf. “Amaral de Penedono”, de João Bráz e Óscar Caeiro Pinto, em preparação.

³⁴ <http://www.orcosta.net/g/web/paulino/pafg02.htm#148>



cunhada, filho de António Manuel Pereira da Costa Lima e de sua mulher D. Maria da Piedade de Carvalho Saavedra Donas-Boto, acima. Com geração.

§ 4

| 127

(VAZ DA COSTA CARVALHO E SILVA,
da Casa do Cão, Ervedosa do Douro)

IV – JERÓNIMA MARIA DE CARVALHO

Provável filha de Domingos Fernandes de Carvalho e de sua mulher Domingas da Silva, do § 1 nº3. Natural de Ervedosa do Douro, nasceu c. 1653 e ali casou a 12.6.1673 com **DOMINGOS JOÃO**, de Valongo dos Azeites. Tiveram:

1 (V) D. ANA FERNANDES DE CARVALHO, com quem seguimos

2 (V) JOSÉ

Baptizado em Ervedosa do Douro a 4.3.1686 *servindo de padrinhos António de Sequeira e sua mulher Maria da Veiga.*

3 (V) ISABEL

Baptizada em Ervedosa do Douro a 10.8.1688 *servindo de padrinhos Manuel de Carvalho e sua mulher Domingas Correia.*

4 (V) MARIA DE CARVALHO

Natural de Ervedosa do Douro, nasceu c.1690. Casou com ANTÓNIO DA COSTA DE CARVALHO, da mesma freguesia, baptizado a 3.10.1668, filho de Domingos João e de sua mulher Catarina João, casados em Ervedosa do Douro a 7.1.1672. Neto paterno de Vicente João e de sua mulher Maria Aleixo. Neto materno de Domingos Afonso e de sua mulher Catarina Pires. Tiveram entre outros:

1 (VI) ANTÓNIO DA COSTA DE CARVALHO

Natural de Ervedosa do Douro. Casou com MARIA DA COSTA FERNANDES REBELA, da mesma freguesia, filha de Manuel Luís e de sua mulher Maria Rebela. Tiveram entre outros:

1 (VII) ANA MARIA DA COSTA REBELA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 14.4.1731 e casada a 17.1.1756 com DOMINGOS FERREIRA REBELO, da mesma freguesia, filho de Manuel Ferreira Rebelo e de sua mulher Maria Lopo Penela. Neto materno de Domingos Lopes Calado “Lopinho”, de Penela da Beira e de sua mulher Maria Antunes, natural de Arcozelos. Tiveram entre outros:

1 (VIII) LUÍSA DA COSTA REBELA



Baptizada em Ervedosa do Douro a 18.5.1767 *servindo de padrinhos Sebastião Veiga de S. João da Pesqueira e Luísa, solteira de Soutelo*. Teve vários filhos ilegítimos de ANTÓNIO JOAQUIM PEREIRA DA COSTA LIMA, homem casado, baptizado em Ervedosa do Douro a 20.3.1763, filho de Manuel Pereira da Costa Távora Lima, e de sua mulher Quitéria Maria de Sousa Pinto, já acima referidos. Tiveram entre outros:

1 (IX) MARIA ANTÓNIA

Nasceu em Ervedosa do Douro a 16.4.1792 e foi baptizada a 23.4 *servindo de padrinhos Manuel António e Maria de Oliveira*. Casou em Ervedosa do Douro a 30.7.1810 com ANTÓNIO DA VEIGA BASTARDO, da mesma freguesia, filho de Francisco da Veiga Bastardo e de sua mulher Luísa Monteiro Cordeira, do § 6, onde corre a geração.

2 (VI) JOSÉ DA COSTA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 15.11.1714 *servindo de padrinhos Manuel de Sequeira e Maria de Sequeira*. Casou com MARIA FERREIRA, da mesma freguesia, filha de Francisco Ferreira e de sua mulher Maria Francisca. Com geração.

3 (VI) MANUEL DA COSTA

Natural de Ervedosa do Douro. Casou com MARIA DE CARVALHO, natural de Castes, Braga. Com geração.

4 (VI) FRANCISCO DE CARVALHO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 31.12.1723 *servindo de padrinhos Francisco José e sua tia Isabel*. Casou com JUSTINA MARIA DE CARVALHO, de Valongo dos Azeites, baptizada a 24.7.1729, filha de Manuel Ferreira e de sua mulher Mariana de Carvalho, do § 5. Tiveram entre outros:

1 (VII) MARIA JOSÉ DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 24.6.1752. Casou com FRANCISCO JOSÉ LOPES, do Castanheiro do Sul, filho de Vicente Rodrigues e de sua mulher Maria Lopes. Com geração.

2 (VII) JOSEFA DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 15.5.1757. Teve filhos naturais de pai incógnito.



3 (VII) JOÃO MANUEL DE CARVALHO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 12.6.1763. Casou em Ervedosa do Douro a 20.10.1788 com ISABEL MARIA ALVES, da mesma freguesia, filha de João Alves e de sua mulher Maria de Almeida Vicente. Com geração.

| 129

V – D. ANA FERNANDES DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 16.4.1676 *servindo de padrinhos o Padre Manuel Correia e Maria, filha de Domingos Fernandes*. Casou em Ervedosa do Douro a 21.1.1702 com **DOMINGOS VAZ DA SILVA NEGÓCIO**, Alferes de Ordenanças, baptizado em Ervedosa do Douro a 19.10.1675, filho de Domingos Vaz “o Negócio” e de sua mulher D. Maria da Silva, casados a 27.1.1675. Tiveram:

1 (VI) PONCIANO DA SILVA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 19.11.1709 *servindo de padrinhos o Padre António de Carvalho e Isabel Correia mulher de Manuel de Azevedo*. Casou com FRANCISCA DA COSTA, do Sarzedinho, filha de Manuel Ferreira e de sua mulher Maria da Costa. Tiveram entre outros:

1 (VII) ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 6.3.1730 *servindo de padrinhos Manuel de Seixas e sua mulher Angela Maria do Sarzedinho*. Casou com MARIA LOPES, filha de João Lopes e de sua mulher Maria Francisca. Com geração.

2 (VI) JACINTO DA SILVA

Casou com TERESA DA SILVA, da mesma freguesia, filha de João da Silva e de sua mulher Catarina Fernandes. Com geração.

3 (VI) TERESA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 1.12.1714 *servindo de padrinhos António de Carvalho e sua irmã Mariana de Carvalho*.

4 (VI) DOMINGOS DA SILVA NEGÓCIO

Natural de Ervedosa do Douro. Casou com ÚRSULA DE TÁVORA DE CARVALHO, da mesma freguesia, filha de Francisco de Távora de Carvalho e de sua mulher Maria Vaz da Costa, do § 6. Tiveram entre outros:

1 (VII) MARIA DA SILVA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 15.9.1743 *servindo de padrinhos Caetano Luís por procuração de Manuel de Carvalho Barros e Jacinta de Távora*. Casou com o capitão JOSÉ LOPES, do Poço, natural da Ervedosa do Douro, filho de Gonçalo Lopes e de sua mulher Rosa Fernandes. Neto paterno de João Lopes e de sua mulher Maria



Francisca. Neto materno de Manuel da Fonseca e de sua mulher Luísa Fernandes. Com geração.

5 (VI) FRANCISCO DA SILVA NEGÓCIO, com quem seguimos

6 (VI) ISABEL DA SILVA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 20.3.1720. Casou com FRANCISCO DO SOBRAL, natural de Soutelo do Douro, filho de Francisco do Sobral e de sua mulher Maria dos Santos, de Castillo. Tiveram:

1 (VII) MARIA DA CONCEIÇÃO DE CARVALHO SOBRAL E SILVA

Natural de Ervedosa do Douro onde casou a 14.2.1787 com JOÃO CAETANO DE CARVALHO E SOUSA ALMEIDA MENESES, da mesma freguesia, filho de Caetano Luís de Carvalho Fernandes e de sua mulher D. Mariana Josefa de Almeida e Sousa, do § 1, onde corre a geração.

2 (VII) Rev.^{do} JOAQUIM JOSÉ DE SOBRAL

Natural de Ervedosa do Douro. Já aparece referido como Padre em 1789.

VI – FRANCISCO DA SILVA NEGÓCIO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 5.1.1717 *servindo de padrinhos Francisco José e sua tia D. Isabel*. Antes do casamento, teve um filho natural³⁵ de Bernarda Fernandes, moça solteira de Ervedosa do Douro, filha de João Lopes Sampaio e de sua mulher Maria Fernandes. Casou em Ervedosa do Douro a 13.4.1744 com **D. ROSA MARIA DE CARVALHO VAZ DA COSTA FERNANDES**, da mesma freguesia, baptizada *em casa* a 22.9.1712, filha de António Rodrigues da Silva, nascido em Ervedosa do Douro a 14.4.1688 e casado a 24.7.1708 com D. Maria Vaz Fernandes da Costa, baptizada em Ervedosa do Douro a 5.2.1687. Neta paterna de António Rodrigues e de sua mulher Maria da Silva, baptizada em Ervedosa do Douro a 6.10.1661. Neta materna de Lourenço Fernandes Vaz da Costa, de S. Pedro de Abaças, Vila Real e de sua mulher D. Maria da Costa³⁶. Tiveram:

1 (VII) MANUEL CAETANO

Baptizado a 20.5.1745 *servindo de padrinhos Caetano Luís de Carvalho e sua mulher D. Mariana*.

2 (VII) JOÃO

Baptizado a 25.7.1747 *servindo de padrinhos Manuel Rodrigues Cordeiro e sua mulher Isabel Maria*. Faleceu antes de 1751.

³⁵ Manuel José baptizado a 26.12.1742.

³⁶ A ascendência de D. Rosa Maria de Carvalho Vaz da Costa Fernandes aparece referida nos Autos de Justificação de Nobreza de seu filho.

3 (VII) FRANCISCO

Baptizado a 13.6.1750 *servindo de padrinhos José de Azevedo e Ana Maria da Graça*. Faleceu antes de 1756.

4 (VII) JOÃO MANUEL VAZ DA COSTA CARVALHO E SILVA, com quem seguimos

| 131

5 (VII) JOSÉ MANUEL VAZ DA COSTA CARVALHO E SILVA

Padre. Baptizado a 16.9.1753 *servindo de padrinhos Manuel Fernandes Balsa e sua mulher Maria da Silva*. Também teve Autos de Justificação de Nobreza a 23.07.1795.

6 (VII) FRANCISCO

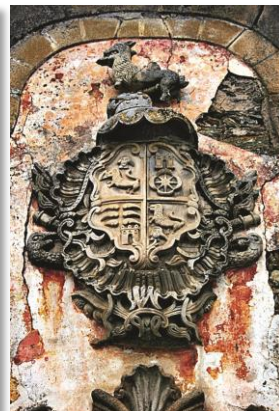
Baptizado a 26.2.1756 *servindo de padrinhos António Pinto de Azevedo e Jacinta Luísa de Távora, da vila de Barqueiros*.

VII – JOÃO MANUEL VAZ DA COSTA CARVALHO E SILVA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 23.12.1751 *servindo de padrinhos Manuel Fernandes Balsa e N. Senhora do Rosário*.

Teve carta de brasão de armas a 18.9.1791 para Silva, Carvalho e Costa. Ainda hoje se pode ver na famosa “Casa do Cão” uma pedra de armas representando as armas usadas por ele: I e IV: Silva; II: Carvalho e III: Costa; Timbre de Silva, (um leão em cima do elmo; foto³⁷).

Perante *Manuel José de Carvalho e Manuel Pereira da Costa Lima*, casou em primeiras núpcias em Ervedosa do Douro a 23.1.1780 com **D. MARIA ROSA ANA DE MENDONÇA TEIXEIRA CABRAL**, de Favaio, filha do Dr. José Teixeira Cabral, de Favaio e de sua mulher D. Mariana Correia de Sampaio, de Vilarinho de Cotas. Perante *Manuel José de Sequeira Sousa Boto e Manuel Pereira da Costa Lima*, casou em segundas núpcias em Ervedosa do Douro a 1.8.1784 com D. ROSA



³⁷ <http://www.patrimoni.us.net/detalhes.php?i=985>



ESCOLÁSTICA DE CARVALHO SAAVEDRA DONAS-BOTO, natural de Aldeia de Baixo, Armamar onde foi baptizada a 20.1.1753, filha de António de Carvalho Saavedra Coutinho e de sua mulher D. Maria Inácia Donas-Boto Teixeira de Carvalho, do § 5. Teve do primeiro casamento:

1 (VIII) D. MARIA JOANA DA PURIFICAÇÃO VAZ DA COSTA CARVALHO E SILVA

Nasceu em Ervedosa do Douro a 20.6.1782 e foi baptizada a 4.7, *servindo de padrinhos Christiano Nicolau Kopbe e Joana Doroteia Kopbe, filhos de Nicolau Coste do Porto, com procuração do Reverendo Maurício José de Moraes, de Salzedas e o Reverendo José Manuel da Costa e Silva*. Faleceu em Ervedosa do Douro a 11.5.1863. Casou com o capitão LUÍS CLEMENTE DE CARVALHO SAAVEDRA DONAS-BOTO, natural de Aldeia de Baixo, onde foi baptizado a 27.2.1787, filho de António Manuel Carvalho Saavedra Donas-Boto, de Aldeia de Baixo, e de sua mulher D. Clemência Eufrásia Joaquina Cardoso da Fonseca e Silva, de Travanca, Armamar do § 5 onde seguem.

§ 5

(CARVALHO SAAVEDRA DONAS-BOTO, de Ervedosa do Douro)

III – ANTÓNIO FERNANDES DE CARVALHO

Filho de Gaspar Fernandes e de sua mulher Isabel Francisca, do § 1 nº2. Baptizado em Ervedosa do Douro a 17.4.1606 *servindo de padrinhos Pedro Álvares, genro de Francisco de Azevedo e Beatriz Duarte, mulher de Domingos Lourenço*. Mercador e tratante de azeite e cumagres. Casou com **MARIA BRÁS**, baptizada na Ervedosa do Douro a 20.7.1612 *servindo de padrinhos Domingos de Azevedo e Maria de Sousa sua mulher*. Ainda era viva em 1690. Filha de António Belchior³⁸ e de sua mulher Maria Brás, de Ervedosa do Douro³⁹. Tiveram em Ervedosa do Douro:

1 (IV) ISABEL DE CARVALHO, com quem seguimos

2 (IV) BARTOLOMEU DE CARVALHO

Padre. Nasceu c.1630. Serviu várias vezes de padrinho de baptismo em Ervedosa do Douro entre 1662 e 1689 e em Valença do Douro em 1681. Em 1677, foi pretendente a Comissário do Santo Ofício⁴⁰, *já passava dos 45*

³⁸ Serviu de testemunha nas habilitações para o Santo Ofício de Fernão Álvares de Azevedo (1622), de Ervedosa do Douro, e de Domingos da Costa de Azevedo (1627), de Trevões. Ali refere que era morador e natural da Ervedosa do Douro e tinha 51 anos (em 1622) ou 50 anos (em 1627).

³⁹ Tinham baptizado já outro filho na mesma freguesia: Paulo a 14.3.1607 servindo de padrinhos Aleixo Fernandes e Filipa Álvares viúva.

⁴⁰ Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações Incompletas, doc. 877



anos. No entanto, as suas diligências foram deferidas porque o pretendente tinha raça de cristão novo, o que era público e notório no lugar onde vivia. Era homem que no beber tem intemperança e a que emputaram dois homicídios que sucederam na dita vila.

3 (IV) CATARINA DE CARVALHO

Foi madrinha de baptismo na Ervedosa em 1676, junto com o irmão Bartolomeu. Poderá ser a Catarina de Carvalho, de Ervedosa do Douro que foi madrinha de baptismo nos Casais em 1656 com seu marido Francisco de Carvalho.

| 133

4 (IV) MARIA BRÁS, segue em § 6

5 (IV) ANGELA DE CARVALHO

Foi madrinha de baptismo na Ervedosa em 1662, junto com o pai.

6 (IV) ANA DE CARVALHO

Foi madrinha de baptismo na Ervedosa em 1662, junto com o pai. Faleceu em Ervedosa a 12.10.1674. Tinha casado na mesma freguesia a 8.4.1663 (*testemunhas foram André Fernandes e Domingos de Aguiar*) com BELCHIOR FERREIRA, capitão dos Casais do Douro, onde faleceu a 30.3.1674. Tiveram pelo menos:

1 (V) FRANCISCO FERREIRA

Baptizado nos Casais a 7.8.1668 *servindo de padrinhos Francisco Ferreira e Bartolomeu de Carvalho*. Nomeado como herdeiro no registo de óbito de seu pai.

2 (V) ANTÓNIO

Baptizado nos Casais a 9.2.1673 *servindo de padrinhos Luís Telo de S. João da Pesqueira e Úrsula, solteira filha de António Fernandes da Ervedosa*.

7 (IV) ÚRSULA DE CARVALHO

Foi madrinha de baptismo na Ervedosa em 1665, junto com o pai; em 1673 nos Casais e em Castanheiro do Sul em 1704. Faleceu na Ervedosa a 20.9.1711 *e fez testamento no registo de Aguiar*.

IV – ISABEL DE CARVALHO

Natural de Ervedosa do Douro onde nasceu c.1630. Casou com **FRANCISCO FERREIRA**, natural do Castanheiro do Sul (S. João da Pesqueira), *homem honrado que vivia de sua fazenda, foi alguns anos rendeiro dos frades de S. Pedro das Águas*, filho de Marcos Francisco, *homem nobre e honrado que vivia de suas fazendas*, proprietário do ofício de Escrivão da Câmara do Castanheiro e da Almotacaria da mesma vila (alvará de 27.6.1634⁴¹), *por sucessão de sua tia Maria Jorge, solteira e sem filhos*, recebeu alvará de

⁴¹ Chancelaria de D. Filipe III, lv. 32, fl. 163- 164

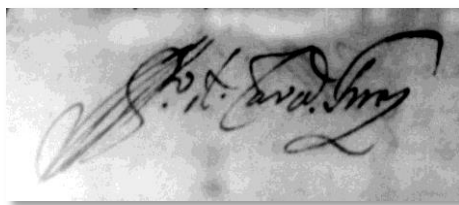
22.9.1664 para renunciar o dito ofício em filho mais velho⁴², e de sua mulher Isabel Ferreira, ambos da dita vila de Castanheiro. Neto paterno de Ana Jorge⁴³. Tiveram em Ervedosa do Douro:

1 (V) FRANCISCO FERREIRA DE CARVALHO, com quem seguimos

2 (V) ISABEL DE CARVALHO

3 (V) ANTÓNIO DE CARVALHO FERREIRA

Nasceu em Ervedosa do Douro c.1660 e ali faleceu a 10.3.1729 deixando como herdeira universal sua sobrinha D. Brízida Teixeira de Carvalho. Sacerdote do hábito de S. Pedro, foi padre-cura nos Casais do Douro, recebeu



provisão de Comissário do SO (carta de 25.2.1694). Na sua habilitação para o SO, refere que era primo no 5º grau da parte de sua avó materna Maria Brás, com o Rev.^{do} Frei António da Paciência, definidor habitual da Ordem Terceira de S. Francisco, da vila de S. João da Pesqueira e natural de Ervedosa. Teve uma filha natural de SEBASTIANA REBELO⁴⁴, natural de Valongo dos Azeites (S. João da Pesqueira).

1 (VI) MARIANA DE CARVALHO

Baptizada em Valongo dos Azeites a 21.10.1690 *servindo de padrinho Domingos de Sousa*. Faleceu em Valongo dos Azeites a 26.6.1733. Casou com MANUEL FERREIRA, da Fonte, baptizado em Valongo dos Azeites a 30.4.1700, filho de Manuel Ferreira, de Valongo dos Azeites e de sua mulher Maria de Soveral, do Vilarouco. Tiveram:

1 (VII) JOÃO

Baptizado em Valongo dos Azeites a 2.8.1722 *servindo de padrinhos João de Melo sacerdote do lugar da Espinhosa e Maria Teixeira, sobrinha do Padre António da Ervedosa*.

2 (VII) JUSTINA MARIA DE CARVALHO

Baptizada em Valongo dos Azeites a 24.7.1729. Casou com FRANCISCO DE CARVALHO, da Ervedosa do Douro, baptizado

⁴² Registo geral de mercês D. Afonso VI, liv. 12 fl.255. O dito alvará refere que tinha um filho e uma filha. Essa filha deve ser a Catarina Jorge Ferreira, do Castanheiro do Sul, casada com seu primo André Luís Ferreira, morgado do Castanheiro, sargento-mor naquela vila e na de Cedovim, tabelião do Público, Judicial, Notas e órfãos das vilas de Castanheiro, Valença, Távora e Paradela (mercê de 17.12.1668; Registo Geral de Mercês, D. Afonso VI, liv.12, fl.341), sucessor na casa de seu pai Luís Ferreira, de Cedovim, capitão-mor do Castanheiro.

⁴³ Irmã da dita Maria Jorge, ambas filhas de Francisco Jorge, proprietário do dito ofício de escrivão.

⁴⁴ Provável filha de Miguel Rebelo e de sua mulher Catarina de Sousa.



a 31.12.1723, filho de António da Costa de Carvalho e de sua mulher Maria de Carvalho, do § 4, onde seguem.

4 (V) JOÃO DE CARVALHO FERREIRA

Serviu de padrinho de baptismo em Ervedosa do Douro em 1695, junto com sua tia Úrsula de Carvalho, e em 1710 junto com a sua sobrinha Maria Teixeira. Referido como Licenciado em 1713 e como capitão em 1752. Antes do casamento teve um filho natural de Maria Moreira, moça solteira⁴⁵. Casou com MARIA DE FIGUEIREDO, filha natural do Padre João de Sousa de Figueiredo⁴⁶, da Ervedosa. Tiveram pelo menos:

| 135

1 (VI) JOÃO

Baptizado em Ervedosa a 25.7.1714.

2 (VI) MANUEL DE FIGUEIREDO

Natural de Ervedosa, casou com ISABEL GONÇALVES DA COSTA, da mesma freguesia, filha de António Gonçalves e de sua mulher Maria Gonçalves. Com geração.

5 (V) MARIA DE CARVALHO

Natural de Ervedosa do Douro, faleceu em Valongo dos Azeites a 12.9.1708, com testamento aberto no qual deixou muitos legados, as várias missas do costume assim como *a sua quinta a seu filho António Pais (seu testamenteiro) e as suas oliveiras a sua irmã Isabel de Carvalho, da Ervedosa*. Casou com MANUEL CORREIA, da Vila da Ponte, falecido em Valongo dos Azeites a 9.12.1696. Tiveram entre outros:

1 (VI) LUÍSA FERREIRA DE CARVALHO

Natural de Valongo dos Azeites onde casou a 10.2.1697 com MANUEL FERREIRA, da mesma freguesia, filho de Manuel Ferreira e de sua mulher Domingas Fernandes. Tiveram entre outros:

1 (VII) BRÍZIDA CORREIA DE CARVALHO

Baptizada em Valongo dos Azeites a 11.8.1701, faleceu em Penela da Beira (concelho de Penedono) a 10.9.1742 onde tinha casado a 22.9.1729 com ANTÓNIO SARAIVA, natural de Penaverde (Aguiar da Beira), ali baptizado a 6.4.1708 e falecido em Castainço a 3.9.1751 onde então assistia, filho de José Saraiva, do lugar do Mosteiro, Penaverde, onde faleceu a 15.7.1728 e casou a 26.9.1700 com Maria Mendes, do mesmo

⁴⁵ João baptizado na Ervedosa a 25.11.1713

⁴⁶ Para a ascendência deste Padre, cf. “Almeidas, Anciães, Caiados e Fonseca - contributo para a genealogia das famílias de Trevões e arredores (séc XVI a XVIII)” de João Bráz em Raízes & Memórias nº 29. Para a ascendência deste casal, cf. “Famílias de São João da Pesqueira – Sousa, Távora e Telo” de Albano Chaves, João Bráz, Oscar Caeiro Pinto e a colaboração de Filipe Pinheiro de Campos, 2015.



lugar, falecida a 5.4.1708. Neto paterno (bastardo) do capitão mor Gaspar Saraiva de Sousa, de Penaverde, ali baptizado a 13.1.1646 e falecido a 4.10.1686, Juíz dos órfãos de Penaverde e Algodres⁴⁷, e de Maria Gil, moça solteira de Penaverde, falecida a 30.6.1707. Neto materno de Manuel da Guarda, natural da freguesia de S. Vicente, Antas de Penalva, falecido no lugar do Mosteiro, Penaverde a 12.3.1713 e de sua mulher Isabel João, de Penaverde, falecida a 19.3.1713. Tiveram entre outros:

1 (VIII) MARIA TERESA DE CARVALHO SARAIVA

Baptizada em Penela da Beira a 2.9.1736 *servindo de padrinhos João de Oliveira e Maria Rodrigues mulher de João Rodrigues*, e ali falecida a 16.1.1797. Casou em Penela da Beira a 15.12.1757 com JOSÉ DA FONSECA LOPES DIREITO, da mesma freguesia, baptizado a 23.1.1732 *servindo de padrinhos Francisco Alvares e sua filha Josefa*, e falecido a 12.3.1807, filho de António Lopes Direito, baptizado em Penela da Beira a 8.11.1708, falecido a 11.4.1759 e casado a 1.10.1729 com Maria Rodrigues da Fonseca, baptizada em Penela da Beira a 11.3.1700 e falecida a 3.5.1759. Neto paterno de Manuel Lopes, cardador, natural do Souto de Penedono, falecido em Penela da Beira a 18.10.1734 onde tinha casado a 1.3.1696 com Maria Dias, dali natural, falecida a 16.11.1733. Neto materno de António Alvares, o moço, baptizado em Penela da Beira a 17.9.1678 e casado a 10.5.1699 com Maria Rodrigues Ribeira, de Penela da Beira. Com larga geração em Penela da Beira. ***Maria Teresa de Carvalho Saraiva e José da Fonseca Lopes Direito eram 6^{os} avós de João Bráz, autor deste estudo.***

2 (VI) MARIA CORREIA

Natural de Valongo dos Azeites, faleceu na Ervedosa do Douro a 12.9.1730. Tinha casado em Valongo dos Azeites a 5.10.1698 com o capitão⁴⁸ DOMINGOS MENDES RIBEIRO, da mesma freguesia, falecido a 22.4.1740, filho de Domingos Mendes, falecido em Valongo dos

⁴⁷ Chancelaria D. AfonsoVI, liv 12 f345v e liv43 f154. Alão de Moraes refere ainda que *este ofício se lhe deu por morte de seu tio António Saraiva* (Pedatura Lusitana, Tomo IV, vol.II, p.484).

⁴⁸ Assim referido em 1729.



Azeites a 22.4.1690 e de sua mulher Joana Ribeira, de Valongo dos Azeites. Tiveram entre outros:

1 (VII) ISABEL MARIA CORREIA DE CARVALHO

Baptizada em Valongo dos Azeites a 23.12.1704 e casada a 23.1.1737 com JOÃO DA VEIGA, natural de Pereiros (S. João da Pesqueira), falecido em Valongo dos Azeites a 20.4.1742, filho de Gaspar Veiga e de sua mulher Isabel Domingues. Tiveram entre outros:

| 137

1 (VIII) ROSÁLIA MARIA VEIGA CORREIA

Natural de Valongo dos Azeites onde casou em 1756 com MANUEL DE SEQUEIRA LOURENÇO, da mesma freguesia, baptizado a 9.11.1732 *servindo de padrinhos Manuel de Anciães e Maria de Almeida*, filho de Manuel de Sequeira, baptizado em Valongo dos Azeites a 2.3.1708 e casado a 21.8.1729 com Luísa de Basto Domingues, baptizada em Valongo dos Azeites a 1.1.1705 e falecida a 20.3.1743. Com geração.

3 (VI) ANTÓNIO PAIS CORREIA

Referido como Tenente e Alferes. Natural de Valongo dos Azeites onde faleceu a 6.9.1752 e tinha casado a 20.6.1734 com BERNARDA DA FONSECA, dali natural, filha de João Cabral, de Trevões, falecido em Valongo dos Azeites a 25.12.1704 onde tinha casado a 18.6.1687 com Ana da Fonseca, dali natural. Neta paterna de António Cabral e de sua mulher Maria Cayada, de Trevões. Neta materna de António da Fonseca e de sua mulher Mariana Pais, de Valongo dos Azeites. Sem geração do matrimónio. Teve no entanto, antes do casamento uma filha natural de MARIA ANTÓNIA, moça solteira, assistente em Aldeia Nova, de Riba de Côa:

1 (VII) MARIA CORREIA

Natural de Valongo dos Azeites onde casou a 10.10.1745 com DUARTE RIBEIRO, natural da Póvoa de Penela (Penedono), baptizado a 30.1.1718, filho de Francisco Simão, baptizado na Póvoa de Penela a 13.5.1681, falecido a 10.1.1763 e casado de segunda vez a 15.2.1705 com Isabel Fernandes, baptizada na Póvoa de Penela a 8.7.1674 e falecida a 5.2.1737. Tiveram pelo menos:

1 (VIII) LEONARDA MARIA TERESA CORREIA

Natural de Valongo dos Azeites onde casou a 20.6.1775 com FRANCISCO JOSÉ DE ALMEIDA, da mesma freguesia, filho de Domingos da Fonseca,



casado em Valongo dos Azeites a 27.2.1735 com Assenção Maria de Almeida de Sousa, baptizada em Valongo dos Azeites a 12.5.1717. Neto paterno de Francisco da Fonseca Monteiro, natural de Várzeas de Trevões, falecido em Valongo dos Azeites a 27.4.1739 e casado a 12.1.1698 com Luísa Maria Vieira, de Valongo dos Azeites, ali falecida a 2.7.1736. Neto materno (bastardo) de Gaspar Cardoso de Almeida, da Torre do Terrenho e de Joana Fernandes Gonçalves, baptizada em Valongo dos Azeites a 27.12.1690. Com larga geração.

4 (VI) MANUEL CORREIA DE CARVALHO

Natural de Valongo dos Azeites onde casou a 26.11.1701 com ANA MENDES, irmã de seu cunhado, baptizada em Valongo dos Azeites a 10.3.1689, filha de Domingos Mendes e de sua mulher Joana Ribeira, atrás referidos. Tiveram entre outros:

1 (VII) ESTÊVÃO CORREIA

Baptizado em Valongo dos Azeites a 26.12.1707 *servindo de padrinhos o Rev.^{do} Padre da Póvoa António Rodrigues e Domingas de Anciães, da Portela*. Casou com CATARINA MARIA DOMINGUES DE BASTO, baptizada em Valongo dos Azeites a 20.5.1703, filha de Manuel Domingues, e de sua mulher Maria de Basto, atrás referidos. Com larga geração.

2 (VII) EUFÉLIA CORREIA DE CARVALHO

Baptizada em Valongo dos Azeites a 25.9.1710 *servindo de padrinhos Domingos Mendes e Ana Ferreira, de Valongo*. Casou em Valongo dos Azeites a 13.2.1738 com MANUEL FERNANDES, da Salgada, natural de Ervedosa do Douro, filho de Manuel Fernandes da Salgada, e de sua mulher Catarina de Oliveira da Silva. Com larga geração.

3 (VII) MARIA CORREIA DE CARVALHO

Baptizada em Valongo dos Azeites a 3.6.1721 *servindo de padrinhos Manuel Teixeira da Ervedosa e Catarina Ribeira mulher de Manuel de Basto*. Casou em Valongo dos Azeites a 14.6.1742 com JOSÉ MONTEIRO, natural de Ervedosa do Douro, filho de António Vaz Balsa, e de sua mulher Maria Monteiro, baptizada na Ervedosa do Douro a 3.8.1675. Com larga geração.

4 (VII) BERNARDA MARIA DE CARVALHO CORREIA



Baptizada em Valongo dos Azeites a 14.3.1724 *servindo de padrinhos Manuel de Almeida e Bernarda de Carvalho, filha de Domingos de Carvalho da Ervedosa*. Casou de primeira vez em Valongo dos Azeites a 17.9.1747 com FRANCISCO DE ALMEIDA, ali baptizado a 17.6.1725, filho de Francisco Botelho de Magalhães, de Selores casado em Valongo dos Azeites a 25.2.1720 com Mariana de Almeida, ali baptizada a 23.8.1693. Neto paterno de António de Magalhães, do lugar das Flores, Anciães e de sua mulher Ana Teixeira, da Quinta de S. Xisto, S. João da Pesqueira. Neto materno de António Gonçalves, do Espinho e de sua mulher Maria de Almeida, de Valongo dos Azeites. Casou de segunda vez em Valongo dos Azeites a 26.7.1756 com SILVESTRE FERNANDES, natural de Vale de Figueira, filho de Francisco Fernandes, de Olas e de sua mulher Maria Gonçalves, de Selores. Com geração do primeiro casamento.

5 (VII) JOÃO ANTÓNIO CORREIA DE CARVALHO

Baptizado em Valongo dos Azeites a 29.4.1730 *servindo de padrinhos João da Costa da Ervedosa e Domingas Martins*. Casou em Valongo dos Azeites a 4.8.1753 com JOSEFA MARIA DE ALMEIDA E SOUSA, baptizada em Valongo dos Azeites a 3.4.1735 *servindo de padrinhos António Rebelo Pinto e sua mulher Maria Henriques, das Seixas*, filha de Feliz da Silva, e de sua mulher (casados a 11.5.1729) Catarina Ribeiro de Távora, baptizada em Valongo dos Azeites a 11.9.1707. Neta paterna de Manuel da Silva, de Penela da Beira, falecido em Valongo dos Azeites a 10.5.1740 e de sua mulher Maria Ribeiro, falecida em Valongo dos Azeites a 30.4.1740. Neta materna de António de Távora, do Vilarouco, falecido em Valongo dos Azeites a 27.9.1726 e de sua mulher Madalena de Sousa, falecida em Valongo dos Azeites a 21.11.1728. Com larga geração.

6 (VII) TERESA MARIA CORREIA DE CARVALHO

Baptizada em Valongo dos Azeites a 16.11.1733 *servindo de padrinhos o Rev.^{do} de Penela António Correia de Carvalho e Teresa da Fonseca*. Casou em Valongo dos Azeites a 28.4.1758 com FRANCISCO DE ALMEIDA⁴⁹, ali baptizado a 3.2.1731, filho de Gaspar de Almeida, casado em Valongo dos Azeites a

⁴⁹ Era irmão do capitão António Sebastião de Almeida e do Alferes Jorge António de Almeida.



17.2.1715 com Maria Martins, ali baptizada a 28.9.1700. Com larga geração.

V – FRANCISCO FERREIRA DE CARVALHO

Natural do Castanheiro do Sul. *Dos mais honrados de Castanheiro, vivia de suas fazendas*⁵⁰. Casou com **MARIA TEIXEIRA**, natural da vila do Castelo, Lamego, *das melhores da dita vila*, filha de Manuel (ou Francisco) Rebelo. Tiveram:

1 (VI) MARIA CAETANA TEIXEIRA DE CARVALHO

Serviu de madrinha de baptismo várias vezes em Valongo dos Azeites (1722) e Ervedosa do Douro (1724). Casou com ANTÓNIO DE AGUIAR SEQUEIRA PINTO DA FONSECA DONAS-BOTO, baptizado na freguesia de S. João Baptista, em S. João da Pesqueira a 6.1.1690 *servindo de padrinhos José de Aguiar Boto do Vilarouco e Bárbara de Sequeira solteira, filha de António da Costa da Ervedosa*, falecido em Ervedosa do Douro a 10.7.1760, filho de Simião João Pinto Donas-Boto da Fonseca, de S. João da Pesqueira, e de sua mulher Maria Josefa de Sequeira, de Ervedosa do Douro⁵¹. Sem geração.

2 (VI) D. BRÍZIDA TEIXEIRA DE CARVALHO, com quem seguimos

3 (VI) ÚRSULA DE CARVALHO TEIXEIRA

Serviu de madrinha no Castanheiro do Sul em 1704 e 1711. Faleceu no Castanheiro a 12.10.1711.

Terão sido pais também de:

4 (VI) MANUEL FERREIRA DE CARVALHO

Padre em Várzeas de Trevões onde faleceu a 11.2.1794. Teve uma filha natural de JOSEFA DE ALMEIDA, moça solteira, natural do lugar de Farrapinhas, Castro Daire.

1 (VII) D. MARIA TEIXEIRA DE CARVALHO FERREIRA

Natural de Várzeas de Trevões onde faleceu a 7.1.1788 com o Dr. ANTÓNIO TEIXEIRA CARDOSO PINTO, natural da vila de Ucanha, falecido em Várzeas de Trevões a 18.2.1810, filho de Manuel Teixeira e de sua mulher Josefa Maria Cardoso. Tiveram pelo menos:

1 (VIII) MARIA DA CRUZ

Baptizada em Várzeas de Trevões a 11.8.1794 *servindo de padrinhos José de Lemos Melo e Vasconcelos, Arcebispo de Còa que*

⁵⁰ Habilitação para o SO do marido de sua neta.

⁵¹ Para a ascendência deste casal, cf “Donas-Boto de S.João da Pesqueira: Origens e novos ramos”, de Albano Chaves.



den procuração ao Rev.^{do} José Guedes de Lemos para por ele pôr a mão.

2 (VIII) LUÍS CARDOSO FERREIRA

Serviu de testemunha de um casamento em Várzeas de Trevões.

| 141

3 (VIII) JOÃO CARDOSO FERREIRA

Natural da vila de Ucanha, faleceu na de Várzeas de Trevões a 12.9.1836 onde também tinha casado a 24.10.1824 com D. MARIA LUDOVINA DE ALMEIDA RIBEIRA, natural do Vilarouco onde nasceu a 6.1.1801 e foi baptizada a 11.1.1801 *servindo de padrinhos José Bernardo Ribeiro por procuração do Dr. José António de Almeida Ribeiro⁵² e o Rev.^{do} João António de Almeida Ribeiro por procuração de Quiteria Maria de Almeida Ribeiro*. Filha de Manuel António Ribeiro de Carvalho e de sua mulher D. Tomásia Maria de Almeida Ribeiro; neta paterna de António Ribeiro de Carvalho, de Tabuaço e de sua mulher D. Josefa da Silva, de S. Tiago, S. João da Pesqueira; neta materna de José Bernardo de Almeida Ribeiro, de Vilarouco e de sua mulher Maria Moutinha, de Marzagão, Torre de Moncorvo.

VI – D. BRÍZIDA TEIXEIRA DE CARVALHO

Natural do Castanheiro do Sul onde foi baptizada *em casa* a 17.3.1694. *Era das pessoas muito principais da vila, natural do Castanheiro onde nasceu, se criou alguns anos e depois foi para a vila de Ervedosa para a casa de uns seus tios⁵³*. Foi herdeira universal de todos os bens de seu tio o Padre António de Carvalho Ferreira; nela foi nomeado o vínculo que o seu tio tinha recebido de seus avós. Perante *o Padre Manuel Luís, Feliciano Pinto Cabral, o capitão Manuel Teixeira, Domingos Fernandes de Carvalho e António Veiga*, casou de primeiras núpcias em Ervedosa do Douro a 10.1.1725 com **ANTÓNIO DE AGUIAR DONAS-BOTO**, natural do Vilarouco onde foi baptizado a 21.3.1693⁵⁴ *servindo de padrinhos João de Magalhães Coelho, Provedor desta comarca por procuração a Manuel da Fonseca Pacheco de S. João da Pesqueira, e Isabel do Amaral, donzela filha de Catarina do Amaral, da Muxagata*. Faleceu na Ervedosa a 25.8.1736. Era filho do capitão-mor José de Aguiar Donas-Boto e Fonseca, natural do Vilarouco, *pessoa nobre principal*, e de sua mulher D.

⁵² Era tio paterno da baptizada, foi reitor de S. Pelágio de Oliveira de Frades, Viseu (1789), Desembargador e Promotor Eclesiástico do Sr. Bispo de Viseu (1794) e Cônego da Santa Sé de Viseu (1801).

⁵³ Habilitação para o SO do genro.

⁵⁴ A cópia do seu registo de baptismo (assim como o de sua mulher) foram transcritos na Habilitação para o SO do genro.



Maria Girdes de Amaral Amada, da Muxagata, *das melhores da dita vila e dos mais ricos dela*. Neto paterno de Antônio de Aguiar Donas-Boto, de S. João da Pesqueira, capitão-mor, e de sua mulher D. Helena do Rego da Fonseca, do Vilarouco. Neto materno de Sebastião Girdes e de Maria de Amaral, *que viviam de seus bens*. Tiveram pelo menos:

1 (VII) MARIA INÁCIA DONAS-BOTO TEIXEIRA DE CARVALHO, com quem seguimos

2 (VII) JOAQUINA TERESA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 12.3.1727 *servindo de padrinhos o Padre Manuel da Cunha Sousa, de Freixinho e Teresa Ferreira, de Secos, assistente em Lisboa, deu procuração a José de Aguiar Donas Boto, de S. João da Pesqueira*. Logo faleceu.

3 (VII) BENTO ANTÔNIO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 17.5.1728 *servindo de padrinhos José de Aguiar Donas Boto e sua mãe D. Micaela do Rego Donas Henriques*.

4 (VII) JOAQUINA TERESA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 7.7.1729 *servindo de padrinhos Antônio José de Sequeira e sua mulher Bernarda Maria Cabral de S. João da Pesqueira*.

5 (VII) GENOVEVA ARMELINDA CUSTÓDIA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 22.11.1731 *servindo de padrinhos o Padre José Rodrigues Vaz e seu filho José Caetano, do Peso da Régua*.

Casou de segundas núpcias com o **Dr. FRANCISCO MONTEIRO MONTENEGRO DE BARROS**, natural de Barrô, Resende, Juiz de Fora de Freixo de Numão (carta de 27.7.1731⁵⁵) e Torre de Moncorvo⁵⁶, *Provedor da Provedoria da Guarda*⁵⁷, filho de Jorge Correia Montenegro e de sua mulher Maria Rebelo. Tiveram:

6 (VII) JOAQUIM JOSÉ

Baptizado em Ervedosa do Douro a 6.10.1738 *servindo de padrinhos por procuração João Alves da Costa, do Conselho de Sua Magestade e seu Desembargador do Paço e pós a mão Domingos Ferreira de Seixas, do Castanheiro e D. Maria Inácia Donas-Boto, filha de Antônio de Aguiar Donas-Boto e D. Brízida Teixeira de Carvalho*.

VII – D. MARIA INÁCIA DONAS-BOTO TEIXEIRA DE CARVALHO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 14.10.1725 *servindo de padrinhos o Padre João Rebelo Ferreira, do lugar de Castelo, Lamego*. Em 1745 vivia na Torre de Moncorvo com seu padrasto, *juiz de Fora dela*, sendo ainda solteira. Casou com **ANTÔNIO DE CARVALHO**

⁵⁵ Registo Geral de Mercês, D. João V, liv.22, fl.325

⁵⁶ Habilitação para o SO do genro da esposa.

⁵⁷ Genealogia manuscrita de Manuel de Sousa Boto (1750), p.18



SAAVEDRA COUTINHO, natural da Aldeia de Baixo, Armamar onde nasceu c.1706 (tinha 25 anos em 1731), familiar do SO (carta de 14.9.1731), sargento-mor, filho do capitão Gonçalo de Carvalho Coutinho, de S. Tiago e de sua mulher Maria de Saavedra e Mesquita, moradora no lugar de Aldeia de Baixo; neto paterno de Domingos Ribeiro, o Grande de Alcunha, natural de Aldeia de cima e de sua mulher Maria Coutinho, de S. Tiago; neto materno de Belchior de Paiva, natural de Travanca e de sua mulher Mariana de Saavedra e Mesquita, de Santa Cruz de Lumiares, casados em Lumiares a 4.8.1669. O dito Belchior de Paiva era natural de Aldeia, e filho de Baltazar Mendes⁵⁸. A dita Mariana de Saavedra e Mesquita era filha de Francisco Teixeira de Mesquita e de sua mulher Cecília Rodrigues, de Lumiares. Tiveram entre outros⁵⁹:

1 (VIII) ANTÓNIO MANUEL DE CARVALHO SAAVEDRA DONAS-BOTO, com quem seguimos

2 (VIII) D. ROSA ESCOLÁSTICA DE CARVALHO SAAVEDRA DONAS-BOTO
Baptizada em Aldeia de Baixo, Armamar a 20.1.1753 *servindo de padrinhos Estêvão Luís Guedes e Frei Luís*. Perante Manuel José de Sequeira de Sousa Boto e Manuel Pereira da Costa Lima casou em Ervedosa do Douro a 1.8.1784 com JOÃO MANUEL VAZ DA COSTA CARVALHO E SILVA, de quem foi segunda mulher, filho de João Manuel Vaz da Costa Carvalho e Silva e de sua mulher D. Rosa de Mendonça Teixeira Cabral, do § 3. Sem geração.

VIII – ANTÓNIO MANUEL DE CARVALHO SAAVEDRA DONAS-BOTO

Baptizado em Aldeia de Baixo, Armamar a 14.5.1747 *servindo de padrinhos Alexandre Luís de Sousa Coutinho, capitão-mor de Armamar e Josefa Eufrázia Freire de Saavedra Meneses*. Sargento-mor das Ordenanças do concelho de Armamar. Casou com **D. CLEMENCIA EUFRÁZIA CARDOSO DA FONSECA E SILVA**, baptizada em Armamar a 14.5.1769, filha do capitão Manuel José de Carvalho e de sua mulher Maria Eufrázia Cardoso, de Travanca, Armamar. Tiveram entre outros:

1 (IX) LUÍS CLEMENTE DE CARVALHO SAAVEDRA DONAS-BOTO

Baptizado em Aldeia de Baixo a 27.2.1787 *servindo de padrinhos Luís de Magalhães da Silva Cardoso e Luís Pereira de Vasconcelos, de Castro Daire*. Capitão (portaria de 26.3.1817) e Tenente Coronel agregado (decreto de 23.9.1821). Casou na Ervedosa do Douro a 21.8.1801 com D. MARIA JOANA DA PURIFICAÇÃO VAZ DA COSTA CARVALHO E SILVA, filha de João Manuel

⁵⁸ A sua filiação aparece no registo de óbito de seu primo Manuel de Sequeira, de Santa Cruz de Lumiares, ali falecido a 21.9.1652.

⁵⁹ Para uma descendência mais completa ver “Donas-Boto de S.João da Pesqueira: Origens e novos ramos”, de Albano Chaves, p.73

Vaz da Costa Carvalho e Silva e de sua primeira mulher D. Maria Rosa de Mendonça Teixeira Cabral, do § 4. Com geração na Casa do Cão ⁶⁰.

§ 6

(TÁVORA, de Ervedosa do Douro e VEIGA, de Castanheiro do Sul)

IV – MARIA BRÁS

Filha de António Fernandes de Carvalho e de sua mulher Maria Brás, do § 5 nº3. Nasceu em Ervedosa do Douro c.1640. Casou com **ANTÓNIO DE TÁVORA**, natural da mesma freguesia, onde exercia o cargo de Escrivão da Camara (carta de 3.6.1670⁶¹), filho de Francisco de Távora e de sua mulher Isabel Maria de Távora, casados na Ervedosa do Douro a 8.2.1616. Neto paterno de Filipe Martins, falecido na Ervedosa do Douro a 10.11.1614 e de sua mulher Filipa de Távora, falecida na Ervedosa do Douro a 2.10.1619. Neto materno de Domingos Lourenço e de sua mulher Beatriz Duarte, falecida na Ervedosa do Douro a 28.3.1618. Tiveram entre outros⁶²:

1 (V) FRANCISCO DE TÁVORA DE CARVALHO, com quem seguimos

2 (V) ISABEL DE TÁVORA

Natural de Ervedosa do Douro onde casou a 13.2.1684 com ANTÓNIO RODRIGUES, natural de Gogim, já falecido em 1725, filho de António Fernandes Gorrião e de sua mulher Ana da Fonseca. Tiveram entre outros:

1 (VI) JOÃO DE TÁVORA (DE CARVALHO)

Nasceu a 23.8.1694 e foi baptizado a 3.9 *servindo de padrinhos António Ferreira, dos Casais e Úrsula de Carvalho*. Casou com DOROTEIA MARIA, natural de Soutelo do Douro, filha de Cristóvão Pinto e de sua mulher Águeda de Figueiredo. Tiveram entre outros:

1 (VII) MARIA DE TÁVORA (DE CARVALHO)

Natural de Ervedosa do Douro. Casou com JOSÉ DA FONSECA (DA SILVA LONGO), de Ervedosa do Douro, filho de José da Silva e de sua mulher Maria da Fonseca. Tiveram entre outros:

1 (VIII) ANA MARIA DA FONSECA (DA SILVA)

Baptizada em Ervedosa do Douro a 5.5.1754. Casou com JOSÉ CAETANO DE ALMEIDA, de Ervedosa, filho de António de Almeida Madaleno e de sua

⁶⁰ idem, p.78 e adiante

⁶¹ Registo Geral de Mercês, D. Afonso VI, liv.13, fl.301

⁶² Para a ascendência deste casal, cf. “Famílias de São João da Pesqueira – Sousa, Távora e Telo” de Albano Chaves, João Bráz, Oscar Caeiro Pinto e a colaboração de Filipe Pinheiro de Campos, 2015.



mulher Maria d'Assenção da Conceição. Com geração.

2 (VIII) MANUEL JOSÉ DA SILVA LONGO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 15.10.1756, *servindo de padrinhos José Ferreira e sua mulher Maria Monteiro*. Casou em Ervedosa do Douro a 31.7.1779 com MARIA DA CONCEIÇÃO, da mesma freguesia, irmã de seu cunhado, filha de António de Almeida e de sua mulher Maria da Conceição. Com geração.

145

3 (VIII) UMBELINA CUSTÓDIA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 13.9.1765, *servindo de padrinhos João Luís e sua mulher Maria de Távora*. Teve uma filha natural de CAETANO TEIXEIRA, natural de Paço de Sousa, filho de Manuel Teixeira e de sua mulher Custódia de Sousa. Com geração.

2 (VI) MANUEL DE TÁVORA DE SOUSA

Baptizado em Ervedosa do Douro no mês de Outubro de 1696, *servindo de padrinhos Manuel Fernandes, solteiro, e Luísa*. Casou com ANA MARIA DA FONSECA, da mesma freguesia, filha de António Francisco e de sua mulher Isabel de Almeida. Tiveram entre outros:

1 (VII) JOÃO BAPTISTA DE TÁVORA

Baptizado em Ervedosa do Douro a 12.7.1730, *servindo de padrinhos Nicolau de Sobral, de Soutelo e Elena de Távora*. Casou com ANA MARIA DE SEQUEIRA, da Ervedosa, filha de João de Sequeira e de sua mulher Maria de Azevedo. Com geração.

2 (VII) MANUEL DE TÁVORA (RODRIGUES DA FONSECA)

Baptizado em Ervedosa do Douro a 1.12.1732, *servindo de padrinhos António de Távora de Carvalho e sua filha Teresa, solteira*. Casou com BERNARDA MARIA DA SILVA (DA COSTA), da mesma freguesia, filha de João da Silva e de sua mulher Ana da Costa. Com geração.

3 (VII) MARIA DA CONCEIÇÃO DA FONSECA (DE TÁVORA)

Baptizada em Ervedosa do Douro a 8.12.1737, *servindo de padrinhos José Fernandes e sua irmã Isabel Fernandes*. Casou com JOSÉ MONTEIRO, do Sarzedinho, filho de Manuel Monteiro e de sua mulher Maria Francisca. Com geração.

4 (VII) TERESA DA FONSECA (DE TÁVORA)

Baptizada em Ervedosa do Douro a 29.3.1744 e casada a 24.6.1770 com JOAQUIM JOSÉ DE MAGALHÃES, natural de



Cedovim, filho de Francisco de Magalhães e de sua mulher Rosa Maria. Antes do casamento, teve também filhos naturais de ANTÓNIO MANUEL DE CARVALHO SAAVEDRA, natural de Aldeia de Baixo, Armamar, filho de António de Carvalho Saavedra e de sua mulher D. Maria Inácia do § 5. Com geração.

V – FRANCISCO DE TÁVORA DE CARVALHO, da Portela

Baptizado em Ervedosa do Douro a 10.8.1663 *servindo de padrinhos António Fernandes de Carvalho e sua mulher*. Casou em Ervedosa do Douro a 13.4.1687 com **MARIA VAZ DA COSTA**, natural da mesma freguesia. Tiveram entre outros:

1 (VI) ÚRSULA DE TÁVORA DE CARVALHO

Nasceu em Ervedosa do Douro c.1707. Casou com DOMINGOS DA SILVA NEGÓCIO, testemunha na habilitação para o SO de António de Carvalho Saavedra (1745) onde diz que *era cristão velho, Alferes de Ordenanças, natural da Ervedosa do Douro e tinha 70 anos pouco mais ou menos*. Era filho do Alferes Domingos Vaz da Silva Negócio, e de sua mulher Ana Fernandes de Carvalho, do § 4 onde corre a geração.

2 (VI) MANUEL

Baptizado em Ervedosa do Douro a 25.4.1714, *servindo de padrinhos o Padre Manuel de Sequeira e sua irmã Maria de Sequeira*. Deve ser o Manuel de Carvalho e Távora que recebeu carta de Escrivão da Casa na vila de Penedono (30.9.1731⁶³). E o Manuel de Carvalho e Távora que recebeu a propriedade dos ofícios de Escrivão das sisas das vilas de Penedono, Penela e suas anexas Póvoa e Valongo *por falecimento de Domingos Nunes e mostrar Manuel de Carvalho e Távora por sentença do juízo das justificações do Reino estar legitimamente casado com MARIA TERESA DA FONSECA, filha legítima e mais velha do dito proprietário que faleceu sem filho varão em ele comcorrerm; haverá de mantimento a ela ordenado em um ano a saber 1.000 reis com o ofício de Escrivão das Cizas de Penedono de seu mantimento à custa dos rendeiros estando arrendados e que não estiverem à custa da Fazenda Real, e outros 10.100 reis com o ofício de Escrivão das cizas de Penela, Póvoa e Valongo assentados e pagos no almoxarifado da vila de Pinhel; carta de 30.11.1731*. A dita Maria Teresa da Fonseca tinha sido baptizada na Granja de Penedono a 4.7.1694, filha de Domingos Nunes, de Penela da Beira, Escrivão das Sisas de Penela (carta de 28.11.1693⁶⁴) e suas anexas (carta de 7.7.1702⁶⁵), casado em Granja de Penedono a 3.1.1683 com Maria da Fonseca, baptizada em

⁶³ Registo Geral de Mercês, Mercês de D. João V, liv. 22, f.485

⁶⁴ Registo Geral de Mercês, D. Pedro II, liv.8, fl.377

⁶⁵ Registo Geral de Mercês, D. Pedro II, liv.8, fl.377



Penela da Beira a 28.3.1664 e falecida na Granja de Penedono a 22.3.1721. Neta paterna de Domingos Rodrigues Fernandes, da Moreirinha. Neta materna de Pedro Fernandes “Pernas” e de sua mulher Maria da Fonseca.

Teve um filho bastardo de **ISABEL DA SILVA**, da Ervedosa do Douro

3 (VI) MANUEL DE TÁVORA “Bastardo”, com quem seguimos

| 147

VI – MANUEL DE TÁVORA “Bastardo”

Natural da Ervedosa do Douro. Casou com **JOSEFA FRANCISCA DA VEIGA**, natural da Desejosa, filha de Domingos Veiga e de sua mulher Maria Francisca. Tiveram entre outros:

1 (VII) MANUEL DE TÁVORA, com quem seguimos

VII – MANUEL DE TÁVORA (VEIGA BASTARDO)

Baptizado *em casa* a 14.12.1721 em Ervedosa do Douro. Casou em primeiras núpcias com MARIA DE DEUS, natural da Horta, filha de Miguel de Andrade, da Escurquela e de sua mulher Rita Pereira, da Horta. Sem geração. Casou em segundas núpcias com **ISABEL FERNANDES DA VEIGA**, da Ervedosa do Douro, filha de José Fernandes e de sua mulher Maria Veiga. Tiveram em Ervedosa do Douro:

1 (VIII) FRANCISCO ANTÓNIO DA VEIGA BASTARDO, com quem seguimos

2 (VIII) SEBASTIÃO JOSÉ

Baptizado em Ervedosa do Douro a 16.10.1762, *servindo de padrinhos Sebastião Veiga e sua mulher Ana Veiga*.

VIII – FRANCISCO ANTÓNIO DA VEIGA BASTARDO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 2.5.1758, *servindo de padrinhos o Dr. Francisco Monteiro Montenegro e sua mulher D. Brizida Teixeira*. Casou em Ervedosa do Douro a 25.8.1779 com **LUÍSA MONTEIRA CORDEIRA**, da mesma freguesia, filha de António Monteiro (de Almeida), natural da Quinta de Espinho, S. João Baptista, Pesqueira e de sua segunda mulher (casados a 25.2.1763) Teresa Fernandes Cordeira, da Ervedosa do Douro. Neta paterna de António Monteiro e de Eufémia Gonçalves, solteira, ambos do Espinho. Neta materna de António Fernandes Arocho e de sua mulher Ana da Fonseca Cordeira, ambos da Ervedosa. Tiveram entre outros:

1 (IX) ANA JOAQUINA

Baptizada em Ervedosa do Douro a 18.7.1786, *servindo de padrinhos João Monteiro e sua mulher Custódia Fernandes*. Casou em Ervedosa do Douro a 13.1.1815 com JOÃO MANUEL LAMEIRAS.

2 (IX) ANTÓNIO DA VEIGA BASTARDO, com quem seguimos



3 (IX) MARIA DO ROSÁRIO

Baptizada em Ervedosa do Douro a 12.9.1802, *servindo de padrinhos Manuel António e sua irmã Maria Bernarda, filhos do pai da baptizada*. Casou a 13.1.1818 com MANUEL ANTÓNIO, filho de Manuel da Silva Pichorro e de Teresa da Assunção.

IX – ANTÓNIO DA VEIGA BASTARDO

Baptizado em Ervedosa do Douro a 28.8.1793 *servindo de padrinhos António José Alves e sua mulher Ana Maria*. Vereador da Câmara de Ervedosa do Douro. Casou em Ervedosa do Douro a 30.7.1810 com **MARIA ANTÓNIA**, nascida na mesma freguesia a 16.4.1792, filha natural de António José Pereira da Costa Lima, e de Luísa da Costa Rebelo, solteira, do § 4. Tiveram entre outros:

1 (X) ANA JOAQUINA DA VEIGA, com quem seguimos

2 (X) MARIA RITA DA VEIGA

Natural de Ervedosa do Douro onde faleceu em 1853. Casou com ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA, 1.º Barão de Casais do Douro, nascido a 11.3.1819 e falecido em 1892, Comendador da Ordem de Cristo e da Ordem de Nossa Senhora da Conceição da Vila Viçosa, Moço Fidalgo, médico-cirurgião pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto⁶⁶, filho de António José da Cunha Teixeira, cirurgião, natural de Parada de Pinhão, Sabrosa onde nasceu a 19.8.1785 e de sua mulher Vicência Rosa Pereira, casados a 31.1.1811. Com geração.

X – ANA JOAQUINA DA VEIGA

Natural de Ervedosa do Douro, faleceu no Castanheiro do Sul a 31.12.1854. Casou com **JOSÉ JOAQUIM DE LEMOS**, juiz ordinário, natural do Castanheiro do Sul onde foi baptizado a 13.11.1813 e faleceu a 3.7.1860, filho de António José de Lemos nascido a 21.11.1790 e falecido a 1.5.1841 no Castanheiro, e de sua mulher Maria de Jesus Pinto, do Castanheiro onde casaram a 8.5.1812. Neto paterno de José António de Lemos, baptizado a 26.3.1763 e falecido a 9.5.1829 e de sua mulher (casados a 20.2.1787) Joaquina Clara, baptizada a 17.6.1762 e falecida no Castanheiro a 28.8.1844. Neto materno de Manuel Pinto e de sua mulher Angela Maria Ferreira. Tiveram entre outros:

1 (XI) MARIA DA GLÓRIA DE LEMOS

Nasceu no Castanheiro do Sul a 12.11.1842 e faleceu a 29.1.1921. Casou com ANTÓNIO DOS SANTOS E SILVA, nascido em Castanheiro do Sul a 10.9.1838 e falecido a 29.4.1889, filho de Manuel dos Santos e Silva, natural

⁶⁶ http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=53986



de Valença do Douro, Regedor das Justiças, Proprietário, Vereador da Câmara de Trevões, falecido no Castanheiro do Sul a 11.7.1898 e ali casado a 1.5.1848 com Ana Alexandrina de Azevedo de Almeida, nascida em Castanheiro do Sul a 10.1.1831 e falecida a 12.11.1924. Neto paterno de José dos Santos e Silva e de sua mulher Severina da Silva, de Valença do Douro. Neto materno de Luís José de Almeida, nascido em Castanheiro do Sul a 1.4.1800 e falecido a 11.12.1858 e de sua mulher (casados em Trevões a 22.7.1816) Maria Dias de Azevedo, nascida em Trevões a 4.9.1797 e falecida em Castanheiro do Sul a 14.8.1883. Com geração.

2 (XI) ALBINO DE LEMOS PINTO

Nasceu no Castanheiro do Sul a 21.2.1847 e faleceu a 28.3.1874. Casou no Castanheiro do Sul a 4.3.1865 com MARIA ADELAIDE DOS SANTOS E SILVA, irmã de seu cunhado, filha de Manuel dos Santos e Silva, e de sua mulher Ana Alexandrina de Azevedo de Almeida. Com geração.



Pedra de armas da Casa do Cão com o brasão do fidalgo de cota de armas de João Manuel Vaz da Costa Carvalho e Silva, referido no nº 7 do § 4: escudo esquartelado: I e IV - Silva; II - Carvalho e III - Costa; Timbre de Silva, (um leão em cima do elmo)



GENEALOGIA

UMA ASCENDÊNCIA
REGO E BOTELHO

| 151

*por Francisco de Sanches
Osório Montanha Rebelo*



UMA ASCENDÊNCIA REGO E BOTELHO

*por Francisco de Sanches Osório Montanha Rebelo*¹

§ 1

Este trabalho tem como objectivo demonstrar que o Capitão Duarte Tavares Correia, avô materno de Brás da Silva Ribeiro e décimo avô do autor, e Duarte Tavares (filho do Capitão Manuel do Rego Cabral e de sua mulher D. Maria da Ponte Raposo), que consta da obra “Genealogias das ilhas de S. Miguel e Santa Maria” de Rodrigo Rodrigues, Volume Primeiro, Capítulo 18, **são uma e a mesma pessoa**.

§ 2

José Jacob Biotti, natural da cidade de Lisboa, filho de Guilherme Biotti, natural do Piemonte, assentou praça de soldado voluntário para o Estado da Índia, para onde embarcou na Monção do ano de 1737.

§ 3

Pelo que, lhe foi feita mercê de vinte mil reis de tença, os quais renunciou em sua irmã D. Cecília Maria Teresa de Spínola que “(..) largará doze à pessoa com quem casar para obter o hábito da Ordem de Cristo que lhe mandará lançar por haver sido aprovada a renúncia que nela faz o dito seu irmão”.

D. Cecília Maria Teresa de Spínola casou com Brás da Silva Ribeiro.

§ 4

Por isso, Brás da Silva Ribeiro foi agraciado com o hábito da Ordem de Cristo: “El Rei N. S. há por bem mandar lançar o hábito da Ordem de Cristo a Brás da Silva Ribeiro para o ter com doze mil reis de tença por estar legitimamente casado com Cecília Maria Teresa a quem foi feita a mercê.”

§ 5

Brás da Silva Ribeiro nasceu em 31 de Janeiro de 1716 em Ponta Delgada, Açores onde foi baptizado na igreja de São José de Ponta Delgada pelo Padre António de Paiva em 9 de Fevereiro do mesmo ano, sendo padrinhos Simão de Miranda, mercador, homem casado, da freguesia de São Sebastião e Martinha de Cristo, do Convento de Santa Bárbara, por procuração de António de Medeiros, filho de Francisco Dorta, da freguesia de São Pedro.

¹ Do Instituto Português de Heráldica e da Associação Portuguesa de Genealogia.



§ 6

Era Brás da Silva Ribeiro filho de outro Brás da Silva Ribeiro, que foi Sargento do número do Presídio da cidade de Ponta Delgada, e de sua mulher Maria d'Assumpção Tavares com quem casou em 19 de Março de 1707 na igreja paroquial de São Sebastião, Matriz da cidade de Ponta Delgada, “(...) constando por mandato do muito Reverendo Ouvidor do Eclesiástico o Doutor João Velho de Faria Machado não terem canónico impedimento.” Foram testemunhas: o Capitão-Mor da Vila da Alagoa, Francisco Machado de Faria e Maia, e o Capitão Gaspar de Medeiros de Sousa.

| 153

§ 7

Maria d'Assumpção era filha do Capitão Duarte Tavares Correia, natural da Ribeira Grande e de Maria do Rosário Moniz, baptizada na igreja paroquial de Nossa Senhora da Estrela, Matriz da Vila da Ribeira Grande.

§ 8

Nas provanças da limpeza e qualidade de Brás da Silva Ribeiro efectuadas a 10 de Fevereiro de 1744 na freguesia de São Pedro, Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, foram ouvidas, entre outras, as seguintes testemunhas:

§ 9

Manoel de Sousa de Viveiros, homem bom, lavrador, morador na freguesia de São Pedro desta cidade de Ponta Delgada da Ilha de S. Miguel, 65 anos, que declarou: “(...) o avô da parte materna, Duarte Tavares era (...) dos primeiros desta ilha (...) pela sua nobreza e qualidade, era dos principais desta ilha”.

§ 10

Manoel de Crasto, morador nesta freguesia de S. Pedro e Partidor do Conselho desta cidade de Ponta Delgada, 68 anos, que declarou: “(...) o avô materno, Duarte Tavares, era das melhores e mais graves famílias desta ilha”.

§ 11

O Capitão-Mor da vila da Ribeira Grande, Manoel de Sousa Correia, de 64 anos, que declarou: “ (...) Duarte Tavares, avô do justificante, era natural desta vila e era dos principais”.

§ 12

João Rodrigues Bico, natural e morador nesta vila, homem mercador, 77 anos, que declarou: “(...) Duarte Tavares, que morava na praça desta vila e daqui fora morar para a cidade era homem da governança”.



§ 13

João Rodrigues Santos, natural do lugar de Rabo de Peixe e morador nesta vila da Ribeira Grande há mais de cinquenta anos e nela taberneiro, 76 anos, que declarou: “(...) muito bem conheceu a Duarte Tavares nesta vila da Ribeira Grande na praça velha (...) e que daqui fora morar para a cidade e que era das primeiras famílias desta ilha tido e havido por cristão velho”.

§ 14

João Pacheco Carrasco, natural e morador nesta vila da Ribeira Grande, 80 anos, que declarou: “(...) conheceu bem a Duarte Tavares e o tratara enquanto fora morador nesta vila e depois de ser Capitão fora morar para a cidade de onde não teve mais comunicação sua (...) mas que sabe que era das principais famílias desta ilha limpo de toda a raça (...)”

§ 15

José Cordeiro, morador nesta, carreteiro, 79 anos, que declarou: “(...) Duarte Tavares era natural da vila da Ribeira Grande e viera sendo mancebo morar nesta e que lavrando terra sua no lugar das Calhetas alcançara a Maria do Rosário e a trouxera consigo para esta cidade de quem teve Maria Tavares, mãe do justificante, **a qual se criou em casa de seu parente o capitão intertenido João Borges de Bitancourt** donde casou com o sobredito Brás da Silva pai do justificante; o capitão Duarte Tavares era nobilíssimo”.

§ 16

António Francisco do Rego Botelho e Faria, ajudante de infantaria na ilha de S. Miguel e dela natural e assistente nesta corte na freguesia dos Mártires, 41 anos: “**disse ser parente do justificante em 5º grau**”.

§ 17

António Miguel Velozo Araújo, pessoa limpa que vive de suas rendas, natural da ilha de S. Miguel e morador nesta cidade em a Rua Direita da Boa Vista, freguesia de S. Paulo, 30 anos, que declarou: “(...) ele (Brás da Silva) se criara sempre na companhia de seu pai com o exercício de estudante e que depois da morte de seu pai viera para esta Corte **para a companhia de um seu parente religioso franciscano** que assistia em o Hospício do Conde da Ribeira”.

§ 18

Jerónimo Soares Barriga, letrado, natural da ilha de S. Miguel e morador nesta cidade ao Rossio, freguesia de São Nicolau, de 37 anos, que declarou: “(...) ele (Brás da Silva), na ilha, sempre se tratara limpamente na criação escolástica e que depois da



morte de seu pai viera para esta Corte **para a companhia de um seu parente religioso franciscano** assistente em o Hospício do Conde da Ribeira”.

§ 19

Padre Mestre Frei Henrique Freire da Natividade, religioso carmelita, natural desta cidade e nela assistente em o seu convento, e nele vice comissário dos Terceiros da mesma ordem, 37 anos, que declarou: “(...) depois da morte de seu pai, fora (Brás da Silva) na companhia de um religioso graciano para a ilha do Faial onde ele testemunha o conheceu algum tempo assistindo em casa de Diogo de Labat, de nação francesa, homem muito grave, casado com uma senhora principalíssima daquela terra. E passado este tempo viera para Lisboa para o Hospício do Conde da Ribeira onde **esteve na companhia de um seu parente religioso franciscano**”.

| 155

§ 20

Jorge Lucas de Melo, natural da ilha Terceira, pessoa limpa, que assiste nesta corte na Rua Larga do Alecrim, freguesia da Encarnação, 36 anos, que declarou: “depois da morte de seu pai, (Brás da Silva) fora para a ilha do Faial em companhia de um religioso graciano e ali assistiu em casa de Diogo de Labat, homem grave, casado com uma senhora principal, de quem fora o justificante escudeiro e que passados tempos viera para esta corte para o Hospício do Conde da Ribeira e **na companhia de um seu parente religioso franciscano**”.

§ 21

Na obra “Genealogias das ilhas de S. Miguel e Santa Maria” de Rodrigo Rodrigues, Volume Primeiro, Capítulo 18, que trata “da descendência de Gonçalo do Rego, o Velho” na página 366, encontramos o Capitão Manuel do Rego Cabral, nascido em 1607 e casado na Matriz da Ribeira Grande em 2.5.1622, com D. Maria da Ponte Raposo.

Tiveram, entre outros filhos, a:

- a) Capitão Francisco do Rego e Sá;
- b) Maria da Ponte Coutinho;
- c) Duarte Tavares;
- d) Manuel de São Filipe, Franciscano.

§ 22

O primeiro filho, o Capitão Francisco do Rego e Sá, nasceu na Matriz da Ribeira Grande e faleceu na Matriz de Ponta Delgada a 5 de Dezembro de 1704. Casou, pela primeira vez, com D. Maria de Pimentel de Barros de quem teve o seguinte filho:

O Capitão António do Rego de Faria, que faleceu em 1729 em Ponta Delgada, com 84 anos. Tinha casado, na Matriz de Ponta Delgada, com D. Catarina Botelho do Canto de quem teve o seguinte filho:



João do Rego do Canto Botelho de Faria, que casou a 9 de Julho de 1691 com D. Antónia Faustina da Câmara ou Leite de Medeiros, de quem teve a:

António Francisco do Rego Botelho de Faria **que tudo indica ser a testemunha que, no § 16, afirma ser parente do justificante (Brás da Silva Ribeiro) em 5º grau.**

§ 23

A filha, D. Maria da Ponte Coutinho casou 3 vezes, sendo o seu terceiro marido o Capitão João Borges de Bettencourt, com quem casou na Matriz de Ponta Delgada em 4 de Fevereiro de 1697, e que é, provavelmente, **o parente em casa de quem Maria Tavares (mãe de Brás da Silva Ribeiro) se criou, conforme a § 15.**

§ 24

O quarto filho mencionado, Manuel de São Filipe, **Franciscano**, que tudo indica ser o parente religioso franciscano (de Brás da **Silva** Ribeiro) que vivia no Hospício do Conde da Ribeira, e para a companhia do qual Brás da Silva Ribeiro veio, quando veio para esta Corte, conforme § 17, § 18, § 19 e § 20.

§ 25

Por último, o terceiro filho, Duarte Tavares, casou na Terceira com D. Violante, de quem não teve geração, parece ser o Capitão Duarte Tavares Correia, avô materno de Brás da Silva Ribeiro e décimo avô do autor, se atendermos às deduções em § 22, § 23 e § 24.

§ 26

Genealogia:

1. **João Vaz do Rego**, fidalgo da casa d'el-rei.

Filho:

2. **Gonçalo do Rego**, o Velho, casado com Maria Baldaia.

Filho:

3. **Gaspar do Rego Baldaia**, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Fidalgo de Cota de Armas (1529), morreu em 1572, casou com Margarida Pires, bisneta de Gonçalo Vaz Botelho.

Filho:

4. **João do Rego Beliago**.

Filho:

5. **Gaspar do Rego Baldaia**, casou com Margarida Botelho Cabral, terceira neta de Gonçalo Vaz Botelho.

Filho:



6. O Capitão **Francisco do Rego Cabral** (1577-1642), casou com D. Ana da Costa de Arruda, filha de Sebastião da Costa de Arruda, Cavaleiro da Ordem de Cristo, quarta neta de Gonçalo Vaz Botelho.
Filho:
7. O Capitão **Manuel do Rego Cabral** (1607), casou com D. Maria da Ponte Raposo. | 157
Filho:
8. O Capitão **Duarte Tavares Correia**.
Teve de Maria do Rosário Moniz a:
9. **Maria d'Assumpção Tavares**, casou com Brás da Silva Ribeiro, Sargento do número do Presídio da cidade de Ponta Delgada.
Filho:
10. **Brás da Silva Ribeiro**, Cavaleiro da Ordem de Cristo, casou com D. Cecília Maria Teresa de Spínola.
Filha:
11. D. **Inácia Violante**, casou com Joaquim Germano da Costa Machado.
Filha:
12. D. **Maria Liberata de Santa Rita da Costa Machado de Spínola**, casou com José Alexandre Montanha, cavaleiro da Ordem de S. Tiago.
Filho:
13. O Major **João Baptista Montanha**, casou com D. Maria Rosa Zeferina de Miranda.
Filho:
14. O General **João Paulino Montanha**, casado com D. Guilhermina de Noronha (Arcos).
Filho:
15. O Tenente **João José da Conceição de Noronha Montanha**.
Filha:
16. D. **Virgínia Luísa Montanha**, que foi casada com o Capitão-de-Mar-e-Guerra Francisco Luiz Rebello.
Filho:
17. **Gabriel Augusto Montanha Rebello** casado com D. Maria Amélia Leão Diniz.
Filho:
18. O Engenheiro **Francisco Alberto Diniz Montanha Rebello** casado com D. Maria Isabel Grave de Sanches Osório.
Filho:

19. **Francisco de Sanches Osório Montanha Rebello**, autor deste trabalho, licenciado em Gestão, casado com D. Teresa do Carmo de Saldanha Ferreira Pinto Basto.
Filho:
20. **Francisco do Carmo Pinto Basto Montanha Rebello**, licenciado em gestão pela Universidade de Surrey, UK, e mestre em gestão pelo Instituto da Empresa, de Madrid, Espanha.



Brasão de Armas do autor deste artigo, Francisco de Sanches Osório Montanha Rebello – desenho do heraldista José Bénard Guedes



INSTITUTO DA NOBREZA PORTUGUESA

CERTIFICADO

Nos termos do seu Estatuto do Reconhecimento das Distinções Nobiliárquicas, o Instituto da Nobreza Portuguesa, por deliberação de 23 de Agosto de 2007, reconhece que **Francisco de Sanches Osório Montanha Rebello** tem direito ao uso do seguinte brasão de armas de família, por sucessão: ⁽¹⁾

Escudo partido: I – **REGO**: de verde, banda onçada de prata, carregada de três vieiras de ouro, perfiladas de azul, postas no sentido da banda; II – **BOTELHO**: de ouro, quatro bandas de vermelho.

Tímbre: o dos **REGOS**: uma vieira de ouro, entre duas plumas de verde.

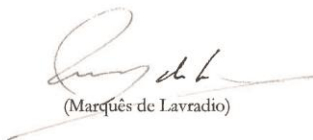
Diferença pessoal que ao requerente compete por lhe virem as armas por seu Pai e Avô paterno: uma flor de liz de ouro.

Elmo de prata, guarnecido de ouro, aberto, posto a três quartos, volvido à dextra e forrado de azul.

Correia de azul, perfilada e fivelada de ouro, com tachões e biqueira do mesmo.

Paquife de vermelho e ouro, verde e prata; virol, os esmaltes do paquife.

O Presidente



(Marquês de Lavradio)

Certificado emitido pelo Instituto da Nobreza Portuguesa reconhecendo ao autor deste artigo, Francisco de Sanches Osório Montanha Rebello, o direito ao uso das armas acima ilustradas com a representação das armas dos Rego e dos Botelho



§ 27

Fontes:

- 1) ANTT, Chancelarias de D. João V: José Jacob Bioto, filho de Guilherme Bioto, natural de Lisboa. Carta de padrão de 20\$000 réis de tença anual em vida para sua irmã Cecília Maria Teresa – de 26 de Novembro de 1739, livro 98 – 53v.
- 2) Igreja do Loreto, livro das desobrigas (rol dos confessados) de 1745: Guilherme Biotti, piemontês, casado, vivia às portas de Santa Catarina.
- 3) ANTT, Habilitação de Brás da Silva Ribeiro, Letra B, Maço1, nº 21, Ordem de Cristo.
- 4) Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, Livro 7 de baptismos da freguesia de S. José de Ponta Delgada, folha 114 verso.
- 5) Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, Livro 4 de casamentos da freguesia de S. Sebastião da Matriz de Ponta Delgada, folha 211.
- 6) Rodrigues, Rodrigo, “Genealogias das ilhas de S. Miguel e Santa Maria”, Volume 1º, Edição da Sociedade Afonso Chaves, Associação de Estudos Açoreanos, Ponta Delgada, 1998.

ANEXOS

- (1) Certidão de baptismo de D. Maria Liberata (1777)
- (2) Casamento de Joaquim Germano com D. Inácia Violante (1775)
- (3) Certidão de baptismo de Joaquim Germano (1745)
- (4) Certidão de óbito de Paula Joana (1760)
- (5) Certidão de óbito de Dona Ângela Domingas (1810)
- (6) Certidão de baptismo de D. Inácia Violante (1758)
- (7) Certidão de baptismo de Brás da Silva Ribeiro (1716)
- (8) Certidão de baptismo de Manoel da Silva Ribeiro (1718)
- (9) Casamento de Brás da Silva com Maria da Assumpção (1707)
- (10) Habilitação de Brás da Silva Ribeiro, Letra B, Maço 1, nº 21, Ordem de Cristo (1744)

(1) Certidão de baptizado de D. Maria Liberata

Livro 4 de baptizados, freguesia de S. Cristóvão, Lisboa, página 207:

“aos 6 dias do mês de Janeiro de **1777** baptizei e pus os santos óleos solenemente a **Maria** que nasceu em 12 de Dezembro do anos passado de 1776, filha legítima de **Joaquim Germano da Costa Machado**, natural e baptizado nesta freguesia de S. Cristóvão, e de **D. Inácia Violante Roberta da Silva**, natural e baptizada na



freguesia dos Mártires, recebidos na freguesia de Nossa Senhora da Pena e moradores na Rua Direita desta freguesia. Madrinha por devoção Nossa Senhora dos Prazeres e Padrinho o Dr. Manoel António da Fonseca Professo da Ordem de Cristo opositor às cadeiras da Universidade de Coimbra e morador aos Anjos de que fiz este termo...”

Nota: na página 221 verso do mesmo livro há um baptizado igual a este em tudo, excepto na data que é 1779 e nos padrinhos.

| 161

(2) Casamento de Joaquim Germano com D. Inácia Violante

Livro 16 de casamentos, freguesia da Pena, página 158 verso:

“Novembro de 1775

aos onze dias do mês de Novembro de 1775 anos de tarde nesta paroquial igreja de Nossa Senhora da Pena, em presença de mim o padre José de Mendonça cura na mesma igreja, receberam por marido e mulher, como manda a Santa Madre Igreja de Roma = **Joaquim Germano da Costa Machado**, solteiro, filho legítimo de **José da Costa Machado**, e de **Paula Joana** já defunta, natural ele contraente e baptizado na freguesia de S. Cristovão desta cidade de Lisboa; com **Dona Inácia Violante Roberta da Silva** solteira filha legítima de **Brás da Silva Ribeiro** já defunto, e de **Dona Cecília Maria Teresa Espinhola**, natural ela contraente e baptizada na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires desta mesma cidade, e ambos os contraentes são moradores na freguesia de São Cristovão; e para haverem de contrair o dito matrimónio nesta dita paroquial igreja de Nossa Senhora da Pena, me apresentaram uma provisão do Eminentíssimo e Reverendíssimo Sr. Cardeal Patriarca assinada pelo pelo Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. Arcebispo de Lacedemonia e vigário geral deste patriarcado em virtude da qual reassisti ao matrimónio. Assistiram por testemunhas o Reverendo Tomé Taborda presbítero secular, morador na Rua das Atafonas, freguesia de Nossa Senhora do Socorro, e António Vicente Angeles morador nesta freguesia de Nossa Senhora da Pena na Travessa da Igreja, com outras mais pessoas, que presentes estavam, de que tudo fiz este assento, que assinei com as sobreditas testemunhas em o mesmo dia e era ut supra.”

(3) Certidão de baptizado de Joaquim Germano

Livro 3 de baptizados da freguesia de S. Cristovão, página 63:

“ aos 13 dias do mês de Junho de 1745 anos nesta paroquial igreja de S. Cristovão desta cidade de Lisboa baptizei solenemente subconditione e pus os santos óleos a **Joaquim** que nasceu em 28 de Maio, filho legítimo de **José da Costa Machado** natural e baptizado na freguesia de Santa Maria Madalena desta cidade e de sua mulher **Paula Joana**, baptizada na freguesia de São Vicente termo da vila do Cadaval Arcebisado de Lisboa recebidos na freguesia de São Mamede: foi padrinho Francisco

Magalhães de Brito Escrivão da Provedoria do Crato e madrinha Antónia Maria da Conceição moradora na Rua dos Trovadores, freguesia de São Nicolau tocou por procuração seu marido Manuel Nunes Colares...”

(4) Certidão de óbito de Paula Joana

Livro 2 de óbitos da freguesia de S. Cristóvão, folha 66:

“7 de Julho de **1760**

falecimento de Paula Joana, nascida e baptizada na freguesia de S. Vicente do lugar do Cercal, patriarcado de Lisboa.

Casada segunda vez com **José da Costa Machado**, natural e baptizado na Madalena. Moravam em S. Cristóvão, Rua Direita do Trigueiros.

Não fez testamento

Sepultada no convento de S. Francisco da cidade.”

(5) Certidão de óbito de Dona Ângela Domingas

Livro 7 de óbitos da freguesia de Santa Engrácia, folha 271:

“aos trinta e um dias de Janeiro de **1810** na casa do Exmo Marquês do Lavradio desta freguesia de Santa Engrácia faleceu com os sacramentos **Dona Ângela Domingas Espinola**, viúva de **José da Costa Machado**, e foi sepultada nesta ermida de Nossa Senhora do Paraíso, que serve de paróquia.”

(6) Certidão de baptizado de D. Inácia Violante

Livro 1 de baptizados da freguesia dos Mártires, folha 77 verso:

“Por virtude de uma sentença de justificação no Juízo Eclesiástico deste Patriarcado de que foi escrivão Luís António do Couto e ordem do Senhor Desembargador José Mendes da Costa Ministro da Curia Patriarcal que de presente serve de Provisor e vigário geral neste patriarcado por impedimento do Exmo Sr. Arcebispo de Lacedemonia lancei o acento seguinte. Nesta paroquial igreja de Nossa Senhora dos Mártires de Lisboa foi baptizada **Dona Inácia Violante da Silva** filha legítima de **Brás da Silva Ribeiro** baptizado na freguesia de S. José de Ponta Delgada da Ilha de São Miguel e de **Dona Cecília Maria Teresa** baptizada na igreja de Nossa Senhora do Loreto desta cidade; foram padrinhos o Desembargador Gregório Pereira Fidalgo da Silveira e Dona Antónia Eufrásia Coutinho, por seu procurador seu irmão Joaquim José Fidalgo da Silveira”

trinta de Abril **1758**



(7) Certidão de baptizado de Brás da Silva Ribeiro

Livro 7 de baptismos da freguesia de S. José de Ponta Delgada, folha 114 verso

Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada

“**Brás**, filho de **Brás da Silva**, Sargento, e de sua mulher **Maria Tavares**, moradores nesta freguesia, nasceu em os trinta e um de Janeiro do ano de **mil e setecentos e dezasseis** anos e foi baptizado nesta igreja de São José paróquia de seus pais , por mim Padre António de Paiva, cura desta igreja, em os nove dias do mês de Fevereiro do dito ano, e foram padrinhos Simão de Miranda, mercador homem casado da freguesia de São Sebastião e Martinha de Cristo, no Convento de Santa Bárbara, por procuração que apresento (sic) António de Medeiros, filho de Francisco Dorta, da freguesia de São Pedro. E para constar fiz este termo que assinei com testemunhas, o Padre António da Cenra e o sineiro André da Silva. Era ut supra. O Cura António de Paiva. O Padre André da Senrra. André da Silva.” | 163

(8) Certidão de baptismo de Manoel da Silva Ribeiro

Livro 7 de baptismos da freguesia de S. José de Ponta Delgada, folha 180 verso, Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada

“**Manoel**, filho de **Brás da Silva**, Sargento pago, e de sua mulher **Maria Tavares**, moradores nesta freguesia, nasceu em os dez dias do mês de Outubro do ano de **1718** anos e foi baptizado nesta igreja de São José paróquia de seus pais por mim Padre António de Paiva, cura desta igreja, em os vinte dias do dito mês, foi padrinho o Capitão Francisco Afonso de Chaves, mancebo solteiro, da freguesia de São Pedro, e para constar fiz este termo que assinei com testemunhas, o ajudante Francisco Pereira e o sineiro André da Silva. Era ut supra. O Cura António de Paiva. André da Silva.”

(9) Casamento de Brás da Silva com Maria da Assumpção

Livro 4 de casamentos da freguesia de S. Sebastião da Matriz de Ponta Delgada, folha 211, Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada

“**Brás da Silva. Maria d'Assumpção**. Em os dezanove dias do mês de Março de 1707 anos de tarde nesta igreja paroquial de São Sebastião Matriz desta cidade precedendo as denunciações na forma do Sagrado Concílio Tridentino e constante por mandado do muito Reverendo Ouvidor do Eclesiástico o Doutor João Velho de Faria Machado não terem canónico impedimento em minha presença e de duas solenes testemunhas que foram o Capitão Maior da Vila da Alagoa Francisco Machado de Faria e Maia e o Capitão Gaspar de Medeiros de Sousa, e outro muito povo se casaram por palavras de presente in facie ecclesie **Brás da Silva**, Sargento do número do prezídio desta cidade baptizado nesta igreja paroquial, filho de **pai não sabido**, e de **Luzia de Medeiros** moradora na freguesia de São Pedro desta cidade, e



Maria da Assumpção filha de **pai não sabido** e de **Maria Moniz** baptizada na igreja paroquial de Nossa Senhora da Estrela Matriz da Vila da Ribeira Grande, todos moradores e fregueses desta freguesia; e não receberam as benções por ser tempo de quaresma; e para constar fiz este termo, que as testemunhas comigo assinaram. Cura Manoel Ferreira. Francisco Machado de Faria e Maia. Gaspar de Medeiros de Sousa. Receberam estes contraentes as benções segundo os ritos da Santa Madre Igreja em 10 de Maio de 1707. Cura Manoel Ferreira.”

(10) Habilitação de Brás da Silva Ribeiro, Letra B, Maço1, nº 21, Ordem de Cristo
“Passei certidão em 14.Outubro.1744

Consulta em 23.Julho.1744

Diz **Brás da Silva Ribeiro** assistente nesta cidade de Lisboa natural e baptizado na freguesia de S. José da cidade de Ponta Delgada da Ilha de S. Miguel, que pela portaria junta lhe fez V. Magestade a mercê do hábito de Cristo, e para o poder receber necessita de habilitar-se, o que não pode fazer sem que V. Magestade seja servido mandar fazer o depósito ao suplicante para lhe retirarem as suas inquirições na forma do estilo.

Lisboa

A **Pedro Florêncio Barrozo de Almeida** com **Francisco José Alz. Da Fonseca** e mais a **Nicolau Pereira de Sousa** ou **Manuel Rapozo da Câmara** com dr. **António Curvelo Delgado** (...) ou pessoa eclesiástica.

O suplicante é filho legítimo de **Brás da Silva** baptizado na freguesia de S. Pedro da cidade de Ponta Delgada da dita Ilha e de **Maria Tavares** do lugar das Calhetas e baptizada na freguesia de Nossa Senhora da Estrela da vila da Ribeira Grande da dita ilha.

Neto pela parte paterna do **padre Manoel da Silva**, natural e baptizado na freguesia de S. Julião desta cidade de Lisboa e de **Luzia de Medeiros** baptizada na freguesia de S. Pedro da mesma cidade de Ponta Delgada da dita ilha.

Neto pela parte materna do **Capitão Duarte Tavares Correia** natural da Ribeira Grande ou do lugar do Norte da mesma ilha e de **Maria do Rosário** do lugar das Calhetas e baptizada na freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem da dita ilha.

...não haver no suplicante impedimento que o faça desmerecedor da graça da dispensa de que necessita em razão de constar da nobreza dele, seu pai e mãe, e avós paterno e materno e resultam somente o impedimento nas duas avós e V. Magestade em casos semelhantes estar usando frequentemente da sua real grandeza a qual implora também motivado da consideração da má opinião em que ficará avaliado entre as pessoas que o conhecem e sabem do seu requerimento.



Das provanças que se fizeram a **Brás da Silva Ribeiro** para receber o hábito da Ordem de Cristo, lhe resultaram os impedimentos que constam da (...) inclusa:

Recorreu a V. Magestade com uma petição dizendo que os respeitos porque fora feita a mercê eram dignos da real atenção e constavam da cópia da portaria junta e ser o dote com que o suplicante efectuara o casamento na esperança de se verificar neste a dita mercê por ser feita directamente com a declaração da mesma portaria e se reportar como própria e não haver no suplicante impedimento que o fizesse desmerecedor da graça da dispensa de que necessitava em razão de constar da nobreza dele, seu pai, mãe, e avós paterno e materno e lhe resultar sómente o impedimento nas duas avós...

| 165

...porém que as avós paterna e materna foram mulheres de segunda condição e concubinas dos 2 avós e não constou da naturalidade da naturalidade do avô paterno, mas no lugar em que viveu foi conhecido e reputado por nobre e limpo e por este impedimento se julgou não estar capaz de entrar na ordem...

Cópia

Por resolução de S. Magestade de 10 de Abril de 1737 em...

El Rey N. S. tendo resp. a lhe representar **José Jacob Biot** filho de **Guilherme Biot** natural desta cidade ter sentado praça de soldado voluntário para se ir oferecer ao Estado da Índia para onde com efeito embarcou na monção do ano de 1737 em consideração do que: e constar por certidão da matrícula geral do dito Estado ficar servindo nele: há por bem fazer-lhe mercê de vinte mil reiz de tença e(...) os quais serão para sua irmã **Cecília Maria Teresa** de que largará doze à pessoa com quem casar para obter a (...) do hábito da ordem de Cristo que lhe mandará lançar por haver (...) aprovada a renúncia que nela faz o dito seu irmão.

Lisboa 23 de Maio de 1739

El Rei N. S. há por bem mandar lançar o hábito da Ordem de Cristo a **Brás da Silva Ribeiro** para o ter (...) doze mil reis de tença (...) estar a legitimamente casado (...) com **Cecília Maria Teresa** a quem foi feita a mercê

Auto que mandou fazer o cavaleiro comissário **Frei Nicolau Pereira de Sousa** para nesta ilha de Sam Miguel tirar as aprovanças da limpeza e qualidade de **Brás da Silva Ribeiro**.

Escrivão **Frei António Curvello Delgado**

1.Fev.1744

1. Brás da Silva Ribeiro n. Cidade de Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, freg. S. José
2. Brás da Silva, n. S. Pedro
3. Maria Tavares, N. Sra Estrela, lugar das Calhetas da Ribeira Grande



4. Manuel da Silva
5. Luísa de Medeiros
6. Duarte Tavares, Ribeira Grande
7. Maria do Rosário, N. Sra Boa Viagem, lugar das Calhetas

10 de Fevereiro de 1744, freguesia de S. Pedro, Ponta Delgada, S. Miguel

Sumário de Testemunhas

- 1) Reverendo Padre **ANDRÉ DE BETTENCOURT E SÁ**, morador em Ponta Delgada na freguesia de S. Pedro, 67 anos:
 - não conheceu o justificante pois deve ter embarcado da ilha, pequeno. Conheceu o pai e a mãe moradores em Ponta Delgada, freguesia da matriz de S. Sebastião.
 - Não é parente
 - Não é amigo, nem inimigo, nem criado.
 - O justificante é mecânico por seus pais o serem.
 - O pai do justificante era estimado de todos nesta cidade.
 - Era filho de pai e mãe de menor condição e as avós assim paterna como materna da mesma qualidade; e que avó paterna era natural desta freguesia de S. Pedro desta cidade; e avó materna ouvira dizer era da vila da Ribeira Grande; e avós assim paternos como maternos eram graves, o materno **Duarte Tavares** pela sua qualidade e o paterno o **Padre Manoel da Silva** pelo seu estado de sacerdote que os conheceu ambos nesta cidade e na freguesia de São Sebastião.
 - O justificante não pode ter menos de 20 anos nem chegar a 40.
- 2) **MANOEL DE SOUSA DE VIVEIROS**, homem bom, lavrador, morador na freguesia de S. Pedro desta cidade de Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, 65 anos.
 - conheceu o justificante o qual embarcou daqui para fora e era filho de **Brás da Silva** sargento do presídio desta cidade e de **Maria Tavares** de quem o justificante era filho legítimo de legítimo matrimónio; mas que não sabe donde eram naturais porque conheceu os pais do justificante moradores em várias ruas desta cidade e a maior parte do tempo na freguesia de São Sebastião desta.
 - Não é parente.
 - O justificante foi para Lisboa quando rapaz e com ele não teve amizade, nem inimizade.
 - Era mecânico por ser filho de pais de menor condição e que o avô da parte materna **Duarte Tavares era homem e dos primeiros desta ilha** e o avô paterno, o **padre Manoel da Silva** se fez nobre no estado que tomou de clérigo e



a avó paterna **Luzia de Medeiros** por alcunha a Bizalheira era de gente vil e baixa de quem diziam ser filho o dito **Brás da Silva**, pai do justificante e a avó materna não conheceu (...) e os sobreditos avós conheceu e tratou na freguesia de S. Sebastião.

- Os avós são graves: o **Padre Manoel da Silva** pelo estado de sacerdote e **Duarte Tavares pela sua nobreza e qualidade dos principais desta ilha.** | 167

- Quando o justificante saiu da ilha não era casado, tinha 18 a 35 anos.

3) **TOMÁS DIAS**, oficial de oleiro, morador nesta freguesia de S. Pedro, 64 anos.

- **Brás da Silva**, sargento do presídio desta cidade. Sempre o conheceu e tratou, bem como à mulher, na freguesia de S. Sebastião.

- Não é parente, nem amigo, nem inimigo, nem seu criado.

- O justificante é mecânico por seus pais o serem.

- Pai e mãe de mesma condição, bem como avós paterna e materna.

- Avós eram graves: o materno pela sua qualidade e nobreza e o paterno pelo estado de sacerdote. Conheceu ambos na freguesia de S. Sebastião, matriz desta.

- 18 a 40 anos.

4) **MATIAS DE SOUSA**, oficial de oleiro, morador nesta cidade de Ponta Delgada na freguesia de S. Pedro, 70 anos.

- conheceu o justificante.

- Seus pais eram naturais da freguesia de S. Sebastião onde viveram em várias casas de aluguer por não terem casas suas.

- Avô paterno: **Padre Manoel da Silva**, natural desta cidade morador junto aos padres da Companhia de Jesus.

- Não é parente.

- Pai e Mãe do justificante como também as avós paterna e materna eram mecânicas, e os avós paterno e materno eram graves, o materno pelo ser e todos os seus descendentes e o paterno por ser clérigo o que sabe pelos conhecer e tratar.

- 20 a 40 anos.

5) **MANOEL DE SOUSA SOARES**, 64 anos, morador nesta.

- Sabe pelo conhecer e tratar no tempo que era cabo de esquadra do presídio tinha comunicação com o sargento **Brás da Silva** o qual casou com **Maria Tavares** de quem teve filhos legítimos os quais pelo nome do justificante não está visto nele e também conheceu o **Padre Manoel da Silva** pai do dito **Brás da Silva** que o tem em sua casa e nela o criou e manteve por seu filho os quais conheceu sempre na



freguesia de S. Sebastião desta cidade; e também conheceu a mãe como também a avó materna **Maria do Rosário** e sabe certamente ser natural do lugar das Calhetas freguesia de N. Sra da Boa Viagem a quem chamavam **Maria Moniz** e ouviu dizer publicamente que ela tivera a mãe do justificante de **Duarte Tavares** o que não sabe senão pela publicidade de ouvir; e também ouviu dizer que o dito **Duarte Tavares** era natural da vila da Ribeira Grande freguesia de N. Sra da Estrela mas que nunca o conheceu senão nesta de Ponta Delgada e o ...

- Não é parente.

- 6) **MANOEL DE CRASTO**, morador nesta freguesia de S. Pedro e Partidor do Conselho desta cidade de Ponta Delgada, 68 anos.

- Conheceu rapazinho o justificante **Brás da Silva Ribeiro** filho do sargento **Brás da Silva** e de **Maria Tavares** como também conheceu o **Padre Manoel da Silva** e **Luzia de Medeiros** de quem diziam ser filho o dito sargento **Brás da Silva**; e também conheceu **Duarte Tavares** e **Maria do Rosário** de quem se dizia ser filha **Maria Tavares** mãe do justificante; os quais em todo o seu tempo conheceu nesta cidade e não sabe certamente de que freguesia eram naturais...

- Não é parente.

- Era amigo do justificante como o é de todas as criaturas.

- Avô **Padre Manoel da Silva**: presbítero do hábito de S. Pedro.

- **Avô materno Duarte Tavares era das melhores e mais graves famílias desta ilha.**

TERMO DE ASSENTADA

Aos 22 de Fevereiro de **1744**, freguesia de N. Sra da Estrela da vila da Ribeira Grande, ilha de S. Miguel

- 1) o Capitão-Mor desta vila da Ribeira Grande **MANOEL DE SOUSA CORREIA** de 64 anos.

- Não conhecia o justificante nem seus pais e avós e somente ouviu dizer que **Duarte Tavares**, avô do justificante era natural desta vila e **era dos principais**.

- 2) **JOÃO RODRIGUES BICO**, natural e morador nesta vila, homem mercador, 77 anos.

- conheceu muito bem a **Duarte Tavares** que morava na praça desta vila e daqui fora morar para a cidade e que era **homem da governança** e que não sabe se teve filha alguma e só sabe que era **nobre e limpo**...

- 3) **JOÃO RODRIGUES SANTOS**, natural do lugar de Rabo de Peixe e morador nesta vila da Ribeira Grande há mais de cinquenta anos e nela taberneiro, 76 anos.



- muito bem conheceu a **Duarte Tavares** nesta vila da Ribeira Grande na praça velha mas que cá não tivera filho, nem filha e que daqui fora morar para a cidade e que **era das primeiras famílias desta ilha** tido e havido por cristão velho.

4) **JOÃO PACHECO CARRASCO**, natural e morador nesta vila da Ribeira Grande, 80 anos.

| 169

- conheceu bem a **Duarte Tavares** e o tratara enquanto fora morador nesta vila e depois de ser **capitão** fora morar para a cidade de onde não teve mais comunicação sua e não sabe se teve filho ou filha algum; mas que sabe que **era das principais famílias desta ilha** limpo de toda a raça...

TERMO DE ASSENTADA

3 de Março de **1744**, Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel, freguesia de S. Sebastião

1) **JOSÉ CORDEIRO**, morador nesta, carreteiro, 79 anos.

- Conheceu-o aqui rapazinho e também conhecera os pais e avós **Brás da Silva** e sua mulher **Maria Tavares**, **Padre Manoel da Silva** e **Luzia de Medeiros**, todos moradores e naturais desta. Só **Duarte Tavares** era natural da vila da Ribeira Grande e viera sendo mancebo morar nesta e que lavrando terra sua no lugar das Calhetas alcançara a **Maria do Rosário** e a trouxera consigo para esta cidade de quem teve **Maria Tavares**, mãe do justificante a qual se criou em casa de seu parente o **capitão intertenido João Borges de Bitancourt** donde casou com o sobredito **Brás da Silva** pai do justificante; e que a avó materna **Maria do Rosário** suposto veio em moça do lugar das Calhetas para esta cidade não era natural do dito lugar mas sim do Norte mas que se não lembra de onde diziam era. E também conheceu o **Padre Manoel da Silva**, avô do justificante, natural desta mesma freguesia de S. Sebastião. E também conheceu a **Luzia de Medeiros** (...) e que tudo sabe pelos conhecer e tratar.

- Não é parente.

- Fora amigo dos pais e avós.

- O capitão **Duarte Tavares** era nobilíssimo e o Padre também era nobre pois era clérigo.

2) **JERÓNIMO DE SOUSA**, homem bom e mestre de latim, 79 anos.

- Conheceu o justificante rapazinho, muitas vezes ia a sua casa e que de pouca idade fora para Lisboa; e também conheceu o pai, **Brás da Silva**, natural desta de S. Sebastião, filho do **Padre Manoel da Silva** natural da mesma...

- Não é parente.

- Não é amigo.

- Os avós e os pais eram da mesma condição. Os avós eram nobres: o paterno por ser clérigo e o **materno por sua qualidade**.

1744. Janeiro. 7, freguesia de S. Julião, Lisboa

habilitação feita em Lisboa, do Padre Manoel da Silva e do justificante

- 1) **PADRE FREI FRANCISCO DAS CHAGAS**, comissário e procurador-geral da custódia das ilhas de S. Miguel e Sta Maria, natural da S. Miguel, morador no hospício da dita custódia junto à igreja das Chagas, freguesia de N. Sra da Encarnação, 40 anos.

- O justificante viera para esta corte há 12 anos, e que tem mais ou menos 30 anos.
- O justificante até aquele tempo sempre vivera limpamente sem mais ofício que o da aplicação das letras.

- 2) **ANTÓNIO FRANCISCO DO REGO BOTELHO E FARIA**, ajudante de infantaria na ilha de S. Miguel e dela natural e assistente nesta corte na freguesia dos Mártires, 41 anos.

- **Disse ser parente do justificante em 5º grau.**

- Conhecera e conhece presentemente o justificante, era casado, 30 anos de idade.
- Sempre o conheceu limpamente tratado na companhia de seu pai que ocupava o posto de sargento; e que de pouca idade se ausentara para esta corte e onde ele testemunha o conheceu na ocupação de criado grave do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo**.

4. Março. 1744

- 3) **JOSÉ CAETANO CORRÊA**, COC, tenente de infantaria na ilha de S. Miguel e dela natural, assiste na Rua dos Poiais de S. Bento, freguesia de Santa Catarina, 40 anos.

- Bem conhece o justificante ser filho legítimo de **Brás da Silva** sargento que foi na infantaria do dito presidio.
- O justificante viera de tenra idade para esta corte onde assiste em ocupação de criado grave do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo**.

- 4) **FREI JOÃO DA ASSUMÇÃO**, religioso franciscano, natural da ilha de S. Miguel e morador nesta cidade na Rua Direita dos Poiais de S. Bento, freguesia de Santa Catarina, 33 anos.

- O justificante viera, depois da morte de seu pai e de tenra idade para esta corte e nela assiste com a ocupação de criado grave do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo**.

- 5) **PADRE FRANCISCO REBELO MACHADO**, presbítero do hábito de S. Pedro, natural da ilha de S. Miguel e morador nesta cidade na Rua dos Poiais de S. Bento, 37 anos.



- Conheceu muito bem o pai do justificante, **Brás da Silva Ribeiro**, sargento que foi de uma das companhias das do presídio da dita ilha e que sabe ser o justificante filho legítimo de quem nomeia e baptizado na freguesia de S. José da cidade de Ponta Delgada por o ouvir dizer por o ouvir dizer a uma criada de casa de ele testemunha, que não tinha parentesco com ele justificante.

| 171

- 6) **PEDRO BORGES DE BITANCUR**, juiz de fora que foi da vila de Niza, natural da ilha de S. Miguel e morador nesta cidade na Rua da Cordoaria Velha, freguesia dos Mártires, 30 anos.

- ele conhece muito bem o justificante ser filho legítimo de **Brás da Silva Ribeiro** sargento que foi de uma das companhias das do presídio do castelo na ilha de S. Miguel (...) e que seu pai sempre se tratara limpa e asseadamente e na sua companhia seu filho que ele testemunha conheceu nesta corte na ocupação de criado grave do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo**.

9.Março.1744

- 7) **JOSÉ DA COSTA LOPES**, marinheiro, natural da ilha de S. Miguel e morador nesta cidade na freguesia de Santos - o - Velho, na Rua do Cipreste em casa de António Roiz Rebelo, sapateiro.

- conhece muito bem o justificante, sabe que é casado, 25 anos.

- Viera depois da morte de seu pai para esta corte e assistira em casa de **Luís Godinho**, COC, homem grave de tratamento em carruagem e que vive de suas rendas, se como seu criado ignora ele testemunha; mas sabe que ele não teve mais ocupação que a que agora tem de criado grave do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo**.

- 8) **LUZIA INÁCIA**, mulher de **António Rodrigues Rebelo**, assistente nesta corte na Rua do Cipreste, freguesia de Santos Novos, natural da ilha de S. Miguel, 36 anos.

- Casado e 25 anos.

- Quando estava na ilha não tivera mais ocupação que a aplicação dos livros e que depois da morte de seu pai viera para esta corte e ouvira dizer que ao princípio fora a sua assistência em casa de **Luís Godinho** atrás referido mas não sabe se foi ou não seu criado e que não o conhecera em outra ocupação mais que na de criado grave de **Gregório Pereira Fidalgo**.

14.Março.1744

- 9) **ANTÓNIO MIGUEL VELOZO ARAÚJO**, pessoa limpa que vive de suas rendas, natural da ilha de S. Miguel e morador nesta cidade em a Rua Direita da Boa Vista, freguesia de S. Paulo, 30 anos.

- Casado, 18 a 50 anos.



- Ele se criara sempre na companhia de seu pai com o exercício de estudante e que depois da morte de seu pai viera para esta corte para a companhia de um seu **parente religioso franciscano** que assistia em o Hospício do Conde da Ribeira e onde esteve uns poucos de meses e dali sem ter tido outra ocupação fora para casa do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo** onde assiste com ocupação de seu criado grave.

Neste dia acima declarado na assentada não podemos achar mais testemunhas que dispusessem de qualidade do justificante e seu exercício nesta corte antes de ir para casa do desembargador Gregório Pereira Fidalgo.

15.Março.1744

- 10) **JERÓNIMO SOARES BARRIGA**, letrado, natural da ilha de S. Miguel e morador nesta cidade ao Rossio, freguesia de Santa Justa, digo, de S. Nicolau, 37 anos.
 - 25 anos.
 - Ele, na ilha, sempre se tratara limpamente na criação escolástica e que depois da morte de seu pai viera para esta **corte para a companhia de um seu parente religioso franciscano assistente em o Hospício do Conde da Ribeira** e que ali assistira alguns meses e depois fora para casa do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo** onde está com a ocupação de criado grave.

18.Março.1744

- 11) **PADRE MESTRE FREI HENRIQUE FREIRE DA NATIVIDADE**, religioso carmelita, natural desta cidade e nela assistente em o seu convento, e nele vice comissário dos Terceiros da mesma ordem, 37 anos.
 - Depois da morte de seu pai fora na companhia de um religioso graciano para a ilha do Faial onde ele testemunha o conheceu algum tempo assistindo em casa de **Diogo de Labat**, de nação francesa, homem muito grave, casado com uma senhora principalíssima daquela terra porém não sabe se fora seu criado. E passado este tempo viera para Lisboa para o Hospício do Conde da Ribeira onde **esteve na companhia de um seu parente religioso franciscano** algum tempo e dali fora para casa do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo** e nele assiste em a ocupação de criado grave.
- 12) **JORGE LUCAS DE MELO**, natural da ilha Terceira, pessoa limpa, que assiste nesta corte na Rua Larga do Alecrim, freguesia da Encarnação, 36 anos.
 - 25 anos.
 - Depois da morte de seu pai fora para a ilha do Faial em companhia de um religioso graciano e ali assistiu em casa de **Diogo de Labat**, homem grave, casado com uma senhora principal, de quem fora o justificante escudeiro e que



passados tempos viera para esta corte para o Hospício do Conde da Ribeira e na **companhia de um seu parente religioso franciscano** e depois para casa do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo** onde tem estado sempre com a ocupação de criado grave.

- Depois da morte de seu pai fora para a ilha do Faial em companhia de um religioso graciano e ali assistiu em casa de **Diogo de Labat**, homem grave, casado com uma senhora principal, de quem fora o justificante escudeiro e que passados tempos viera para esta corte para o Hospício do Conde da Ribeira e na **companhia de um seu parente religioso franciscano** e depois para casa do desembargador **Gregório Pereira Fidalgo** onde tem estado sempre com a ocupação de criado grave.

| 173

Neste dia acima declarado fizemos toda a diligência por acharmos **Luís Godinho**, testemunha referida, e não foi possível ele dispor por se achar gravemente enfermo.

2.Abril.1744

13) **LUÍS GODINHO CAMELO**, natural da ilha de S. Miguel, assistente nesta corte na Rua da Cruz aos Poiais de S. Bento, freguesia de Santa Catarina, homem nobre, 60 anos.

- Não conhecia o justificante nem se lembrava de que algum dia estivesse em sua casa como tinham deposto as testemunhas, mas que sim conheceu seu pai ser sargento e que ouviu dizer...
- Não assina por estar gravemente enfermo.

De 9 de Abril de 1744 até 12 de Abril de 1744 procuram testemunhas na freguesia de S. Julião que conhecessem o **Padre Manoel da Silva**, mas não encontraram.

Consta que o justificante é natural da freguesia de S. José da cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, é casado, tem 26 anos e que vindo da sua pátria houve 12 anos entrara a servir de escada acima o desembargador **Gregório Pereira Fidalgo da Silveira** em cuja ocupação continua actualmente e na sua pátria estudava e não teve ocupação mecânica.

O **Padre Manoel da Silva** ninguém conhece.

Consta das partes pessoais do justificante todas as naturalidades excepto a de seu avô paterno que sendo natural desta corte da freguesia de S. Julião não houve notícia alguma (...) mas foi conhecido na ilha por nobre e limpo pelo que mandam junto certidão de baptismo do dito avô em falta dela junto a sentença de género do dito avô por onde foi habilitado para ordens, consta da limpeza do sangue de todos e da qualidade do justificante e seus pais e dois avós paterno e materno; e consta também



que as duas avós paterna e materna foram mulheres de segunda condição e concubinas dos dois avós.

Mesa, 25 de Junho de 1744

Ainda o justificante não juntou a sentença de genere do seu avô paterno por dizer que o dito avô foi habilitado para clérigo na ilha onde viveu e morreu como também consta das inquirições.

23 de Julho de 1744



GENEALOGIA

BEÇA, CABRAL E
JAQUES, DE NUMÃO
(APONTAMENTOS
GENEALÓGICOS)

| 175

por Óscar Caeiro Pinto

**BEÇA, CABRAL E JAQUES, DE NUMÃO
(APONTAMENTOS GENEALÓGICOS)**

Por Óscar Caeiro Pinto

Ao investigarmos as ascendências da família Caeiro de Freixo de Numão encontrámos várias ligações a famílias de Numão, o que é perfeitamente natural dada a proximidade geográfica com esta antiga vila. Graças ao importante contributo do meu parente e amigo João Bráz, genealogista de referência para esta região, foi possível compor algumas notas genealógicas sobre três famílias que já estavam instaladas em Numão no século XVI. Temos plena consciência que este pequeno estudo está muito incompleto e que futuras e exaustivas pesquisas irão certamente melhorar e completar as nossas deduções genealógicas.



Localização da freguesia de Numão, no actual concelho de Vila Nova de Foz Côa.



Castelo da antiga vila de Numão

ORIGEM DOS BEÇA



| 177

Segundo os poucos nobiliários que tratam da genealogia desta linhagem em Portugal, a sua origem está num Juan Alfonso de Baeza (ou João Afonso de Beça), cavaleiro que passou de Castela a Portugal no reinado de D. Fernando, uns dizem que foi no ano de 1369 outros em 1373, a quem o dito rei fez senhor de Alter do Chão, Vimieiro e Vila Formosa. Fernão Lopes na sua crónica de D. Fernando fala deste período conturbado da história e de alguns exilados políticos castelhanos; *“Que do dia d’esta paz fi rmada ataa trinta dias seguintes el-rei dom Fernando lançasse fora do seu rreino, das **pessoas que sse pera elle veherom de Castella**, estas aqui nomeadas: dom Fernando de Castro, Suer’Eanes de Parada, Fernand’Afonso de Çamora, os fi lbos d’Alvaro Rrodriguez Daça, Fernam Rrodriguez e Alvaro Rrodriguez e Lopo Rrodriguez, Fernam Goterrez Tello, Diego Affonso do Carvalhal, Diego Sanchez de Torres, Pedr’Afonso Girom, **Joham Affonso de Beeça**, Gonçallo Martiiz, e Alvorio Meendez de Caceres, Garcia Perez do Campo, Garcia Mallfeito, Gregorio e Fillipote ingleses, Paay de Meira dayam de Cordova, Martim Garcia d’Aljazira, Martim Lopes de Cidade, Nuno Garcia seu irmão, Gomez de Foyos, Joham do Campo, Bernalld’Eanes seu irmão, Joham Fernandez d’Andeiro, Joham Focim, Fernam Perez e Afonso Gomez Churrichaãos”*. LOPES, F., *Crónica de D. Fernando... op.cit.* capítulo LXXXII. Também a 13/4/1370, pouco depois do rei de Aragão em Orihuela acordar as pazes com o rei de Granada, o rei de Castela Enrique II dava conta de certas cartas intercetadas que referem o nome de João Afonso de Beça; *“Otrosy a lo al que nos enbiastes dezir de las cartas que fueron tomadas que enbiana miçer Gaspar al rey de Granada e a Ferrant Perez Caluiello e a **Johan Alfonso de Baeça**, sabed que Alfonso Yañez Fajardo nos enbio los traslados dellas e en verdat por las sus nuevas astrosas e mintrosas nos damos muy poco, ca fi amos por la merçed de Dios e por el buen derecho que tenemos que todos aquellos que non quisieren ser nuestros amigos e andudieren en mentira e en falsedat que nos auremos grant vengança dellos”*. (Pascual Martinez, L., Documentos de Enrique II, Murcia: Academia Alfonso X El Sabio-CSIC, 1983, pp. 69 y 70).



Em 1422, segundo um documento da chancelaria de D. João I faziam parte do conselho do rei “os nobres e onrrados dom Lourenço arcebispo de bragaa e Rui pireira e **Joham afonso de beeça** cavalleiros E Joham afonso das regas e Martim Lourenço doutores” (fol.12vº). A 2/2/1422 o dito rei faz “doaçam pera todo sempre a **Joham afonso de beeça** e a todos seus herdeiros e sucessores de todollos bens movees e de raiz que Joham afonso de beia filho d afonso domingueç avia e há em lixboa e em outros quaaesquer lugares, o qual os perdeo por seer em deservijo destes regnos e senhor etc” (Felgueiras Gaio, no seu tit. de “Beças” faz uma leitura errada deste documento). Pela mesma Chancelaria sabemos que morou em Almada, pois aparece referido como “*joham beça d almadaa*” e tinha umas casas de foro em Lisboa na Rua Nova.

As genealogias castelhanas referem que Juan Alfonso de Baeza, senhor de Ampudia, era filho de Juan Rodriguez de Baeza, senhor de Campos e Bailen e de sua mulher e prima Teresa de Haro, neto paterno Lopo Rodriguez de Haro (este filho de Rui Lopez de Haro e de Sancha Perez Tenório) e de Guiomar Ponce de Cabrera, neto materno de Afonso Lopez de Haro e de Leonor de Saldanha. João Afonso de Beça, foi casado duas vezes, a primeira com Juana de Castilla e a segunda vez com Maria Carillo. Foi pai de um Telo de Haro (casado com Maria Daza, filha Gutierre Gonzalez Pantoja e de Mencia Daza) e segundo Felgueiras Gaio (tit. de Beças) de um Afonso de Beça (filho bastardo?). Julgamos que deste último descende um João de Beça, escudeiro, tabelião (1499) e escrivão dos órfãos (23/2/1502) de Aguiar de Sousa, já falecido a 3/11/1514 e ainda um Álvaro de Beça, que a 23/4/1504 era tabelião na honra de Távora.

BEÇA, de Numão

1 – **JOÃO DE BEÇA**, juiz dos Órfãos de Numão (AN/TT, *Chancelarias Régias*, D. João III, livro 62, fls. 6.), documentado como o mais antigo Beça de Numão e colocado por nós como genearca desta família nesta vila. Seria talvez filho de Álvaro de Beça, que foi tabelião da vila de Távora e descendente do referido João Afonso de Beça, que foi o tronco desta linhagem em Portugal. Provável filha:

‡2 – **MARIA DE BEÇA**, *que segue*.

‡2 – **MARIA DE BEÇA**. Casou com **FILIPE RODRIGUES (DO AMARAL?)**. Filhos:

‡3 – **MANUEL DE BEÇA**, *que segue*.

3 – Filipa de Beça, casada a 26/7/1578 com Francisco Pires, de Vila Nova de Foz Côa. Tiveram:

4 – Francisco, baptizado a 25/7/1579, padrinhos Ambrósio Vieira e Joana de Braga.

‡3 – Maria de Beça, casada com Francisco de Almeida. Filha:



- 4 – Maria, baptizada a 20/8/1569, padrinhos Álvaro Pires e Isabel Martins mulher de João Martins de S. Mamede.

23 – **MANUEL DE BEÇA**, teve o cargo de contador e distribuidor da vila de Numão. Casado com **ANA TEIXEIRA**, que por morte de seu marido ficou com graves dificuldades financeiras. A 1/4/1599 a dita Ana Teixeira, recebe esses ofícios para quem casar com sua filha Domingas do Amaral. Tiveram 4 filhos: | 179

4 – DOMINGAS DO AMARAL, *que segue*.

4 – Maria, baptizada a 14/3/1590, padrinhos Luís Moutinho e Joana de Braga mulher do Alcaide-mor.

4 – Manuel, baptizado a 3/8/1593 padrinhos Diogo de Matos de Freixo de Numão e Guiomar Martins

4 – N...?

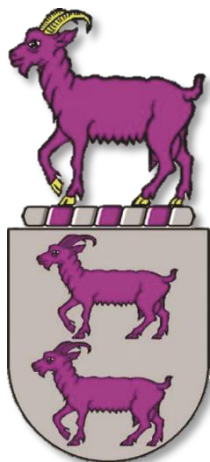
4 – **DOMINGAS DO AMARAL**, baptizada a 4/7/1582, padrinhos Álvaro Martins e Domingas Mendes. Levou em dote os cargos de seu pai e casou cerca de 1600 com **FRANCISCO TAVARES (DE VASCONCELOS)**, que foi partidor dos Órfãos de Numão (AN/TT, *Chancelarias Régias*, D. Filipe III, livro 22, fls. 76 v.º) e depois contador, distribuidor de Numão. Francisco Tavares, a 22/2/1600 requereu o ofício por já ter casado com Domingas do Amaral, diz ser morador em Numão. Recebeu os ditos ofícios por respeito a Ana Teixeira que tinha requerido por ficar muito pobre e com 4 filhos por falecimento do marido Manuel de Beça que tinha sido contador, distribuidor da vila de Numão. Filhos:

5 – **DOMINGOS TAVARES BEÇA**, ou Domingos Tavares de Vasconcelos, como também se documenta. Foi distribuidor, inquiridor, contador, partidor e avaliador dos Órfãos de Numão, por alvará de 28/9/1639. Casou em Freixo de Numão, a 8/2/1644, *perante António Pacheco, Domingos Dias e António do Amaral*, com sua prima **ISABEL TAVARES DE VASCONCELOS**, moradora no sítio da Silveira, falecida em Freixo de Numão a 14/9/1663, sendo enterrada nessa igreja; *disse que lhe digam uma missa e enterro cantada e não declarou com quantos clérigos, mais quatro missas de defuntos rezadas duas por machos duas por fêmeas, mais por sua alma vinte missas rezadas tudo isto por uma só ve, e [ilegível] o terço de sua fazenda a suas filhas Isabel e Maria e [ilegível] uma missa cantada pelas almas do purgatorio e que a [ilegível] todos os Domingos e dias Santos de um ano [ilegível] seu marido testamenteiro e obradeiro*. Filha de Baltazar Rodrigues (irmão do Padre Belchior Rodrigues do Amaral, acusado em 1620 do crime de pacto com o demónio) e de sua mulher Isabel Tavares (de Vasconcelos), moradores no sítio da Silveira em Freixo de Numão, neta paterna de Domingos Rodrigues “do Cardal” e de Isabel Lourenço do Amaral, de Freixo de Numão (vide o artigo do autor “A heráldica da Casa Grande de Freixo de Numão e a sua ligação a Tavira”, in Cadernos

Barão de Arêde, N°2, pág. 194). Com geração nos Tavares de Vasconcelos de Freixo de Numão e noutras famílias.

- 5 – Francisco de Beça, casou em Freixo de Numão a 11/1/1665 com Maria Fernandes, filha de Manuel Rodrigues e de Maria Rodrigues. Com geração em Freixo de Numão.

ORIGEM DOS CABRAL



Antiga linhagem da Beira Alta, documentada a partir do D. Gil Cabral, deão e depois bispo da Guarda. D. Gil fez testamento a 30/5/1363, no seu paço de Vila Fernando, deixando a Maria Gil, moradora em Belmonte, o usufruto de todos os bens que possuía antes de ser bispo, ficando ela obrigada a vincular esses bens a uma capela na igreja de Santiago de Belmonte, deixando administrador deste morgadio “*hum da linhagem de ambos elles*”. Esta Maria Gil fez testamento a 9/5/1397 declarando-se filha do bispo D. Gil e dizendo-se viúva e sem descendência, instituiu o morgadio de Santa Maria de Belmonte, nomeando para administrador o sobrinho Luís Álvares Cabral (filho de Álvaro Gil Cabral, escudeiro, alcaide-mor da Guarda em 1383, portanto irmão da dita Maria Gil Cabral). A 10/9/1401, referida já como “*Maria Gil Cabral*”, manda que a enterrem na sua capela de Santa Maria da igreja de S. Tiago de Belmonte. A partir do referido Luís Álvares Cabral a família Cabral ramifica-se bastante pela Beira e fora dela, não sendo possível neste momento determinar a ligação dos Cabral de Numão ao tronco dos de Belmonte.

CABRAL, de Numão

- 1 – **MARTIM CABRAL**, casou duas vezes, a primeira com (1) **N...?**, a segunda em Numão a 4/2/1607 com Genebra Gonçalves, que já tinha um filho. Do primeiro casamento teve:



2 – MARIA CABRAL, *que segue*

?2 – Rufina Cabral casou a 2/6/1613 com António Afonso, da quinta de Arnozels. Provável filha:

?3 – Maria Cabral, da quinta de Arnozelo, Numão, faleceu a 29/4/1642 (estava casada com um João Fernandes).

| 181

2 – **MARIA CABRAL**, casou a 4/2/1607 (com o enteado de seu pai) **GASPAR GONÇALVES**, filho da dita Genebra Gonçalves. Foram certamente seus filhos:

?3 – **FERNÃO GONÇALVES (CABRAL)**, *que segue*

?3 – Isabel Cabral, falecida a 29/1/1663, sendo já viúva do "Rabelinho" (alcunha dada a alguém da família Rebelo?), teve um relacionamento com um Sebastião, filho de Sebastião Gonçalves e de Catarina Fernandes. Filha natural:

4 – Maria Cabral, baptizada a 22/9/1652 e casada a 2/2/1677 com Domingos Gonçalves, viúvo, de Custóias.

?3 – João Gonçalves, falecido antes de 1674, casou com Isabel Fernandes. Filhos:

4 – João, baptizado a 25/10/1639, sendo padrinhos Lourenço Pinto e Isabel Francisca mulher de Fernão Gonçalves.

4 – Isabel, baptizada a 17/9/1641, sendo padrinhos **Fernão Gonçalves e sua criada Francisca**.

4 – Manuel, baptizado a 8/4/1643, **sendo padrinhos Fernão Gonçalves e sua mulher**.

4 – Manuel, baptizado a 6/9/1645, sendo padrinhos Francisco de Mesquita de S. João e Francisca Fernandes.

4 – **António Cabral**, casou duas vezes, a primeira a 29/6/1674 com Maria Fernandes, filha de Manuel Fernandes Sancho. Casou a segunda vez a 27/12/1678 com Beatriz Saraiva, filha de Vicente Saraiva e de Isabel Fernandes. Este deve ser o António Cabral que foi padrinho de dois filhos de António Fernandes e Isabel Francisca (vide no nº 4). Teve do segundo matrimónio:

5 – Pedro, baptizado a 29/6/1687.

5 – Inocêncio.

5 – Joana, baptizada a 24/6/1691 sendo padrinhos Brás do Amaral e Sousa e mulher Maria de Vasconcelos.

5 – Luís, baptizado a 7/4/1694, sendo padrinhos Luís Alves e mulher Isabel Fernandes de Freixo.

- 5 – Brás, baptizado a 14/4/1697, sendo padrinhos Manuel Martins e mulher Maria Fernandes.
- 5 – Isabel, baptizada a 15/3/1699, sendo padrinhos Manuel Martins e mulher Maria Fernandes.

23 – **FERNÃO GONÇALVES (CABRAL)**, ou Fernando Gonçalves, como também vem referido. Aparece como padrinho juntamente com sua criada Francisca e ainda com sua mulher. Casou com **ISABEL FRANCISCA**. Filhos nascidos em Numão:

4 – ISABEL FRANCISCA, *que segue*.

4 – António, baptizado a 5/1/1644, sendo padrinhos o alcaide-mor e a mulher de João Gonçalves.

4 – **ISABEL FRANCISCA**, baptizada a 30/1/1642, sendo padrinhos Francisco Fernandes Olas e Isabel Fernandes mulher de João Gonçalves. Casou a 3/12/1657 em Numão com **ANTÓNIO FERNANDES**, filho de Miguel João e de Maria Fernandes. Filhos:

5 – ANTÓNIO FERNANDES CABRAL, *que segue*.

5 – Manuel, baptizado a 25/7/1679, padrinhos **António Cabral** e Ana da Fonseca.

5 – Miguel, baptizado a 22/9/1682, padrinhos **António Cabral** e Isabel filha de João Fernandes Bicho.

5 – **ANTÓNIO FERNANDES CABRAL**, natural de Numão, faleceu em Freixo de Numão a 23/4/1740. Casou pela primeira vez em Freixo de Numão a 12/11/1691 com (1) MARIA DE MESQUITA GOMES, dali natural, filha natural do Padre Domingos Fernandes Ruivo, de Freixo de Numão e de Paula Gomes, de Santo Amaro. Casou a segunda vez com (2) **ANA DE LOBÃO**, baptizada em Freixo de Numão a 29/3/1677, filha de João Fernandes Ferreiro e de Maria de Lobão (casados a 4/5/1670), neta paterna de Domingos Fernandes Ferreiro e de Maria Fernandes, neta materna de Manuel Gomes e de Maria de Lobão, todos de Freixo de Numão. Filhos:

6 – (1) Luís, baptizado a 19/10/1692, teve por padrinhos Brás do Amaral e Sousa e Isabel Dias mulher de Domingos Rodrigues Esquerdo. Deve ter falecido criança.

6 – (1) Isabel, baptizada a 5/4/1694, padrinhos Luís Álvares de Távora e sua mulher Isabel Fernandes, de Freixo.

6 – (1) Luís, baptizado a 1/3/1696, padrinhos Luís Álvares e sua mulher Isabel Fernandes. Deve ter falecido criança.



- 6 – (1) Luísa, baptizada a 5/1/1698, padrinhos Luís Álvares e sua mulher Isabel Fernandes.
- 6 – (1) Maria, baptizada a 11/1/1700, teve por padrinhos Manuel de Sequeira e mulher Maria da Veiga.
- 6 – (2) LUÍS DE LOBÃO, *que segue*.
- 6 – (2) António de Lobão Cabral, natural de Freixo de Numão, casou 1ª vez com Isabel de Mendonça, natural de Santo Amaro. Casou a 19/11/1756, já viúvo, com Maria Ana Fernandes, filha de Domingos Fernandes de Além Douro e de Maria Domingues, natural de Freixo.
- 7 – Manuel António Cabral, casou com Maria Moutinho, filha de Pedro Gomes, da freguesia de Muxagata e de Maria Moutinho, natural de Freixo de Numão. Com geração em Freixo de Numão.

6 – (2) **LUÍS DE LOBÃO**, natural de Freixo de Numão, onde faleceu a 5/6/1766. Casou em Freixo de Numão a 22/2/1731 com **ANA GOMES**, filha de Paulo Gomes, natural de Espadanelo (Macedo de Cavaleiros) e de Isabel Gomes, natural de Freixo de Numão, onde casaram a 22/5/1701. Neta paterna de Francisco Rodrigues e de Maria Gomes, neta materna de Domingos Fernandes Mazagão e de Maria Fernandes. Filhos nascidos em Freixo de Numão:

- 7 – **Luís de Lobão**, “o moço”, baptizado a 21/8/1737. Casou com **Maria Fernandes Freches**, baptizada em Freixo de Numão a 10/5/1737, falecida a 25/2/1759, filha de Damião Fernandes, natural de Souto de Penedono e de Maria Fernandes Freches, natural de Freixo de Numão. Casou segundas núpcias em Freixo, a 2/8/1761 com Maria Saraiva de Almeida, filha de José de Almeida, natural de Muxagata e de Maria Saraiva, natural de Freixo de Numão. Com geração em Freixo de Numão.
- 7 – João de Lobão, baptizado a 26/7/1740. Casou com Teresa Maria Giraldes, natural das Chãs, filha de António Giraldes e de Isabel Luíz, das Chãs. Com geração em Freixo de Numão.
- 7 – Francisco António de Lobão, baptizado a 23/2/1743, casou com Maria do Espírito Santo, filha de Manuel Esteves e de Maria Isabel Fernandes Freches. Com geração em Freixo de Numão.
- 7 – Manuel António de Lobão, baptizado a 25/9/1746, casou com Joana Maria da Conceição Lisboaeta, natural da freg. de Esmolfe (Penalva do Castelo), filha de Dionísio da Silva e de Angêla Pereira. Com geração em Freixo de Numão.
- 7 – Maria, baptizada a 31/8/1749.

ORIGEM DOS JAQUES



O enquadramento histórico desta linhagem foi feito por Fernando Águas, nos recentes artigos “Os Jaques” (in Cadernos Barão de Arêde, N.º 1 e 2)”. Trata-se de uma linhagem oriunda de Aragão com solar nas montanhas de Jaca (Huesca), passaram a Portugal no século XV, na pessoa de Jaime Jaques, fidalgo aragonês (outros dizem ser catalão) em virtude deste estar implicado no assassinato do Arcebispo de Saragoça a 1/6/1411. Jaime Jaques estabeleceu-se em Lagos no Algarve, era filho de Guillem Jaques que as genealogias dizem ser aragonês ou francês e de N...de Olid, filha de Gonçalo Gil de Olid, senhor de Corral Rubio e de Leonor Ramirez de Dávalos. Guillem Jaques vivia ou tinha bens na vila de Castelló (em Aragão), pois em 1371 além de gado maior, possuía 300 cabras e 500 ovelhas nesta vila. Segundo a genealogia manuscrita “Tabla genealógica de la casa Jaques”, Jaime Jaques foi pai de Diogo Gil Jaques que casou no Algarve onde teve descendência, esteve na tomada de Ceuta, foi fidalgo da Casa Real, coudel-mor da vila de Alvor a 12/12/1439, sendo também cavaleiro da Casa do Infante D. Henrique. Temos ainda conhecimento da existência de um Gomes Gil Jaques, presumível irmão de Diogo Gil, que também deixou geração. Por falta de documentação, tal como os Beça e os Cabral já aqui evocados, não foi também possível ligar os Jaques de Numão ao tronco principal radicado no Algarve, mas fica aqui feito o apontamento desta gente.

JAQUES, de Numão

1 – **JOÃO MARTINS**, de Numão, morador no arrabalde desta vila no sítio do Campelinho. Faleceu a 25/8/1651 e foi enterrado no adro junto à cruz de pau, deixando sua filha Ana Fernandes por testamenteira. Ignora-se o nome da sua mulher, mas deduzimos que teria os apelidos “**FERNANDES JAQUES**”, que seguem na sua descendência e seria descendente (bisneta?) de um **Francisco Jaques, que foi tabelião da vila de Numão**, documentado a 24/3/1518 (Chancelaria de D. Manuel I, liv. 44, fl. 4). Este pode ser um Francisco Jaques referido em 1518 nas moradias da Casa Real como natural de Lagos, com o foro de “Moço da Câmara”. Filhos nascidos em Numão:



2 – MANUEL FERNANDES, *segue*.

2 – Ana Fernandes. Casou a 21/4/1638 com Domingos Dias, filho de Pedro Martins e Maria Esteves.

2 – **MANUEL FERNANDES**, baptizado a 2/9/1616 (padrinhos António Moutinho e a mulher de António Martins). Casou em Numão a 27/8/1643 com **ANA FERNANDES**, de Numão, filha de Francisco Afonso e de sua mulher Isabel Martins, já defuntos. A referida Ana Fernandes poderá ser uma Ana, baptizada a 10/12/1612, apenas referida como filha de Francisco Afonso “o esquerdo”. Mais uma nota; existe em Numão o casamento de um Francisco Afonso com uma Isabel Afonso a 19/11/1589, ele filho de João Afonso, ela filha de Jorge Pires e Isabel Afonso. Filhos nascidos em Numão: | 185

3 – Pedro, baptizado a 6/7/1644, padrinhos Domingos Dias da praça e a mulher de António Rodrigues.

3 – Domingos, baptizado a 25/4/1645, padrinhos António Martins e mulher.

3 – Manuel, baptizado a 26/12/1646, padrinhos Domingos Dias da praça e Maria Fernandes mulher de António Rodrigues.

3 – MANUEL FERNANDES JAQUES, *segue*.

3 – Maria, baptizada a 11/2/1652, padrinhos Bartolomeu de Seixas e mulher Isabel Fernandes.

3 – **MANUEL FERNANDES JAQUES**, baptizado a 25/8/1649 (padrinhos Sebastião de Vasconcelos e mulher). Casou em Numão, a 9/6/1686 com **ANA FERNANDES**, natural de Numão, filha de Gaspar Álvares, da Quinta de Olas, Vale de Figueira e de (casado em Numão a 13/7/1653) Maria Fernandes (que já era viúva de um anterior casamento), natural da quinta de Arnozelo, em Numão, onde vivia uma numerosa família Fernandes! Neta paterna de Gaspar Álvares e de Catarina Dias. Viveram na dita quinta de Arnozelo, onde nasceram os seguintes filhos:

4 – Maria, baptizada a 21/12/1687, padrinhos Domingos Martins Pestana e sua irmã Maria, filha de João Martins de Numão.

4 – MARIA FERNANDES JAQUES, *segue*.

4 – Jacob Fernandes, baptizado a 24/7/1691, padrinhos Manuel Dias o moço, e sua mãe Isabel Fernandes.

4 – **MARIA FERNANDES JAQUES**, baptizada a 21/12/1688 (padrinhos Domingos Martins e sua irmã Maria, solteira). Casou em Numão a 8/2/1712 com **LUÍS FERNANDES FREIXINHO**, natural das Seixas, filho de Manuel Fernandes e de Maria Luís Freixinho. Tiveram em Numão:



- 5 – Luísa baptizada a 18/10/1714, padrinhos o Padre Manuel Dias e Isabel de Aranda mulher de Francisco Fernandes Ruam.
- 5 – Manuel, baptizado a 1/11/1716, padrinhos Francisco Fernandes Ruam e mulher Isabel de Aranda.
- 5 – Maria, baptizada a 9/10/1718, padrinhos Francisco Fernandes Ruam e mulher Isabel de Aranda.
- 5 – António, baptizado a 16/11/1721 padrinhos Jacob Fernandes e Maria filha de Ana Francisca.
- 5 – LUÍS ANTÓNIO FREIXINHO, *que segue*.
- 5 – Isabel, baptizada a 15/9/1726, padrinhos Manuel Rodrigues e mulher Madalena Luís.

5 – **LUÍS ANTÓNIO FREIXINHO**, baptizado a 17/4/1724 (padrinhos Manuel Rodrigues e mulher Madalena Luísa). Casou em Freixo de Numão a 22/11/1746 com **ANA MARIA DO AMARAL**, natural de Freixo de Numão, onde faleceu a 18/6/1758 (já referidos no artigo do autor “Os Saraiva de Vasconcelos de Mós do Douro”, in Cadernos Barão de Arêde, N.º 4, pág. 189). Filha de Manuel da Assunção Matreiro, natural de Freixo de Numão e de Maria do Amaral Corvacho, natural de Ranhados, neta paterna de Manuel Gonçalves Matreiro e de Maria Lourenço Fernandes, naturais de Freixo de Numão, neta materna de Manuel Luís e de Maria do Amaral, naturais de Ranhados. Com geração em Freixo de Numão.



GENEALOGIA

OS HEREDIA
(Continuação)

| 187

por Luís Soveral Varela



OS HEREDIA

por Luís Soveral Varella

(Continuação)

PARTE II

AS LINHAS PORTUGUESAS DESCENDENTES DO CAVALEIRO AFONSO DE HEREDIA, QUE PASSOU A PORTUGAL NO SÉC. XV

É conhecida, e ficou devidamente registada no § 2.º da Parte I no número 1 dos nossos *Cadernos Barão de Arêde*, a linha genealógica dos Heredia descendentes de don António de Heredia progenitor dos da Ilha da Madeira e da linha da *Varonia dos Herédia de Sua Alteza Real a Senhora Dona Isabel, Duquesa de Bragança*.

Mas outra linha, muito anterior a essa e que se documenta em Portugal já no séc. XV deixou larguíssima descendência, a qual, salvo raras excepções, deixou há muito de usar esse apelido. Trata-se da linha do cavaleiro Afonso de Heredia morador em Barcelos.

Recuperemos então algumas das informações registadas nesse nosso número 1 no artigo *O Sangue dos Arêde*, sequência do aí publicado sob o título *Os Heredia*.

Recuperemos que Afonso de Heredia, Castelhana, que usou também o nome Afonso de Arede, viveu casado em Barcelos, e, sendo primo ou não de Pedro de Abendaño ou Pedro de Mendanha, parentesco esse que nos dão as genealogias tradicionais, aí casou e deixou descendência que seguiu o apelido Heredia e as suas variantes Ereda e Areda/Arêde¹. E registadas que aí ficaram as dúvidas e sugestões sobre a sua origem e eventual ligação por parentesco aos Valenzuela, importa agora tratar da sua

¹ Estas e outras variantes deste apelido, como Hereda, Aredia, Eredia, Aredo, etc., foram igualmente usadas em Castela e depois em Espanha como ficou igualmente registado em *O Sangue dos Arêde*. Efectivamente no reinado de Don Enríque IV de Castela (1424 a 1474) o Príncipe das Astúrias Don Enríque a conceder ao mestre Pedro Girón (1423 a 1466), 1.º senhor de Ureña os direitos da vila de Puebla de Prado, e ao mestre Juan de Aredo a mercê de administrador esses direitos (ES (Espanha)/PARES (Portal de Archivos Españoles) /SNAHN (Sección Nobleza del Archivo Histórico Nacional) /ES.45168.SNAHN /1.1.2.1.0/ OSUNA (Archivo de los Duques de Osuna), C.36, D.20); a 3.9.1502 regista-se uma disputa entre Diego de Aredo, morador em Espanha, Castro-Urdiales, na costa da Cantábria, junto a Bilbao, e um Pedro de Cearreta, morador em Plencia, Vizcaya (ES/PARES/ARCV (Archivo de la Real Chancillería de Valladolid)/ES.47186.ARCHV/5.7.2.0/RE (Registro de Ejecutorias)/CAJA 0173.0032.); e a 26.8.1503 em Ávila: María García, *la romana, vecina de Ávila* [tem pleito] *con Fernando de Contreras, curador de los bienes de Juan de Aredia, vecino de Ávila, sobre herencia y pago de las deudas de Juan de Aredia* (ES/PARES/ ES.47186.ARCHV/1.1.7.2/RE/CAJA 183,23.); e ainda a 31.3.1559, um Rodrigo de Aredo que nesse ano declara ser de 66 anos de idade, e como tal nascido cerca de 1493, é referido no processo de limpeza de sangue do bacharel Juan López Maraño Fernández de Asién Escudero Y Asién y Álvarez Galdeano de Acedo, nascido na vila de Espronceda, em Navarra (Quesada, Rafael Cañada (2009), “Elucidario”, n.º 7, Expedientes de limpieza de sangre conservados en el Archivo de la Catedral de Jaén, 2ª parte, referindo: caja legajo número 477. Expediente núm. 5. Basa 3ª.).



descendência que poderá ter sido a primeira linha dos Heredia a viver em Portugal, como nos informam as genealogias tradicionais. No texto que segue, por vezes, repete-se parte do texto e das notas de fim de página que ilustraram o artigo *O Sangue dos Arêde*, mas parece-me ser essencial para que não se fragmente a informação e não se desvirtue o entendimento quanto possível do presente texto, sugerindo-se porém a consulta desse artigo para uma mais completa biografia de Afonso de Heredia.

Reconstituição Genealógica

§ 1.º

1. **AFONSO DE HEREDIA**, viveu casado em Barcelos e documenta-se a 3.10.1533 na relação dos que partiram na armada de D. Pedro de Castelo Branco, como pai do escudeiro António de Arede². Dizem as genealogias tradicionais que era Castelhana e passou a Portugal com seu primo Pedro de Mendanha, alcaide-mor de Castronuño³; que foi *cavaleiro* e juiz ordinário em Barcelos em 1518 e se chamava *o muito bonrado Afonso de Heredia*⁴. E todas são unânimes em dizer que Afonso de Heredia foi o primeiro deste apelido a passar a Portugal. É certo que todos nos habituámos a recolher das genealogias tradicionais a resolução para a origem de tantas Famílias em Portugal como vindas de Castela nessa mesma época e por esse motivo. Se há dados que as mesmas genealogias tradicionais nos dão que parecem não ser documentáveis, ou pelo menos não o foram até agora, outros porém são-no. Não documentável a título de exemplo: FG⁵ em nota de fim de página diz que Afonso de Heredia foi alcaide-mor de Barcelos acrescentando que isso consta de uma justificação que têm os Sequeira Machado, que viu. Não tendo tido acesso a essa justificação, procurei mas não encontrei a sua nomeação para esse cargo nos fundos documentais consultados⁶.

² D. Flaminio de Sousa (daqui em diante referido como FS), Manuscrito (PT/BGUC_MS.3192), t.2 f.503v.

³ No sumário dos documentos da chancelaria de D. Afonso V feita pela Comissão dos Descobrimentos, lê-se erradamente um Afonso de Arede a 28.10.1480 numa carta de perdão do Rei D. Afonso V a António Vazques, mareante, morador na vila de Tavira, por ter ferido o dito Afonso de Arede, natural de Castela, mediante o perdão das partes, tendo pago 1.000 reais brancos para a Arca da Piedade (PT/TT/CHR/D. Afonso V, L.32 fl.177v, referindo instrumento público de perdão datado de 12.4.1480). Porém a leitura do documento original não deixa margens para dúvidas de que esse documento se refere a Afonso d'Arca.

⁴ GAYO, Manuel da Costa Felgueiras (daqui em diante referido como FG), Nobiliário da Famílias de Portugal, título de Heredias, § 1; LEITÃO, Belchior de Andrade (séc.XVII e XVIII) (daqui em diante referido como AL), Manuscrito genealógico *Família de Portugal*, PT/BA/49-XII-35, tomo 10º; e MACEDO, Diogo Rangel de (séc.XVII e XVIII) (daqui em diante referido como RM), Manuscrito Genealógico (PT/BNP/Secção de Reservados/Colecção Pombalina/PBA 381).

⁵ FG, Op.cit.

⁶ A única referência mais aproximada encontrada foi a mercê a 16.8.1504 de escrivão das sisas e feitos dela do julgado de Penela, termo de Barcelos, a favor de um Afonso Fernandes, aí morador, em virtude do tabelião público Pedro Gonçalves haver renunciado em mãos do Rei segundo instrumento do próprio renunciante, o que obviamente nada tem a ver com a questão (PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.23 fl.42v, doc. nº 251).



Não a encontrei, nem tão pouco a sua nomeação para o cargo de juiz ordinário dado que os livros de actas de Barcelos são muito recentes iniciando-se apenas no séc. XVII. E é ainda o mesmo FG que no seu título de Mendanhas dá afinal essa mesma alcaidaria-mor a Pedro Paredinas de Mendanha, tal como o faz Alão de Moraes⁷. Adiantam ainda as genealogias que era fidalgo descendente da Casa dos Condes de Fuentes em Aragão⁸, e primo do referido Pedro de Abendaño, alcaide-mor de Castronuño, alcaidaria-mor que lhe fora dada por seu tio o poderoso Don Juan de Valenzuela. AM, para além dos autores atrás referidos, acrescenta ainda que Afonso de Heredia passou a Portugal com Gregório de Benavides [Mendanha], e com André Ramires, e ficaram a viver em Barcelos onde casou⁹. Os dados disponíveis permitem estabelecer que Afonso de Heredia ou de Arede terá nascido por volta de 1450/55, terá vivido em finais da década de 70 em Castronuño, e terá vindo para Portugal ainda novo acompanhando o seu dito primo Pedro de Abendaño, o famoso alcaide-mor dessa vila¹⁰. Viveu então em Barcelos¹¹, onde esse mesmo seu primo veio a ter a alcaidaria-mor do castelo juntamente com a capitania e a frontaria da dita cidade por carta de 18.3.1488. Teve o foro de cavaleiro¹², esteve na tomada de Azamor a 3.9.1513 com o duque de Bragança D. Jaime¹³, e com seu contraparente D. João de Meneses, cujo parentesco adiante se descortinará, capitão de Azamor, alcaide-mor do Cartaxo, conselheiro régio e comendador de Aljezur, e de entre muitas outras mercês senhor dos direitos da mouraria de Tavira¹⁴. Casou, por volta de 1478 com **Margarida Álvares Carneiro**, como trazem as genealogias tradicionais, que terá nascido à roda de 1460 e falecido depois de 1506, e cujo casamento se documenta na referida relação dos que partiram na armada de D. Pedro de Castelo Branco a 3.10.1533 sendo referida como *Marg^a Alz* mãe do escudeiro António de Arede, nascido por volta desse ano de 1506 em Bragança, onde os biografados também viveram ou pelo menos estavam, o qual viria a ser padre e a enfrentar com gravidade o tribunal da Inquisição de Lisboa. As referidas genealogias tradicionais dizem-nos que esta senhora era irmã de Diogo

⁷ MORAES, Cristóvão Alão de (daqui em diante referido como AM), Pedatura Lusitana, título de Mendanhas.

⁸ O que o não faz descendente dos condes de Fuentes mas de ascendência comum como ficou especulado em *O Sangue dos Arêde*, podendo ser descendente dos Heredia de Álava e do ramo passado a Castela.

⁹ AM, op.cit., título de Herédias, § 2.º.

¹⁰ LIMA, Jacinto Leitão Manso de, Famílias de Portugal; FG, Op.cit.; AM, Op.cit.; Acrescentando Manso de Lima que Pedro de Abendaño passou a Portugal com a sua Família que estava com ele solidária e sitiada em Castronuño.

¹¹ FS, Manuscrito (PT/BGUC (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra/ MS.3192), t.2 f.503v.

¹² PT/TT/CHR/D. João III, Perdões e Legitimações, L.16 fl.182-182v, a propósito de seu neto Cristóvão de Arede, onde se refere que este **era de boa casta, filho e neto paterno de cavaleiros**.

¹³ GEPB (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira), HERÉDIA, e de acordo com os genealogistas referidos também Pedro Paredinas de Mendanha e Gregório de Benavides de Mendanha estiveram na dita tomada de Azamor.

¹⁴ PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.31 fl.15v.

Carneiro, de Vila do Conde, donde ela deveria também ser natural¹⁵. Sobre a sua filiação nada nos adiantam embora seja possível propor que ambos pudessem ser da linhagem de Álvaro Carneiro, também morador em Vila do Conde, e, com muito poucas dúvidas, dos Carneiro de Vila do Conde descendentes de Gomes Carneiro, aí morador¹⁶, filho de Gil Carneiro, cavaleiro do Porto que morreu no princípio de 1454 sendo sepultado no mosteiro de São Francisco¹⁷ e mulher Leonor Anes Machucho¹⁸, e pai do referido Álvaro Carneiro¹⁹. Deste Álvaro Carneiro dizem as genealogias tradicionais que fora casado²⁰ e que desse casamento não teve descendência, tendo-a

¹⁵ FG, Op.cit., título de Carneiros, § 1; e AM, Op.Cit., título de Carneiros de Vila do Conde

¹⁶ FG, Op.cit., título de Carneiros, § 1, chama-lhe João Anes Carneiro, mas tanto Manuel de Souza da Silva (SILVA, Manuel de Sousa (daqui em diante referido como MSS), Nobiliário das Gerações de Entre-Douro e Minho, título 32.º, § 4.º), como AM, nos respectivos títulos lhe chamam Gomes Carneiro, concordando todos que foi o primeiro a ir viver para Vila do Conde e ser filho de Gil Carneiro. Segue-se a opinião de AM por na generalidade ser mais rigoroso.

¹⁷ Com a seguinte inscrição tumular: *aqui jaz Gil Carneiro, cavaleiro, morador que foi na rua Formosa* (MSS). Gil Carneiro era filho de Diogo Carneiro que era mercador em 1443 no Porto onde viveu na rua do Souto e onde teve casas foreiras ao Hospital de Rocamador (AM, Op.cit., título de Carneiros, uns, do Porto, § 1.º), vereador nesta cidade em 1443 e já falecido em 1455 (MSS, Op. cit.) e mulher Maria Vieira (FG, Op. cit.).

¹⁸ Filha de João Gerales Machucho, contador do Porto onde viveu e onde comprou umas casas na rua das Cangostas em 1395 e que ainda era vivo em 1431 quando emprazou umas casas, e mulher Leonor Vasques; neta paterna de Geraldo Dias Machucho que morou no Porto onde era procurador em 1375; e neta materna de João Vasques, escudeiro, e mulher Guiomar de Sá (FG, Op.cit., título de Sás). Geraldo Dias Machucho era filho de Diogo Gil de Frazão, morador no Porto, que juntamente com seus irmãos tinham comedoria no mosteiro de Grijó com o foro de cavaleiros como consta do tombo feito em 1365 (Souza da Silva, Op.cit., título 51.º) e devidamente identificado por Sotto Mayor Pizarro (PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor (SMP), Os Patronos do Mosteiro de Grijó); 3ª neta de Gil Martins de Frazão; 4ª neta de Martim Peres de Soveral, nascido cerca de 1276 e falecido em 1373 sendo sepultado no mosteiro de Grijó; 5ª neta de Pedro Martins de Soveral e mulher Maria Lourenço de Portocarrero (SMP, Op.cit.). Sobre Pedro Martins de Soveral vide VARELLA, Luís Soveral (2013), Os Soveral da Beira. João Vasques acima referido, foi escudeiro, morou no Porto e juntamente com sua mulher teve os foros dos casais de Oliveira e era neto de João Lourenço que foi amo do Rei D. João I como consta de um prazo do Hospital (FG, Op.cit., título de Sás, e Souza da Silva, Op.cit., título 51.º). Guiomar de Sá, mulher de João Vasques, com quem já estava casada em 1387, era filha legítima, a 7.10.1389 (PT/TT/CHR/D. João I, L. 4 fl.106v) de João Rodrigues de Sá *o das Galés*, e de Inês Rodrigues (MONTEIRO, Fernando M. Moreira de Sá, Os Sás e as Suas Origens). João Rodrigues de Sá *o das Galés*, era natural do mosteiro de Grijó em 1365 (SMP, Op.cit.) senhor de juro e herdade de Gaia (2.3.1387), que teve de seu sogro Aires Gonçalves de Figueiredo, senhor de juro e herdade de Sever e Barreiro (29.3.1384), senhor de juro e herdade de Castro Daire (25.10.1385), senhor de juro e herdade de Neiva (24.1.1386), senhor de juro e herdade do Castelo de Lindoso (8.7.1391), senhor de juro e herdade de Bouças (18.2.1399), camareiro-mor de D. João I (1386) e seu embaixador a Roma, governador de Entre-Douro-e-Minho (1397), alcaide-mor do Porto (21.2.1392), etc., nascido no Porto e falecido em 1424, e fora casado com Maria Rodrigues Machado; e era filho de Rodrigo Anes de Sá, alcaide do castelo de Gaia (a Pequena) com os direitos reais e rendas de Gaia e Vila Nova e embaixador a Roma, e mulher Mécia Peres de Avelar; neto materno de Estevão Peres de Avelar, cavaleiro, senhor da Quintã de Pingo (Lafões), etc. (SMP, Op.cit., refere ser sua neta devendo ser filha de Pedro Esteves do Avelar).

¹⁹ AM, Op.cit., título de Carneiros de Vila do Conde.

²⁰ FG, Op.cit., título de Carneiros, di-lo casado e sem descendência com Cecília Fernandes de Guimaraes.



no entanto fora do casamento e de uma senhora casada que não nomeiam, e que por certo se chamou chamou Beatriz Gonçalves²¹. Sobre esse Álvaro Carneiro sabemos que era escudeiro morador em Vila do Conde²², almoxarife da alfândega desta vila a 28.10.1501²³, recebedor das sisas desta vila a 2.6.1502²⁴, tabelião dela a 21.2.1503²⁵, a quem a 23.3.1517 é dada quitação de todo o dinheiro que recebeu pelo rendimento do almoxarifado e despendeu durante os anos de 1513 a 1515 num total de 848.400 reais²⁶, e novamente a 1.3.1521 dada quitação dos 919.000 reais que recebeu no tercênio de 1516 a 1518²⁷, escrivão da sisas dos panos desta vila em 1522²⁸, com carta para nomear ajudantes em seu ofício a 18.5.1529²⁹ e a quem é novamente dada quitação pelo Rei D. João III do dinheiro que recebeu do almoxarifado em 1522³⁰, devendo ter morrido pouco depois³¹.

E biografado o casal progenitor dos primeiros Heredia documentados a viver em Portugal, no séc. XV, mantém-se a dúvida, para o estudo da sua descendência, se terão sido também os progenitores dos de outras linhas de apelido Ereda/Areda/Arêde que usaram a par do apelido Heredia, que não as deles documentalmente descendentes e que igualmente usaram os apelidos Ereda/Areda/Arêde/Aredo a par de Heredia.

E nesta sequência do discurso, mais uma vez, embora correndo o risco de me poder tornar repetitivo, parece-me ser importante recuperar parte do texto que ficou registado em *O Sangue dos Arêde* no número 1 dos nossos *Cadernos Barão de Arêde*. Efectivamente, como veremos de seguida, na descendência imediata do biografado o apelido Arêde é usado e assim documentado na documentação coeva por seu filho Diogo e seus netos Baltazar e Cristóvão, e ainda por um neto deste último de nome Jerónimo, não restando dúvidas que assim o usaram e eram conhecidos, sendo todos referidos como Heredia nos nobiliários consultados³². Aliás, nas chancelarias régias bem como em qualquer outro fundo documental da Torre do Tombo, Biblioteca Nacional e outros arquivos consultados, nomeadamente nos livros de matrículas da

²¹ PT/TT/CHR/D. Afonso V, L.14 fl.51, 3.4.1466: D. Afonso V perdoa a Álvaro Novo e a Gonçalo Quintã, ambos moradores em Barcelos, por testemunharem a favor de Álvaro Carneiro que cometera adultério com Beatriz Gonçalves, mulher casada.

²² PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.35 fl.11, doc. 72.

²³ PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.1 fl.50v-51, doc. 307.

²⁴ PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.2 fl.44v, doc. 231.

²⁵ PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.35 fl.11, doc. 72.

²⁶ PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.9 fl.7v, doc. 39.

²⁷ PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.39 fl.59, doc. 290.

²⁸ PT/TT/CHR/D. João III, Ofícios e Mercês, L.46 fl.47v.

²⁹ PT/TT/CHR/D. João III, Ofícios e Mercês, L.47 fl.38.

³⁰ PT/TT/CHR/D. João III, Ofícios e Mercês, L.17 fl.66, L.20 fl.7 e L.45 fl.79v.

³¹ MSS, Op.cit., título 32.º, § 9, diz que era ainda vivo em 1528, e FG, título de Carneiros, § 1, afirma que ele ainda era vivo em 1536. Foram-lhe encontradas referências documentais até 1529, mas sendo verdade que era vivo em 1536 deverá ter morrido bastante velho pois deve ter nascido por volta de 1440/45.

³² FG, Op.cit.; AM, Op.cit.; AL, Op.cit.; RM, Op.cit.; ATAÍDE, Manuel de Carvalho e, Op.cit.



universidade de Coimbra, matrículas da mitra de Braga, etc., só foi possível encontrar o apelido Heredia com esta grafia já no séc. XVI, com João de Heredia³³, presuntivo filho dos biografados. E apenas posteriormente e já no séc. XVII, em qualquer uma das suas possíveis variantes, como é o caso do ramo de Pinhel que surge referido nas ditas matrículas como Eredia e nos registos paroquiais como Arede, e um ramo em Pernambuco, Brasil, identificado como Herede. No referido ramo de Pinhel, e durante o séc. XVI, Francisco de Heredia (assim identificado por AM³⁴ e na habilitação para o santo ofício de seu neto Francisco³⁵), é referido como Francisco de Aredia nos manuscritos genealógicos do bispo da Guarda³⁶, numa clara mistura dos dois apelidos, fixando definitivamente e já no séc. XVII a forma original Heredia. O mesmo se verifica no séc. XVII nos Açores com um ramo oriundo de Barcelos, e como tal, supostamente descendente do biografado Afonso de Heredia, que usa o nome Aredias. E situações há em que os escrivães registavam os nomes como Arede e os indivíduos em questão assinavam Heredia, ou vice-versa, como é o caso no séc. XVI do padre António de Arede que assina António de Heredia³⁷, e já no séc. XVII com o padre Manuel de Arede, de Besteiros, que também assinava Manuel de Heredia. Seu pai, Domingos Vaz de Arede, surge indistintamente como de Arede ou de Herede. E quanto ao ramo dos morgados de Lourizela e da Mourisca do Vouga, que embora tenham acabado por fixar o uso do apelido como Arêde/Arede, eram efectivamente Ereda, ou Areda, conforme refere o dr. Agostinho Pacheco Teles no seu manuscrito genealógico no início do seu *Título de Aredas, q vulgarmente chamão Aredes*³⁸. O mesmo se passou com a linha dos Heredia da Ilha da Madeira, que aí passaram idos das Ilhas Canárias no séc. XVI, que também usou a variante Arede como se verifica nos livros de privilégios da chancelaria Régia, na Torre do Tombo, relativamente a D. António, ora chamado de Heredia ora chamado de Arede, tal como nos registos paroquiais dos seus descendentes, que particularmente em Portimão usaram o apelido Arede.

E encontramos ainda outros de apelido Arede no Alentejo, nomeadamente em Moura também em finais do séc. XV onde viveu Rodrigo de Arede, escudeiro que morreu antes de 1520 e que fora casado com Joana da Costa, que aí vivia viúva nesse ano, e cuja descendência passa depois, já no séc. XVI a Coimbra e seus arredores usando o apelido nas variantes Ereda, Areda, Arede, Aredo, e Heredia; e ainda em Montemor-o-Novo e em Arraiolos onde viveram também dos deste apelido desde o séc. XVI. Uns e os outros poderiam ser descendentes dos biografado, podendo mesmo Rodrigo de

³³ PT/TT/CHR/D. Filipe II, L.26 fl.118v., e L.36 fl.267v.

³⁴ AM, Op.cit, título de Herédias, § 1.º

³⁵ PT/TT/TSO-CG/HSO/Inácio m.4 d.63.

³⁶ Manuscrito genealógico de Colecção particular.

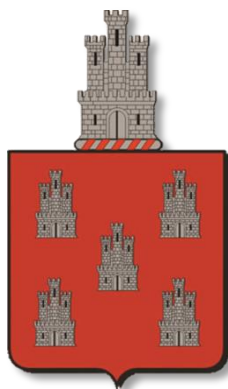
³⁷ PT/TT/TSO-IL/proc.5880.

³⁸ TELES, Agostinho Pacheco, Manuscrito Genealógico do Paço de Fráguas, propriedade do Eng. Gonçalo da Bandeira Calheiro, e já referido por VARELLA, Luís Soveral (1996, 1997 e 1998), *A Família Arêde Soveral*, Raízes & Memórias, n.ºs 12, 13 e 15.

Arede como o progenitor da linha de Montemor-o-Novo João Dias de Arede terem dele sido filhos, o que a cronologia permite. E ainda no Alentejo, em Torrão, no concelho de Alcácer do Sal e não longe de Montemor-o-Novo (a cerca de 40 quilómetros de distância) vivia em 1495 D. Margarida de Arede que aí manda transformar a então Albergaria dessa vila na actual igreja de Nossa Senhora de Albergaria³⁹. Seria esta senhora, com o tratamento de *Dona* também filha do biografado? A pertencer à mesma linhagem, e dada a cronologia, estou mais inclinado para que fosse sua irmã e que com ele tenha passado também a Portugal dada a situação complicada em que naturalmente ficaria em Castela. Certo é que se os Arede/Arede do Alentejo descendem do biografado, como estou convencido que sim, neles não vingou a versão original do apelido, Heredia, fixando-se depois de muitos anos em uso de várias versões, definitivamente em Arede/Arêde.

Parece no entanto haver ainda uma questão por ultrapassar. As armas.

É sabido que as armas dos Heredia em Portugal são representadas por um escudo em campo vermelho com cinco castelos de prata em santor e por timbre um dos castelos de prata.



Em Espanha, e no antigo reino de Aragão de onde são originários os desta linhagem, os Fernández de Heredia que deixámos estudados nos números anteriores dos nossos *Cadernos Barão de Arêde*, usaram as mesmas armas com uma pequena variante, sete castelos.

Assim as vemos em Teruel, quer no convento dos Franciscanos quer no castelo de Valderrobres, e também no túmulo de Don Juan Fernández de Heredia, grão-mestre de Rodes e de São João de Jerusalém, falecido em 1369 (onde também se representam

³⁹ Fundadas as misericórdias em 1498 e a santa casa da misericórdia do Torrão em 1505, e havendo a intenção de a englobar nas mesmas D. Margarida mandou parar a obra, a qual, e após a sua morte, foi finalmente incluída nas misericórdias provavelmente em 1564 junto com tantas outras por ordem do cardeal D. Henrique, tendo as obras terminado apenas muitos anos mais tarde em 1636.

com apenas três castelos). E ao que é sabido, são estas as representações mais antigas destas armas, todas datadas do séc. XIV.



| 195



As armas dos Arede (Ereda/Areda) por seu turno são representadas por um escudo em campo de ouro com orla de prata e sobre ele dois crescentes voltados um para o outro, o de cima sanguíneo e o de baixo morado (roxo muito escuro cor de amora), e por timbre o crescente sanguíneo. Assim as descreve António de Vilasboas São Payo na sua *Nobiliarchia Portuguesa*⁴⁰. Não deixando a descrição destas armas quaisquer dúvidas de se tratarem de armas muito mais antigas dos que as usaram os Heredia, se ainda restassem dúvidas de tal, Armando de Matos no seu *Brasonário*⁴¹ descreve-as com características ainda mais antigas, apenas com um escudo em campo de ouro, característica da antiga nobreza) carregado dos dois crescentes, ou seja, sem a orla de prata. Estamos pois sem dúvida alguma em presença de armas medievais do início da armaria e que sem grande margem para erro podemos arriscar serem originárias do séc. XIII.

⁴⁰ SÃO PAYO, António de Vilasboas (1629-1701), *Nobiliarchia Portuguesa*, publicada em 1728. Também ele descendente desta Família (vide nota de fim de página ao 1.4.1.1).

⁴¹ MATOS, Armando de (1940-1943), *Brasonário de Portugal*.



E se a singeleza do desenho destas armas, nomeadamente os símbolos nela apostos sobre o campo de ouro, ainda pudessem deixar dúvidas quanto à sua verdadeira antiguidade, esses mesmo símbolos, dois crescentes, enviam-nos de imediato para a reconquista Cristã e assim para os séculos XII e XIII. E quer em Portugal quer nos reinos então distintos da actual Espanha.

E estas evidências podem colocar-nos perante algumas questões: terão sido as armas dos Arede (Ereda/Areda) as armas originais dos Heredia? E quais terão sido as armas usadas pelo biografado Afonso de Heredia, admitindo que as usou? Poderão ter sido as dos Arede (Ereda/Areda)? É possível que sim. Digo mesmo, até provável. De facto desconhecemos na totalidade que armas usou o biografado Afonso de Heredia.

Se da sua possível ascendência, que ficou especulada em *O Sangue dos Arêde*, será descendente dos de apelido Heredia do ramo de Castela, essa linha, a sua, poderia perfeitamente ter usado as armas dos Ereda/Areda/Arede. E porque razão a linha de Pinhel, seus descendentes usaram as armas dos Heredia em Portugal como as conhecemos? É possível que com o tempo, perdida a memória heráldica, esses seus descendentes, que apenas no séc. XVII fixam o apelido Heredia, tenham recuperado as armas dos Heredia. Estamos então no início do que seria a grande proliferação de cartas de brasão de armas e de pedras de armas em particular nas Beiras.

Proposta atrevida? Talvez aos olhos de alguns, mas não me parece. Até porque não se trata de caso inédito. Veja-se a propósito o meu *Os Soveral da Beira*⁴² onde passo a passo se descreve como uma memória heráldica se perde e se recupera errada posteriormente. Nem seria caso único de Famílias com a mesma origem e armas definidas que posteriormente vêm a usar armas diferentes. Ou seja, o uso diferente de armas pelos Heredia descendentes do biografado e os Arede (Ereda/Areda) em nada inviabilizam a sua ascendência comum, precisamente descendendo do biografado Afonso de Heredia, de quem, e dada a cronologia e os dados disponíveis poderão

⁴² VARELLA, Luís Soveral (2013), *Os Soveral da Beira*.



descender os Arede Alentejanos. É contudo ainda suficientemente cedo para garantir todas essas ligações por falta, até hoje, de documentação inequívoca.

Foram seus filhos conhecidos:

1.1. **Diogo de Arede**, com quem se continua.

1.2. **Duarte de Arede** ou **de Arede**, nasceu cerca de 1482. Foi cavaleiro da Casa do Rei D. João III com 750 réis de moradia depois de o ter sido de Tristão da Cunha⁴³ que o armou na Índia, aonde acompanhou esse grande capitão em 1506. Não é referido pelas genealogias consultadas estando documentado, com o apelido Arede⁴⁴, e a sua filiação em Afonso de Arede, para além de cronologicamente correcta, está de acordo com a sua condição de cavaleiro da Casa do Rei D. João III por volta de 1522 depois de o ter sido de Tristão da Cunha⁴⁵, como o foi seu irmão Diogo de Arede, cavaleiro da Casa do Rei D. Manuel depois de o ter sido de D. João de Meneses. *Foram seus filhos, conhecido e proposto:*

1.2.1. ? **Duarte de Arede**, nasceu por volta de 1510. Foi moço da câmara do Rei D. João III e nessa condição teve a 25.12.1536 o ofício de 1.º escrivão da capitania de Sofala por três anos, onde é referido com *D^{te} dereda*.⁴⁶

1.2.2. **Tomás de Arede**, nasceu por volta de 1515. Foi moço da câmara do Rei D. João III por volta de 1530 com 406 réis de moradia por mês e $\frac{3}{4}$ de cevada por dia, documentado com o apelido Arede⁴⁷, e depois armado cavaleiro e morador em Lisboa. *Foi seu filho proposto:*

1.2.2.1. ? **Diogo de Arede**, nasceu cerca de 1550. Foi contador dos contos e era morador em Lisboa. A 20.9.1605 surge na Sé de Lisboa a apadrinhar juntamente com uma D. Inês, uma criança de nome Gonçalo, filho de Pedro Fernandes de Alarcão e mulher D. Maria. *Foram seus filhos propostos:*

1.2.2.1.1. ? **Maria de Heredia**, nasceu cerca de 1588 provavelmente em Lisboa. Casou a 2.3.1608 em Lisboa, Castelo, com **Gabriel Henriques**.

⁴³ Tristão da Cunha, senhor de Gestaço e Panóias, foi camareiro do duque de Viseu D. Diogo e embaixador na célebre embaixada do Rei D. Manuel I a Roma em 1516. Esteve na Índia no ano de 1506 para onde foi com 16 navios e descobriu as ilhas a que deu o seu nome sendo nomeado 1.º vice-Rei da Índia, cargo que nunca chegou a ocupar. Morreu pouco depois de voltar com a embaixada de Roma (GEPBC, CUNHA, Tristão da).

⁴⁴ MASCARENHAS, José Freire Montarroyo (daqui em diante referido como MM) e SOUSA, D. António Caetano (daqui em diante identificado com ACS), *Lista dos moradores da Casa do Rei D. João III*, manuscrito, em História Genealógica da Casa Real Portuguesa.

⁴⁵ PT/BN/Secção de Reservados/Colecção Pombalina, PBA 648 fl.99; ACS, Op.cit., Provas, Tomo II, II Parte, f.482. O seu foro é do início do reinado de D. João III aclamado Rei de Portugal a 19.12.1521. Duarte de Arede foi cavaleiro de Tristão da Cunha por volta de 1506 e cavaleiro de D. João III por volta de 1522, com cerca de trinta e tal anos de idade.

⁴⁶ PT/TT/CHR/D. João III, Ofícios e Mercês, L.24 f.4; FS, Manuscrito, PT/BGUC_MS.3192, t.4, f.276.

⁴⁷ PT/BN/Secção de Reservados/Colecção Pombalina, PBA 648 fl.150; ACS, Op.cit., Provas, Tomo VI, II Parte, f.318.



1.2.2.1.2. ? **Gaspar de Arede**, documentado como Arede, nasceu cerca de 1590 provavelmente em Lisboa onde morreu a 4.4.1630 em Castelo.

Filho proposto:

1.2.2.1.2.1. **Diogo de Arede**, nasceu cerca de 1620. Foi escudeiro-fidalgo da Casa Real⁴⁸. *Foi seu filho conhecido:*

1.2.2.1.2.1.1. **Manuel de Arede**, nasceu cerca de 1650 em Lisboa. Foi escudeiro-fidalgo e cavaleiro-fidalgo da Casa Real, foros de 17.2.1673, com 1\$000 réis de moradia e um alqueire de cevada por dia com a condição de ir à Índia onde para aí ser armado cavaleiro⁴⁹.

1.2.2.1.2.2. ? **João de Arede**, nasceu provavelmente em Lisboa e morreu antes de 1667. Casou também provavelmente em Lisboa com D. **Francisca de Castilho**, aí falecida viúva e com testamento em Sacramento, na rua dos Galegos, a 8.4.1667 deixando por testamenteiro seu irmão Valentim Lobo de Castilho⁵⁰, que foi corrector dos seguros das mercadorias de Lisboa, por dote de seu sogro Gaspar de Faria desde 5.7.1646⁵¹.

1.2.2.1.3. ? **Alberta de Arede**, nasceu cerca de 1600 e morreu a 31.5.1659 viúva em Lisboa, Sacramento, na rua do Chiado em casa do seu filho.

1.2.2.1.3.1. **Diogo Ferreira de Heredia**, nasceu cerca de 1620. Foi morador em Lisboa no Sacramento, na rua do Chiado, onde vivia a 31.5.1659 quando aí morreu sua mãe.

1.2.2.1.3.1.1. **Manuel Ferreira de Heredia**, nasceu cerca de 1650. Foi capitão na praça de Mazagão desde 1672 a 1681.

1.2.2.1.3.1.1.1. **Felisberto Seguer de Heredia**, nasceu cerca de 1680. Foi cavaleiro da ordem de Cristo com consulta das suas provanças a 12.9.1725⁵².

1.2.2.1.3.1.1.2. ? **Manuel Ferreira de Heredia**, nasceu cerca de 1680. A 27.12.1733 obteve carta de padrão de tença de 44\$000 reis para sua filha Ana e a 29 do mesmo mês e ano a mesma tença para sua filha Isabel⁵³. *Foram suas filhas conhecidas.*

⁴⁸ PT/TT/Livros de Matrícula de Moradores da Casa Real (LMMCR), L.2, f.390.

⁴⁹ PT/TT/LMMCR, L.2, f.390.

⁵⁰ Também refere este óbito SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1939-41), O Carmo e a Trindade: subsídios para a história de Lisboa, Vol. 2.

⁵¹ PT/TT/RGM/D. João IV/Mercês da Torre do Tombo, L.8, f.441v. Era pai do cavaleiro da Ordem de Avis António de Castilho de Mendonça.

⁵² PT/TT/CHOC, Felisberto, m.33 n.º34 (BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira (daqui em diante referido como NB) (2008), Habilitações nas Ordens Militares, Séculos XVII a XIX, Ordem de Cristo, A-F, Tomo I.

⁵³ PT/TT/RGM/D. João V, L.25 fl.111.



1.2.2.1.3.1.1.2.1. D. **Ana Inácia de Laguina Heredia**.

1.2.2.1.3.1.1.2.2. D. **Isabel Brória de Loronha Heredia**.

1.3. **Maria de Heredia**, nasceu cerca de 1495. Casou com **Mateus Ferreira**⁵⁴.

Foram seus filhos conhecidos:

1.3.1. **Margarida Ferreira de Arédia**⁵⁵, nasceu cerca de 1520. Prova-se ser neta de Afonso de Arede num instrumento datado de 25.1.1595 em Vila do Conde a propósito de seu filho Manuel de Sá de Heredia⁵⁶. Casou com **Troilos de Sá**, vivo em 30.8.1561, morador em Vila do Conde e tabelião do público, judicial e notas de Azurara, no termo desta vila⁵⁷, filho de André Barbosa e mulher Guiomar de Sá. *Foram seus filhos conhecidos:*

| 199

1.3.1.1. **Manuel de Sá de Heredia** [ou de Arede]⁵⁸, nasceu cerca de 1540. Sucedeu a seu pai nos seus ofício e foi ainda escrivão da almotaçaria de Vila do Conde, ofícios de que exercia desde 1586 e aos quais renuncia a 15.4.1630 a favor de sua filha Margarida Ferreira de Sá casada com Manuel Barbosa de Sá, tendo para isso obtido a 27.8.1621 autorização para renunciar em qualquer filho, filha ou quem ela casar⁵⁹. Casou a 19.10.1585 com **Francisca Manuel de Carvalho**, filha de Manuel de Carvalho e mulher Maria Dias. *Foram seus filhos conhecidos:*

1.3.1.1.1. **Gonçalo**, frei, frade da Graça ou de São Bento.⁶⁰

1.3.1.1.2. **Gaspar**, frei, frade da ordem de São Francisco.⁶¹

1.3.1.1.3. **Baltazar de Sá**, freire da ordem de São João de Malta.⁶²

1.3.1.1.4. **João Baptista de Sá**, que foi para a Índia onde morreu.⁶³

1.3.1.1.5. **Margarida Ferreira de Sá**⁶⁴, que levou como dote os ofícios de tabelião das notas e escrivão da almotaçaria. Casou com seu parente **Manuel Barbosa de Sá**⁶⁵, nascido a 17.2.1611, filho de António Freire,

⁵⁴ Não referida por AM nem por RM.

⁵⁵ AM, Op.cit., título de Sãs, de Vila do Conde, § 1.º.

⁵⁶ FG, Op.cit., título de Heredias, § 1 e título de Sãs, § 40.

⁵⁷ PT/TT/CHR/D. Filipe III, Doações, L.38 fl.190; MACHADO, Maria de Fátima (2010), Os órfãos e os enjeitados da cidade e do termo do Porto (1500-1580), tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para a obtenção do Grau de Doutor em História.

⁵⁸ AM, Op.cit., título de Sãs, de Vila do Conde, § 1, chama-lhe de Arédia.

⁵⁹ PT/TT/CHR/D. Filipe III, Doações, L.38 fl.190.

⁶⁰ AM, Op.cit., título de Sãs, de Vila do Conde, § 1.º.

⁶¹ AM, Op.cit., título de Sãs, de Vila do Conde, § 1.º.

⁶² AM, Op.cit., título de Sãs, de Vila do Conde, § 1.º.

⁶³ AM, Op.cit., título de Sãs, de Vila do Conde, § 1.º.

⁶⁴ PT/TT/CHR/D. Filipe III, Doações, L.38 fl.190; e AM, Op.cit., título de Sãs, de Vila do Conde, § 1.º.

⁶⁵ PT/TT/CHR/D. Filipe III, Doações, L.38 fl.190.



de Matosinhos, escudeiro do duque de Bragança, e mulher Ana Barbosa de Sá⁶⁶. *Foram seus filhos conhecidos:*

1.3.1.1.5.1. **D. Luís do Desterro**, frade da ordem de Santa Cruz.⁶⁷

1.3.1.1.5.2. **António de Sá**, frei servente da ordem de São João e comendador de Aldeia Velha e da Santíssima Trindade de Pinhel⁶⁸.
Foi seu filho ilegítimo:

1.3.1.1.5.2.1. **Alexandre de Sá**, nasceu em Malta. Foi estudante em Coimbra e clérigo-teólogo.⁶⁹

1.3.1.1.5.3. **Gaspar de Sá Barbosa**, sucedeu nos ofícios de tabelião das notas e escrivão de almotacaria.⁷⁰

1.3.1.1.5.4. **Maria de Jesus**, freira em Vila do Conde.⁷¹

1.3.1.1.6. **Maria de Sá de Arédia**⁷², nasceu cerca de 1586. Foi herdeira de seus pais. Casou a 21.7.1608 com **Francisco Freire**, natural de Matosinhos, que tinha sido carpinteiro⁷³, e depois feito cavaleiro fidalgo da Casa Real, homem muito rico e fundador do morgadio de São Brás em Matosinhos, filho de Manuel (ou Fernão, de acordo com AM) Freire e mulher Maria Pires Picão⁷⁴. *Foram seus filhos conhecidos:*

1.3.1.1.6.1. **Luís Freire de Sá**, herdeiro de seus pais, fidalgo da Casa Real em 1666 por carta do Rei D. Afonso VI, procurador às cortes da cidade do Porto em 1674, vereador e escrivão da santa casa da misericórdia do Porto. Casou nesta cidade com **D. Lourença Brandão**, que levou como dote a quinta de Vilela em São Tomé de Negrelos, filha herdeira de André Brandão Vieira, cidadão do Porto, e mulher D. Ana de Paiva⁷⁵. *Foram seus filhos conhecidos:*

1.3.1.1.6.1.1. **Francisco de Sá Brandão**.⁷⁶

1.3.1.1.6.1.2. **Miguel Brandão**.⁷⁷

⁶⁶ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 1.º. AM, que aqui baralha as notas, refere também que ele era *fº de um carpinteiro por nome o Barbosa*.

⁶⁷ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 1.º.

⁶⁸ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 1.º.

⁶⁹ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 1.º.

⁷⁰ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 1.º.

⁷¹ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 1.º.

⁷² AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 2.º, chama-lhe DE ARÉDIA e refere ser a última filha de Manuel de Sá de Arédia. AL não a refere.

⁷³ AM, Op.cit, título de Sás, 40, nota.

⁷⁴ FG, Op.cit, título de Sás, § 40.

⁷⁵ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 2.º.

⁷⁶ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 2.º.

⁷⁷ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 2.º.



1.3.1.1.6.1.3. D. **Maria Teresa**, que morreu ainda criança.⁷⁸

1.3.1.1.6.1.4. D. **Ana Cecília Brandão**, freira em São Pedro do Porto.⁷⁹

1.3.1.1.6.1.5. D. **Teresa**. Casou com **Manuel de Sousa Ribeiro**, nascido em Aveiro. *Com descendência*.⁸⁰

1.3.1.1.6.2. D. **Luísa de Santo António**, freira em Vila do Conde.⁸¹

1.3.1.2. **Paulo Ferreira de Sá**. Casou em Barcelos com D. **Genebra da Cunha**, filha de Bartolomeu Barbosa da Cunha e mulher Antónia Pereira de Berredo⁸². *Foram seus filhos conhecidos*:

1.3.1.2.1. **Manuel Pereira de Sá**, licenciado. Segundo AM morreu solteiro em Coimbra, e segundo FG, casou com **Gracia [...]**, *sem descendência*, mas com uma filha ilegítima.

1.3.1.2.1.1. **Benta [...]**. Casou com **José Mariz Faria**, *sem descendência*.⁸³

1.3.1.2.2. **Ângela Pereira**, sucessora no morgadio de seu tio Francisco de Mariz. Casou em Montemor-o-Velho com **Martim Ferreira Homem**⁸⁴ *Foram seus filhos conhecidos*:

1.3.1.2.2.1. **António de Mariz Ferreira**.⁸⁵

1.3.1.2.2.2. **Genebra da Cunha**. Casou com **Mendo Afonso da Silveira**, de Vila Nova de Anços.⁸⁶

1.3.1.2.2.3. **Paula Mariz**. Casou com **Manuel Pinto**, licenciado, juiz de fora de Tomar e corregedor de Coimbra. *Com descendência*.⁸⁷

1.3.1.2.3. **Antónia Pereira de Sá**. Casou em Barcelos com **Paulo de Andrade**. *Sem descendência*.⁸⁸

1.4. **Isabel Dias de Heredia**⁸⁹, nasceu cerca de 1500. Casou com seu tio **António Dias de Vilasboas**, senhor da torre e Casa solar de Airó, Barcelos e 1.º

⁷⁸ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 2.º.

⁷⁹ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 2.º.

⁸⁰ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 2.º.

⁸¹ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 2.º.

⁸² AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 3.º.

⁸³ FG, Op.cit, título de Sás, § 51.

⁸⁴ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 3.º.

⁸⁵ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 3.º.

⁸⁶ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 3.º.

⁸⁷ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 3.º.

⁸⁸ AM, Op.cit, título de Sás, de Vila do Conde, § 3.º.

⁸⁹ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e, LACERDA, Maria da Conceição Cardoso Pereira de, e TRIGUEIROS, António Júlio Limpo (1998), Barcelos Histórico Monumental e Artístico; e FG, Op.cit. Não é referida por AM em título de Heredias e apenas em título de Villasboas, a quem não dá a filiação.



administrador do morgadio de Vilasboas instituído em 1529⁹⁰, juiz dos órfãos de Barcelos e coudel-mor desta vila, irmão de Filipa Dias de Vilasboas casada com Diogo de Arede, seu cunhado. *Foram seus filhos conhecidos:*

1.4.1. **Diogo de Vilasboas**, nasceu cerca de 1525 e já tinha morrido em 1603 à data do casamento de seu filho António. Foi senhor da torre e Casa de Airó, coudel-mor da comarca de Barcelos e juiz dos direitos Reais e viveu com sua mulher em Santa Comba de Crujeães no termo de Barcelos. Casou com **Isabel Caminha**, filha de Baltazar da Rocha Vilarinho e mulher Susana Caminha. *Foram seus filhos conhecidos*

1.4.1.1. **Baltazar de Vilasboas Caminha**, senhor do morgadio e solar de Airó. Casou com **Maria de Lemos**, filha do licenciado Gaspar Vaz de Lemos e mulher Ana de Faria. *Com descendência.*⁹¹

1.4.1.2. **António de Vilasboas Caminha**, nasceu cerca de 1565. Casou contra a vontade dos pais com **Francisca Fernandes**, irmã do abade Fernão Anes, instituidor do morgadio de Adães. Juntos fizeram uma doação à fábrica da igreja da capela de Santo António a 6.2.1628 e compraram uma propriedade para anexar aos bens do morgadio a 23.2.1631. *Com descendência.*⁹²

1.4.1.3. **João Caminha Vilasboas**, nasceu cerca de 1580. Casou a 26.5.1603 em Viana do Castelo, Santa Maria Maior, sendo testemunhas Cristóvão Caminha, Miguel da Rocha Peixoto, Gonçalo Bezessa, Diogo Jácome, Fernão Gomes Caminha, Francisco do Rego Barbosa e seu irmão Miguel do Rego, Alonso Vilasbos e outros, com **Ana de Barros Barbosa**, filha de Bento Maciel Tourinho e mulher Ana Barbosa de Barros. *Com descendência.*⁹³

1.4.1.4. **Isabel das Chagas**, freira em Viana do Castelo.

1.4.1.5. **Francisca**, solteira.

1.4.1.6. **Diogo**, frei, frade Jerónimo.

1.4.2. **Beatriz de Vilasboas**. Casou com **Gaspar Rodrigues Vilasboas**, filho de Rui Gonçalves Vilasboas, cavaleiro fidalgo e mulher Genebra Fernandes. *Foi sua filha conhecida:*

⁹⁰ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e, LACERDA, Maria da Conceição Cardoso Pereira de, e TRIGUEIROS, António Júlio Limpo (1998), Op.cit.

⁹¹ FG, Op.cit, título de Heredias, § 2 e título de Vilasboas § 1. Deste casal foi neto António de Vilasboas São Payo, acima referido, Autor da Nobiliarchia Portuguesa, onde refere em título de Heredias que os deste apelido descendiam de Afonso de Heredia por seu filho Diogo de Heredia, tetravô do mesmo autor.

⁹² FG, Op.cit, título de Villasboas § 12. De entre os seus filhos um deles faz doação dos seus bens a seus irmãos a 30.5.1674 (FG, Op.cit, título de Villasboas, § 12).

⁹³ FG, Op.cit, título de Villasboas § 23.



- 1.4.2.1. **Isabel de Vilasboas**. Casou com **Gaspar Nogueira de Carvalho**, vereador e juiz pela ordenação da Vila de Barcelos, filho de Cristóvão Nogueira de Carvalho e mulher Maria do Monte. *Com descendência*.⁹⁴
- 1.4.3. **Gaspar de Vilasboas**, religioso da companhia de Jesus.⁹⁵
- 1.4.4. **Francisca de Vilasboas**. Casou com **Ambrósio Nunes de Abreu** ou **Ambrósio Nunes Leitão**, irmão de Belchior Nunes, criado do duque de Bragança e guarda-roupa do Rei D. João III, filhos de Henrique Leitão. *Com descendência*.⁹⁶
- 1.4.5. **Isabel de Vilasboas**⁹⁷, casou com **João Lopes de Abreu**.
- 1.4.5.1. **António de Abreu**, abade de Fonte Boa.⁹⁸

1.5. **António de Arede**, também referido como António de Heredia, António de Harédia ou António de Eredea⁹⁹, nasceu cerca de 1506 em Bragança¹⁰⁰, declarando em 1566 perante o tribunal do santo ofício, que era morador em Lisboa e ter quase 60 anos de idade, o que também refere na carta que nesse ano dirige ao cardeal-Infante D. Henrique¹⁰¹, e a sua filiação documenta-se na relação de escudeiros que partiram na armada de D. Pedro de Castelo Branco a 3.10.1533, e onde se refere adiante *Barcelos H de M^{im} Affo*, que desconheço quem fosse¹⁰². Foi ainda moço da câmara do Rei D. João III. Tanto nessa relação como na acusação que lhe é feita no seu processo no tribunal da inquisição de Lisboa e ainda pelas testemunhas, é referido como Arede e assina Heredia e Haredia nas confissões que faz perante esse tribunal em 1566. Clérigo de missa e reverendo padre jesuíta a que faz referência a crónica da companhia de Jesus¹⁰³, orador, pregador e missionário, é amplamente referido nas cartas de São Francisco Xavier¹⁰⁴. Foi recebido na companhia em Setembro de 1545 em Coimbra onde se ordenou padre, e em 1546, já ordenado, foi para a Índia, primeiro para Cochim onde em 1551 era superior e

⁹⁴ FG, Op.cit, título de Villasboas, § 18, AM, Op.cit, título de Vilasboas, § 4.º. De acordo com FG uma neta deste casal casou a 13.1.1608.

⁹⁵ FG, Op.cit, título de Villasboas, § 1, AM, Op.cit, título de Vilasboas, § 1.º.

⁹⁶ FG, Op.cit, título de Villasboas, § 17, AM, Op.cit, título de Vilasboas, § 1.º.

⁹⁷ Apenas referida por AM, Op.cit, título de Vilasboas, § 1.º.

⁹⁸ Apenas referida por AM, Op.cit, título de Vilasboas, § 1.º.

⁹⁹ PT/TT/GAVETAS, edição do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Volume 5.

¹⁰⁰ Um Sebastião de Moraes, almoxarife dos mantimentos da cidade de Lisboa, que surge no seu processo na inquisição de Lisboa, adiante referido, refere que um irmão da sua madrastra, dele declarante, lhe disse que o padre e seus irmãos eram naturais de Bragança. COSTELLOE, M. Joseph, The letters and instructions of Francis Xavier, dá-lhe a mesma naturalidade referindo que nasceu entre 1513 e 1519; e o mesmo refere GONÇALVES, Sebastião (1952), Primeira parte da Historia dos religiosos da Companhia de Jesus, acrescentando que nasceu em Bragança

¹⁰¹ PT/TT/TSO-IL/5880.

¹⁰² FS, Manuscrito (PT/BGUC_MS.3192), t.2 f.503v.

¹⁰³ TELLES, Padre Baltasar (1645), Chronica da Companhia de Iesu, na prouincia de Portugal.

¹⁰⁴ XAVIER, Francisco, Epistolae, Vol.2; COSTELLOE, M. Joseph, Op.cit.; REGO, António da Silva (1958), Documentação para a história das missões do Padroado Português do Oriente, Vol.5.



reitor do colégio desta cidade e onde catequizou o rei das ilhas Maldivas que aí se refugiara¹⁰⁵. Em 1553 foi enviado a Ormuz e manteve-se na Índia até 1557^{106/107}, em Goa, Baçaim, Chaul e Cochim, donde envia em Janeiro de 1552 uma carta a Inácio de Loyola, o fundador da companhia de Jesus¹⁰⁸ e a 25.11 do mesmo ano uma outra a Luís Gonçalves da Câmara, para Lisboa¹⁰⁹, de entre várias outras¹¹⁰. É referido ainda por São Francisco Xavier a propósito de uma das duas cópias existentes da «*Suma de la Doctrina Christiana*», de Constantino, numa carta em Abril de 1552 dirigida de Cochim para o padre Barzeo em Goa, determinando que uma das duas cópias existentes em Goa fosse entregue a um missionário que ia para a China “*El P. Antônio de Heredia tenía acá un libro que es necesario llevarlo a la China, el cual se llama Constantino. Francisco Lopez tiene uno, y el P. Manuel de Morais tiene otro; uno de éstos lo mandares al P. Antônio de Heredia porque tiene necesidad de él*”¹¹¹. Regressou a Portugal em 1561 passando a ser capelão e feitor da Casa dos Meninos Órfãos da Companhia de Jesus, na Mouraria em Lisboa, onde vivia, e confessor de muitos nobres referenciados no seu processo quando foi preso nos cárceres da inquisição de Lisboa a 29.8.1564 acusado de prática de sodomia com rapazes dessa instituição enquanto a dirigia. Apresenta como testemunhas da sua boa fama várias senhoras da nobreza de Lisboa, incluindo a Rainha e vários nobres, seus “*filhos espirituais*”, bem como vários testemunhos escritos de vários órfãos da casa que dirigia. Mas de nada isso lhe valeu. Foi sentenciado em auto de fé a 2.4.1565 a cárcere perpétuo em lugar determinado com penitência, jejum e disciplina em alguns dias da semana e verbalmente deposto das suas ordens, sendo expulso da ordem dos jesuítas e sendo enviado para cumprir a pena nas galés. A 6.7.1565, sentindo-se velho e doente, e alegando ainda estar também muito pobre, requereu ao cardeal-Infante D. Henrique que lhe permitisse ir cumprir a pena numa prisão o que lhe é permitido a 14.6.1566 indo cumprir a pena para o cárcere do colégio da doutrina da fé, de onde fugiu nesse mesmo ano, antes de 27.9, data em que são lavrados os

¹⁰⁵ HENRION, Mathieu, e CABALLERO, Magán y (1863), *Historia general de las misiones, desde el siglo XIII hasta nuestros días*.

¹⁰⁶ COSTELLOE, M. Joseph, Op.cit.

¹⁰⁷ D'COSTA, Anthony D'Costa (1965), *The Christianisation of the Goa islands, 1510-1567*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade Church History of the Gregorian University at Rome.

¹⁰⁸ LSCH, Donald F. (1965), *Asia in the Making of Europe, Volume I: The Century of Discovery*, University of Chicago Press, E.U.A.

¹⁰⁹ METCALF, Alida C. (2005), *Go-betweens and the colonization of Brazil, 1500-1600*, University of Texas Press, E.U.A.; referindo WICHI, *Monumenta Histórica*, 2:409.

¹¹⁰ REGO, António da Silva (1947), *Documentação para a história das missões do Padroado Português do Oriente*.

¹¹¹ BARROS, Cândida, *Entre heterodoxos e ortodoxos: notas sobre catecismos dialogados na Europa e nas colônias no século XVI*, Revista de História e Estudos Culturais, vol.5, Ano V, nº 4, Outubro/Novembro/Dezembro 2008, referindo BATAILLON, Marcel (1950), Erasmo y España, *Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México: Fondo de Cultura Económica.



respectivos autos. O relato da sua fuga presenciada por uma tal Beatriz Fernandes, vizinha do dito colégio da doutrina da fé, apresenta-nos um homem ágil para a sua idade, saltando muros e telhado. Nos autos sobre a sua fuga declara Sebastião de Moraes, almoxarife dos mantimentos da cidade de Lisboa, a 5.10.1566 e em Lisboa, que o padre António de Heredia o havia procurado e lhe dera duas braceletes de ouro para que as vendesse com o fim de arranjar dinheiro para fugir do reino, o que este fez, dando-lhe o valor da venda, 16 cruzados e mais algum num total de 30 cruzados, e que o padre lhe pedira um cavalo para fugir para Roma onde pretendia vir a ser novamente admitido como clérigo de missa e ingressar na ordem dos capuchos ou outra qualquer por não poder viver mais em Portugal onde tinha sido ultrajado¹¹². Desde essa data nada mais se soube sobre a sua vida.

2. **DIOGO DE AREDE** ou de **HEREDIA**, nasceu cerca de 1481 e morreu depois de 1550 ano em que seu filho Cristóvão declara ainda não ter herdado¹¹³. Foi cavaleiro do Rei D. Manuel I confirmado a 26.4.1521 onde se diz que era criado de D. João de Meneses, capitão de Azamor que o fizera cavaleiro em merecimento dos seus serviços na tomada de Azamor (3.9.1513) *porquanto era de linhagem e serviu os 6 anos segundo a ordenação manuelina*¹¹⁴. Documentado com o apelido Arede, os genealogistas consultados chamam-lhe unanimemente Diogo de Heredia, dão-no como cavaleiro da ordem de Cristo e referem que em 1521 teve a mercê de fidalgo da Casa do Rei D. Manuel¹¹⁵, mercê essa que se documenta na carta de brasão de armas de seu neto António Ferreira Botelho de Castilho *referido adiante*, onde é referido como Diogo de Heredia. FG acrescenta que foi comendador da mesma ordem e que se achou na batalha dos alcaides (1514 em Marrocos). Sabe-se que acompanhou o duque de Bragança na tomada de Azamor para onde seguiu como criado de seu contraparente D. João de Meneses¹¹⁶, capitão desta cidade que aí morreu a 15.5.1514 e que aí o

¹¹² PT/TT/TSO-IL/5880.

¹¹³ PT/TT/CHR/D. João III, Perdões e Legitimações, L.16 fl.182-182v.

¹¹⁴ PT/TT/CHR/D. Manuel, L.37 fl.91. Refere que foi feita apresentação de um alvará e de um instrumento assinado por António Gonçalves tabelião em Lisboa (não inseridos no documento). É assinado por Diogo Jácome.

¹¹⁵ FG, AM e Manuel de Carvalho e Ataíde, Op.cit.

¹¹⁶ Casado com sua prima Isabel de Mendanha a quem os genealogistas consultados chamam Isabel de Benavides, filha de seu primo Pedro de Mendanha, alcaide-mor de Castronuño e depois alcaide-mor de Tavira, devidamente referido atrás no corpo do texto e em *O Sangue dos Arêde*. Esta senhora está muito documentada na chancelaria de D. Manuel I, nomeadamente a 16.4.1498 quando recebe compensação da renda da mouraria da vila de Tavira que lhe foi dada pelo Rei D. João II, por uma tença de 30.000 reais e onde se diz que seu marido, D. João de Meneses, era conselheiro régio e comendador de Aljezur (PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.31 fl.15v; a 25.7.1514 quando, pelos merecimentos de seu marido D. João de Meneses que morreu em África, e pelos próprios, por ser pessoa de toda a mercê, lhe é doada em sua vida a novidade do reguengo do Cartaxo e seu termo, com todas as rendas, direitos e portagens, tributos e outros direitos reais, o oitavo de todos os outros direitos, tributos e direitos reais do lugar de Vale da

armou cavaleiro ainda em 1513 ou 1514. Após a morte de D. João de Meneses serviu ainda em Azamor por mais 6 anos regressando ao reino em 1520 e tendo sido confirmado como cavaleiro pelo Rei D. Manuel em 1521. As genealogias dão-no casado duas vezes: a primeira com **Filipa Dias Vilasboas** (b), com quem deve ter casado após o seu regresso ao reino, e por volta de 1521, nascida à roda de 1500, filha de Diogo Anes Vilasboas, senhor da Torre e quinta de Airó, Casa e solar de Vilasboas, Barcelos, cavaleiro da ordem de Cristo que esteve também na tomada de Azamor com o duque de Bragança D. Jaime, e mulher Leonor Afonso de Faria; neta paterna de João Gonçalves de Vilasboas, senhor da Torre e quinta de Airó e mulher Inês Pires de Góis¹¹⁷; e neta materna de Afonso Anes de Faria, alcaide-mor de Vimieiro e de Tarregaes em 1405, e mulher Beatriz de Melo¹¹⁸. E dão-lhe um segundo casamento com **Francisca Machado [da Maia]** (c), com quem deve ter casado à roda de 1539, nascida cerca de 1515 e falecida por volta de 1585, ano em que fez testamento¹¹⁹, filha

Pinta, próximo do Cartaxo, e ainda a doação da portagem da Feira das Virtudes, tal como tinha e possuía seu marido (PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.15 fl.140v); a 17.8.1514 quando recebe mercê em duas vida de uma tença de 100.000 reis a partir de 1515 para pagar as dívidas de seu falecido marido com a condição de pagar logo 400.000 reis a João Francisco (PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.5 fl.141v); e a 14.10.1521 quando lhe é doada a portagem da Feira das Virtudes com que fica após a venda do reguengo do Cartaxo e de 1/8 de Vale da Pinta a D. Garcia de Noronha (PT/TT/CHR/D. Manuel I, ofícios e mercês, L.18 fl.120-121v); e a 14.10.1521 quando é feita doação para a vida a partir de Janeiro de 1522 do reguengo do Cartaxo e seu termo com as rendas etc. a D. Garcia de Noronha que lhe comprou com autorização régia por 100.000 reis de tença (PT/TT/CHR/D. Manuel I, L.18 fl.45v-46).

¹¹⁷ FG, Op.cit, título de Villasboas, § 1 e AM, Op.cit, título de Vilasboas § 1.º. De acordo com estes dois autores João Gonçalves de Vilasboas era filho de Gonçalo Domingues de Vilasboas e mulher Teresa Pais, a quem FG chama Teresa Pais de Faria. No entanto estão em desacordo quanto à sua ascendência, concluindo apenas que era descendente de Diogo Fernandes de Vilasboas que serviu o Rei Don Pedro de Castela contra os mouros e que foi senhor da vila de Airó, e mulher Briolanja de Araújo. AM dá-o como neto deste casal e filho de Gonçalo de Vilasboas e mulher Domingas de Meira, e FG dá-o como 4.º neto do mesmo casal. Cronologicamente parece evidente o erro de FG pelo que se segue a ascendência dada por AM. Briolanja de Araújo era filha de Vasco Rodrigues de Araújo, capitão da guarda do Rei D. Diniz que tinha sido fronteiro da Galiza e terá passado a Portugal já casado (FG, Op.cit, título de Araújo, § 1).

¹¹⁸ Afonso Anes de Faria era filho de João Álvares de Faria que esteve com seu pai na batalha de Aljubarrota, como refere a *Crónica do Rei D. João I*, ACS, Op.cit., tomo XI, de acordo com FG e AM), e mulher Alda Martins de Meira filha de um cidadão honrado de Lisboa; neto paterno de Álvaro Gonçalves de Faria, que esteve na batalha de Aljubarrota e foi armado cavaleiro pelo Rei D. João I, e mulher D. Maria de Sousa; e bisneto de Nuno Gonçalves de Faria, alcaide-mor do castelo de Faria e mulher Teresa pais Novais (SMP, Op.cit., não lhe dá casamento por desconhecer se casou, e FG, Op.cit, título de Farias, § 1, AM, Op.cit, título de Farias, § 1.º e MSS, Op.cit., título 54.º, § 1.º que lhe chamam Teresa de Meira). Nuno Gonçalves de Faria recebeu a dita alcaidaria-mor por carta de 1358 ou 1363 do Rei D. Pedro I (FG, Op.cit, título de Farias, § 1.º e MSS, Op.cit., título 54.º, § 1.º), tendo ficado celebrizado para a História como o *Alcaide de Faria*. FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Crítica e História*, refere no entanto que não é possível demonstrar que esta como outras linhas desta Família descendem de Nuno Gonçalves (MACHADO, Alberto de Sousa, *Os Nossos Costados*). Teresa Pais Novais era filha de Paio Rodrigues de Meira e mulher Leonor Rodrigues de Vasconcelos (SMP, Op. cit.)

¹¹⁹ FG, Op.cit, título de Mendanhas, nota no § 11, onde, de acordo com este autor declara todos os seus netos.



de João Carmona, almoxarife da Casa de Bragança e juiz ordinário em Barcelos em 1533, e mulher Leonor Machado da Maia. Porém, a fazer fé na carta de armas de António Ferreira Botelho de Castilho¹²⁰, datada de 18.2.1592, o biografado era seu avô¹²¹ havido de sua avó **Veríssima Gonçalves de Ribafria**¹²² (b), filha bastarda de Gaspar Gonçalves Ribafria¹²³, que em 1518 era valido e porteiro da câmara do Rei D. João III, que o nobilitou a si e à sua Família em 1541 fazendo-o cavaleiro da ordem de Cristo, fidalgo de Sua Casa e agraciou com armas novas¹²⁴, que fora casou com Luísa de Sá e comprou para seu filho André Gonçalves Ribafria a alcaidaria-mor de Sintra a Francisco de Azevedo, senhor de Ponte de Sôr¹²⁵. Esse casamento, que nem FG nem AM nem outros referem, vem no entanto registado numa colecção de genealogias manuscritas existente na Torre do Tombo, que diz que a dita Veríssima Gonçalves Ribafria foi casada com o fidalgo castelhano D. Diego de Herédia, cavaleiro da ordem de Cristo. De resto, também nenhum dos autores referidos, nomeadamente AM ou FG, registam esta filha de Gaspar Gonçalves Ribafria e de Luísa de Sá, referindo apenas uma filha, Antónia de Eça que foi mulher de Mem de Brito, e não lhe nomeando a mãe. No entanto a sua filiação é assegurada na dita carta de brasão de armas de seu neto, e ainda nas de seus trisnetos Gregório Ferreira de Eça Botelho e seus irmãos, *referidos adiante*, que a dizem filha bastarda do referido Gaspar Gonçalves Ribafria. E a aceitar o registado na carta de brasão de armas do dito António Ferreira Botelho de Castilho, a cronologia conhecida, nomeadamente referente aos netos deste, três irmão todos fidalgos de cota de armas em 1618 sendo um deles licenciado e tratado por *doutor* e outro então capitão-mor, significa que a avó, de António Ferreira Botelho de Castilho, a dita senhora de nome Veríssima Gonçalves de Ribafria, terá de ter sido a primeira mulher do biografado, e a mãe do armoreado e filha deste casal, terá de ter sido a filha mais velha de todos os seus filhos conhecidos, e com muita probabilidade nascida mesmo antes da sua ida para Azamor, lá para 1512 (teria ele à roda de 30 anos pouco mais ou menos). E só assim se torna possível a cronologia que dá à dita filha do casal enunciado uma sexta neta, com duas quebras de varonia, uma Antónia Maria Botelho

¹²⁰ NB (2003), Cartas de Brazão de Armas, Colectânea (CBA). CBA de seu filho António Ferreira Botelho de Castilho de 18.2.1592, de três dos seus bisnetos, Gregório Ferreira de Eça Botelho, Luís Botelho Barba Pacheco de Ferreira e o capitão-mor Rui Ferreira Pacheco de Sequeira, de Lisboa, todas datadas de 8.5.1618, e ainda de um seu 4.º neto, Manuel Ferreira Botelho, de 20.3.1683, *todos referidos adiante*.

¹²¹ O facto dessa carta de brasão referir o seu avô como Diogo de Herédia *Cavaleiro do hábito de Cristo e Fidalgo da Casa Real*, tal como o referem FG, AM e Manuel de Carvalho e Ataíde, Op.cit., não deixam dúvidas quanto a tratar-se do biografado.

¹²² PT/TT/GM/21F15 p. 406.

¹²³ Outro do mesmo nome teve carta da alcaidaria-mor do castelo de Sintra por carta de D. Filipe II (PT/TT/CHR/D. Filipe II, Doações, L.11 fl.185v).

¹²⁴ BAENA, Visconde de Sanches (1872), Archivo Heraldico-Genealogico

¹²⁵ FG, Op.cit., título de Ribafrias, § 1.º diz que este Gaspar Gonçalves de Ribafria *era de pobres parentes e lhe deu por Solar Ribafria donde era natural, era filho Gaspar Gonçalves de Gonçalo Annes*.



casada com um Manuel Gomes Ribeiro¹²⁶, e assim enlencada pelas genealogias tradicionais, baptizada em 1651. Aceite a cronologia, não há razão para não fazer fé na carta de brasão de armas do assim neto do biografado, e não aceitar esse seu primeiro casamento com Veríssima Gonçalves de Ribafria, não referido pelas genealogias tradicionais que também não referem a sua filha e mãe do armoreado, muito bem identificada na sua carta de brasão de armas, e que FG diz ter sido filha de António de Herrera e mulher Catalina Manrique. *Foram seus filhos conhecidos:*

2.1. (a) **Feliciano de Heredia e Ribafria**, a fazer fé na carta de brasão de armas de seus descendentes, particularmente na de seu filho António, filha do biografado no 2, e a mais velha dos seus filhos conhecidos, terá nascido à roda de 1512. FG dá-a no entanto como filha de António de Herrera e mulher Catalina Manrique, em oposição ao que se regista na carta de brasão de armas de seu filho António. Viveu em Guimarães e casou com **Manuel Ferreira Botelho**, nascido em Valladolid, Castela, cavaleiro da ordem de Santiago, filho de Aleixo Botelho *de Ferreira de Aves* e Castilho, fidalgo castelhano, e mulher Pelaia de Gusmão; e neto paterno de Fernão Botelho de Ferreira, natural de Coimbra, comendador da Ordem de Cristo e senhor do morgadio dos Botelho e dos Ferreira e mulher D. Maria de Castilho¹²⁷. *Foram seus filhos conhecidos:*

2.1.1. **Veríssima de Ribafria Botelho**, nasceu cerca de 1528. Casou com **Diogo Fernandes Galhardo**. *Com descendência*.¹²⁸

2.1.2. **António Ferreira Botelho de Castilho**, nasceu cerca de 1530 em Guimarães. Foi mestre-campo do exército e morador em Lisboa, fidalgo da cota de armas por carta de 18.2.1592, escudo esquartelado: no 1.º Botelho, no 2.º Ferreira, no 3.º Barba, e no 4.º Pacheco¹²⁹. FG refere que morreu em 1578 na batalha de Alcácer Quibir, o que está errado como se afere da sua carta de brasão de armas datada de 1592. Casou com sua prima **Andreza Botelho de Sequeira**, filha de Pedro Mendes Botelho, fidalgo da Casa Real, sepultado no convento da Santíssima Trindade com as armas dos Botelho e dos Sequeira. Ambos os biografados eram primos de Pedro Ferreira Botelho, porteiro-mor do Infante D. Luís e cavaleiro da ordem de Santiago. *Foram seus filhos conhecidos:*

2.1.2.1. **Afonso Ferreira Botelho Pacheco**, nasceu cerca de 1555 e foi morador em Coimbra, desembargador, e cavaleiro da ordem de Cristo.

¹²⁶ Armas e Troféus, revista do Instituto Português de Heráldica, 1965, p.124.

¹²⁷ PT/TT/CHR/D. Filipe I; e NB (2003), Op.cit. n.75.

¹²⁸ FG, Op.cit., título de Botelhos. Deste casal é 13ª neta Ana Maria Arantes Freire Torres nascida a 20.2.1966 em Lisboa e casada na mesma cidade com Pedro Santos Agudo de Mattos Aguas (primo em terceiro grau do autor destas notas), de quem são filhos: Afonso Maria Arantes Torres de Mattos Águas, nascido a 12.11.1998, e Sebastião Arantes Torres de Mattos Aguas, nascido a 26.4.2004, ambos em Lisboa.

¹²⁹ PT/TT/CHR/D. Filipe I; e NB (2003), Op.cit. n.75.



Casou à roda de 1580 tendo os seus filhos nascido entre por volta de 1581 e 1585, sendo um deles já licenciado, outro capitão-mor, e todos fidalgos de cota de armas em 1618, com **Micaela de Sousa Correia**.

2.1.2.1.1. **Gregório Ferreira de Eça Botelho**, nasceu por volta de 1581/85. Era licenciado, doutor e morador em Coimbra a 8.5.1618 quando recebe carta de brasão de armas, escudo esquartelado: no 1.º as armas dos Barba, no 2.º as dos Botelho, no 3.º as dos Ferreira e no 4.º as dos Pacheco, e por diferença um trifólio de ouro¹³⁰.

2.1.2.1.2. **Luís Botelho Barba Pacheco de Ferreira**, nascido por volta de 1581/85. A 8.5.1618 teve casrta de brasão de armas igual à de seu irmão: no 1.º as armas dos Barba, no 2.º as dos Botelho, no 3.º as dos Ferreira e no 4.º as dos Pacheco, e por diferença um trifólio de ouro¹³¹.

2.1.2.1.3. **Rui Ferreira Pacheco de Sequeira**, nascido por volta de 1581/85. A 8.5.1618 teve casrta de brasão de armas igual à de seu irmão: no 1.º as armas dos Barba, no 2.º as dos Botelho, no 3.º as dos Ferreira e no 4.º as dos Pacheco, e por diferença um trifólio de ouro¹³².

2.1.2.2. **Aleixo Ferreira Botelho**, nasceu cerca de 1580. Foi capitão e cavaleiro fidalgo da Casa Real. Casou com **Branca Vieira de Vilalobos**, filha de Diogo Rodrigues de Vilalobos. *Com descendência*. Deles foi bisneto Manuel Ferreira Botelho, nascido e morador em Lisboa, tesoureiro e executor dos novos direitos, e fidalga de cota de armas por carta de 4.1.1683 com escudo em balom partido em pala, na 1.ª as armas dos Ferreira e na 2.ª as armas dos Botelho, por diferença um trifólio de ouro, e por timbre uma ema de sua cor com uma ferradura de ouro no bico¹³³.

2.2. (b) **Custódio de Arede**, nasceu cerca de 1522 em Barcelos e já tinha morrido em 1594, onde foi *gente principal*, documentado tal como sua mulher no processo da inquisição de seu neto Custódio. Casou por volta de 1544 em Barcelos, com **Ana de Carvalho**, daí natural e ainda viva em 1594, filha de Cristóvão Nogueira de Carvalho, cavaleiro fidalgo, sobrinho de Diogo Lopes de Carvalho e de Gaspar de Carvalho, chanceler-mor do reino, e mulher Maria do Monte. *Foi seu filho*:

2.2.1. **Aleixo de Carvalho**, nasceu cerca de 1545. Viveu em Lisboa e em Barcelos onde era tabelião a 13.(4).1573¹³⁴ e aí vivia casado em 1594 em São Paio do Carvalhal, numa quinta perto do Bom Jesus. De acordo com o processo da inquisição de seu filho Custódio, não tinha irmãos. Justificou a sua

¹³⁰ NB (2003), CBA 453.

¹³¹ NB (2003), CBA 648.

¹³² NB (2003), CBA 892.

¹³³ BAENA, Visconde de Sanches (1872), Op.cit., referindo PT/TT/CHR/D. Afonso VI, f.52v.

¹³⁴ PT/TT/CHR/D. Sebastião e D. Henrique, Ofícios e Mercês, L.30 fl.199.



nobreza referindo seus pais, avós e bisavós¹³⁵. Casou cerca de 1565 com **Catarina Dias**, cristã-nova e moradora em Lisboa, filha de Pedro Dias e de Lucrécia Gomes, cristãos-novos moradores em Lisboa, Mártires, na rua da metade da banda de dentro, ambos já falecidos em 1594. Catarina Dias era irmã de Bento Dias então casado com Inês Lopes e moradores em Montemor-o-Novo (irmã de Joana Lopes casada com Francisco Rodrigues, nascido em Évora, São Mamede, rendeiro do conde de Basto, também cristão-novos, o qual, estando fugido ao santo ofício se escondeu em casa de seu sobrinho Custódio de Arede de Carvalho, *referido adiante*); de mestre Jorge Dias, prior de Vila de Alva no termo de Cuba, no Alentejo; de Diogo Nunes casado com Jerónima Machado, moradores em Montemor-o-Novo; de Leonor Pinto, viúva e moradora em Portel; e de Manuel Pinto casado com Branca Nunes; todos igualmente cristãos-novos. *Foram seus filhos conhecidos*:

2.2.1.1. **Custódio de Arede de Carvalho**, nasceu cerca de 1566 em Lisboa, Mártires, na rua da metade da banda de dentro, onde foi batizado, e foi crismado em Braga pelo arcebispo D. frei Bartolomeu. Foi criado em Barcelos desde os dois anos e meio de idade, tendo aprendido a ler e a escrever e um pouco de latim que lhe ensinou seu pai. Foi ordenado com ordens de epístola na sé de Lisboa aos 18 anos de idade, com ordens de missa em Coimbra e com ordens de evangelho em Leiria. Foi viver para Vila de Alva, no termo de Cuba, no Alentejo, com seu tio o prior desta vila, onde esteve dois anos voltando depois para Lisboa onde em 1594 morava na rua da Barroca na referida freguesia dos Mártires. Foi sacerdote e coadjutor da igreja dos Mártires em Lisboa, declarando nesse ano perante o tribunal do santo ofício da inquisição de Lisboa ter 28 anos de idade. O seu processo no tribunal do santo ofício inicia-se a 23.11.1594 por denúncia de um padre Jerónimo de Abreu que lhe tinha ódio por desavenças havia dois anos, e em que o dito padre Jerónimo dera umas bofetadas e insultara o irmão do réu, de nome Pedro. Sendo acusado de fautoria em judaísmo por ter escondido em sua casa fugidos do santo ofício (Francisco Rodrigues, que temia que seus irmãos presos pelo santo ofício o denunciassem, e Joana Lopes, acima referidos), foi condenado em auto de fé a 12.3.1597 a abjuração de leve, degredo por três anos para fora do arcebispado de Lisboa para onde não podia voltar sem licença, e pagamento de custas¹³⁶.

2.2.1.2. **Manuel Carvalho**, nasceu cerca de 1568 e é referido no processo da inquisição de seu irmão Custódio sendo morador com seu pai em 1594.

¹³⁵ FG, Op.cit, título de Heredias, § 4.

¹³⁶ PT/TT/TSO-IL/3526.



2.2.1.3. **João Carvalho**, nasceu cerca de 1570 e é referido no processo da inquisição de seu irmão Custódio sendo morador com seu pai em 1594.

2.2.1.4. **Ana de Carvalho**, nasceu cerca de 1572 e é referida no processo da inquisição de seu irmão Custódio sendo moradora solteira com seu tio o prior de Vilalva em 1594.

2.2.1.5. **Catarina de Arede**, nasceu cerca de 1574 e é referida no processo da inquisição de seu irmão Custódio sendo moradora solteira com seu tio o prior de Vilalva em 1594.

2.2.1.6. **Clara de Carvalho**, nasceu cerca de 1576 e é referida no processo da inquisição de seu irmão Custódio sendo moradora solteira com seu pai em 1594.

2.2.1.7. **Paula de Carvalho**, nasceu cerca de 1578 e é referida no processo da inquisição de seu irmão Custódio sendo moradora solteira com seu pai em 1594.

2.2.1.8. **Pedro**, nasceu cerca de 1583 declarando ter onze anos de idade em 1594 quando testemunha no processo do irmão Custódio e a quem o padre Jerónimo de Abreu, denunciante de seu irmão Custódio ao tribunal do santo ofício, terá esbofeteadado e insultado.

2.3. (b) **Cristóvão de Arede**¹³⁷, nasceu cerca de 1523 em Barcelos onde vivia e era escudeiro a 24.12.1550 quando obtém o perdão do Rei D. João III contra o pagamento de 4.000 reis para a arca da piedade de que pagou logo 3.000 reis, e em cujo documento declara ser genro de Cristóvão Nogueira, e que estando com ele na câmara da dita vila num dia de Maio de 1550 o viu avançar com a espada contra André Cavalo, escrivão da câmara, *acima referido*, na presença do juiz e dos vereadores. Vendo isto também ele, porque acompanhava esse seu sogro, avançou também de espada na mão. Como resultado foi-lhe feito um auto por parte da justiça porque André Cavalo o não quis acusar. Corria agora o ofício por parte da justiça e como ele era **de boa casta, filho e neto de cavaleiros**, era bom homem que começava a sua vida e não tinha muito de seu e não havia parte que o acusasse pedia perdão ao Rei¹³⁸. Viveu depois em Pinhel¹³⁹. Casou duas vezes: a primeira com [...] (a) irmã de sua cunhada Ana de Carvalho e ambas filhas de Cristóvão Nogueira de Carvalho, cavaleiro fidalgo, sobrinho de Diogo Lopes de Carvalho e de Gaspar de Carvalho, chanceler-mor do reino, e mulher Maria do Monte. Casou segunda vez cerca de 1552, sendo então morador em Pinhel, com **Guimar de Queirós** (a) nascida provavelmente em Fonte Arcada onde viveram os seus pais e falecida entre 1555 e 1577, quando estava aceite para entrar ao serviço como dama da Infanta Dona Maria (1538-1577, filha do Rei D. Manuel I), filha de Francisco de Gouveia, fidalgo da Casa Real e da Casa do Infante D. Fernando, capitão-mor de

¹³⁷ Não referido por AM nem por AL nem por RM. FG refere-o em título de Gouveias sem o filiar.

¹³⁸ PT/TT/CHR/D. João III, Perdões e Legitimações, L.16 fl.182-182v.

¹³⁹ FG, Op.cit, título de Gouveias, § 2.º.



Cambay, capitão-geral e governador de São Tomé, fidalgo da cota d'armas por carta de 15.5.1531 do Rei D. João III¹⁴⁰, e mulher Guiomar da Costa Homem¹⁴¹.
Foram seus filhos conhecidos:

2.3.1. ? (b) **António de Heredia**, o progenitor da linha dos Heredia de Pinhel, e com muito pouca margem para dúvidas que tenha sido filho do casal biografado no 2.2, nasceu cerca de 1553 em Pinhel onde foi morador em casa da sua sogra, e onde morreu ainda novo talvez por volta de 1580¹⁴². Não é referido nem por AM nem por AL nem por RM e apenas por FG o refere no seu título de Gouveias, estando no entanto bem documentado. A tradição genealógica para além de o dar erradamente como Espanhol que passou a Portugal com a infanta D. Maria filha do Rei D. Manuel I, refere que serviu a Casa de Bragança, o que não pude confirmar à luz dos relatos das testemunhas no processo de familiatura para o santo ofício de seu neto Jerónimo Di-lo por exemplo o padre mestre Marcelino Pereira no seu título de Herédias¹⁴³, onde refere erradamente que a dita Infanta D. Maria era afinal tia do Rei D. Manuel, e que esta o terá contemplado em testamento. Nada disso é possível confirmar à luz dos relatos das testemunhas no processo de familiatura para o santo ofício de seu neto Jerónimo e antes pelo contrário¹⁴⁴. Tal como sobre a sua mulher

¹⁴⁰ PT/TT/CHR/D. João III, L.10 fl.71.

¹⁴¹ FG, Op.cit, título de Gouveas, § 2.º.

¹⁴² PT/TT/TSO-CG/HSO/Jerónimo m.l.d.33. Referido por AM, Op.cit., título de Herédias, § 1.º, e MM, Manuscrito Genealógico, *Theatro Genealógico* (PT/BN/Secção de Reservados/Colecção Pombalina /PBA 338). A primeira testemunha nesse processo declara a 15.11.1656 que tinha 88 anos de idade pouco mais ou menos, nascido portanto à roda de 1568, e conhecera quando ainda era pequeno a António de Heredia e que seu pai lhe dissera que tinha morrido ainda jovem tal como sua mulher. Todas as outras testemunhas, incluindo uma com 78 anos de idade, já não os conheceram.

¹⁴³ PEREIRA, Marcelino, *Memórias Genealógicas*, Arquivo Distrital de Braga, n.º 1701.

¹⁴⁴ O Armorial Lusitano (1961), edição Editorial Enciclopédia, em título de Herédias refere: *parece que outros ramos de Herédias vieram para Portugal, um com descendência em Pinhel e outro nas ilhas*, este último o que descende de Don António de Herédia que passou à Madeira em 1602 ou 1604. Também José Augusto Carneiro (CARNEIRO, José Augusto (1902), (daqui em diante referido como CARNEIRO), Menas e Suas Alianças, Porto) refere na sua nota 6: *D. António de Heredia veio de Aragão e era filho segundo dos senhores da vila de Heredia, viveu em Pinhel e foi muito considerado pela infanta D. Maria que lhe deixou em testamento 20 000 reais brancos de tença para si e seus filhos em atenção aos serviços que lhe prestou acompanhando-a de Castela para Portugal*, o que se torna incongruente com o texto anterior dessa mesma nota que refere que: *passou de Espanha a Portugal no tempo d'el-Rei Dom Afonso V seguindo o partido da "Excelente Senhora" um fidalgo desta Família do qual procedem todos os que se estabeleceram em Pinhel, Barcelos, ilhas e mais partes do reino*». FG (Op.cit.) por seu turno, no § 11 do seu título de Leitões, diz que António de Heredia era um fidalgo aragonês, e MM, Op.cit., acrescenta que fora criado da infanta D. Maria. Consultado o testamento da dita infanta *a mais rica princesa da cristandade*, falecida em Lisboa a 10.10.1577 e datado de 17.7.1577 com codicilo datado de 31.8.1577 (PT/BN/secção de reservados/RES. 34-A, *Traslado do Testamento da Infanta Dona Maria que Deus Tem*), e ainda consultadas as tenças testamentárias e o caderno das tenças (SILVA, Gomes da (1907 e 1908), em *Arquivo Histórico Português, As Tenças Testamentárias da Infanta D. Maria*, e os *Cadernos das Tenças*, MCLXXXX), não há referência a nenhum António de Heredia. Surge no entanto um João de Pina,

muito anda enganada a informação. A mulher de António de Heredia, com quem casou cerca de 1579 (o mesmo padre Marcelino refere que casou depois da morte da Infanta Dona Maria, falecida em 1577) chamou-se **Leonor Barbosa [Leitão]** e nasceu cerca de 1555 em Pinhel onde morou em casa da mãe, Isabel Dias de Pina¹⁴⁵, tendo morrido muito nova cerca de 1580. De acordo com José Augusto Carneiro¹⁴⁶, esta senhora era filha de Lourenço Coelho Leitão, fidalgo da Casa Real, doutor, desembargador do Paço e chanceler-mor do reino, e de sua mulher Ana Cardoso [de Távora], filha de Tristão Cardoso. Mas o que acontece é que o casal Lourenço Coelho Leitão e Ana Cardoso de Távora (que não era filha de nenhum Tristão Cardoso) não tiveram descendência nem ele filhos ilegítimos, como se verifica no seu testamento datado de 1645 de quem é principal herdeiro seu sobrinho João Gomes Leitão filho de seu meio-irmão Marcos António Barbosa. E constata-se no processo de familiatura para o santo ofício de seu neto Jerónimo de Heredia Barbosa, que a mãe de Leonor Barbosa se chamou afinal Isabel Dias de Pina. Lourdes Leitão Bandeira Pires¹⁴⁷ refere que Isabel Dias de Pina ter-se-á chamado Isabel Dias Leitão, fora casada com Gonçalo Martins do Carvalhal, e era filha de Gonçalo Vaz Leitão e mulher Isabel Dias Barbosa, informações que

escrevão do tesouro da infanta, contemplado no seu testamento com uma tença anual igual à do ordenado que tinha, no valor de 30.000 reais que poderia ser parente de Isabel Dias de Pina, sogra de António de Heredia. Desconhecendo as genealogias consultadas a existência desta senhora, a quem chamam erradamente Ana Cardoso, é possível que a tradição da existência de um parente antigo dos Heredia de Pinhel, confundido com um avoengo, que tivesse servido a dita Infanta e sido contemplado no seu testamento levasse à dedução errada de que era o António de Heredia, quando de facto poderia tratar-se deste João de Pina? Também a única referência no testamento da Infanta à sua viagem a Castela, onde fora visitar a Rainha sua mãe, é ao conde de Vimioso a quem se escusa a contemplar em testamento referindo expressamente que entendia já ter pago o suficiente à sua mulher, tal como sua mãe o fez, e que a responsabilidade das custas de acompanhar a princesa a Castela eram do Rei, e que este já lho tinha pago agradecendo-o com mercês para as quais ela própria intercedera a favor. De acordo com a habilitação para o santo ofício de Jerónimo de Heredia Barbosa, neto deste António de Heredia, este seu avô era morador em Pinhel e não há qualquer referência ao facto de ser Espanhol ou oriundo de Espanha, e muitas das testemunhas conheceram-no e bem. Também no estudo da Família Heredia Espanhola, nomeadamente nos ramos de Aragão, dos senhores da vila, da Casa e do Palácio de Heredia, anteriormente estudados, não surge à época nenhum António de Heredia ou qualquer outro deste apelido que pudesse ser o mesmo. Nem nas genealogias tradicionais, nem na documentação coeva. Não há pois qualquer indício sério e documental que aponte para a origem Aragonesa de António de Heredia, tronco do ramo de Pinhel, nem para o facto de ter servido a dita infanta D. Maria ou a Casa de Bragança, sendo certo que qualquer uma destas circunstâncias seria referida nesse processo de familiatura. Por fim o facto de ser documentado que vivia em casa de sua sogra e que morreu muito novo afasta de vez essa *fantasia* genealógica.

¹⁴⁵ PT/TT/TSO-CG/HSO/Jerónimo m.1 d.33.

¹⁴⁶ CARNEIRO, Op.cit.

¹⁴⁷ PIRES, Lourdes Leitão Bandeira (2003), *Ascendência e Descendência de Gonçalo Vaz Leitão, Progenitor dos Leitões de Pinhel*, Beira Alta, nº 3 e 4.

a Autora refere terem sido recolhidas em genealogias manuscritas¹⁴⁸. Porém, de acordo com uma árvore de costados em outro livro de genealogias manuscritas¹⁴⁹ Isabel Dias de Pina terá sido filha de João Afonso Gomes e de sua segunda mulher Leonor Dias de Pina. Por seu turno o referido padre Marcelino refere que Leonor Barbosa, a quem acrescenta Leitão, era já viúva de um primeiro casamento com Lourenço Gomes Leitão *o velho* que fora o pai do dito *dr.* Lourenço Coelho Leitão. Mas o mais certo é que Leonor Barbosa fosse irmã de João Gomes Leitão (pai de Marcos António Barbosa que o teve de sua 2.^a mulher Brasaída Freire, filha de João Mendes de Vasconcelos), e meio-irmão do referido *dr.* Lourenço Coelho Leitão. Justificar-se-ia assim a confusão na filiação de Leonor Barbosa¹⁵⁰ e ainda o apelido Leitão usado por Tristão Leitão de Heredia. Seria assim tia-avó de João Gomes Leitão nascido em Pinhel e casado em 1617 em Viseu com uma sobrinha da mulher do *dr.* Lourenço, referido, filho do referido Marcos António Barbosa e em cujo assento não se lhe nomeia a mãe. Esta linha dos Heredia usou as suas armas como se verifica na frontaria da sua casa solar em Pinhel que ostenta um escudo esquartelado: no 1.^o quartel as armas dos Falcão, no 2.^o as armas dos Heredia, no 3.^o as armas dos Mena, no 4.^o as armas dos Figueiredo, e timbre dos Falcão¹⁵¹. *Foram seus filhos conhecidos:*



2.3.1.1. **Francisco de Aredia**¹⁵² ou **de Heredia Barbosa**, nasceu cerca de 1580 e viveu em Pinhel. É por certo o mesmo que sendo natural de Pinhel estava em 1638 nas Índias de Castela onde teve problemas com a inquisição de Cartagena (Colômbia), tendo-lhe sido sequestrados os bens e reconciliado em auto de fé a 25.3 desse ano, de que ficou fiel depositário Juan de Cuevas Elizalecu depois do inventário dos mesmos feito em presença do aguazil-mor do tribunal, José de Bolívar y de la Torre¹⁵³. Casou

¹⁴⁸ PT/TT/GM, 21F19. Nesse trabalho a Autora transcreve numa nota de fim de página, e das referidas genealogias, que uma filha de Isabel se chamou Leonor Barbosa e foi casada com António de Herédia Biscainho, que entendendo como natural da Bisciaia. Mas como ficou registado, parece ter sido afinal natural de Pinhel.

¹⁴⁹ PT/ADBRG/GM, 5569.

¹⁵⁰ CARNEIRO, José Augusto, Op.cit.

¹⁵¹ NÁPOLES, João Carlos de Metello, e NÁPOLES, Jorge de Metello (1997), (daqui em diante referidos como NÁPOLES) *Solares e Casas Nobres do Concelho de Pinhel*, Beira Alta, Assembleia Distrital de Viseu, n.ºs 3 e 4.

¹⁵² Aredia, de acordo com os manuscritos genealógicos do bispo da Guarda, coleção particular (informação de Manuel Abranches de Soveral), bem como AM, Op.cit, título Figueiredos de Aveloso.

¹⁵³ ESP/PARES/Archivo Histórico Nacional, ES.28079.AHN/10.4.5.3/ /INQUISICION,4822,EXP.4.



cerca de 1599 com **Maria da Fonseca**, nascida na Guarda, irmã de entre outros do padre Simão Botelho, e ambos filhos de Francisco de Figueiredo, cavaleiro da ordem de Cristo, que viveu em Pinhel, e de sua segunda mulher Serena Álvares da Fonseca¹⁵⁴.

2.3.1.1.1. **Jerónimo de Arede** ou **Jerónimo de Heredia Barbosa**, nasceu cerca de 1605 em Pinhel e foi familiar do santo ofício por carta de 16.1.1646¹⁵⁵. Viveu na sua quinta do Sameiro, que teve por sua mulher, em Santa Eulália de Besteiros (Campo de Besteiros), de onde surge a 1.10.1634 em Tondela, Castelões de Besteiros, a testemunhar o casamento do desembargador João de Medeiros Corrêa com Maria Corrêa de Barros, com o apelido Arede provando que o usava e assim eram conhecidos socialmente estes Heredia. A 5.3.1647 testemunha um casamento em Campo de Besteiros onde é testamenteiro e herdeiro de uma Ana de Lemos aí falecida a 28.3.1647. É referido nos registos paroquiais como Jerónimo de Arede, Jerónimo de Aredea e Jerónimo de Heredia Barbosa, e nos assentos de baptismo de seus filhos sempre como Jerónimo de Aredea com excepção do assento de sua filha onde surge como Jerónimo de Heredia Barbosa. Casou a 14.6.1627 em Campo de Besteiros com **Mariana de Figueiredo Maldonado**¹⁵⁶, que aí serve de madrinha pelo menos a 25.7 e a 18.11.1618, a 27.1.1621, irmã inteira de Luís de Figueiredo Bandeira, morador em Torre de Moncorvo, familiar do santo ofício em 1643¹⁵⁷ e cavaleiro da ordem de Cristo, falecido a 27.8.1661 na quinta de Caselhos, e ainda de Gonçalo Bandeira Maldonado (casado cerca de 1631 com Eufrásia Alcoforado Pessoa Girão), senhor da quinta e paço de Sameiro, e todos filhos do dr. Inácio Bandeira Maldonado¹⁵⁸, nascido em Besteiros e falecido a 20.9.1610 em Campo de Besteiros, desembargador da casa do cível do Porto e senhor da quinta e paço de Sameiro, de onde surge a 15.9.1577 a testemunhar um casamento na igreja de Tondela, Castelões, e a 10.2.1591 a servir de padrinho num baptismo na mesma igreja, e mulher Joana de Figueiredo,

215

¹⁵⁴ Maria da Fonseca era prima co-irmã de Luís de Figueiredo Falcão, um dos quatro secretários de Estado do governo de Portugal (19.9.1611), que antes tinha sido escrivão da Casa da Índia e escreveu o «*Livro em que se contem toda a fazenda e real património dos reinos de Portugal, Índia e ilhas adjacentes, etc., ordenado por Luiz de Figueiredo Falcão, secretário de el-rei Filipe II*», que ficou manuscrito. Este Luís nasceu cerca de 1550 e morreu em 1631 sendo sepultado em sarcófago de mármore na capela-mor do convento de Santa Clara de Pinhel que ele fundou em 1596 nas casas onde nascera, no arrabalde da vila, dotando-o com 100.000 reais anuais e dez moios de pão (em igual valor), tendo aí dado entrada as primeiras freiras a 27.10.1602, entre elas sua irmã.

¹⁵⁵ PT/TT/TSO-CG/HSO/Jerónimo m.1 d.33.

¹⁵⁶ A quem outros chamam Maria de Figueiredo, mas que está documentada como Mariana Maldonado (PT/TT/TSO-CG/HSO/Luís m.2 d.49).

¹⁵⁷ PT/TT/TSO-CG/HSO/Luís m.2 d.49.

¹⁵⁸ PT/TT/TSO-CG/HSO/Luís m.2 d.49, e AM, Op.cit, título de Herédias, § 1.º.



falecida a 20.3.1640 em Campo de Besteiros; neta paterna de Sebastião Aranha e mulher Bartoleza Bandeira¹⁵⁹; e neta materna de Francisco de Figueiredo, de Pinhel, fidalgo da Casa Real. *Foram seus filhos conhecidos:*

2.3.1.1.1.1. **Francisco**, foi baptizado a 5.10.1629 em Campo de Besteiros sendo padrinhos seus tios Luís de Figueiredo e D. Ana, sua mulher.

2.3.1.1.1.2. **Inácio Bandeira de Heredia**, nasceu cerca de 1631 em Pinhel e morreu com testamento a 2.2.1682 em Barcelos. Matriculou-se em cânones na universidade de Coimbra a 24.10.1655¹⁶⁰ onde surge com o apelido Erédia, e habilitou-se para servir o santo ofício a 9.3.1674¹⁶¹ sendo declarado incapaz por ter má vida e maus costumes. Foi padre, doutor nos sagrados cânones, prior da insigne colegiada de São Pedro e dom prior da colegiada de Barcelos.

2.3.1.1.1.3. **José de Heredia**, foi baptizado a 26.4.1633 em Campo de Besteiros sendo padrinhos António de Abreu e Maria Correia de Barros. Matriculou-se em cânones na universidade de Coimbra a 5.6.1655, 25.10.1655¹⁶², 29.10.1657 onde surge com o apelido Erédia, e a 1.1658 e a 13.11.1659¹⁶³. Foi prior de Penacova¹⁶⁴.

2.3.1.1.1.4. **Bernardo Manuel**, foi baptizado a 29.8.1634 em Campo de Besteiros sendo padrinhos o doutor Manuel Falcão, deão da Sé da Guarda, e Eufrásia Alcoforado.

2.3.1.1.1.5. **Eufrásia**, foi baptizada a 18.6.1635 em Campo de Besteiros sendo padrinhos Filipe Bandeira da Costa, cônego na Santa Sé da Guarda, e Maria de Mesquita, do lugar de Fermentelos. Foi freira no convento de Celas em Coimbra¹⁶⁵.

2.3.1.1.1.6. **Teresa**, foi baptizada a 9.6.1637 em Campo de Besteiros sendo padrinhos o padre André de Loureiro e Lourença de Sequeira. Foi freira no convento de Celas em Coimbra¹⁶⁶.

2.3.1.1.1.7. **Joana**, foi baptizada a 19.3.1642 em Campo de Besteiros sendo padrinhos o padre João de Brito, de Pinhel, e Mariana Cardoso. Foi freira no convento de Celas em Coimbra¹⁶⁷.

¹⁵⁹ Filha de Gonçalo Pires, *o da Bandeira*, escudeiro, herói da batalha de Toro (1476), fidalgo da cota d'Armas por carta de D. João II datada de 4.7.1483.

¹⁶⁰ PT/AGUC/Matrículas, Inácio Bandeira de Erédia.

¹⁶¹ PT/TT/TSO-CG/HSO/Inácio m.2 d.19.

¹⁶² PT/AGUC/Matrículas, José de Erédia.

¹⁶³ PT/AGUC/Matrículas, José de Arede.

¹⁶⁴ AM, Op.cit, título de Herédias, § 1.º.

¹⁶⁵ AM, Op.cit, título de Bandeiras.

¹⁶⁶ AM, Op.cit, título de Bandeiras.



2.3.1.1.1.8. **Baptista**, foi batizado a 2.4.1644 em Campode Besteiros sendo padrinhos o vigário de Castelões, António Gomes da Costa, e Catarina de Barros mulher de Álvaro de Medeiros.

2.3.1.2. **Tristão Leitão de Heredia**¹⁶⁸, nasceu cerca de 1581 em Pinhel. Foi cavaleiro da ordem de Cristo¹⁶⁹. Teve alvará sobre coimas de seus gados por privilégio de D. Filipe II¹⁷⁰. Casou duas vezes: a primeira com **Maria de Andrade** (a), *sem descendência*¹⁷¹. Casou segunda vez em Torre de Moncorvo com **Maria Borges [Camelo]** (b), aí nascida¹⁷², filha de Lucas de Castro e mulher Leonor Camelo ai casados e já falecidos a 7.7.1676¹⁷³. *Foi sua filha conhecida:*

| 217

2.3.1.2.1. (b) **Mariana de Heredia**, nasceu cerca de 1615 em Pinhel e morreu antes de 1676. Casou com **João de Mena Falcão**, falecido antes de 1676, filho de Pedro de Mena do Couto e mulher Leonor de Proença, moradores em Pinhel e já falecidos em 1676¹⁷⁴. *Foram seus filhos conhecidos:*

2.3.1.2.1.1. **Manuel Falcão**, cónego da Sé da Guarda.¹⁷⁵

2.3.1.2.1.2. **Leonor do Santo Cristo**, freira em Pinhel.¹⁷⁶

2.3.1.2.1.3. **Mariana Baptista**, idem.¹⁷⁷

2.3.1.2.1.4. **Helena de Heredia**¹⁷⁸, foi batizada a 8.3.1638 em Pinhel, Santíssima Trindade, onde morreu a 25.10.1675. Casou a 29.11.1655 na igreja de São Pedro em Pinhel com seu primo **Manuel de Mena Falcão de Figueiredo**, capitão-mor de Pinhel, cavaleiro professo na ordem de Cristo a 20.1.1670¹⁷⁹, homem nobre e dos principais dessa vila, afazendado, que foi procurador às cortes e que se habilitou para servir o santo ofício não tendo sido aprovado por despacho de 7.7.1676 por haver suspeitas de haver judeus por parte

¹⁶⁷ AM, Op.cit, título de Bandeiras.

¹⁶⁸ PT/TT/TSO-CG/HSO/Manuel m.32 d.702; AM, Op.cit, título de Herédias, § 1.º; e CARNEIRO, Op.cit.

¹⁶⁹ NÁPOLES, Op.cit.

¹⁷⁰ PT/TT/CHR/D. Filipe II, Privilégios, L.1 fl.249v.

¹⁷¹ AM, Op.cit, título de Herédias, § 1.º, nota.

¹⁷² PT/TT/TSO-CG/HSO/Manuel m.32 d.702; AM, Op.cit, título de Herédias, § 1.º; e CARNEIRO, Op.cit.

¹⁷³ PT/TT/TSO-CG/HSO/Manuel m.32 d.702.

¹⁷⁴ PT/TT/TSO-CG/HSO/Manuel m.32 d.702. No sumário do processo Mariana é referida como Helena. AM, Op.cit, título de Herédias, § 1.º e CARNEIRO, Op.cit. Este João de Mena Falcão era já viúvo de um primeiro casamento a 8.11.1620, sem descendência, com Maria Borges, filha de Francisco Carneiro e mulher Úrsula Borges.

¹⁷⁵ PT/TT/TSO-CG/HSO/Manuel m.32 d.702.

¹⁷⁶ CARNEIRO, Op.cit.

¹⁷⁷ CARNEIRO, Op.cit.

¹⁷⁸ PT/TT/TSO-CG/HSO/Manuel m.32 d.702. AM, Op.cit, título de Herédias, § 1.º, nota; NÁPOLES, Op.cit., onde os autores chamam-lhe Helena de Heredia Bandeira,

¹⁷⁹ Por D. Pedro, Príncipe regente de acordo com NÁPOLES, Op.cit.

de sua antepassada Maria Borges [Camelo]¹⁸⁰, filho de Jerónimo do Couto Falcão e mulher Isabel de Almeida; neto paterno de João de Mena Falcão e mulher Leonor de Proença, naturais de Pinhel; e neto materno de Simão Nunes e mulher Catarina de Almeida, naturais e moradores no termo de Castelo Rodrigo.



Casas nobres de morada e Solar dos Mena Falcão em Pinhel com a sua pedra de armas
Foram seus filhos conhecidos:

2.3.1.2.1.4.1. **Jerónimo do Couto Falcão e Heredia**, foi baptizado a 13.2.1665 na igreja de São Pedro em Pinhel, onde morreu sendo sepultado na capela-mor da igreja de São Luís. Foi capitão-mor de Pinhel e cavaleiro professo na Ordem de Cristo a 8.8.1691¹⁸¹, senhor das casas nobres de morada e solar dos Mena Falcão nessa vila e do morgadio dos Figueiredo Falcão. Casou com **Paula Saraiva de Sampaio** que ainda vivia em 1729¹⁸², oriunda da quinta do Pinheiro em Arcos de Valdevez, filha de António Saraiva de Sampaio e mulher Maria de Sousa de Araújo [ou de Meneses], da dita quinta¹⁸³.

Foram seus filhos conhecidos:

¹⁸⁰ PT/TT/TSO-CG/HSO/Manuel m.32 d.702. NÁPOLES, Op.cit., chamam-lhe Manuel de Mena Falcão de Figueiredo e acrescentam que foi senhor da casa dos Menas Falcões em Pinhel e de pelo menos um morgadio que já lhe estava associado.

¹⁸¹ PT/TT/CHAOC, Jerónimo, L. 52 fl.215 e 215v.

¹⁸² MM, Op.cit.

¹⁸³ Surge um António de Mena Falcão Erédia que é licenciado pela universidade de Coimbra a 19.7.1770 (PT/AGUC/Matrículas, António de Mena Falcão Erédia). Não foi consultado o processo de matrículas para identificar o pai porque não pareceu relevante para o assunto em estudo, ficando aqui apenas registada esta nota.



2.3.1.2.1.4.1.1. **Helena Maria de Heredia Falcão**¹⁸⁴. Casou com **Miguel de Gouveia Sarmento e Vasconcelos**, filho de Manuel Pereira de Gouveia e Vasconcelos, de Sendim, e mulher Isabel Inácia Sarmento, de Algosó; e neto paterno de Miguel de Gouveia e mulher Bárbara Pereira de Sampaio¹⁸⁵.
Foram seus filhos conhecidos:

| 219

2.3.1.2.1.4.1.1.1. **Jerónimo de Gouveia**.

2.3.1.2.1.4.1.1.2. **Maria**.

2.3.1.2.1.4.1.1.3. **Joana**.

2.3.1.2.1.4.1.1.4. **Francisca**.

2.3.1.2.1.4.1.1.5. **Miguel**.

2.3.1.2.1.4.1.2. **Mariana Vitória de Mena Heredia Falcão**¹⁸⁶, foi baptizada a 15.2.1708 na igreja da Santíssima Trindade em Pinhel. Casou com **Paulo de Gusmão Cabral**, nascido em Pinhel e aí falecido cerca de 1698 na sua Casa Gusmão, filho de Francisco de Gusmão Cabral, cavaleiro da ordem de Cristo por carta de 8.6.1681, capitão-mor de Pinhel e senhor da Casa Gusmão nesta cidade, e mulher Maria Osório de Castelo Branco, nascida em Abrunhosa, no termo de Sátão¹⁸⁷. *Foram seus filhos conhecidos:*

2.3.1.2.1.4.1.2.1. **José de Gusmão**, foi baptizado em Pinhel, Santa Maria do Castelo, e morreu solteiro e *sem descendência*.

2.3.1.2.1.4.1.2.2. **Rita Angélica de Gusmão Cabral**, foi baptizada na mesma freguesia. Foi senhora da Casa Gusmão em sucessão a seu Pai. Casou com **Miguel de Albuquerque de Melo**, senhor da Casa de Vila da Igreja em Pinhel onde nasceu e foi baptizado a 29.12.1739, e morreu em 1798, capitão-mor de Sátão, filho de Aleixo de Albuquerque e mulher Joana Teresa de Melo¹⁸⁸. *Foram seus filhos conhecidos:*

2.2.1.2.1.4.1.2.2.1. **Paula Saraiva de Sampaio**¹⁸⁹, morreu solteira.

2.2.1.2.1.4.1.2.2.2. **Maria**¹⁹⁰, morreu solteira.

¹⁸⁴ MM, Op.cit., e NÁPOLES, Op.cit.

¹⁸⁵ NÁPOLES, Op.cit.

¹⁸⁶ NÁPOLES, Op.cit.

¹⁸⁷ MM, Op.cit., e NÁPOLES, Op.cit.

¹⁸⁸ Para a sua descendência vide NÁPOLES, Op.cit.

¹⁸⁹ Para a sua descendência vide NÁPOLES, Op.cit.

2.2.1.2.1.4.1.2.3. **João de Mena de Heredia Falcão**, nasceu cerca de 1715 em Pinhel onde morreu a 12.6.1780 sendo sepultado na capela-mor da igreja de São Luís. Foi senhor das Casas Nobres de morada ou Solar dos Mena Falcão nessa vila¹⁹¹. De acordo com Manuel Maria Metello Côrte-Real da Cunha e Vasconcelos nas suas notas e lembranças particulares, manuscrito de 1832 em Pinhel, foi acusado de ser "freirático" e de ter amizade e amizade ilícitas com uma freira, foi por isso preseguido por ordens d'el-Rei Dom João V, arruinado-se [...] a ele próprio e à sua Casa e tendo vivido errante durante alguns anos (sic)¹⁹². Casou a 2.7.1769 nesta cidade com **Maria Sofia Osório Pina** [ou **Pina Osório Tavares**], nascida em Torres, no termo de Trancoso, e falecida a 20.1.1828 sendo sepultada na igreja do convento de Santo António, filha de António Osório de Pina Tavares, cavaleiro da ordem de Cristo e sargento-mor de Trancoso e mulher Mariana Vitória Teixeira Alves, falecida a 8.9.1752.¹⁹³ *Com descendência*¹⁹⁴.

2.3.1.2.1.4.1.2.3. **João de Gusmão**, foi baptizado em Pinhel, Santa Maria do Castelo, e morreu solteiro e *sem descendência*.

2.3.1.2.1.4.1.2.4. **Maria de Gusmão**, foi baptizada na mesma freguesia. Professou em 1784 e morreu no convento de São Luís em Pinhel.

2.3.1.2.1.4.2. **João de Mena Falcão**, deão da Sé da Guarda.¹⁹⁵

2.3.1.3. **Jerónimo de Heredia**, nasceu cerca de 1582. Foi capitão-mor de Pinhel¹⁹⁶. Casou com ... *Foi sua filha conhecida*:

2.3.1.3.1. **Mariana de Heredia**, nasceu cerca de 1605 e teve carta da feitoria de Sofala para a pessoa que casar com sua filha Francisca a 14.3.1645¹⁹⁷. Casou com **Francisco Homem de Vasconcelos**, que

¹⁹⁰ MM, Op.cit., e NÁPOLES, Op.cit.

¹⁹¹ NÁPOLES, Op.cit., referem,

¹⁹² NÁPOLES, Op.cit.

¹⁹³ NÁPOLES, Op.cit.

¹⁹⁴ NÁPOLES, Op.cit.

¹⁹⁵ Para a sua descendência vide GALVÃO-TELLES, João Bernardo, Os Telles de Santa Cruz de Alvarenga.

¹⁹⁶ Manuscritos genealógicos do bispo da Guarda, colecção particular, árvore de costados.

¹⁹⁷ PT/TT/CHR/D. João IV/Ofício e Mercês, L.7 fls.229-230 e L.13 fls.70-72. AM, Op.cit, título de Britos de Andrade, chama-lhe erradamente Francisca.



levou a sua mulher a feitoria de Sofala, pelo que morreu antes de 14.3.1645¹⁹⁸. *Foram suas filhas conhecidas:*

2.3.1.3.1.1. **Francisca de Vasconcelos**, nasceu cerca de 1623 e veio a ser herdeira do morgadio de Tabosa. Casou antes de 14.3.1645 com **João Soares Ribeiro**¹⁹⁹, cavaleiro da Ordem de Cristo e morgado de Tabosa, filho de Francisco Ribeiro Pinto, alcaide-mor de Sernancelhe, etc.²⁰⁰. *Com descendência*. Destes foi filho sucessor Rodrigo Homem Ribeiro de Vasconcelos, cavaleiro da Ordem de Cristo, morgado de Tabosa e governador de Castelo Rodrigo que casou segunda vez com Micaela Bandeira Freire de quem foi filha herdeira e sucessora Josefa Maria Bandeira Freire de Vasconcelos casada com seu primo Teotónio de Soveral de Carvalho e Vasconcelos, fidalgo cavaleiro da Casa Real (3.12.1674), cavaleiro da ordem de Cristo, mestre-campo dos auxiliares de Viseu (1706), morgado de Sernancelhe, que em 1732 reformou a capela do Santíssimo no santuário da Lapa onde jaz sepultado e de quem descende a linha chefe da Família Soveral da qual descendem os Condes da Lapa.²⁰¹

| 221

2.3.1.3.1.2. **Catarina de Vasconcelos**. Casou com **João de Brito de Andrade**²⁰². *Foi seu filho conhecido:*

2.3.1.3.1.2.1. **João de Brito de Vasconcelos**. Licenciado, viveu casado e *com descendência* em Pinhel, e depois de viúvo foi abade de Leomil²⁰³. A 26.5.1659, sendo protonotário em Pinhel recebe comissão da inquisição de Coimbra para interrogar uma

¹⁹⁸ PT/TT/CHR/D. João IV, Ofícios e Mercês, L.7 fls.229-230 e L.13 fls.70-72.

¹⁹⁹ PT/TT/CHR/ D. João IV, Ofícios e Mercês, L.7 fls.229-230 e L.13 fls.70-72.

²⁰⁰ Manuscritos Genealógicos do bispo da guarda, colecção particular, árvore de costados (informação de Manuel Abranches de Soveral).

²⁰¹ VARELLA, Luís Soveral (2013), Os Soveral da Beira. Do primeiro casamento de Rodrigo Homem Ribeiro de Vasconcelos com Maria de Sampaio, filha de Diogo de Sampaio, comendador da ordem de Cristo, e mulher Ana da Costa, descendem muitas Famílias da Beira, como os descendentes de António José de Albuquerque do Amaral Cardoso, nascido a 10.7.1785 na Casa do Arco em Viseu, bacharel formado em matemática, moço-fidalgo com exercício e fidalgo-cavaleiro da Casa Real, cavaleiro da ordem de Cristo, coronel de milícias de Viseu, senhor da Casa do Arco, 14.º senhor da Casa dos Coutos, tenente-coronel de milícias de Tondela, etc., e mulher Emília Josefa de Bourbon Almeida e Silva da Fonseca (ou do Amaral Cardoso), nomeadamente o Prof. Doutor António de Sousa Lara, Conde de Guedes, nascido a 12.4.1952 em Lisboa, São Sebastião da Pedreira; e o dr. Salvador Pizarro de Fezas Vital que com Maria de Fátima Arêde Soveral Rodrigues Varella, irmã do autor destas notas, são pais de Domingos Soveral Varella Fezas Vital, nascido a 19.3.2003 em Lisboa.

²⁰² AM, Op.cit, título de Britos de Andrade.

²⁰³ AM, Op.cit, título de Britos de Andrade.



testemunha no processo contra Nuno Fernandes Carvalho, morador na Guarda e casado com Antónia Nunes²⁰⁴.

2.3.2. ? **D. Mariana de Heredia**. Viveu em Pinhel e dada a sua localização e a cronologia era sem dúvida filha de Cristóvão de Arede, do primeiro ou do segundo casamento. Casou, ao que parece, com **Miguel da Silva** ou com **Francisco de Brito de Andrade**, por quem, conforme o traslado datado de 22.6.1591 vem a ter a uma tença de 11.350 réis a pagar a partir de Janeiro desse mesmo ano para si e para seus filhos e filhas, que o dito Francisco de Brito de Andrade recebera por testamento de Miguel da Silva, parte dos 23.500 réis do padrão que aí são referidos e destinados. Apesar do relato explicativo do padrão que lhe é destinado, não são referidos os parentescos entre ela, Francisco e o testador²⁰⁵. *Com descendência*.

2.4. (b) **Margarida de Heredia**, nasceu cerca de 1525. Casou com **Reinaldo de Azevedo**, senhor da casa de Brea, filho Gaspar de Azevedo e mulher Catarina da Costa²⁰⁶.

2.4.1. **Diogo Lopes de Azevedo**. Fez uma justificação de sua nobreza em que juraram as pessoas da primeira nobreza, sobre seus pais e avós, e que Gaspar de Azevedo seu avô era irmão de Manuel de Azevedo que também justificou a sua nobreza a 15.2.1538²⁰⁷.

2.4.2. **Tomé de Azevedo**. Casou em Lisboa com **Helena Tomé de Sousa**. *Com descendência*.²⁰⁸

2.4.3. **Inês de Azevedo**. Casou com **Trocato Machado de Miranda**²⁰⁹ *Foi seu filho conhecido*:

2.4.3.1. **Trocato Machado de Miranda**. Viveu em Guimarães, São Paio. Casou com **Isabel da Costa**. *Com descendência*, de entre os quais um filho de nome António aí baptizado a 6.1.1627.

2.5. (b) **Isabel de Heredia**²¹⁰, nasceu cerca de 1528. Casou com seu primo **João Pais de Faria**, senhor da quinta de Santo António e seu reguengo junto a Barcelos, cavaleiro da ordem de Cristo, de quem foi a primeira mulher, filho de Pedro Anes Pais e mulher Catarina de Faria; neto paterno de João Pais, o velho,

²⁰⁴ PT/TT/TSO-IC, 147.

²⁰⁵ PT/TT/CHR/Filipe II, Doações, Ofícios e Mercês, L. 1 fl. 14.

²⁰⁶ FG, Op.cit, título de Heredias, § 1 e título de Azevedos § 45. AL, RM e AM chamam-lhe Maria, mas este último autor em nota corrige o nome para Margarida.

²⁰⁷ FG, Op.cit, título de Azevedos § 45. Neste parágrafo este Diogo Lopes de Azevedo surge duas vezes na relação dos filhos de Margarida de Heredia e de seu marido Reinaldo de Azevedo, em 1.º lugar e em 4.º lugar dizendo em ambos que fez um justificação, pelo que é claro que se trata da mesma pessoa.

²⁰⁸ FG, Op.cit, título de Azevedos § 45.

²⁰⁹ FG, Op.cit, título de Azevedos § 45 e título de Machados § 17.

²¹⁰ SAMPAIO, Jorge Faria Machado Vieira de (1938), Subsídios para a Genealogia dos Farias Machados das Casas da Bagoeira e das Hortas; e todos os genealogistas consultados.



senhor da Casa de Santo António de Vessadas, e mulher Teresa Anes de Vilasboas; e neto materno de Brás de Faria, senhor da casa da quinta do Pedregal, em Fornelos, Barcelos e mulher Catarina Afonso Coelho. João Pais de Faria depois de viúvo casou segunda vez com Milícia Gomes Pinheiro. *Foram seus filhos conhecidos:*

2.5.1. **Ana de Faria**, referida em documento nas notas do tabelião Vilasboas em 1655²¹¹. Casou com o licenciado **Gaspar Vaz de Lemos**, bacharel formado em cânones pela universidade de Coimbra, vereador em Barcelos servindo de juiz em 1612 como vereador mais velho, senhor da quinta de Sanguinhal, em Alvelos, Barcelos, filho de Clemente de Lemos e mulher Isabel Coelho. Foram moradores na quinta do Lameiro na freguesia de Alvelos, Barcelos. *Com descendência.*²¹²

2.5.2. **Diogo Pais**, licenciado, desembargador em Braga, provisor e abade de Alvelos²¹³, e abade de Touguinhó, Vila do Conde.

2.5.3. **Jorge de Faria**, nasceu cerca de 1562 e foi senhor do prazo da Várzea onde consta a sua filiação. Foi vereador em Barcelos em 1594²¹⁴. *Morreu sem descendência.*

2.5.4. **Ângela de Faria**²¹⁵.

2.5.5. **Catarina de Faria**, nasceu cerca de 1565 e morreu viúva a 6.9.1645, em Barcelinhos, em casa de seu genro João Machado sendo sepultada na igreja matriz da colegiada de Barcelos. Sucedeu nos bens e Casa de Santo António de Vessadas, em Barcelinhos. Casou com **Gaspar de Araújo**, filho de Pedro de Araújo o Podre e mulher Isabel Soares de Miranda. *Com descendência.*²¹⁶

2.6. (c) **Catarina de Heredia**²¹⁷, nasceu cerca de 1539. Casou com **Simão de Matos**, que juntamente com sua mulher instituíram capela a 2.10.1582 nas notas do tabelião Brito²¹⁸.

2.7. (c) **Baltazar de Arede**, nasceu por volta de 1540/44 e em Barcelos como se constata da sua matrícula na universidade de Coimbra *instituta* a 18.10.1564 obtendo o bacharelato e grau a 22.6.1571²¹⁹. É unanimemente referido pelos genealogistas consultados como **Baltazar de Heredia**, que acrescentam que foi

²¹¹ FG, Op.cit, título de Heredias, § 1 e título de Farias § 23. Esta senhora surge duas vezes no título de Farias na relação dos filhos de Isabel de Heredia e de João Pais de Faria, em 1.º e em 4.º lugar, é claro tratar-se da mesma pessoa.

²¹² FG, Op.cit, título de Heredias, § 1, e título de Farias § 23; e AM, Op.cit, título de pais de Faria § único.

²¹³ FG, Op.cit, título de Farias § 23. AM, Op.cit., título de pais de Faria, § único.

²¹⁴ FG, Op.cit, título de Farias § 23. AM, Op.cit., título de Pais de Faria, § único.

²¹⁵ FG, Op.cit, título de Farias § 23. AM não a refere.

²¹⁶ FG, Op.cit, título de Farias § 36, refere que este casamento e filiação de Gaspar de Araújo constam de uma nota de 9.7.1614.

²¹⁷ FG, Op.cit, título de Heredias, § 1. Não referida por AM nem por AL.

²¹⁸ FG, Op.cit, título de Farias, §29.

²¹⁹ PT/AGUC/Matrículas, Baltazar de Arede.

letrado²²⁰. Casou duas vezes: a primeira cerca de 1585 com **Isabel de Almeida** (a)²²¹, filha de João de Benevides de Mendanha e mulher Guiomar Barbosa²²²; neta paterna de Gregório de Benevides de Mendanha²²³, fidalgo da Casa Real, que esteve na tomada de Azamor com o duque D. Jaime, e mulher Filipa Mendes da Costa²²⁴; casou segunda vez com N. ... (b), também com descendência²²⁵. *Foram seus filhos conhecidos:*

²²⁰ FG, Op.cit, título de Heredia, § 1. FG, Op.cit., regista entre parêntesis que esteve na tomada de Azamor o que não é cronologicamente possível, estando claramente a confundi-lo com seu Pai. Também em título de Villasboas, § 41 o dá como filho do primeiro casamento de seu pai o que não é cronologicamente possível. É próprio linhagista que o corrige no título de Mendanhas, § 11, em nota: *Consta ser Baltasar de Heredia, filho de Diogo de Heredia e sua 2ª m.er Fran.ca Machado pello titº da dª Fran.ca Machado feito na era de 1585 q anda junto com a causa q trouxe com Luiz Alberto, D. Anna de Gonvea escrivão Villas Boas e nelle declara os netos todos.*

²²¹ Irmã, de entre outros, de Isabel de Benevides casada com Fernando de Faria, cavaleiro fidalgo morador em Barcelos em 1533.

²²² Filha de Pedro Afonso Barroso e mulher Isabel Barbo, moradores em Viana do Castelo (FG, Op.cit, título de Mendanhas, § 4).

²²³ Que as genealogias referem ter vindo para Portugal com seu pai, com Afonso de Arede, *referido no 1*, e com André Ramires (pai de Belchior Ramires procurador das cortes por Barcelos em 1562). Este Gregório de Benavides de Mendanha era filho de Pedro Paredinas de Mendanha, alcaide-mor de Cubillas (Cubillas de Cerrato, no termo de Valencia, Valladolid) e depois alcaide-mor de Barcelos (em substituição de seu primo em 2.º grau o famoso alcaide-mor de Castronuño, Pedro de Abendaño, *(acima referido e amplamente referido em O Sangue dos Arêde)* e mulher Brígida de Benevides; e neto materno do referido Pedro de Abendaño (de Mendanha) e mulher Inês de Benavides, filha de Fernão Diego de Benavides, da Casa dos condes de Santisteban del Puerto e parente próximo do conde don Juan. Dele e mulher Inês de Benevides, foi ainda filha, de entre outros, Isabel de Mendanha casada sem descendência com D. João de Meneses, capitão de Azamor, *referido no 1, no 1.2, no 2 e em nota de fim de página a 2*, de quem foi *criado* Diogo de Arede por ele armado cavaleiro, filho de Afonso de Arede e *referido no 2*. Uma teia algo complexa de parentescos que se justificam e parecem documentar o facto de se tratar de uma Família recente em Portugal que para aqui passou com muitos dos seus membros e faz perceber a relação próxima de parentescos entre o alcaide-mor de Castronuño e Afonso de Arêde, como ficou registado em *O Sangue dos Arêde*.

²²⁴ Irmã, de entre outros, de Francisco da Costa Chaves, cavaleiro-fidalgo que instituiu uma capela por testamento a 27.2.1549, e de António da Costa Chaves, escudeiro-fidalgo que vivia em 1554, 4.º morgado de São Francisco, e ambos filhos de Pedro da Costa Chaves, escudeiro-fidalgo (irmão de entre outros de Diogo da Costa, escudeiro-fidalgo da Casa Real, que era juiz ordinário de Barcelos a 20.12.1504 e que sucedendo sem descendência no vínculo instituído por sua tia Inês da Costa, lhe anexou seus bens por escritura de 16.8.1518), e mulher Cecília Mendes (ou Inês Mendes), irmã do contador Rui Mendes de Vasconcelos; neta paterna de Aires Gonçalves da Costa, que era almoxarife de Barcelos em 1510 (irmão de entre outros de Inês Anes da Costa, instituidora do vínculo dos Costas de Barcelos na capela de São Francisco, em 1508 ou 1509; e de Fernão Anes da Costa, secretário do duque de Bragança D. Fernando, sepultado com as armas partidas de Chaves e Costa na referida capela de São Francisco, e todos filhos de Filipe Fernandes e mulher Inês Gonçalves, senhores da quinta de Santa Cristina de Cornes, ou quinta da Costa, no concelho da Maia), e mulher Filipa Fernandes; e neta materna de Lourenço Mendes de Vasconcelos, senhor da quinta de Ruivães e da honra de Numães, dos padroados das igreja de Ruivães e de São Simão, e dos coutos de Vimieiro e Lagiosa, de sua mulher Leonor Pereira (FG, Op.cit, título de Costas, § 167 e Vasconcelos, § 67, onde a sua ascendência me parece errada por questões cronológicas quer na linha dos Vasconcelos como na dos Pereira).



2.7.1. (a) **João de Arede**, nasceu cerca de 1585, identificado como João de Heredia, sem mais notícia²²⁶.

2.7.2. (a) **Guiomar de Almeida**, nasceu cerca de 1590. Casou com escritura de dote de 1618 com Sebastião Ribeiro Pinto (ou Cirne), filho de **Francisco Ribeiro Cirne** e mulher Leonor Pinto de Sá. *Com descendência*²²⁷.

2.7.3. (a) **Francisca Machado**²²⁸, nasceu cerca de 1590 e teve o mesmo nome de sua avó paterna. Casou com escrituras de dote de 1616 registada a 25.10.1619, na Nota de Villas Boas²²⁹, com **André Cavalo [da Silveira]**, escrivão da câmara de Barcelos que já o era a 26.[9].1550 quando surge na carta de perdão de Cristóvão de Arede *referido no 2.3* e obtém do Rei D. João III alvará para ajudante em seu ofício²³⁰, filho de Manuel Cavalo da Silveira e mulher Paula Correia Pinheiro. *Fora, seus filhos conhecidos*:

2.7.3.1. **André Cavalo da Silveira**, viveu em Barcelos na rua do Tanque, foi senhor da capela de Nossa Senhora da Luz, na Colegiada de Barcelos, e morreu a 4.2.1657 na mesma rua com testamento datado de a 9.4.1655 lavrado nas notas de Clemente de Faria. Casou duas vezes: a primeira com **Isabel Barbosa** (a), de quem *não teve descendência*; casou segunda vez em 1640 em Barcelos com **Filipa Mendes** (b) (e não Beatriz como diz FG), que foi dotada para casar por escritura de 3.3.1640 *nas notas de Priscos* por sua madrastra Joana Borges, e filha de António da Costa Homem, cavaleiro fidalgo por alvará de 29.1.1582 e mulher Ana da Costa Benevides Mendanha. *Com descendência na Família Bessa Sousa e Meneses, senhores do morgadio de Midos em São Tiago do Couto*²³¹.

2.7.3.2. (a) **Filipa Mendes**²³².

2.8. (c) **Pedro de Heredia**, nasceu cerca de 1546. FG afirma que à época existia uma pedra da sua sepultura no adro da igreja de Barcelinhos na grade da parte Sul. Infelizmente a antiga igreja de Barcelinhos já não existe, tendo sido demolida, e com ela a referida pedra que se existiu de facto, parece ter desaparecido²³³.

²²⁵ FG, Op.cit. e AM, Op.cit. e RM, Op.cit.

²²⁶ FG, Op.cit., título de Mendanhas, § 11 como João de Heredia.

²²⁷ FG, Op.cit, título de Heredias § 1 e título de Mendanhas § 8.

²²⁸ FG, Op.cit., título de Heredias, § 1. Não referida nem por AM nem por AL.

²²⁹ FG, Op.cit, *op.cit.*, título de Mendanhas, § 11.

²³⁰ PT/TT/CHR/D. João III, Ofícios e Mercês, L.50 fl.170v.

²³¹ Informação do padre António Júlio Trigueiros, a quem deixo expressos os meus agradecimentos.

²³² FG, Op.cit, título de Mendanhas, § 11.

²³³ Contactado o museu de Olaria de Barcelos, departamento de arqueologia, através do seu director o dr. Cláudio Brochado (2005), foi possível constatar que esta pedra não faz parte da colecção do museu e parece não haver qualquer registo da mesma. Seria interessante encontrá-la pois aí se veria se poderia verificar com exactidão a data da sua morte, e eventualmente se teria as armas da sua Família.



2.9. ? (c) **João de Heredia** ou **João de Arede**, nasceu por volta de 1550 e foi viver para o Brasil, para Paraíba, onde estava a 18.1.1608 quando recebe a carta de proprietário do ofício de tabelião do público, judicial e notas desta capitania em respeito pelos serviços feitos no Brasil²³⁴, e nessa qualidade é pelo menos uma vez referido como João de Arede quando firma um contrato entre André de Albuquerque e sua mulher D. Isabel, representada por José Leitão de Vasconcelos, Leonardo Barreto da Silva e Francisco Lopes da Rosa²³⁵. Renuncia a este ofício a 12.1.1618 por se sentir muito velho e enfermo²³⁶ a favor de seu genro Baltazar de Faria²³⁷. *Foi sua filha conhecida:*

2.9.1. [senhora] **de Arede**. Casou com **Baltazar de Faria**, tabelião do público, judicial e notas da capitania de Paraíba, Brasil, por desistência de seu sogro a 12.1.1618.

ARÊDE

Poderão ainda ter sido filhos do biografado no 1, e cujas biografias e descendências serão tratadas em título diferente:

2.10. ? **Rodrigo de Arede**, progenitor dos Arêde do ramo Alentejano de Moura, e filho proposto do casal acima biografado, que a sê-lo terá sido o mais velho e nascido por volta de 1478. Foi escudeiro e viveu casado em Moura, no Alentejo, com **Joana da Costa**. *Com descendência nos Arêde de Moura.*

2.11. ? **João Dias de Arede**, progenitor dos Arêde do ramo Alentejano de Montemor-O-Novo, filho proposto do casal biografado no 1, que a sê-lo, terá sido um dos mais novos e nascido por volta de 1505. Viveu casado em Montemor-o-Novo, para onde poderá ter ido já casado e com filhos²³⁸, e onde se documenta como João Dias Arede (composição de apelido usado também por proposta irmã sua irmã Isabel a quem as genealogia chamam Isabel Dias de Heredia), com **Beatriz Martins** (b), nascida cerca de 1510. *Com descendência nos Arêde de Montemor-o-Novo.*

(Continua)

²³⁴ PT/TT/CHR/Filipe II, Doações, Ofícios e Mercês, L.26 fl.118v.

²³⁵ Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, *Revista*, 1948.

²³⁶ PT/TT/CHR/Filipe II, Doações, Ofícios e Mercês, L.36 fl.247v. A título de curiosidade, na chancelaria de D. Afonso V estão registados entre os anos de 1469 e 1481, mais de 1040 concessões de aposentação pelos requerentes terem atingido a idade de 70 anos ou mesmo sem a terem atingido, estando neste caso devidamente registado esse facto

²³⁷ PT/TT/CHR/D. Filipe II, Doações, Ofícios e Mercês, L.26 fl.118v., e L.36 fl.267v., respectivamente.

²³⁸ Embora não existam registos de casamento anteriores a 1560 nas freguesias urbanas de Montemor-o-Novo, nomeadamente na de Nossa Senhora do Bispo ou Matriz, existem os assentos de baptismo desta época, e os assentos dos seus filhos mais velhos não constam dos paroquiais desta cidade.



HERÁLDICA

AS ARMAS DOS
FUNDADORES NO
LIVRO-TOMBO
DO RECOLHIMENTO
DE SÃO JOÃO BAPTISTA
DE TAVIRA

| 227

por Marco Sousa Santos

AS ARMAS DOS FUNDADORES NO LIVRO-TOMBO DO RECOLHIMENTO DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE TAVIRA¹

por Marco Sousa Santos²

No Arquivo Distrital de Faro guarda-se atualmente um volumoso tomo, encadernado em couro, com a designação de *Livro-Tombo do Recolhimento de São João Baptista de Tavira*. Na folha de rosto deste códice manuscrito, datável do século XVIII, foi representado um elemento de natureza heráldica constituído por dois escudos de armas, desenho a sépia com cerca de 20x30cm (aproximadamente as dimensões de uma folha A4) e que preenche a quase totalidade do espaço disponível.³ Perante a inexistência de qualquer legenda explicativa ou informação adicional, torna-se necessário recorrer à história do recolhimento tavirense para identificar os titulares dessas armas, analisá-las e estudá-las do ponto de vista heráldico. É esse exercício historiográfico que constitui o objeto do presente texto.

O recolhimento de São João Baptista de Tavira, Casa feminina subordinada ao Ramo dos Carmelitas Calçados (que existiu na denominada Rua da Corredoura), foi fundado em 1747 por iniciativa da fidalga algarvia Dona Francisca Josefa de Melo Ribadeneira e sob a proteção do arcebispo-bispo D. Frei Inácio de Santa Teresa, que legitimou a sua existência e ainda redigiu os seus primeiros *Estatutos* (1748). Como recolhimento, a Casa em questão destinava-se apenas a acolher temporariamente mulheres em situação de fragilidade, especialmente aquelas cujos núcleos familiares se encontravam privados de uma figura paterna (jovens órfãs e viúvas). Após a morte do prelado cofundador o projeto chega a perigar mas, em 1760, o sucessor de D. Frei Inácio, D. Frei Lourenço de Santa Maria, confere-lhe um novo fôlego ao mandar redigir as suas *Constituições*. Tal como as demais Casas religiosas existentes em Portugal, o recolhimento de Tavira foi extinto em 1834, ainda que só desativado em 1878 (após a morte da última recolhida). Depois de integrado nos Bens Nacionais, o complexo edificado foi desmembrado e vendido a particulares, incluindo a igreja, acabando por ser demolido na 2ª metade do século XX.⁴

Sendo o objetivo identificar e estudar a representação heráldica existente na supradita folha de rosto do Livro-Tombo do recolhimento tavirense, importará, antes de mais,

¹ O presente texto tem por base a comunicação “Duas representações heráldicas setecentistas inéditas”, apresentada pelo autor na Sociedade de Geografia de Lisboa no dia 18 de Junho de 2015.

² Mestre em História da Arte, membro CEAACP/UC (Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património) e do CEPAC (Centro de Estudos em Património, Paisagem e construção da Universidade do Algarve).

³ Cf. ADF (Arquivo Distrital de Faro), *Recolhimento de São João Baptista de Tavira*, Fundo da Direção de Finanças do Distrito de Faro, cota DFDFAR/489 [549].

⁴ Cf. SANTOS, Marco Sousa – *A preservação da honra feminina no Algarve na Época Moderna: o Recolhimento de São João Baptista de Tavira* (NO PRELO).

levar a cabo uma breve descrição da peça em questão. Em termos formais, o desenho em causa é constituído por dois escudos de formato fantasia, colocados lado a lado e com dimensões similares, um com atributos eclesiásticos e o outro com características seculares, ambos inseridos no interior de uma só moldura constituída por concheados assimétricos do tipo rocalhas (do francês *rocaille*).



Fig. 1. Folha de rosto do Livro-Tombo do Recolhimento de São João Baptista de Tavira.

Em relação à cronologia de execução desta peça, e atendendo à data de fundação do recolhimento e à cronologia dos mais antigos documentos inscritos no Livro-Tombo, parece admissível que a mesma possa ter sido executada no final da década de 40 do século XVIII (c.1748), desconhecendo-se a identidade do artista responsável. De notar que, a tratar-se de uma representação datável dos anos 40 da centúria de Setecentos, esta poderia ser a mais antiga manifestação do formulário artístico Rococó produzida no Algarve, sendo que até à data essa era uma honra que se atribuía à talha do arco da capela de São Vicente Ferrer, obra executado em 1751 e localizada na igreja da Ordem Terceira do Carmo de Faro⁵.

De sublinhar que, ao que tudo indica, este desenho não se destinava a ser colorido, ou seja, não estava previsto que as armas em causa recebessem os respetivos esmaltes e metais, como se conclui da utilização nestas peças do sistema de representação gráfica destinado aos desenhos não-coloridos. De facto, pelo menos num dos escudos, as tintas heráldicas foram substituídas por riscados convencionais, neste caso constituídos por linhas verticais e horizontais, seguindo o modelo alegadamente

⁵ LAMEIRA, Francisco – *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2000, p.261.



desenvolvido no século XVII por Silvestre Pietra Santa (1590-1647) para representar as cores em peças heráldicas não-coloridas.

Tendo em conta os dados relativos à fundação do recolhimento, as funções de Livro-Tombo do códice cuja folha de rosto se pretende estudar, e sobretudo o facto de um dos escudos que constituem a representação heráldica em causa apresentar atributos eclesiásticos e o outro os atributos civis, tudo indica que os titulares das armas em questão serão os responsáveis pela instituição da Casa, ou seja, o arcebispo-bispo D. Frei Inácio de Santa Teresa e Dona Francisca Josefa de Melo Ribadeneira. Mas vejamos se a hipótese é confirmada pelos dados biográficos dessas duas figuras, nomeadamente a sua ascendência direta, e por outras eventuais representações heráldicas a elas associáveis.

OS FUNDADORES E AS SUAS ARMAS

D. Frei Inácio de Santa Teresa (1682-1751)

Nasceu na freguesia da Sé do Porto, no dia 22 de Novembro de 1682 e era filho de Domingos Fernandes (de Sousa) e de Maria Madalena Torroa, moradores na rua das Congostas⁶. Após concluir os primeiros estudos, com os Jesuítas, ingressou na Ordem de Santo Agostinho (1698), doutorou-se em Teologia pela Universidade de Coimbra (1711), lecionou Filosofia e Teologia e foi nomeado arcebispo de Goa em 1720. Em Goa, integraria, por duas vezes, o Conselho governativo da Índia portuguesa (1723 e 1725). Em 1740 é nomeado para o bispado do Algarve, chegando à região em 1741.⁷ Faleceu em Faro, a 15 de Abril de 1751, e foi, por sua vontade, sepultado no convento dos Padres Carmelitas de Tavira⁸.

Em relação aos ascendentes de D. Frei Inácio, a documentação atualmente conhecida não permite recuar para além dos seus pais. De facto, o registo de batismo do futuro prelado não contém informações relativas aos avós, não foi possível localizar o registo de casamento de Domingos Fernandes (de Sousa) e Maria Madalena Torroa e também não se conhece nenhum outro documento que permita conhecer a identidade dos seus avoengos. Na verdade, os únicos dados relativos aos antepassados dos pais de D. Frei Inácio que se conhecem serão os facultados pelos biógrafos do arcebispo-bispo. No que diz respeito ao progenitor, Domingos Fernandes de Sousa, as fontes bibliográficas informam que era “cidadão nobre, e descendente legítimo da nobre Casa de Freixo de Numão”⁹. Já em relação aos ascendentes maternos de D. Frei Inácio, há importantes discrepâncias entre os dados fornecidos pelas fontes documentais e os facultados pelas

⁶ Cf. ADP (Arquivo Distrital do Porto), *Livro de registo de batismos da freguesia da Sé – Porto (1673-1688)*, fólio 152.

⁷ Cf. LOPES, João Batista da Silva – *Memórias para história eclesiástica do bispado do Algarve*, Lisboa, 1841, pp. 417 a 425.

⁸ Cf. ADF, *Livro de registos de óbito da freguesia da Sé – Faro (1741-1757)*, fólio 178.

⁹ MACHADO, Diogo Barbosa – *Biblioteca Lusitana*, volume II, Lisboa, 1747, p. 549.

fontes impressas. De facto, todas as fontes bibliográficas identificam a mãe de D. Frei Inácio como Dona Maria Madalena Jácome de Torres, aparentando-a com o mestre-de-campo Inácio de Torres Araújo, referido pelas mesmas fontes como tio de D. Frei Inácio¹⁰. Porém, as fontes documentais, especialmente o registo de batismo do futuro prelado e dos seus irmãos revelam uma realidade diferente, já que invariavelmente identificam a mãe do arcebispo como Maria Madalena Torroa¹¹. Curiosamente, o uso do apelido Torroa, corruptela de Torrão, parece coincidir com os dados fornecidos por um dos biógrafos de D. Frei Inácio de Santa Teresa, que o identifica como neto materno de um tal António Lopes Torrão e, por essa via, bisneto do capitão-de-mar-e-guerra António Lopes Torrão¹².

Face à escassez de informações genealógicas proporcionadas pelos biógrafos de D. Frei Inácio, será que é possível identificar os ascendentes remotos do arcebispo-bispo através do estudo de outras figuras históricas com ele comprovadamente relacionadas? D. Frei Inácio de Santa Teresa teve dois irmãos que alcançaram alguma notoriedade, Frei Manuel de Santa Teresa e Sousa e Amador António de Sousa Bermudes e Torres. Porém, a verdade é que, tal como acontece com o arcebispo-bispo, também no caso destes indivíduos não se conhece mais do que o nome dos seus progenitores. De Frei Manuel de Santa Teresa e Sousa (chamado no século Manuel António de Sousa Torres), apenas se sabe que nasceu a 6 de Janeiro de 1686, no Porto, e que foi religioso franciscano e poeta¹³. De Amador António de Sousa Bermudes e Torres, por outro lado, sabe-se que nasceu a 26 de Outubro de 1703, no Porto, que foi desembargador da Relação dessa cidade e da Casa da Suplicação, Senhor da Honra de Paderne (Loulé), fidalgo cavaleiro por alvará de 1751, e que foi casado com Dona Ana Alberta Moniz Coelho¹⁴. O alvará de foro de cavaleiro fidalgo do desembargador Amador António tampouco contém dados adicionais acerca da respetiva ascendência, identificando-o somente como filho de Domingos Fernandes de Sousa e irmão do arcebispo-bispo do Algarve. De resto, no texto deste alvará pode inclusive ler-se que a mercê em causa era concedida pelos serviços prestados pelo beneficiário mas também pelos serviços que o seu irmão tinha prestado no Estado da Índia e depois no Algarve,

¹⁰ Idem, *Ibidem*, *Biblioteca Lusitana*, volume III, 1752, p.393; ROSA, José António Pinheiro e – *A Diocese do Algarve e a Universidade de Coimbra*, Separata da Revista da Universidade de Coimbra, volume XXXVII, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1992, p. 82.

Note-se, Inácio de Torres (Araújo) foi realmente padrinho de batismo de D. Frei Inácio de Santa Teresa, juntamente com sua mãe, Maria de Torres, sendo ambos moradores na Rua Nova, mas em momento algum se refere algum parentesco com o batizado (Cf. ADP, *Livro de registo de batismos da freguesia da Sé – Porto (1673-1688)*, fólio 152).

¹¹ ADP, *Livro de registo de batismos da freguesia da Sé – Porto (1673-1688)*, fólio 202v; *Livro de registo de batismos da freguesia da Sé – Porto (1702-1710)*, fólio 54v.

¹² MACHADO, Diogo Barbosa – *Biblioteca Lusitana*, volume II, Lisboa, 1747, p. 549.

¹³ Cf. Diogo Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, volume III, 1752, p.393.

¹⁴ Cf. Joaquim José Cactano Pereira e SOUSA, *Esboço de um dicionário jurídico, teórico e prático*, volume I (A-E), Lisboa, 1825, p. s/nº; S/autor - *Dicionário aristocrático*, Tomo I (A-E), Lisboa, 1840, p.38.



sublinhando-se, não obstante, que isso não deveria servir “de exemplo a outro algum parente do Bispo”.¹⁵ Não há, portanto, qualquer referência a uma alegada fidalguia de sangue. Em todo o caso, não deixa de ser interessante o facto de ambos os irmãos de D. Frei Inácio terem usado o apelido Torres (de certo modo reforçando a hipótese da existência de um qualquer parentesco com o mestre-de-campo Inácio de Torres de Araújo), no caso do desembargador Amador António inclusive conjugado com um inesperado Bermudes.

Em resumo, o mais provável é que D. Frei Inácio de Santa Teresa fosse proveniente de uma família humilde, mas honrada, cujos membros se notabilizaram, em contexto setecentista, através da carreira eclesiástica e académica, constituindo exemplos do que se poderá designar como a *nobreza de toga*.

E em relação à heráldica utilizada por D. Frei Inácio? Antes de serem identificadas as armas representadas na folha de rosto do Livro-Tombo do recolhimento taviense, já se conheciam duas representações heráldicas associáveis ao arcebispo D. Frei Inácio de Santa Teresa. Dessas, a mais antiga será a que faz parte do retrato do prelado que se encontra na Galeria dos governadores da Índia portuguesa do Palácio patriarcal de Pangim, em Goa, e é constituída por escudo circular com os atributos da sua condição, o galero de 30 borlas (15 de cada lado), que lhe cabia como arcebispo e Primaz das Índias¹⁶. Apesar da pouca nitidez da representação, possivelmente adulterada por repintes posteriores, é possível perceber que, em termos formais, são as mesmas armas existentes no Livro-Tombo do recolhimento de Tavira. A segunda, de cronologia posterior a 1740, é um desenho a tinta de um escudo oval com as armas do prelado envolvidas por cartela constituída por elementos do tipo *ferronerie*, inspirados em gravuras ítalo-flamengas, e com os atributos próprios da sua condição, a mitra, a cruz episcopal e um galero de 18 borlas (ainda que na qualidade de Primaz das Índias lhe coubesse o galero de 30 borlas), que foi incluída numa biografia manuscrita de D. Frei Inácio. Na legenda que completa esta representação pode ler-se: “Armas do excelentíssimo e reverendíssimo D. Inácio de Santa Teresa, Cónego Regular, Arcebispo de Goa, Primaz, Governador, Inquisidor Geral e Legado Apostólico da Índia, Bispo e Governador do Algarve, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima”.¹⁷ Também neste caso se comprova serem as mesmas armas representadas no Livro-Tombo de Tavira. Infelizmente, em nenhum dos exemplares é possível identificar esmaltes e metais, fundamentais para reconstituir as armas representadas.

¹⁵ ANTT, “Alvará de foro de cavaleiro fidalgo de Amador António de Sousa Bermudes”, *Registo Geral de Mercês de D. José I*, liv. 3, f. 363.

¹⁶ Cf. SÁ, Francisco Xavier Valeriano de - *Vice-reis e Governadores da Índia Portuguesa*, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, pág. 223.

¹⁷ (Cf. ANTT, *Vida do excelentíssimo e reverendíssimo Senhor D. Frei Inácio de Santa Teresa*, Manuscritos da Livraria – 577, fólio 3; Ana Maria Mendes Ruas ALVES, “O Reino de Deus e a sua Justiça – Dom Frei Inácio de Santa Teresa (1682-1751)”, dissertação de doutoramento em História da Época Moderna, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012, p.38.

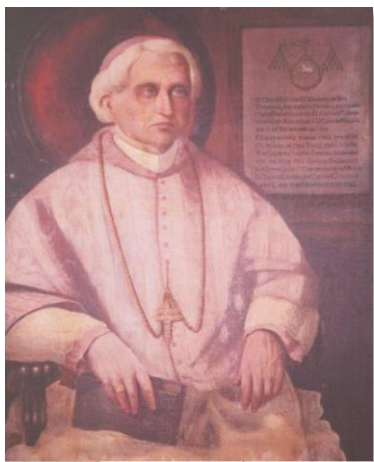


Fig. 2. Retrato de D. Frei Inácio de Santa Teresa (1681-1751).



Fig. 3. Armas de D. Frei Inácio de Santa Teresa (1681-1751).

Mas que armas usou afinal D. Frei Inácio de Santa Teresa? Os eclesiásticos podiam usar armas seculares que lhes coubessem hereditariamente, armas de Fé, ou seja, armas exclusivamente constituídas por símbolos de natureza sagrada e associáveis ao seu percurso (por exemplo às Ordens a que pertenciam), ou então uma conjugação destes dois tipos, ou seja, um escudo em que se conjugam armas de família com armas de Fé. É precisamente este último modelo, que constitui uma tipologia relativamente comum entre o clero do século XVIII, que vai presidir à criação das armas pessoais de D. Frei Inácio.

Conforme representado na folha de rosto do Livro-Tombo do recolhimento, as armas de D. Frei Inácio são constituídas por um escudo partido que apresenta em chefe a representação de um elemento de natureza sagrada imediatamente identificável, o *Agnus Dei* (Cordeiro de Deus), personificação do próprio Cristo. Admitindo que o partido siga as normas da heráldica tradicional, parece admissível que na 1ª metade estejam as armas que cabiam ao titular por via paterna e no 2º as que lhe cabiam por via materna. Desse modo, na 1ª metade teremos as características armas dos Sousas (que são, de vermelho com uma caderna de crescentes de prata). Não surpreende que assim seja, desde logo pelo destaque que os biógrafos do prelado dão ao apelido Sousa do seu progenitor, Domingos Fernandes de Sousa, que é mesmo identificado como “cidadão nobre, e descendente legítimo da nobre Casa de Freixo de Numão”, mas também pelo facto de dois dos seus irmãos (o desembargador Amador de Sousa Bermudes e Frei Manuel de Santa Teresa e Sousa) terem sempre feito uso desse apelido. Contudo, não deixa de ser estranho que sejam as armas dos Sousas medievais, ditos primitivos, e não as armas Modernas dos Sousas de Arronches (esquartelado com as armas antigas do Reino de Portugal no 1º e 4º quartéis e as dos Sousas

primitivos no 2º e 3º quartéis) ou dos Sousas do Prado (esquartelado com as armas antigas do Reino de Portugal no 1º e 4º quartéis e o 2º e 3º quartéis de prata com um leão de púrpura), os dois ramos desta família que, em contexto Moderno, vão assumir armas diferenciadas entre si e distintas das dos antepassados comuns. Em contexto Moderno, é bastante invulgar a utilização das armas plenas dos Sousas primitivos. Nesse sentido, o recurso às armas dos Sousas medievais em contexto setecentista poderá traduzir uma noção de remota ligação a essa família sem que isso se traduza na capacidade de comprovar a qual dos seus ramos Modernos. Para além disso, note-se, e apesar de serem sem dúvida as armas dos Sousas (campo de vermelho), as armas em causa exibem o padrão gráfico usado para representar nos desenhos não-coloridos a cor azul (linhas horizontais), seguramente por erro de um autor pouco familiarizado com o sistema desenvolvido pelo Padre Pietra Santa.

Na 2ª metade do escudo estão representadas armas não identificadas constituídas por um leão que, ao que tudo indica, caberiam ao titular por via materna. Há numerosas famílias cujas armas são constituídas apenas por um leão, fazendo-se a distinção entre as mesmas através das respetivas cores (metais e esmaltes). À partida, o conjunto das hipóteses poderia circunscrever-se a um conjunto mais pequeno pelo facto de o fundo destas armas em particular apresentar o padrão gráfico correspondente à cor vermelha nos desenhos não coloridos (linhas verticais). Admitindo o rigor da representação a esse nível, tratar-se-iam então de armas de vermelho com um leão de cor não identificada. Em todo o caso, tendo em conta o equívoco admissivelmente cometido pelo autor ao representar graficamente a cor vermelha nas atrás referidas armas dos Sousas, nada impede que se tenha igualmente confundido neste caso. Por isso, sem garantias acerca dos esmaltes e metais, e sem conhecer a identidade dos antepassados maternos de D. Frei Inácio, a identificação destas armas torna-se problemática. Seja como for, talvez valha a pena sublinhar que nas armas representadas na já referida biografia manuscrita de D. Frei Inácio, guardada na Torre do Tombo, parece que junto à base da figura do leão são identificáveis traços que poderiam constituir a representação de um terreno inclinado.

À partida, esses traços poderão representar um elemento adicional destas armas (e não um erro do artista responsável pela execução), em cujo caso poderiam tratar-se das armas da família



Fig. 4. Armas de D. Frei Inácio de Santa Teresa na folha de rosto do Livro-Tombo do Recolhimento de São João Baptista de Tavira.

Serrão, que são de prata, com um leão vermelho sobre um monte de verde. Tanto quanto foi possível apurar, não se consegue estabelecer qualquer ligação familiar que justifique a utilização dessas armas por parte de D. Frei Inácio. Seja como for, e como hipótese de trabalho, parece até admissível que o arcebispo-bispo possa ter adotado as armas da família Serrão pela proximidade fonética entre este apelido e o de Torrão que foi usado pela mãe (Maria Madalena Torroa) e pelos seus antepassados maternos.

Por último, no que diz respeito aos atributos eclesiásticos, o escudo apresenta a cruz arquiépiscopal acompanhada por galero de 12 borlas, próprio dos bispos e, portanto, adequada ao titular da diocese do Algarve. A cruz está conforme, mas o número de borlas do galero não necessariamente. Aquando da execução desta peça o prelado era bispo do Algarve, é certo, mas um arcebispo nunca deixava de o ser, mesmo quando era transferido para um bispado. Por isso, após ter assumido o bispado do Algarve D. Frei Inácio de Santa Teresa passaria a usufruir do tratamento de arcebispo-bispo. Assim, é no mínimo discutível se a representação mais correta não seria a do galero de 30 borlas. Em todo o caso, a verdade é que, neste caso específico, a representação do galero arquiépiscopal não seria conciliável com o espaço disponível, razão pela qual se poderá ter optado por representar apenas as 12 borlas que, em rigor, competiam aos bispos.

Dona Francisca Josefa de Melo Ribadeneira (c.1685-1766)

Terá nascido algures na década de 80 do século XVII, provavelmente em Tavira. Era filha de António Correia da Franca, fidalgo da Casa Real natural de Tânger, e de Dona Leonor de Melo Ribadeneira, os quais casam em 1683, em Loulé; pela parte paterna era neta de André Dias da Franca, alcaide-mor e governador interino da praça norteafricana de Tânger, e de Dona Francisca de Freitas, e, por via materna, de Manuel de Ataíde de Sárrea, Senhor dos morgados de Alte e da Tôr (Loulé) e de Dona Isabel de Melo.¹⁸



Fig. 5. Assinatura de Dona Francisca Josefa de Melo Ribadeneira em 1760.

Em Tavira, e com o indispensável auxílio espiritual do arcebispo-bispo D. Frei Inácio de Santa Teresa, Dona Francisca Josefa funda, nas suas casas de morada da Rua da Corredoura, um recolhimento destinado a acolher mulheres em situação de fragilidade

¹⁸ Cf. SANTOS, Marco Sousa – *A preservação da honra feminina no Algarve na Época Moderna: o Recolhimento de São João Baptista de Tavira* (NO PRELO).

(órfãs e viúvas). Faleceu a 3 de Outubro de 1766, em Tavira, e foi sepultada na igreja do recolhimento que fundou.¹⁹

Por via paterna Dona Francisca Josefa descendia de uma família de origem italiana que se tinha instalado em Tavira e aí permanecera até ao final do século XVI, quando passam para Tânger. O avô paterno, André Dias da Franca, alcaide-mor e governador interino de Tânger aquando da Restauração de 1640 (e um dos primeiros a aclamar o Duque de Bragança) e depois governador interino da mesma (1643), ficaria célebre pela sua lealdade ao novo rei, a qual o levou mesmo a prender e a enviar para Lisboa o próprio filho quando este se associou a uma conspiração para entregar Tânger aos castelhanos²⁰. A família paterna de Dona Francisca Josefa ter-se-á instalado na cidade de Tavira logo após o despejo da praça de Tânger, ocorrido em 1661, tal como outras famílias tangerinas. Na cidade algarvia, o pai, António Correia da Franca, desempenha funções como provedor da Santa Casa da Misericórdia, vereador e procurador da Câmara às Cortes.²¹

Antes da identificação destas armas de Dona Francisca Josefa de Melo Ribadeneira no Livro-Tombo do recolhimento de Tavira, não se conhecia qualquer representação de natureza heráldica associável a esta figura. De facto, a única representação das armas do ramo tavirense dos Francas que se conhecia era a que estava na pedra de fecho de uma capela colateral de fábrica gótica localizada na matriz de Santa Maria de Tavira e que se acredita ter sido fundada no século XV por Lançarote da Franca²², um parente remoto de Dona Francisca Josefa. Nessa pedra de fecho podem observar-se, numa versão algo estilizada, as características armas da família Franca, que são: de prata, com quatro palas de verde e uma banda atravessante sobre o todo, de canto a canto, e entrecambada.

Na folha de rosto do Livro-Tombo do recolhimento as armas de Dona Francisca Josefa são representadas como um escudo com as armas plenas de Franca e, em chefe, duas lanças passadas em aspa e uma estrela. Provavelmente este ordenamento, com as armas de família acompanhadas por outros elementos colocados em chefe, terá sido adotado nesta apenas por uma questão de simetria com as armas de D. Frei Inácio de Santa Teresa. Curiosamente, o que se coloca em chefe nas armas de Dona Francisca Josefa são os elementos que constituem o timbre das armas dos Francas, duas lanças passadas em aspa. Porém, e ao contrário do que sucede no timbre das ditas armas dos Francas, sobre estas duas lanças foi representado um elemento adicional, uma estrela de oito pontas. À partida, a estrela podia constituir uma diferença concedida a algum

¹⁹ Idem, *Ibidem*.

²⁰ Cf. MENEZES, D. Fernando de – História de Tânger, Lisboa, 1732, p. 169; LOPES, João Baptista da Silva – *Corografia ou memória económica, estatística e topográfica do Reino do Algarve*, Lisboa, 1841, pp. 407 e 408.

²¹ Idem, *Ibidem*.

²² Cf. PINTO, Óscar Cacião – “Lançarote da Franca, morador em Tavira, e a redescoberta das Canárias”, in *Atas do II Seminário de Estudos Históricos sobre o Algarve*, ADEPTA, Tavira, 2006.

antepassado por via paterna de Dona Francisca Josefa, ainda que as diferenças se representassem normalmente no escudo (para distinguir os descendentes do chefe de linhagem) e não ao nível dos timbres. Não obstante, talvez valha a pena recordar que Dona Francisca Josefa era neta paterna do celebrado André Dias da Franca, alcaide-mor e depois governador da praça norte-africana de Tânger na época da Restauração de 1640, utilizando muitos dos elementos da sua família imediata o apelido composto de Dias da Franca. Assim sendo, parece admissível que a dita estrela possa de algum modo remeter para as armas da família Dias (de azul, com uma estrela de ouro de oito pontas), cujo timbre é precisamente uma estrela de oito pontas, conforme se pode observar na obra manuscrita e iluminada *Tesouro da Nobreza*, de 1678²³. Desse modo, a representação existente no chefe das armas de Dona Francisca Josefa constituiria uma original junção de timbres, evocativa da ligação da titular à família Dias da Franca de Tânger/Tavira.



Fig. 6. Armas de Dona Francisca Josefa de Melo Ribadeneira na folha de rosto do Livro-Tombo do Recolhimento de São João Baptista de Tavira.

No que respeita ao escudo propriamente dito, chama a atenção a sua invulgar forma, pouco canónica e de contornos não definidos. À partida, tratando-se das armas de uma senhora, o mais normal seria a representação no interior de uma lisonja ou de um escudo ovalado (forma normalmente utilizada pelas religiosas). Outro aspeto pouco canónico, e porventura um dos mais interessantes, é o facto de o escudo em causa ser rematado por um elmo emplumado, elemento de natureza bélica geralmente reservado aos homens. Muito provavelmente, algumas destas particularidades poderão justificar-

²³ ANTT, *Tesouro da Nobreza*, 1678, fólios 49 e 64.

se com a vontade de manter a simetria entre estas armas e as do arcebispo-bispo D. Frei Inácio de Santa Teresa.



Fig. 7. Armas da família Franca conforme representadas no Tesouro da Nobreza (1678).



Fig. 8. Armas da família Dias conforme representadas no Tesouro da Nobreza (1678).

Notas finais

Em termos artísticos, e para além de configurar uma peça de incontestável qualidade, possivelmente a mais antiga manifestação do formulário rococó produzida na região algarvia, a representação de natureza heráldica existente na folha de rosto do Livro-Tombo do recolhimento de São João Baptista de Tavira apresenta também algumas originalidades do ponto de vista do ordenamento. A peça reveste-se ainda de interesse por estar historicamente associada à fundação de uma Casa religiosa também ela com características bastante particulares, um recolhimento feminino, mas sobretudo por conjugar numa representação as armas de um eclesiástico com as de uma civil. Por último, será igualmente de frisar o facto de se tratar de uma das poucas representações das armas do arcebispo-bispo D. Frei Inácio de Santa Teresa atualmente conhecidas e a única representação heráldica associável ao ramo dos Francas de Tavira/Tânger até à data identificada. Trata-se, por tudo isso, de uma obra que merece ser divulgada e preservada.



HERÁLDICA

BREVES
CONSIDERAÇÕES À
IMPORTÂNCIA DAS
“PARAHERÁLDICAS”
NO TARDO MEDIEVAL E
RENASCIMENTO

| 239

*por José Manuel Martins
Ferreira Coelho*

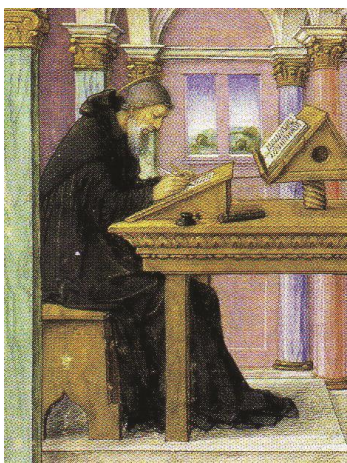
BREVES CONSIDERAÇÕES À IMPORTÂNCIA DAS “PARAHERÁLDICAS” NO TARDO MEDIEVAL E RENASCIMENTO

por José Manuel Martins Ferreira Coelho ¹

Quando me propus abordar o estudo das “*Divisas*” ou “*Tenções*”, como sinais de uma paraheráldica específica de alguma realeza e alta nobreza nos períodos tardo medieval e renascimento, estava consciente que, a sua pesquisa seria longa e não simples, bem como à conjugação de factos, a um sentimento (agora) novo, muito próprio de uma educação a um período da História Europeia, em que o desflorar dos conhecimentos literário-filosóficos estariam a ser incutidos e aplicados como de mais-valias, nas principais “*casas reais*” e “*alta nobreza*”.

Tais procedimentos tentavam suplantar, impor e, igualmente super valorizar, as perícias das forças físicas, dos treinos de combate, fossem eles de infantaria ou equestres, com uma especificidade própria ao amor da leitura, da escrita, do coleccionismo (escritos, manuscritos, mapas, cartas náuticas, testamentos, registos baptismais e matrimoniais, etc.) dos grandes senhores e, alguns dos seus subordinados.

A Igreja era detentora já de elevados princípios e costumes de pensamentos e ciência filosófico-teológico, incutindo nas suas principais escolas formativas, eclesiástico-monásticas a obrigatoriedade da leitura, da recitação, da escrita simples ou composta de iluminuras, nas famosas escolas de “*copistas*” ⁽¹⁾ como no coleccionismo, nas famosas “*librarias*”, além das sessões de meditação e oração.



(1)

“During the VI century, books were mainly produced in monasteries in a room opposite the cloister; the “scriptorium” (writing room). Here the monks set about preparing the

¹ MD; PHD; FACS; HE; KL-J.

parchments, composing the pamphlets, lining the sheets, then copying the written text, as well as applying the miniature decorations. The scribes sat at low tilting benches, and applied their craft under the supervision of a maestro. The role of the monastic scriptorium began however to decline with the appearance of the first professional copyist and universities in the XII century.”

241

Estamos perante um marco de educação formativo de elevado valor, no complemento do “*ego científico*” em sintonia directa com o desenvolvimento dos grandes estabelecimentos de aprendizagem por alguns Estados evoluídos da Europa, com a nomenclatura de *Universidades*.⁽²⁾

- (2) • *One of the most important facts for an understanding of the world of the 15th. Century is unknown and substantially unknowable: the population of the earth. The hypothesis that it amounted to 400 million inhabitants - the Chinese, more or less like today, counted for one in four - is useful only for indicating an order of size (today's number can be reached by multiplying by ten). There was more room in the world for humans, but out of every hundred of those people, only five, ten, or perhaps twenty were not busy working at agriculture*
- *Since the distant years in which the universities of Paris and Bologna had been founded-which came firsts is an unresolved question-at least forty more universities had been built or founded: in England (Oxford and Cambridge), in Italy (Padua, Pisa, Pavia, and Rome, among others), in France, in Spain (including Salamanca), in Portugal (Coimbra), in the German lands (Heidelberg, Vienna, Erfurt), in Poland (Krakow), and in Hungary and Bohemia (Prague). Another thirty-two universities came into existence during the 15th century, a very high number considering both the European population of the period (perhaps 45 million inhabitants at the beginning of the century and around 70 at the end) and the restricted social classes that pursued studies. In Scotland, the two universities of Saint Andrews (1410) and Glasgow (1450) were founded. The only university farther north than these during the century was the Swedish one of Uppsala (it was founded in 1477 but suspended in 1510 as a result of religious disputes; it was reorganized in 1595). One year later Denmark had a university: Copenhagen (1478). Three more came into existence in Italy - Turin (1405), Parma (1412), and Catania (1444), which from its beginnings had a chair in Greek, - and four in Spain - Barcelona (1430), Saragossa (1474), Alcalá de Henares (1499), created by the famous bishop of Toledo Francisco Jiménez de Cisneros, and Valencia (1500). France and Germany had the most cities with universities In France were founded Aix-en-Provence (1409), Poitiers (1422), Dôle (1423), Caen (1437), Bordeaux (1441), Valence (1452), Nantes (1461), Bourges (1465), and Besançon (1485) ; in Germany, Würzburg (1402), Leipzig (1409), Rostock (1419), Fribourg (1455), Greifswald (1456), Basel (1460), which was still a city of the empire, Ingolstadt (1472), Trier (1473), and Tübingen and Mainz (1476). Another celebrated university was founded during the 15th.century in Brabant at Louvain (1426), today in Belgium.*

Pareceu-me apropriado trazer a lume neste ensaio, o referido no “Manual Encyclopédico” de Emílio Achilles Monteverde (1870), a sua posição sobre **História** como:

*“A História, geralmente fallando, é a narração de todos os acontecimentos mais notáveis que tem tido lugar nas diversas partes do globo, segundo a ordem dos tempos. É um quadro que offerece a nossos olhos a perspectiva dos séculos passados: um código em que se achão escriptas as acções dos homens, tanto boas como más. É na História que se pode estudar successivamente a origem das nações, a fundação dos Impérios, o seu progresso ou decadência, as revoluções no Globo, etc. A História compõe-se duma infinidade de sciencias parciaes. A Sciencia dos acontecimentos, das épocas, ou datas, chama-se **Chronologia**, como já se disse; a sciencia que se occupa especialmente das instituições, dos costumes, das leis, do culto, etc. é a **Sciencia das Antiguidades**, de que depende a **Archeologia**, que abrange os objectos materiaes, como a **Architectura**, as **Inscrições**, a **Glyptographia**, a **Numismática**, etc. As fontes da Historia são, ou falladas, ou escriptas, monumentaes, ou tradicionaes. As **fontes escriptas** são os archívos, as relações, os jornaes, os escriptos philosophicos e litterarios e as memorias. As **fontes monumentaes** são os monumentos d’architectura, as medalhas e as inscrições. As **fontes falladas ou tradicionaes** são as tradições populares, as lendas, os hymnos, as festas, os usos as etymologias, etc.”*

Todo este articular descrito (1870) nos parece certo, correcto e adaptado ao nosso pensamento, na elaboração deste pequeno estudo ensaístico, sobre a emblemática falerística das “divisas” ou “tensões”.

Em continuidade ao poder e força da Igreja como baluarte neste ramo de formação e conhecimento, torna-se importante rever a grande influência da “Biblioteca Apostólica Vaticana”. Em 1475, o Papa Sixto IV⁽³⁾ promulga a bula “Ad decorem militantis Ecclesiae”, com que se inicia a dita Biblioteca.



(3) Papa Sixto IV. Lam.XCIV. Bartolomeo Platina. Vidas de los Papas (Vat.lat.2044,fol.2)
Año 1474 – Obra de carácter epigráfica de Bartolomeo San Vito.

Sixto IV em 1475, dado à importância do empreendimento, encarrega e estimula a realização do primeiro catálogo da Biblioteca.

Assim em 1481, surge o catálogo do humanista *Bartolomeo Sacchi*, de cognome “*Platina*”, como o responsável da Instituição, sendo o primeiro bibliotecário do Vaticano. ⁽⁴⁾

| 243



(4)

De notável importância na renovação e divulgação do saber, a invenção de *Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg*, conhecido simplesmente por *Johannes Gutenberg* (Mogúncia, c. 1398 a 3 de Fevereiro de 1468), da prensa móvel cerca de 1439, cujo princípio consistia num processo de produção em massa de documentos com utilização de tinta na base de óleo, num instrumento, uma prensa de madeira resistente, cópia das prensas de parafusos utilizadas nas lides agrícolas. Esta inovação permitia a possibilidade de se efectuar em massa livros impressos, com uma divulgação alargada, revolucionando a disseminação do conhecimento e, enaltecimento paralelo das obras e respectivos autores.

De início estes livros muito difamados e criticados de forma depreciativa pelos “escolásticos” e pelos “copistas” das grandes “bibliotecas”, a ponto do Dominicano Filippo di Strata, no último quartel do século XV, afirmar que: «*A pena é uma Virgem, a imprensa uma Prostituta*» ⁽⁵⁾

(5) **PROVÉRBIOS MEDIEVOS**

«A pena é uma Virgem, a imprensa uma Prostituta» (Dominicano Fillipo di Strata, último quartel século XV)



No século XIV, surgiu nas principais cortes europeias uma nova afirmação emblemática de desígnio muito pessoal, por vezes com conotações hereditárias, também utilizada pela alta nobreza, um certo tipo para-heráldica, que se perpetuou até ao século XVIII e por vezes até um pouco mais tarde, a **“empresa”** também conhecida por **“divisa”**.

Na Introdução ao Estudo da Heráldica, do Marquês de Abrantes considera-se uma empresa como: *“um emblema pessoal, normalmente escolhido pelo próprio utente e que seja a representação de um ideal de vida, moral ou religioso, motivo pelo qual mais razão possuem os que lhe atribuem por designação o termo **Tenção**”*.

Geralmente a empresa, apresenta-se constituída por três elementos no seu global, a designar por: o corpo (figuração de ser, objectos), a alma (sentença composta por uma palavra ou frases) e a erva (exemplar da flora).

Contudo, algumas apenas se apresentavam com dois ou apenas um destes elementos, pois na sua forma original assim se constituíam ou, por ignorância actual ao conhecimento doutros elementos da sua composição.



Consideram os especialistas em heráldica que *“a composição das empresas é inteiramente livre, não sendo sujeita a qualquer regra de estilização, de proporções, de limitação de cores ou de figuras”*.

No Renascimento esta forma de afirmação figurativa, permitia uma nova expressão dos ideais e sentimentos, podendo funcionar como meio de propaganda dos reis e príncipes, aliados a bases de cultura própria e erudição.

A influência britânica foi influente na divulgação das empresas no nosso País, pois o duque de Lancastre, João de Gante, pai de Dona Filipa foi um criador e titular de várias, incentivando as diversas casas reais a este tipo de afirmação.

J. Huizínga refere-se que “o espírito medieval tardio deleitava-se e deslumbrava-se com este processo de livre associação de ideias, de que as empresas são um dos mais notáveis expoentes”.

Não se torna por vezes fácil o entendimento do verdadeiro significado das divisas, requerendo aturada reflexão e séria análise dos dados completos das mesmas, integrando-os com a vivência e educação cultural do titular, não esquecendo o carácter psicológico da personalidade do mesmo.

“Devem-se por isso evitar as interpretações apressadas ou «cabalísticas», e considerar com o maior cuidado as explicações «tradicionais»”.

Grande parte dos registos das empresas encontram-se gravados, quer em altos ou baixos-relevos, nos túmulos, em mais do que uma das faces do sepulcro, nos mausoléus, nas criptas das capelas funerárias, como por vezes em incrustações nas paredes das igrejas, conventos ou mosteiros, como em casas senhoriais ou palácios.

Esta última questão, conduz-nos a um particular sentimento, sobre a *“morte”* nestes períodos da nossa era.

A arte de “Bem Morrer”. Tumulária Medieval Portuguesa.

Na Idade Média a forma de encarar a morte torna-se caracterizada por novos processos de enriquecimento e atribuições mais personalizadas, preservando a memória da vida em comunhão directa à crença, do poder para o além das preces e orações, de uma forma propiciatória a uma memória, que se pretende manter viva e longe do esquecimento.

A morte é encarada de uma maneira mais específica para o grande momento da *“passagem”*, *“morte de si própria”*, para a concepção de *“morte domesticada”*, na atribuição de Philippe Ariès, (...a morte mais antiga era a domada...) Morrer significava a inevitabilidade do destino, tornando-se imprópria a morte repentina, a morte sozinha, a morte indigna, sendo a forma descaracterizada, típica dos condenados.

“A Morte na mentalidade medieval representa mais do que uma mera oposição à vida. Tem em si contido o verdadeiro sentido de ser e estar.”

“A sepultura, enquanto última morada do homem no sentido terrestre, serve de ponte entre o Aqui e o Além.” (M. Monteiro; V. Grilo)

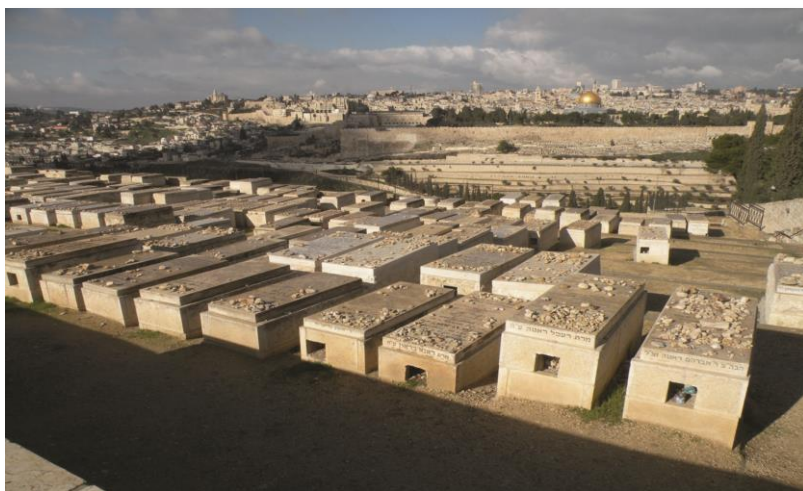
Podemos afirmar com certo rigor que, a caracterização das sepulturas em túmulos com jacente, lajes sepulcrais com jacente gravado ou esculpido, tiveram no nosso País a origem, no segundo quartel do século XIII. Este período e seguintes foram determinantes, nas dezoito sepulturas femininas, que abrangeram os reinados de Dom Afonso III, Dom Diniz e Dom Afonso V. (Rosa Pomar).

Marco Monteiro e Vera Grilo descrevem que: *“O direito canónico proíbe o enterramento dentro da Igreja. Contudo, ao longo do tempo, presenciamos à escolha do templo sagrado como última morada das classes privilegiadas. Será na arte tumulária que encontraremos registada a mentalidade medieva perante a morte. Desde a escultura à epigrafia, tudo tem um sentido, tudo tem um objectivo. Ser tumulado torna-se algo de supremo e digno. Expressar uma boa morte e o cumprimento de todos os seus rituais transforma-se num **‘passaporte para o céu’** e a sua representação no túmulo deixa a marca daquele que em vida foi um bom cristão. Morrer sim, mas bem preparado e com um túmulo que deixe a memória para o resto da vida ...”*

O aparecimento dos túmulos decorados, com verdadeiras obras de arte escultórica e estátuas jacentes, atestam a importância da arte tumulária em pleno século XIV.

Assim, *“com o decorrer do tempo, o sepultamento no seio da instituição eclesiástica perden o carácter excepcional de acolhimento de membros religiosos, possibilitando o sepultamento das altas esferas laicas (reis, nobres, magistrados, burgueses, etc.) no seu interior.”*

No sepultamento à margem da religião cristã as pessoas, eram enterradas em campos e espaços desertos, por vezes nas margens de atalhos e caminhos, *“esperando que cada pessoa que passe, atire a sua pedra”*. Este costume assemelha-se ao adoptado na religião judaica, no campo das caixas tumerárias, no vale de Jerusalém. ⁽⁶⁾



(6)



As grandes covas ou valas comuns destinavam-se aos mendigos, servos de baixas condições, escravos, em que os cadáveres eram depositados directamente na terra, na maioria a descoberto, possibilitando a voragem de predadores e animais necrófagos.

No evoluir do pensamento racional, na difusão da escrita medieval, com a proliferação da cultura associada aos centros letrados, as novas correntes de espiritualidade ligadas aos conventos, mosteiros, igrejas tornam-se influentes nas ordens mendicantes, o acolhimento e apoio dos mendigos na hora da morte. Criam-se os cemitérios, próximos dos estabelecimentos de culto, por vezes aqueles, definiam-se em: “galerias” e “carneiros”. Como: *“galerias se apresentavam compostas por um pequeno pátio rectangular em que um dos lados coincidia com o muro da igreja. Carneiros inseridos nas galerias e compostos por ossários e capelas funerárias”*

| 247

O local de depósito mais comum com acessibilidade a famílias nobres, na sua grande maioria, encontrava-se nos interiores das igrejas e basílicas, em túmulos horizontais subterrâneos, compostos por uma simples laje de pedra rectangular, com epitáfios e registos biográficos, por vezes associando-se a cunhos heráldicos ou paraheráldicos. Estas tampas assumem por vezes, extraordinária beleza de composição, com imbricamento de embutidos de mármore coloridos, no armorial do jacente, aparecendo nos períodos tardo medieval e renascimento. Estes tipos de sepulturas poderiam também ser vistos, nas paredes ou pilares das igrejas, capelas ou em caves das mesmas.

Iremos apresentar alguns exemplos elucidativos do que acabamos de narrar.

Assim começaremos pelo **rei Dom Afonso V**

O rei Dom Afonso V nasceu em Sintra no dia 15 de Janeiro de 1432, filho do rei Dom Duarte e de Dona Leonor de Aragão. Subiu ao trono em 1438 e faleceu a 1481. Acalentou o sonho, desfeito na **Batalha de Toro**, de unir os tronos de Portugal e Castela pelo seu casamento com sua sobrinha Dona Joana de Castela (*“a Beltraneja”*).

Teve o mérito, este rei de ter contribuído para a introdução da tipografia em Portugal *“nos prelos leirienses, anteriores à tipografia hebraica. (Da Famosa Arte da Imprimissão)”*.

Rui de Pina, na sua *“Chronica do Senbor Rei Dom Affonso V, págs. 108, que ele «o Prymeiro Rey destes Reynos que ajuntou boôs livros, e fez livraria em seus paços»”*. Este cronista, cujo nascimento terá acontecido à volta de 1440, na *«Chronica do Muy Alto e Muy Poderoso Príncipe El Rey Dom Affonso deste Nome ho Quynto»* refere-se: *“conhecimento dos boons exenpros e das cousas passadas, de que a Estoria hé hum vivo espelho, e os livros sam fyées tesoureiros, se recebe, para nom errar, conselho sem paixam, e doutrina sem receo, de que aa Humanydade, e ao Estado Real pryncipalmente se segue hum muy seguro proveyto, e por yssso a Deos: grande e muy assinado seruyço”*. Além da magnífica “livraria”, do rei Dom Afonso V, era também considerado nesse período, amante das obras escritas, Dom Vasco Perdigão, bispo de Évora. Este prelado *“instalou em 1462, uma Livraria por cima da sala capitular”*.

Aida Fernanda Dias (1998), considera **“Afonso V o nosso primeiro rei humanista”**.⁽⁷⁾

O livro avizinhava-se assim do painel, da tapeçaria historiada, do objecto de ourivesaria, do manto de arminhos ou da relíquia. Possuí-lo era um luxo e só os mais ricos se permitiam orgulhosamente exhibir uma «biblioteca». (Oliveira Marques, 2010).

Dom Afonso V considerado como um cavaleiro magnífico, a atestar o seu porte, com todo o rigor nas “*tapeçarias de Pastrana*”, de temperamento combativo e ambicioso, destemido soldado mas sem dotes de grande chefe, amante das artes é considerado pelos cronistas da época como um medíocre estadista.

Azurara enaltece-o como exemplo de governante magnânimo, «*Muyto alto e muyto excellente príncipe e muyto poderoso Senhor*», e dotado de prezar a honra como grande virtude, «*mayor cousa em este mundo*».



(7) **Dom Afonso V** “*In Reisen Nach der Ritterschaft*” relato de viagens de Georg von Ehingen (terceiro quartel do século XV)

Na sessão de «obediência» ao Papa Inocêncio VIII, proferida pelo embaixador Vasco Fernandes de Lucena, a mando de El Rei Dom João II, referia-se a seu Pai como o único «**de entre os príncipes cristãos a quem o medo não tomara**».

Perdulário com a nobreza, fez largas doações ao conde de Barcelos, duque de Bragança.

Na trágica jornada de **Alfarrobeira (1449)**, decorreu a morte do infante Dom Pedro e do conde de Avranches, Dom Álvaro Vaz de Almada, consequência de “*conflito de mentalidades e de diferentes concepções do poder: de um lado o mundo medieval, nos últimos assomos do feudalismo; do outro o mundo renascentista a formar-se, mercê dos novos descobrimentos e da*



ascensão progressiva da burguesia, que desde Dom João I vinha a impor os seus direitos e a sua presença”.

Pedro de Mariz em 1598, considerou este monarca: *“desprezou sempre em suas empresas, os conselhos albeos, que sendo quaes devião, lhe podião aproveitar muyto, e seguia em todas as cousas o seu próprio parecer, que ordinariamente engana a quem delle se confia..... dotado de muyta clemência e sobeja humildade”.*

| 249

Dom Afonso V, com o seu temperamento liberal, causou sérios problemas governativos na agricultura, nomeadamente na política da fixação de obreiros para a cultura da terra, *«os homeens devem seer em sua liberdade pêra busarem de suas pessoas e fazendas como lhes prouver».*

Menos feliz no seu reinado, foram as múltiplas tensões sociais motivadas pelos pagamentos de demasiados impostos, acrescidos de variadas taxas para compensação das cidades marroquinas, como o desbaratar de fundos em dotes matrimoniais da corte, como o desvio de avultadas verbas dos altos senhores da nobreza e, à falta de honestidade e de isenção dos cobradores, coudéis, corregedores e ouvidores.

“Um dos acusados era o próprio duque de Bragança, que se locupletara com 60.000 reais brancos pertencentes à tesouraria das obras da cidade de Braga”.

Nas Cortes de Santarém efectuadas em Abril de 1451, o motivo principal seria o pedido destinado a custear o casamento da irmã do rei, Dona Leonor com o imperador da Alemanha, Frederico III. O valor do dote rondava uns 60.000 florins de ouro. Julga-se que a despesa do matrimónio orçou em cerca duns 150.000 cruzados. Dom Afonso V viu-se obrigado a realizar novas Cortes em Março de 1455, por motivo do casamento de Dona Joana, sua irmã, com Henrique IV, rei de Castela.

A crise económica tornava-se cada vez maior, gerando uma situação de profunda perturbação entre as populações do País.

“Entretanto em Portugal acentuavam-se os sinais de oposição à política africana de Dom Afonso V. Vozes poderosas, como as do infante Dom Fernando, irmão do monarca, do condestável Dom Pedro, primo do rei, e de Dom Duarte Menezes, manifestaram a opinião de que seria preferível o rei assegurar o governo do reino em termos de eficácia a deixar-se envolver por uma política de expansão que traria a breve prazo grandes dificuldades para a nação”.

De importante valor, no reinado de Dom Afonso V, referiremos as soberbas tapeçarias flamengas, que se encontram na **“Colegiata de Pastrana”**, atestando com rigor figurativo as conquistas deste monarca no norte de África. Estão representados com impressionante exactidão, todos os tipos de guerreiros lusitanos quer a cavalo quer a pé, o armamento diverso da época, vários tipos de estandartes em ordem com a determinação específica, assim o da casa real, o da **empresa de Dom Afonso V (o rodízio)** (8) o de São Jorge, armaduras, malhas, escudos, maças, lanças, bestas, não faltando os arautos nem o alto clero, bem como palanques e embarcações. São

alegorias às batalhas como: cerco de Alcácer-Ceguer, o desembarque de Arzila, o cerco de Arzila, o assalto de Arzila e a entrada em Tânger (1471).

Na expedição militar de Alcácer Ceguer em 1458, Dom Afonso V fez-se acompanhar de seu irmão Dom Fernando, duque de Viseu e de Beja, que estava muito doente quando a armada zarpuou de Setúbal, mas o infante fez questão de intervir.

Estes seis tapetes são de dimensões consideráveis com dimensões consideráveis aproximadas de dez metros de largura por seis de altura, encontrando-se em local não apropriado para tão dignos e imponentes espécimenes.

Já os contemplámos mais do que uma vez e a nossa reacção é sempre a mesma, fascínio.



(8)

Na descrição de Saul António Gomes (2009): “*As imagens do luso Africano nas celebradas Tapeçarias de Pastrana, por exemplo, plastificam tanto o acontecimento histórico do cerco, conquista e tomada das cidades marroquinas de Arzila e Tânger, quanto celebram e projectam o retrato de um rei majestoso, revisto no seu arnés militar de aparato próprio dos grandes momentos de triunfo. De pé, no batel que o transporta para as areias de Arzila ou montado na entrada triunfal na cidade, aí vemos as imagens de uma identidade que contém tanto de retratismo épico e real quanto de réplica de um monarca que, agora, se faz projectar a si mesmo como enigma, luminoso e faustoso, como um verdadeiro condottiere depois da batalha ganha, como um comandante supremo de um poderoso e vastíssimo exército convencido da sua inquebrantável superioridade militar*”.

Sem dúvida que este monarca nunca esqueceu o seu régio princípio, da sua “*divisa*” pessoal em todas as participações activas e passivas, como forma do seu próprio “*ego*” afirmativo, estando presente “*o rodízio*”.

Citando *Damião de Gois*, “numa das suas crónicas, ao descrever a batalha de Toro, refere-se ao estandarte de guerra de el-rei Dom Afonso V. – *teve El-Rei Dom Afonso V*

por empreza a roda de hum moinho com a letra já mais a que se juntava a letra E e o numero VII, como se vê na estampa. Não podemos saber o tempo em que começou a usar deste geroglífico para formar ideia da sua allusão, aqual se via num confessionário seu, no mosteiro do Varatojo, donde a letra E era de empreza, e o Rodízio, que era o corpo junto fazem as palavras Erro dizio, como documento admirável de não encobrir os erros na confissão, e deste logar transferio esta divisa para outros, e do número VII não sabemos a expliação que talvez poderia ser o dos sete pecados capitães”

| 251

Dom Afonso V, em cumprimento de acção de graças que fizera a Santo António, como auxílio das contendidas ganhas em Marrocos, mandou edificar um convento singelo, no lugar de Varatojo, perto de Torres Vedras, num local verdejante no meio de vinhas e pomares.

“Veio ele mesmo, com os fidalgos da sua real Câmara e grande acompanhamento do clero, nobreza e povo, desde a vila de Torres, lançar a primeira pedra em Fevereiro de 1470. Entregou o andamento da obra, com recomendação de ser veloz, ao vedor da Casa da Rainha sua mãe, Diogo Gonçalves Lobo.-----Passados apenas quatro anos, a 4 de Outubro 1474 o adiantado das obras permitiu a inauguração, que foi muito solene, com a entrada de 14 religiosos, vindos do convento de S. Francisco da Vila de Alenquer. A missa da festa, foi missa nova de um neo-sacerdote, Frei João Pacífico de Vizeu, que fazia parte daquela primeira comunidade, da qual ficou guardião o Padre Frei Álvaro de Alenquer”.

Dom Afonso V, possuía um modesto aposento, em comunicação directa com o coro dos religiosos (lado sul). *“Ali se recolhia nas longas estadias de retiro e saía ao coro para acompanhar a entoação do Officio Divino com os religiosos. Não tomou o hábito de noviço como tinha resolvido, por não lho consentirem dificuldades surgidas em sua real família”.*

Do primitivo templo conventual de Dom Afonso V, resta um pórtico ⁽⁹⁾, com baixos-relevos em pedra embutidos na parede, apresentando-se do lado esquerdo, um brasão com as armas reais sustentadas por dois anjos ⁽¹⁰⁾ e do lado direito, o emblema ou empresa de Dom Afonso V, um **“rodízio”** ⁽¹¹⁾.



(9)



(10)



(11)

De referir, como uma das preciosidades desse convento foi a existência de uma “*estadela*” cadeira de braços, uma verdadeira «cadeira de estado», usada por Dom Afonso V quando aí se recolhia. Esta peça de grande raridade fora preservada por sucessivas graças de frades franciscanos, “entendida como preservação da função régia do convento, pois mais do que um simples objecto pessoal, a «cadeira de estado» revestia-se de uma forte carga simbólica associada ao poder real”. Pertença actual do Museu Nacional de Arte Antiga a partir de 1913, (MNAA-inv.51;Mov.).

O rodízio foi considerado, um tipo de moinho de água com características particulares do seu tambor rotativo ser horizontal, ao contrário dos mais frequentes, as azenhas, serem verticais. Os primeiros, mais antigos e de maior raridade, atestavam dos seus proprietários sinais de riqueza e prosperidade. Este monarca adoptou-o para seu emblema pessoal, conferindo-lhe o significado do movimento rotativo deste engenho como a energia, a acção reinante e governativa de um permanente movimento, continuamente em serviço do povo, com a devida clareza e transparência que incutem à água que dele sai.

É curioso observarmos, o detalhe e a persistência dos estandartes pessoais (o rodízio), de el-rei Dom Afonso V, sempre presentes nas conquistas das praças africanas, denunciando a presença do rei no meio do corpo armado, encontrando-se os estandartes quer à frente quer atrás do rei, bem visíveis nas tapeçarias de Pastrana.

Após a contenda de Toro, o afastamento e despojo do título de rainha e mesmo do de infanta a Dona Joana, Dom Afonso V foi acometido por severa tristeza e profunda depressão abraçando o retiro e o refúgio no Mosteiro de Varatojo.

Rui de Pina (cap.CCXXII-na crónica de Dom AfonsoV), *“determinou deixar a inteira governança dos reinos ao príncipe seu filho, e ele, em hábitos honestos de leigo, e não com obrigação de religião, se retrair ao Mosteiro de Varatojo, junto com Torres Vedras, que ele de novo fundou, para ali servir a Deus.”*----- *“nunca mais foy allegre, e sempre andou retraydo, maginativo e penoso, mas como homem que avorrecia as cousas do mundo, que como Rey que as estimava”*.

Cristóvão Rodrigues Acenheiro, natural de Évora, nos seus escritos de 1530, enaltece Dom Afonso V: *“Africano como o bom Sepião, e per fim mui catholico, e finou na Vila de Sintra na câmara onde nacera: e quis Deos Nosso Senhor que se finase dia de Santo Agnostinho, que em tal dia tomou Tamgera”*.

Para alguns, Dom Afonso V, ***“Foi um monarca mais franciscano do que africano”***.

Dom Afonso V era fervoroso crente e devoto de Santa Maria de Guadalupe, atribuindo-se a possibilidade de três visitas peregrinas aquele Santuário Estremano. (Isabel M. Ribeiro Mendes, 1994)





Damos por terminado este ensaio referente a el-rei Dom Afonso V, neste número dos Cadernos, com seguimento à figura de Dom Pedro de Menezes, primeiro capitão de Ceuta, no próximo número em obediência à temática: “**BREVES CONSIDERAÇÕES À IMPORTÂNCIA DAS PARAHERÁLDICAS NO TARDO MEDIEVAL E RENASCIMENTO**”.

A Bibliografia será apresentada no final da colectânea



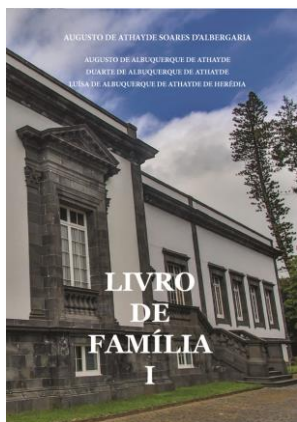
NOTÍCIAS

| 255

PUBLICAÇÕES

LIVRO DE FAMÍLIA I

Da autoria do Doutor Augusto de Athayde Soares de Albergaria (1941-2014), e tendo como co-autores seus filhos, de entre eles o Dr. D. Augusto de Albuquerque de Athayde, Conde de Albuquerque, foi apresentado no passado dia 7 de Outubro na livraria Ferin em Lisboa o *Livro de Família I*.



OS MALLET E SOUSA: OURIVES E CAPELISTAS DE LISBOA NA PRAÇA DE LISBOA

Da autoria de Luísa Villarinho Pereira, será apresentado na Biblioteca Nacional, no próximo dia 19 de Outubro, pelas 18.00h por Lourenço Correia de Matos.



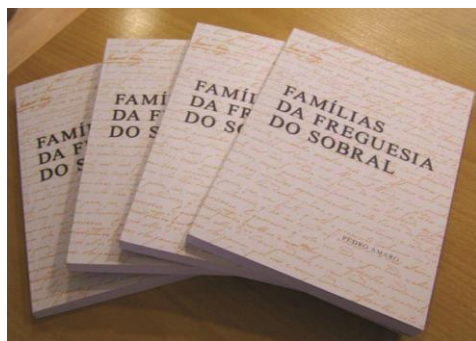
OS MONIZ REBELLO, DE FAFE

Da autoria de Maurício Antonino Fernandes, foi apresentado a público a 19 de Setembro no Arquivo Municipal de Fafe o livro *Os Moniz Rebello, de Fafe*.



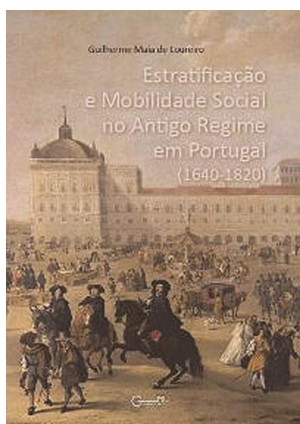
FAMÍLIAS DA FREGUESIA DO SOBRAL

Da autoria de Pedro Amaro, será apresentado em Lisboa, na quarta-feira, dia 14 de Outubro, pelas 18.45 h, no Salão Nobre da Casa Comarca Sertã (Rua da Madalena, 171 - 3.º, o livro *Famílias da Freguesia do Sobral*.



ESTRATIFICAÇÃO E MOBILIDADE SOCIAL NO ANTIGO REGIME EM PORTUGAL (1640-1820)

Está já disponível na livraria Ferin em Lisboa e na livraria Esquina no Porto, para além de na livraria *on-line* Guarda-Mor, a tese de doutoramento de Guilherme Maia de Loureiro *Estratificação e Mobilidade Social no Antigo Regime (1640-1820)*, tese apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, recomendada pelo júri e como refere o Prof. Doutor António de Sousa Lara no prefácio, trata-se de *um marco histórico na investigação científica, no domínio das Ciências Sociais*.



RAÍZES & MEMÓRIAS

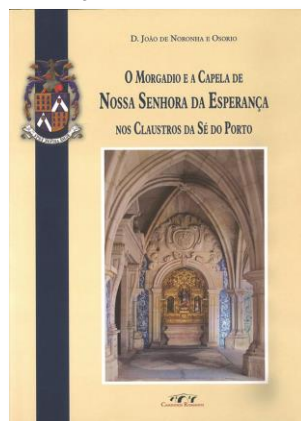
Da responsabilidade da Associação Portuguesa de Genealogia, está já disponível a sua revista *Raízes & Memórias* n.º 31 de Dezembro de 2014. Como sempre repleta de artigos do maior interesse, congratulamo-nos todos com mais um número desta revista que vai já no seu 24.º ano editorial e que tem sido uma referência para todos os que se interessam pelo tema da Genealogia.



| 257

O MORGADIO E A CAPELA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA NOS CLAUSTROS DA SÉ DO PORTO

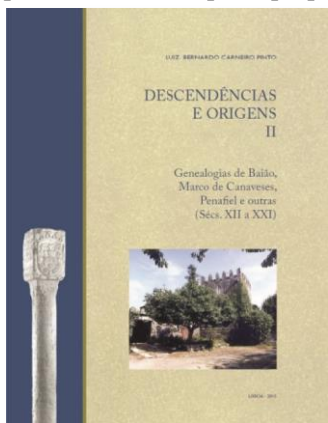
No dia 20 de Setembro foi apresentado no Arquivo municipal de Penafiel o livro *O Morgadio e a Capela de Nossa Senhora da Esperança nos Claustros da Sé do Porto* da autoria de D. João de Noronha e Osório.



DESCENDÊNCIAS E ORIGENS II

Informa-noes a Associação Portuguesa de Genealogia que está à subscrição o Volume II de *Descendências e Origens* da

autoria de Luiz Bernardo Carneiro Pinto. Este volume engloba as restantes casas e solares que não foram incluídas no volume anterior, completando assim as principais genealogias da região do Douro Litoral, com incidência nos concelhos de Baião, Marco de Canaveses, Penafiel, e outros concelhos limítrofes. Para reservas e informações contacte: Luiz Bernardo Carneiro Pinto Rua Quinta das Palmeiras, 98-4º Dtº, 2780-146 Oeiras; e pelo telefone número 214577099 ou telemóvel 918517590; ou ainda pelo e-mail lbnvcp@sapo.pt



CONFERÊNCIAS

No dia 30 de Outubro pelas 17.30 horas no auditório Adriano Moreira da Sociedade de geografia de Lisboa terá lugar a sessão Solene de Abertura do Ano Académico 2015-2016 da Secção de Genealogia, Heráldica e Falerística dessa Sociedade. Na mesma sessão terá lugar a cerimónia pública do Auto de Entrega do Fundo Bibliográfico Benito Martinez à biblioteca da Sociedade de Geografia de

Lisboa e a conferência *Uma teatral patranha heráldico-genealógica vicentina* pelo Prof. Doutor Paulo Morais Alexandre.

A PRESERVAÇÃO DA HONRA FEMININA NO ALGARVE NA ÉPOCA MODERNA: O RECOLHIMENTO DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE TAVIRA

Realizou-se no passado dia 9 de Outubro no Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes, em Vila Real de Santo António, a palestra *A preservação da honra feminina no Algarve na época moderna: o Recolhimento de São João Baptista de Tavira*,



em que foi orador o historiador tavirense e nosso colaborador Marco Sousa Santos, Prémio Nacional de Ensaio Histórico António Rosa Mendes 2015, a quem deixamos expressa a nossa congratulação e felicitamos



COLÓQUIOS DO CONVENTO DE CRISTO

ARQUITETURA E ORNAMENTO EM TOMAR - FIXAÇÃO E MOBILIDADE

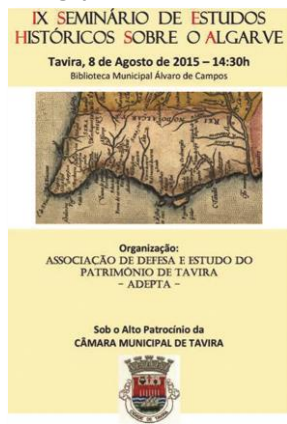
Realiza-se no próximo dia 30 de Outubro, no Convento de Cristo, em Tomar, o Colóquio, Arquitetura e Ornamento em Tomar. Fixação e mobilidade, organizado pelo CEAACP/UC e pelo Convento de Cristo/DGPC. De entre os vários oradores será orador também Marco Sousa Santos, acima referido, que intervirá entre as 16.15 e as 16.45 horas com o tema *O «espaço-salão» na arquitectura conventual de Tomar*.



IX SEMINÁRIO DE ESTUDOS HISTÓRICOS SOBRE O ALGARVE

No passado dia 8 de Agosto na biblioteca municipal Álvaro de Campos em Tavira realizou-se o IX Seminário de Estudos Históricos do Algarve comissariado pelo nosso Membro e colaborador Segismundo Ramos Pinto e Alexandre Viegas Cesário, e em que foram oradores de entre outros os nossos colaboradores Marcos Sousa Santos com o tema *Três sels*

de lacre algarvios do séc. XVI, e José Manuel Martins Ferreira Coelho com o tema *A réplica da pedra de Dighton, oferta à cidade de Tavira. Seu significado, valores e contra valores*.



| 259

CURSO DE INICIAÇÃO À HERÁLDICA

Realiza-se no Centro Nacional de Cultura em Lisboa o Curso de Iniciação à Heráldica coordenado por Miguel Metelo de Seixas. Com início a 22 de Outubro e término a 10 de Dezembro, este curso desenvolver-se-á em 8 sessões às quintas-feiras com horário das 18.30 às 20.00 horas. Para mais informações consultar <http://www.cnc.pt/artigo/11>.



CURSO DE INICIAÇÃO À GENEALOGIA

No Arquivo Municipal da Póvoa de Varzim realiza-se de 13 de Outubro a 10 de Novembro a XI Edição Curso Livre Construção de Árvore Genealógica: Pesquisa de Ascendentes e Organização de Dados, em que é formador Ricardo Bessa Teixeira.



GENEALOGIA FB

Repositório de de recursos e documentos com interesse para a Genealogia

Por nos parecer do maior interesse para a investigação genealógica, onde se disponibilizam recursos e documentos para a Genealogia, registamos este *blog* que poderá ser consultado na internet em <http://genealogiafb.blogspot.pt/>.



SERVIÇOS DE GENEALOGIA

Com mais de 35 anos de experiência em investigação genealógica, Luís Soveral Varela, é membro do Instituto Português de Heráldica, da Associação Portuguesa da Genealogia, do

Instituto de Genealogia e Heráldica da Universidade Lusófona do Porto, consultor do Royal College of Nobility, e autor de vários trabalhos publicados tendo merecido as mais honrosas referências por parte de outros investigadores e especialistas da área, seus pares, sendo reconhecido pelo seu método de investigação e apresentação dos resultados.

O que nos distingue é o facto de nos interessar particularmente a Genealogia e não especialmente a Nobiliarquia.

Distingue-nos o processo e a metodologia, o conhecimento das fontes e o seu manuseamento. Distingue-nos a eficácia e os resultados.

Visite-nos em

<http://luissoveral.com.sapo.pt/igp.htm>,
contacte-nos e surpreenda-se
conhecendo a História da sua Família
luissoveral@sapo.pt





Na contra-capá: azulejo pintado com as armas de Óscar Caeiro Pinto.

Escudo esquadrelado: no 1.º e 4.º Barbuda, no e 2.º e 3.º Pinto; sobre-o-todo um escudete com as armas dos Tenreiro; timbre dos Barbuda.

Armas registadas a 14.6.2014 no Cartório de Nobreza do Royal College of Nobility

